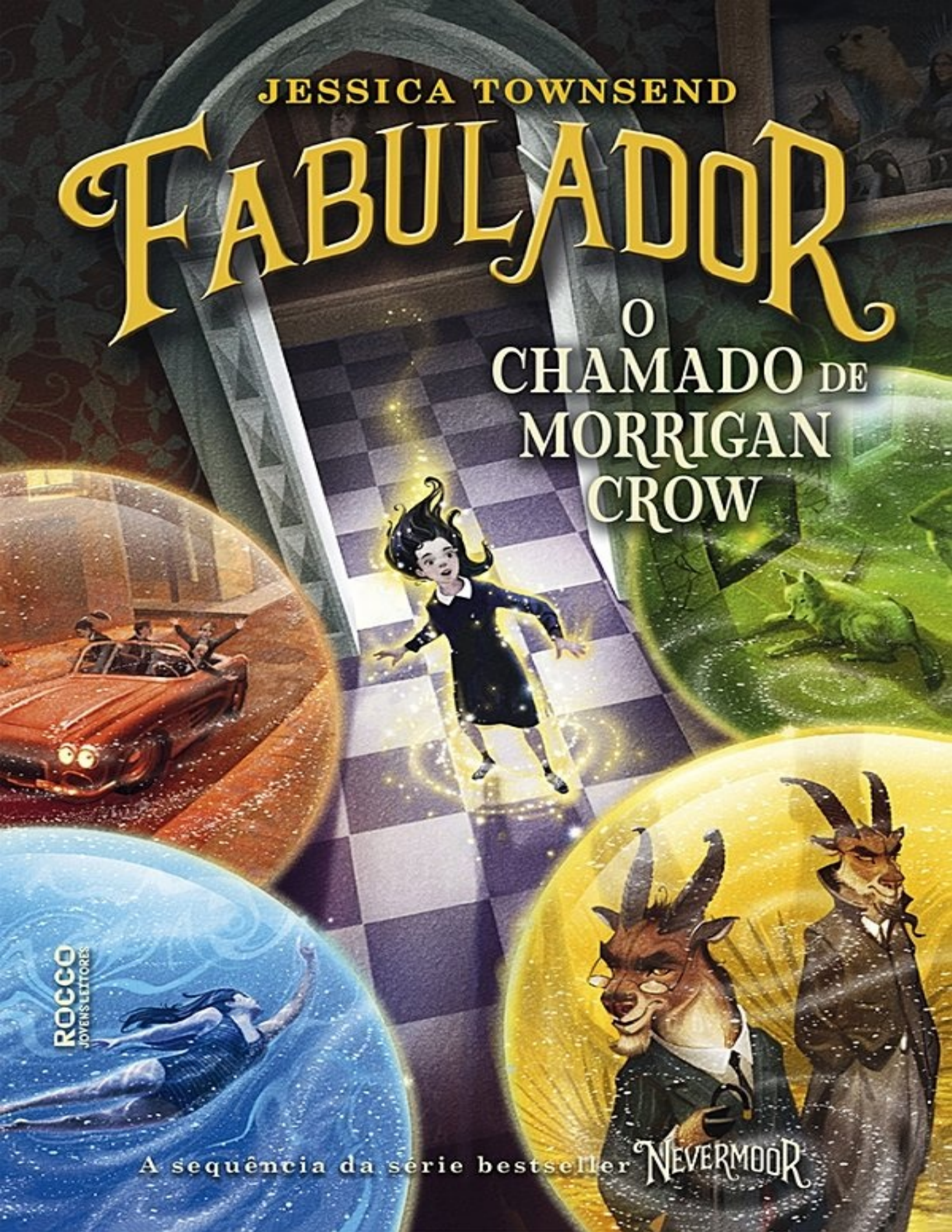
JESSICA TOWNSEND

FABULADOR

O CHAMADO DE MORRIGAN CROW



ROCCO JOVENS LEITORES

A sequência da série bestseller NEVERMOOR

JESSICA TOWNSEND

FABULADOR

O CHAMADO DE MORRIGAN CROW

Traduzido por Raquel Zampil

ROCCO
JOVENS LEITORES

Este livro é dedicado, com amor e gratidão,
às mulheres que me levaram ao outro lado:

Em especial, Gemma e Helen,
mas também à equipe de Fumie Takino e suas
vovós torcedoras japonesas.

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Agradecimentos
Créditos
A Autora

CAPÍTULO UM

O Anjo Israfel

Véspera da Primavera,
Inverno do Ano Um

Morrigan Crow saltou do Trilho dos Guarda-Chuvas rangendo os dentes, as mãos congeladas em torno do cabo da sombrinha de lona. O vento, açoitando seus cabelos, deixara-os totalmente desalinhados. Ela fez o máximo para ajeitá-los enquanto corria para alcançar seu patrono, que já estava anos à frente, correndo ao longo da barulhenta e movimentada rua principal do bairro Boemia.

— Espera! — gritou ela, abrindo caminho em meio a um aglomerado de mulheres usando vestidos de cetim e casacos de veludo. — Jupiter, mais devagar.

Jupiter North olhou para trás, mas não parou.

— Não posso ir mais devagar, Mog. Não está no meu repertório. Me acompanhe.

E lá se foi ele novamente, precipitando-se em meio à confusão de pedestres, riquixás, carruagens puxadas por cavalos e coches motorizados.

Morrigan pôs-se a correr atrás dele e mergulhou em uma nuvem de fumaça azul-safira, de cheiro doce e enjoativo, soprada na sua cara por uma mulher que segurava uma cigarrilha fina e dourada nos dedos manchados de azul.

— Argh, que *horrível*.

Morrigan tossiu e agitou a mão, tentando dissipar a fumaça. Por um momento, por causa da névoa, perdeu Jupiter de vista, até que avistou o topo de sua cabeça cor de cobre brilhante, subindo e descendo em meio à multidão, e saiu em disparada para alcançá-lo.

— Uma criança! — ouviu a mulher dos dedos azuis exclamar às suas

costas. — Querido, veja... uma criança, aqui na Boemia. Que assustador!

— É uma performance, querida.

— Ah, claro. Que novidade!

Morrigan desejou poder parar um minuto para olhar à sua volta. Nunca viera a essa parte de Nevermoor. Se não estivesse com tanto medo de perder Jupiter no meio da multidão, teria adorado ver as ruas largas ladeadas por teatros, casas noturnas e salas de música, a miscelânea colorida de luzes cintilantes e anúncios de néon. As pessoas, vestidas com suas roupas mais elegantes, desciam das carruagens a cada esquina e eram rapidamente conduzidas para a entrada de teatros grandiosos. Ambulantes gritavam e cantavam, tentando atrair clientes para bares barulhentos. Havia restaurantes tão superlotados que as mesas se espalhavam pelas calçadas, todos os assentos ocupados, mesmo nessa glacial Véspera de Primavera, o último dia do inverno.

Morrigan finalmente chegou ao lugar onde Jupiter havia parado, esperando por ela, diante do edifício mais agitado — e mais lindo — naquela rua. Morrigan pensou que o estabelecimento reluzente de mármore e ouro parecia um pouco uma catedral e um pouco um bolo de casamento. Um letreiro profusamente iluminado, que ia de uma ponta à outra no alto do prédio, anunciava:

SALA DE MÚSICA DA NOVA DELPHIA APRESENTA
GIGI GRAND
e o
QUINTETO DA SARJETA

— Nós vamos... entrar? — arquejou Morrigan, uma pontada espalhando-se dolorosamente por suas costelas.

— O quê? Neste lugar? — perguntou Jupiter, lançando um olhar de desprezo para a Nova Delphia. — Céus, não. Nem morto.

Lançando um olhar furtivo sobre o ombro, ele a conduziu por um beco atrás da Nova Delphia, deixando a multidão para trás. O beco era tão estreito que eles tinham de caminhar um atrás do outro, passando por cima de pilhas de entulho não identificado e tijolos que haviam se soltado

das paredes. Não havia iluminação ali e um cheiro horrível ia ficando mais forte à medida que avançavam. Fedia a ovo podre ou carniça de nãonimais, ou talvez os dois.

Morrigan cobriu a boca e o nariz. O cheiro era tão tóxico que ela precisou lutar contra a ânsia de vômito. Mais do que qualquer outra coisa, queria dar meia-volta e sair dali, mas Jupiter continuava marchando atrás dela, empurrando-a para que avançasse.

— Pare — disse ele quando estavam já perto do fim do beco. — Será que esta é...? Não. Espere, será que...?

Ela virou-se e o viu inspecionando uma seção da parede que parecia ser exatamente igual a qualquer outra. Delicadamente, ele pressionou com a ponta dos dedos o reboco entre os tijolos, inclinou-se para cheirá-lo e deu uma lambida hesitante na parede.

Morrigan olhou-o horrorizada.

— Eca, *pare com isso*. O que você está *fazendo*?

Jupiter não disse nada a princípio. Por um momento, continuou fitando a parede, depois franziu a testa e olhou para o trecho estreito do céu estrelado que se via entre os edifícios.

— Humm. Como pensei. Você consegue sentir?

— Sentir o quê?

Ele pegou a mão dela e a pressionou contra a parede.

— Feche os olhos.

Morrigan obedeceu, sentindo-se ridícula. Às vezes era difícil dizer quando Jupiter estava sendo bobo ou falando sério, e ela suspeitava que, nesse momento, ele estava fazendo alguma pegadinha idiota com ela. Afinal, era aniversário dela e, embora ele tivesse prometido não preparar nenhuma surpresa, seria a cara dele fazer uma brincadeira complexa e constrangedora que terminasse em uma sala cheia de pessoas cantando "Parabéns pra você". Ela estava prestes a dar voz às suas suspeitas quando...

— Ah! — Houve um sutil e vago formigamento na ponta de seus dedos. Um levíssimo zumbido em seus ouvidos. — *Ah*.

Jupiter segurou o pulso dela e o afastou, bem delicadamente, da parede. Morrigan sentiu uma resistência, como se os tijolos estivessem

magnetizados e não quisessem liberá-la.

— O que é isso? — perguntou.

— É um pouco complicado — murmurou Jupiter. — Venha comigo.

Inclinando-se para trás, ele apoiou um pé na parede de alvenaria, depois o outro, e então — casualmente desafiando a lei da gravidade — prosseguiu subindo pela parede em direção ao céu, encurvado para evitar bater a cabeça no outro lado do beco.

Morrigan o fitou em silêncio por um momento, e então se sacudiu. Afinal, agora ela era uma nevermooriana. Uma residente permanente do Hotel Deucalião e, além de tudo, membro da Sociedade Fabulosa. Ela precisava *mesmo* deixar de se espantar quando as coisas tomavam um rumo meio estranho.

Ela respirou fundo (quase vomitando outra vez por causa do cheiro horrível) e imitou fielmente a atitude de Jupiter. Assim que seus dois pés estavam plantados na parede, o mundo ficou fora de prumo, mas logo se reajustou de modo a deixá-la perfeitamente à vontade. O cheiro horrível instantaneamente desapareceu e foi substituído pelo ar fresco e puro da noite. De repente, andar pela parede em um beco com o céu estrelado estendendo-se à sua frente parecia a coisa mais natural do mundo. Morrigan riu.

Quando emergiram do beco vertical, o mundo deu outra guinada, voltando a ficar com o lado certo para cima.

Eles não se encontravam — como Morrigan esperara — em um telhado, mas sim em outro beco. Este era barulhento e agitado, banhado em uma luz verde doentia. Ela e Jupiter entraram no fim de uma longa fila de pessoas animadas, contidas por uma corda de veludo. O clima era contagiante; Morrigan sentiu um leve estremecimento de expectativa e ficou na ponta dos pés para ver que fila era aquela em que estavam. Lá na frente, colado em uma porta azul-clara de aparência desgastada, havia um anúncio escrito à mão com uma letra desleixada:

SALA DE MÚSICA DA VELHA DELPHIA
PORTA LATERAL
ESTA NOITE: O Anjo Israfel

— Quem é o Anjo Israfel? — perguntou Morrigan.

Jupiter não respondeu. Ele fez um gesto com a cabeça indicando que Morrigan o seguisse, então encaminhou-se para a frente da fila, onde uma mulher de expressão entediada riscava nomes em uma lista. Estava vestida toda de preto, das botas pesadas aos protetores de ouvido de lã que pendiam de seu pescoço. (Morrigan gostou disso.)

— O final da fila é lá atrás — disse ela, sem erguer os olhos. — Nada de fotos. E ele não vai assinar nada até o fim do espetáculo.

— Receio que não possa esperar tudo isso — disse Jupiter. — Importa-se se eu entrar discretamente agora?

A mulher suspirou e dirigiu-lhe um olhar vazio e superficial, mascando um chiclete com a boca meio aberta.

— Nome?

— Jupiter North.

— O senhor não está na lista.

— Não. Quero dizer, sim. Eu sei. Tinha esperanças de que você pudesse dar um jeito nisso para mim — replicou ele, o sorriso se abrindo em meio à barba ruiva.

Ele deu um leve tapinha no broche de ouro em formato de *F* preso em sua lapela.

Morrigan encolheu-se. Ela sabia que os membros da Sociedade Fabulosa eram admirados em Nevermoor e muitas vezes recebiam tratamento especial com o qual cidadãos comuns podiam apenas sonhar, mas nunca antes vira Jupiter tentar usar seu "privilégio do broche" de uma forma tão óbvia. Será que ele fazia isso com frequência?, perguntou-se ela.

A mulher não pareceu — compreensivelmente, pensou Morrigan — nem um pouco impressionada. Ela olhou com desconfiança para o *F* dourado antes de erguer os olhos delineados com uma grossa linha de glitter para o rosto esperançoso de Jupiter.

— Mas o senhor não está na lista.

— Ele vai querer falar comigo — disse Jupiter.

O lábio superior dela curvou-se, revelando uma boca cheia de dentes incrustados de diamantes.

— Prove.

Jupiter inclinou a cabeça de lado e ergueu uma sobrancelha, e a mulher imitou sua expressão, impaciente. Finalmente, com um suspiro, Jupiter levou a mão ao interior do sobretudo e puxou uma única pena preta, salpicada com partículas de ouro, e a girou — uma vez, duas vezes — entre os dedos.

Os olhos da mulher se arregalaram ligeiramente. Sua boca escancarou-se, e Morrigan pôde ver o chiclete azul alojado entre seus dentes. Com um olhar apreensivo dirigido à fila que crescia atrás de Jupiter, a mulher abriu a porta azul desbotada e fez um movimento com a cabeça, indicando que os dois entrassem.

— Corram. As cortinas se abrem daqui a cinco minutos.

Estava escuro nos bastidores da Velha Delphia. Havia uma atmosfera agitada de expectativa enquanto assistentes vestidos de preto andavam de um lado para o outro em silêncio, transpirando eficiência.

— O que era aquela pena? — perguntou Morrigan em um sussurro.

— Mais convincente que um broche, ao que parece — murmurou Jupiter, soando um tanto aborrecido. Ele entregou a Morrigan um dos dois pares de fones de proteção que surrupiou de uma caixa onde se lia EQUIPE. — Tome, coloque isto. Ele está prestes a começar a cantar.

— Quem? Você quer dizer o Anjo Is... hã, sei lá o quê? — perguntou ela.

— Israfel, sim.

Ele correu a mão pelos cabelos cor de cobre, o que Morrigan reconhecia como um sinal de que estava nervoso.

— Mas eu quero ouvir.

— Ah, não quer, não. Acredite em mim. — De onde estavam, Jupiter olhou pela cortina a plateia à frente, e Morrigan deu uma rápida espiada também. — Você nunca vai querer ouvir um da espécie dele, Mog.

— Por que não?

— Porque vai ser o som mais doce que você jamais ouvirá — disse ele. — Vai desencadear alguma coisa em seu cérebro que vai levá-la a uma paz perfeita e ininterrupta, a melhor sensação que você pode sonhar

experimentar. Vai fazê-la lembrar que é um ser humano inteiro, sem falhas e completo, e que você já tem tudo que pode querer ou precisar. A solidão e a tristeza serão uma lembrança distante. Seu coração ficará pleno e você vai sentir que o mundo jamais poderá decepcioná-la outra vez.

— Parece um horror — disse Morrigan em uma voz sem emoção.

— É *mesmo* — insistiu Jupiter, o rosto sombrio —, porque é passageiro. Porque Israfel não pode continuar cantando para sempre. Quando ele parar, essa sensação de felicidade perfeita vai desaparecer. E você vai se ver aqui no mundo real, com todas as durezas e imperfeições e sujeira. Vai ser tão insuportável, um vazio tão absoluto, que você vai sentir que sua vida parou. Como se estivesse aprisionada em uma bolha enquanto o restante do mundo continua vivendo de forma imperfeita à sua volta. Está vendo aquelas pessoas lá fora?

Ele puxou ligeiramente a cortina e eles tornaram a olhar a plateia. O mar de rostos, iluminado pelo brilho do fosso vazio da orquestra, partilhava a mesma expressão — ávida, porém vazia. Famintos. *Famintos*.

— Eles não são meros admiradores da arte — prosseguiu Jupiter. — Não estão aqui porque apreciam uma performance magistral.

Ele baixou os olhos para Morrigan e sussurrou:

— Viciados, Mog. Todos eles. Estão aqui para a próxima dose.

Morrigan observou aqueles rostos esfomeados e sentiu um frio subir pelo corpo.

A voz de uma mulher atravessou o ar. A plateia silenciou.

— Senhoras e senhores! Apresento a vocês, nesta noite de sua centésima triunfante e transcendente apresentação aqui na Velha Delphia... o único, o celestial, o *divino*... — A voz amplificada baixou a um dramático sussurro. — Por favor, recebam com amor o Anjo Israfel.

O silêncio imediatamente se dispersou, o teatro irrompendo em um alegre alarido enquanto as pessoas aplaudiam, gritavam e assoviavam. Jupiter deu uma cotovelada com força na lateral do corpo de Morrigan, que prendeu os fones de proteção com firmeza no lugar. Todo e qualquer ruído foi bloqueado, de modo que tudo que ela conseguia ouvir era o sangue fluindo em seus ouvidos. Morrigan sabia que não estavam ali para ver um espetáculo. Tinham um trabalho muito mais importante para fazer,

mas mesmo assim... era um pouco irritante, para ser sincera.

A escuridão do teatro foi substituída por um brilho de puro ouro. Ela piscou diante do clarão. Acima da multidão, lá no alto, quase no teto, no centro do espaço opulento, um holofote iluminava um homem cuja beleza era tão estranha e sobrenatural que Morrigan arquejou.

O Anjo Israfel flutuava, suspenso no ar por um par de asas fortes com os tendões visíveis — de penas negras como a noite e veios de ouro cintilantes e iridescentes. Elas se projetavam do ponto entre suas espáduas, batendo lenta e ritmicamente. Deviam ter uma envergadura de pelo menos três metros. Seu corpo também era forte e musculoso, porém flexível, e a pele negra e fria era riscada por minúsculos veios de ouro, como se ele tivesse sido despedaçado como um vaso e colado com metais preciosos.

Ele baixou os olhos para a plateia e seu olhar era ao mesmo tempo benevolente e friamente curioso. Por todo o auditório, as pessoas fitavam Israfel, chorando e tremendo, abraçando a si mesmas com força em busca de conforto. Vários indivíduos na plateia desmaiaram ali mesmo, no piso da sala de música. Morrigan não pôde deixar de pensar que aquilo era um pouco exagerado. Ele nem sequer abrira a boca para cantar ainda.

Então ele abriu.

A plateia parou de se mexer.

Parecia que nunca mais voltariam ao normal.

Uma paz silenciosa e duradoura caiu como neve.

Morrigan poderia ter ficado ali, espremida ao lado do palco, assistindo a esse estranho e silencioso espetáculo a noite toda... mas Jupiter ficou entediado após alguns poucos minutos. (*Típico*, pensou Morrigan.)

Nas profundezas escuras e enfumaçadas dos bastidores, Jupiter encontrou o camarim de Israfel e ele e Morrigan entraram para esperar. Somente quando a pesada porta de aço foi fechada por completo, Jupiter indicou que era seguro tirarem os protetores de ouvido.

Morrigan correu o olhar pelo camarim, torcendo o nariz. O lugar transbordava de lixo. Latas e garrafas vazias espalhavam-se por todas as superfícies, junto com caixas de chocolate parcialmente consumidas e

dúzias de vasos cheios de flores em vários estágios de decomposição. Roupas se empilhavam no chão, no sofá, na penteadeira, na cadeira, e um cheiro bolorento de tecido não lavado pairava no ar. O Anjo Israfel era um porcalhão.

Morrigan arquejou com uma risada perplexa.

— Tem certeza de que este é o camarim certo?

— Humm. Infelizmente.

Jupiter abriu um espaço no sofá para Morrigan se sentar, pegando delicadamente alguns itens e levando-os à lixeira... então ele se empolgou e passou os quarenta minutos seguintes arrumando, limpando superfícies e tornando o camarim o mais habitável possível. Não pediu que Morrigan ajudasse, e ela não se ofereceu. Ela não ia tocar nessas coisas e arriscar sua saúde nem com uma vara de três metros.

— Escuta, Mog — disse ele enquanto trabalhava. — Como está se sentindo? Você está bem? Está se sentindo feliz? Está se sentindo... calma?

Morrigan franziu a testa. Ela estava se sentindo perfeitamente calma até ele perguntar se ela estava calma. Ninguém pergunta a outra pessoa se ela está calma, a menos que pense que a pessoa tem um motivo para *não* estar.

— Por quê? — Ela estreitou os olhos. — Qual é o problema?

— Nenhum problema! — replicou ele, mas sua voz tornara-se um tantinho aguda e defensiva. — Problema nenhum. É só que... quando você conhece alguém como Israfel, é importante estar de bom humor.

— Por quê?

— Porque as pessoas como Israfel... absorvem as emoções das outras pessoas. É... hã... é falta de educação visitar uma delas se você estiver se sentindo particularmente triste ou com raiva, porque você certamente vai deixá-las com um humor horrível e estragar o seu dia. E, francamente, não podemos nos dar ao luxo de deixar Israfel de mau humor. Isso é importante demais. Portanto, hã... como você está?

Morrigan abriu um sorriso bem grande e fez um sinal positivo com os dois polegares para cima.

— Certo — disse ele devagar, parecendo um pouco desconcertado. — Tá. Melhor do que nada.

Uma voz, pelo sistema de som dos bastidores, anunciou que haveria um

intervalo de vinte minutos, e momentos depois a porta do camarim foi escancarada.

A estrela do espetáculo adentrou, encharcado de suor, as asas dobradas às costas. Ele seguiu direto para um carrinho abastecido com garrafas tilintantes de bebidas alcoólicas de vários tons de marrom e serviu-se uma pequena taça de algo cor de âmbar. Depois outra. Estava na metade da segunda quando finalmente pareceu se dar conta de que tinha companhia.

Ele fitou Jupiter e virou o restante da bebida.

— Recolhemos um filhote abandonado, querido? — perguntou ele, por fim, inclinando a cabeça na direção de Morrigan.

Até mesmo falando, sua voz era profunda e melódica. Ouvi-la fez Morrigan sentir uma estranha pontada de alguma coisa, como nostalgia ou saudade ou anseio, bem no fundo da garganta. Ela engoliu com dificuldade.

Jupiter sorriu.

— Morrigan Crow, este é o Anjo Israfel. Ninguém canta tão extravagantemente bem.

— Prazer... — começou Morrigan.

— O prazer é meu — cortou-a Israfel e gesticulou, indicando vagamente o camarim. — Eu não estava esperando convidados esta noite. Não tenho muita coisa, receio, mas... — Ele apontou o carrinho. — Sirvam-se à vontade.

— Não viemos comer nem beber, meu velho — replicou Jupiter. — Tenho um favor a pedir. É bastante urgente.

Israfel atirou-se em uma poltrona, jogou as pernas para o lado e fitou, emburrado, o copo em suas mãos. As asas se deslocaram e se rearrumaram, caídas sobre o espaldar da poltrona como uma volumosa capa de penas. Eram lisas e elegantes, com uma penugem macia debaixo de algumas partes. Morrigan mal conseguiu controlar o impulso de estender a mão e acariciá-las. *Pode parecer estranho,* ela pensou.

— Eu devia ter imaginado que esta não era uma visita social — disse Israfel. — Não é como se você ainda me visitasse, *meu velho*. Você está sumido desde o Verão do Ano Onze. Já se deu conta de que perdeu minha triunfante noite de estreia?

— Sinto muito por isso. Recebeu as flores que mandei?

— Não. Não sei. Provavelmente. — Ele deu de ombros, petulante. — Recebo muitas flores.

Morrigan tinha certeza de que Israfel estava tentando fazer Jupiter se sentir mal. No entanto, ela mesma não pôde deixar de se sentir mal. Ela nunca vira Israfel antes e assim mesmo não podia suportar a ideia de que ele estivesse infeliz. Sentiu uma estranha urgência em lhe dar um biscoito. Ou um cachorrinho. Alguma coisa.

Jupiter tirou um rolo de papel amarfanhado e uma caneta do bolso do casaco e, em silêncio, os estendeu ao amigo. Israfel os ignorou.

— Sei que você recebeu minha carta — disse Jupiter.

Israfel girou o copo nas mãos e não disse nada.

— Você vai fazer? — perguntou Jupiter simplesmente, a mão ainda estendida. — Por favor?

Israfel deu de ombros.

— Por que eu deveria?

— Não consigo pensar em uma razão decente — admitiu Jupiter —, mas espero que faça assim mesmo.

O anjo agora observava Morrigan, o rosto fechado e cauteloso.

— Só me ocorre uma coisa que poderia levar Jupiter North ao patronato. — Ele tomou um gole da bebida e voltou a olhar para Jupiter. — Por favor, fique à vontade para dizer que estou errado.

Morrigan também olhou para seu patrono. Os três ficaram sentados em um silêncio imóvel e desconfortável, que Israfel pareceu tomar como uma espécie de confirmação.

— *Fabuladora* — sibilou ele entre dentes.

Então suspirou fundo, correu a mão pelo rosto num gesto cansado e pegou o rolo de papel da mão de Jupiter, ignorando a caneta.

— Você é meu amigo mais querido e o maior tolo que já conheci. Então, sim, é claro que vou assinar seu estúpido pacto de salvaguarda. No entanto, ele não tem o menor sentido. Uma *Fabuladora*, sinceramente. Que ridículo!

Morrigan mudou de posição na cadeira, sentindo-se constrangida e um tanto ressentida. Era irritante ser chamada de *ridícula* por alguém cujo

camarim era um esgoto desses. Ela fungou, tentando parecer altiva e indiferente.

Jupiter franziu a testa.

— Izzy. Você não sabe o quanto me sinto grato. Mas isto é altamente confidencial, sabe? Fica entre...

— Eu sei guardar segredo — cortou Israfel, levando a mão às costas e, com uma careta, arrancando uma única pena negra de uma de suas asas.

Ele a mergulhou em um pote de tinta na penteadeira e rabiscou uma assinatura confusa no pé da folha, que devolveu a Jupiter com um olhar sombrio. Então jogou a pena para um lado e ela flutuou graciosamente até o chão, suas partículas douradas capturando a luz. Morrigan queria pegá-la e levá-la para casa como um tesouro, mas pensou que isso seria um *pouco* como roubar as roupas dele.

— Sinceramente, pensei que viesse antes, sabe? Suponho que já saiba de Cassiel...

Jupiter soprava a tinta, tentando fazê-la secar rapidamente, e não levantou os olhos.

— O que tem ele?

— Sumiu.

Ele parou de soprar. Encontrou o olhar de Israfel.

— Sumiu? — repetiu.

— Desapareceu.

Jupiter sacudiu a cabeça.

— Impossível.

— Foi o que eu disse. Mas assim mesmo...

— Mas ele... — começou Jupiter. — Ele não pode simplesmente...

O rosto de Israfel estava sombrio. Morrigan pensou que ele parecia estar com medo.

— Assim mesmo — repetiu ele.

Depois de um momento de silêncio, Jupiter se levantou, pegou o casaco e sinalizou para que Morrigan fizesse o mesmo.

— Vou ver o que descubro.

— Vai mesmo? — perguntou Israfel, cético.

— Prometo.

Lá se foram eles, descendo a parede do beco e saindo na espalhafatosa avenida de Boemia que, de tão iluminada, fazia parecer dia, e atravessaram a multidão em direção à plataforma do Trilho dos Guarda-Chuvas — mas a um ritmo bem mais civilizado que antes. Jupiter mantinha a mão firme no ombro de Morrigan, como se tivesse acabado de lembrar que estavam em uma parte da cidade estranha e tumultuada e ele devia de fato mantê-la por perto.

— Quem é Cassiel? — perguntou Morrigan enquanto esperavam na plataforma do Trilho dos Guarda-Chuvas.

— Outro da espécie de Israfel.

— A cozinheira costumava contar histórias sobre anjos — disse Morrigan, lembrando-se da casa de sua família, o Solar dos Corvos. — O Anjo da Morte, o Anjo da Misericórdia, o Anjo dos Jantares Estragados...

— Não é a mesma coisa — disse Jupiter.

Morrigan ficou confusa.

— Eles não são anjos de verdade?

— Acho que chamá-los assim provavelmente seria abusar um pouquinho da imaginação, mas eles são seres celestiais, de certa forma.

— Seres celestiais... o que isso significa?

— Ah, você sabe. Habitantes do céu. Tipos voadores extravagantes. Aqueles que têm asas e as usam. Cassiel é uma figura importante nos círculos celestiais. Se ele estiver mesmo desaparecido... bem, suspeito que Israfel esteja enganado, de qualquer forma. Ou exagerando... ele gosta de um pouco de drama, o velho Izzy. Aqui vem ele. Pronta para saltar?

No momento exato, Morrigan e Jupiter engancharam as sombrinhas nos anéis de aço da estrutura deslizante do Trilho dos Guarda-Chuvas e seguraram com todas as suas forças enquanto disparavam pelo labirinto dos bairros de Nevermoor. Os cabos do Trilho dos Guarda-Chuvas corriam acima de toda a cidade em padrões imprevisíveis, cruzando baixo sobre ruas movimentadas e becos escondidos, só para tornar a subir acima de telhados e da copa das árvores. Parecia ridiculamente perigoso para Morrigan ir zunindo por toda parte sem nada — além de suas próprias mãos agarradas à sombrinha — que a impedisse de cair e se esborrachar no chão. Por outro lado, por mais apavorante que fosse, também era

emocionante ver todas aquelas pessoas e prédios passarem voando debaixo dela, com o vento batendo no rosto. Era uma de suas coisas preferidas de morar em Nevermoor.

— Escute, preciso dizer uma coisa — começou Jupiter quando finalmente puxaram as alavancas para liberar as sombrinhas e saltaram do Trilho dos Guarda-Chuvas em velocidade, aterrissando no bairro onde moravam. — Não fui totalmente sincero com você. Sobre... sobre seu aniversário.

Os olhos de Morrigan se estreitaram.

— Hã? — disse ela com frieza.

— Não fique zangada. — Ele mordiscou a lateral da boca, parecendo culpado. — É só que... bem, Frank ficou sabendo que era hoje e você sabe como ele é. Qualquer desculpa vira festa.

— Jupiter...

— E... e todo mundo no Deucalião te ama! — A voz dele assumiu um tom várias notas acima do normal, em níveis de bajulação sem precedentes. — Eu não posso privá-los de uma razão para comemorar o nascimento de sua Morrigan Crow *preferida*, posso?

— *Jupiter!*

— Eu sei, eu sei — disse ele, erguendo as mãos em um gesto de rendição. — Você avisou que não queria nenhum espalhafato. Não se preocupe, está bem? Frank prometeu ser discreto. Somente os funcionários, você, eu e Jack. Você vai apagar as velinhas, eles vão cantar "Parabéns pra você"…

Morrigan grunhiu; só de pensar nisso um rubor quente de vergonha subia por seu pescoço até a ponta das orelhas.

— … vamos comer um pedaço de bolo, e assunto encerrado. Você estará livre por mais um ano.

Morrigan o fuzilou com o olhar.

— Discreto? Promete?

— Juro pra você. — Jupiter pousou a mão sobre o coração solenemente. — Eu disse a Frank para se controlar, então se controlar um pouco mais e continuar se controlando até chegar ao que ele considerasse lamentavelmente simplório, e então se controlar umas dez vezes mais que

isso.

— Tá, mas será que ele te deu ouvidos?

O patrono fez pouco da pergunta dela, parecendo muitíssimo ofendido.

— Olha, eu sei que sou o Sr. Cara Legal Tranquilão Relax da Silva e tudo isso…

Morrigan ergueu uma sobrancelha educadamente incrédula.

— … mas acho que você vai descobrir que meus empregados me respeitam, *sim*. Frank sabe quem é o patrão, Mog. Ele sabe quem assina o contracheque. Acredite em mim. Se eu digo a ele para ser discreto, ele saberá ser...

Jupiter se interrompeu, a boca escancarada, quando viraram a esquina, entrando na Avenida Extraordinária, uma rua dominada pela imensa e glamourosa fachada do Hotel Deucalião, onde Morrigan morava com seu patrono... e que Frank, o anão vampiro, excepcional organizador de festas, havia evidentemente decorado para a ocasião.

O Deucalião estava envolto em milhões de luzes pisca-pisca rosa-flamingo que iluminavam a noite e podiam provavelmente ser vistas do espaço, pensou Morrigan.

— ... completamente exagerado? — completou para Jupiter, que havia perdido a voz.

Reunidos nos degraus de entrada do Deucalião, encontravam-se não só os funcionários, mas aparentemente todos os hóspedes do hotel, além de alguns visitantes. O rosto deles brilhava de entusiasmo, rodeando um extravagante bolo de aniversário de nove camadas coberto com glacê cor-de-rosa, que Morrigan achou mais apropriado para um casamento real do que para um aniversário de doze anos. Uma banda de metais estava posicionada junto ao chafariz e, ao sinal de Frank, os músicos lançaram-se em uma ruidosa marcha comemorativa no momento em que Morrigan e Jupiter chegavam. Encimando a cena, havia uma imensa placa que ia de um lado ao outro do terraço. As letras enormes, piscando, diziam:

DOZE ANOS DE MORRIGAN

— FELIZ ANIVERSÁRIO! — gritou a multidão de funcionários e

hóspedes.

Frank apontou para o sobrinho adolescente de Jupiter, Jack, que acendeu um feixe de fogos de artifício que dispararam no ar, zunindo e assoviando, lançando sobre a cena uma chuva de poeira estelar.

Dame Chanda Kali, a famosa soprano e comandante da Ordem dos Encantadores das Florestas, deu início a uma versão muito teatral do "Parabéns pra você" (que imediatamente atraiu três pintarroxos, um texugo e uma família de esquilos aos seus pés para adorá-la).

Charlie, motorista e gerente da frota do Deucalião, havia preparado um de seus pôneis, que estava pronto para carregar a aniversariante para dentro do hotel.

Kedgeree, o concierge, e Martha, a camareira, tinham os braços cheios de presentes e sorriam, radiantes.

E Fenestra, a Magnifigata gigante chefe das camareiras, aproveitou a comoção para discretamente roubar um pouquinho do glacê cor-de-rosa com a pata imensa.

Jupiter lançou um olhar de lado ansioso para Morrigan.

— Devo, hã... devo dar uma palavrinha com nosso Promoter do Barulho chefe?

Morrigan sacudiu a cabeça, tentando — sem sucesso — reprimir um sorriso que contraía os cantos de sua boca. Ela sentia um brilho cálido, como o de um raio de sol, no meio do peito, como se um gato houvesse se enroscado ali e estivesse ronronando, feliz. Ela nunca tivera uma festa de aniversário.

Estava tudo bem com Frank, de verdade.

Mais tarde naquela noite, delirante de tanto açúcar graças ao bolo de aniversário e exausta pelos intermináveis cumprimentos de uma centena de convidados, Morrigan subiu no ninho de cobertores macios — que mais parecia um casulo — em que sua cama se transformara naquela noite (ela obviamente sabia o quanto o dia fora terrivelmente longo para Morrigan). Ela adormeceu praticamente no momento em que a cabeça tocou o travesseiro.

Então, no que pareceu um segundo depois, estava acordada.
Estava acordada, mas não na sua cama.
Estava acordada, mas não na sua cama, e não sozinha.

CAPÍTULO DOIS

Irmãs e Irmãos

Primavera do Ano Dois

Lado a lado, sob um céu estrelado e sem nuvens, os nove mais novos membros da Sociedade Fabulosa encontravam-se diante dos portões da escola, as caras amarrotadas de sono e com frio.

Morrigan talvez tivesse ficado alarmada ao despertar no meio da noite nas ruas frias de Nevermoor, vestida apenas com o pijama, mas duas coisas mantinham sua preocupação sob controle:

Primeiro, os portões da Soculosa haviam sido transformados em uma imensa e atípica placa de boas-vindas botânicas — um tapete floral nas cores do arco-íris feito com rosas, peônias, margaridas, hortênsias e gavinhas verdes retorcidas, onde, empolgados, eles leram:

Entrem e
juntem-se a nós.

A segunda era que o garoto de pé à sua direita — de braços e pernas desengonçados, cabelos cacheados, o canto da boca sujo com os restos de um chocolate comido na cama — era o seu melhor amigo no mundo todo. Hawthorne Swift esfregou os olhos e dirigiu a ela um sorriso cansado.

— Ah — disse ele, despreocupado como sempre.

Ele esticou o pescoço para olhar as sete outras crianças enfileiradas ao lado dos dois. Elas também estavam tremendo e vestidas com pijamas, e pareciam mal-humoradas e assustadas em graus variados.

— Uma daquelas coisas estranhas da Soculosa, é isso? — perguntou ele.

— Deve ser.

— Eu estava tendo o melhor dos sonhos — gemeu ele. — Estava

sobrevoando uma selva, montado num dragão, caí no meio das árvores... e fui adotado por um bando de macacos. Eles me elegeram seu rei.

Morrigan bufou.

— Parece bem apropriado.

Meu amigo está aqui, pensou ela, feliz. Tudo ia ficar bem.

— O que a gente deve fazer? — perguntou a garota à esquerda de Morrigan.

Musculosa, de ombros largos e rosto corado, e pelo menos uma cabeça mais alta que Morrigan, tinha um forte sotaque das Terras Altas e cabelos vermelhos que desciam até o meio das costas. Era Thaddea Macleod, lembrou Morrigan. A garota que tinha lutado com um troll adulto em seu Desafio do Espetáculo e vencido.

Morrigan não podia responder à pergunta. Em parte porque não sabia a resposta, mas principalmente porque estava repassando na mente o momento em que Thaddea puxara a cadeira em que o Ancião Wong estava sentado e a usara para quebrar o joelho do troll com um estalo nauseante. Um golpe apavorante, pensou Morrigan — mas também, para ser justa, bastante engenhoso.

— É só um palpite — disse Hawthorne em meio a um bocejo escancarado —, mas acho que querem que a gente entre e se junte a eles.

Ao dizer isso, os portões começaram a se abrir lentamente com um forte rangido. Por trás da placa floral de boas-vindas e dos altos muros de tijolos, o terreno da Soculosa subia em um suave aclive até a Casa do Orgulho, cujas janelas encontravam-se iluminadas como um farol sinalizando para que avançassem.

O clima mudou quando os nove candidatos bem-sucedidos — escolhidos entre centenas de crianças esperançosas de se tornarem os novos estudantes da Unidade 919 da Sociedade Fabulosa — passaram pelos portões.

Pela primeiríssima vez, o estranho fenômeno do "clima soculoso" não pegou Morrigan de surpresa. Do lado de fora dos portões, nas ruas da Cidade Velha, a noite estava fria e vigorosa. Dentro da bolha climática da Soculosa, onde tudo era um pouco *mais*, a grama estava coberta por uma espessa camada de gelo. O ar cheirava a neve — fresca, limpa e de um frio

cortante — e condensava seus hálitos, transformando-os em nuvens de névoa. Morrigan estremeceu, assim como os outros, esfregando os braços e pulando para se aquecerem. Os portões gemeram, fechando-se, e o silêncio caiu sobre eles.

Todos eles haviam conhecido a Soculosa no ano anterior, é claro. A primeira prova — o Desafio do Livro — acontecera dentro da própria Casa do Orgulho. Morrigan lembrava-se de esperar com centenas de outras crianças em uma sala enorme ocupada por fileiras de mesas. Um livreto em branco lhe fizera algumas perguntas, que ela teve de responder com sinceridade, caso contrário o livreto irromperia em chamas. Quase metade das crianças que estiveram naquela sala com ela tinha visto suas respostas virarem fumaça, sendo instantaneamente desqualificadas.

A Soculosa parecia diferente agora, não só porque era noite. O caminho ainda era ladeado por árvores nuas, cujos troncos estavam enegrecidos — restos fossilizados da agora extinta árvore de fogo. Essa noite, porém, empoleirados nos galhos como aves gigantes e silenciosas, centenas de membros da Sociedade Fabulosa — jovens e velhos, mais velhos ainda e velhíssimos — olhavam do alto para os recém-chegados. Exatamente como no Desfile Negro no último Natalloween, vestiam solenes capas pretas, os rostos iluminados apenas pelas velas que seguravam.

O efeito deveria ter sido assustador, mas, por algum motivo, Morrigan não sentia medo. Ela já estava na Sociedade, afinal. A parte difícil tinha ficado para trás.

Era quase reconfortante a presença daqueles estranhos de capa preta olhando para eles do alto das árvores. Eles não pareciam hostis, apenas... imóveis.

À medida que a Unidade 919 instintivamente começou a subir o aclive que levava ao imponente edifício de tijolos vermelhos da Casa do Orgulho, os membros da Sociedade, com suas capas pretas, iniciaram um cântico quieto e sussurrante que Morrigan reconheceu. Alguns dias antes, ela recebera no Hotel Deucalião, escrita em uma letra pequena e caprichosa dentro de um envelope cor de marfim selado e acompanhada por instruções para que a decorasse e depois queimasse as palavras, a mensagem:

Irmãs e irmãos, fiéis por toda a vida,
Para sempre unidos, na chegada e na partida.
Nove acima de todos, nove acima do sangue,
Ligados para sempre, no fogo e no mangue.
Irmãos e irmãs, verdadeiros e leais,
Juntos para sempre, poucos e especiais.

Era um juramento. Uma promessa que cada novo membro da Sociedade tinha de fazer à sua unidade — seus oito novos irmãos e irmãs. Ao entrar para a Sociedade, Morrigan sabia que estava ganhando não somente uma educação de elite e um mundo de oportunidades, como também aquilo que ela desejara acima de qualquer outra coisa: uma família de verdade.

O cântico acompanhou a Unidade 919 por todo o longo caminho que levava do portão ao prédio, assim como seus companheiros membros da Sociedade. Eles desceram das árvores e seguiram atrás dos novos recrutas, formando uma espécie de guarda de honra, repetindo sem parar as palavras do juramento da Soculosa.

As boas-vindas à Soculosa intensificavam-se e ganhavam força à medida que a Unidade 919 subia o caminho, marchando. Uma banda de música desceu rapidamente de uma árvore à direita e deu início a uma triunfante melodia. Um par de adolescentes, de ambos os lados do caminho, criou um arco-íris sob o qual eles passaram como um arco etéreo feito de névoa. Quando finalmente alcançaram a Casa do Orgulho, um imenso elefante aos pés da escada apregoou a chegada como um arauto.

Ali, à espera nos amplos degraus de mármore, encontravam-se nove homens e mulheres — um deles com uma brilhante cabeleira vermelha — assistindo à chegada de seus candidatos, cheios de orgulho e júbilo.

Parecia que o próprio sol brilhava no rosto de Jupiter enquanto Morrigan subia correndo os degraus para cumprimentá-lo. Ele abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la imediatamente, seus olhos azuis lacrimejando ligeiramente. Morrigan ficou surpresa, e bastante comovida, com a inesperada mostra de emoção. Ela expressou seu apreço dando um soco no braço dele.

— Patético — sussurrou ela.

Jupiter riu, enxugando os olhos.

Ao lado de Jupiter estava a patrona de Hawthorne, a jovem Nancy Dawson, em cujas bochechas surgiram covinhas quando ela sorriu para seu candidato.

— Tudo certo, encrenqueiro?

— Tudo certo, Nan — replicou Hawthorne, sorrindo.

Uma patrona mais velha, do outro lado de Nan, fez psiu para que se calassem, franzindo a testa em desaprovação.

— Ah, cale-se você, Hester — disse Nan, bem-humorada, virando-se e fazendo uma careta engraçada para Hawthorne e Morrigan.

Mais adiante na fileira de patronos, Morrigan avistou um homem que ela ficaria feliz em nunca mais ver: Baz Charlton. Baz passara o ano anterior tentando frustrar as chances de Morrigan nas provas e fazê-la ser expulsa de Nevermoor, enquanto ajudava seus próprios candidatos a trapacear.

A candidata de Baz, a hipnotizadora Cadence Blackburn, estava com os braços cruzados na frente do peito. Ela jogou os longos cabelos negros trançados por cima dos ombros com um movimento da cabeça, parecendo tão perfeitamente à vontade nessa situação bizarra que quase se podia dizer que estava *entediada*. Por alguma razão, Morrigan sentia-se ao mesmo tempo impressionada e chateada com essa postura.

Jupiter inclinou-se e sussurrou em seu ouvido.

— Olhe à sua volta, Mog. Foi para isso que você trabalhou. Aproveite.

Atrás deles, a multidão da Soculosa aproximava-se. Agora tinham parado de entoar o cântico e conversavam animadamente entre si, sorrindo para os mais novos membros da Sociedade e divertindo-se com a comemoração.

Um grito súbito e sobrenatural rasgou o ar e todos ergueram os olhos. Um par de dragões e seus cavaleiros sobrevoavam a Casa do Orgulho, escrevendo no céu nove nomes em fogo e fumaça:

ANAH
ARCHAN
CADENCE

FRANCIS
HAWTHORNE
LAMBETH
MAHIR
MORRIGAN
THADDEA

Desde que sobrevivera à sua assim chamada maldição e escapara para a cidade secreta de Nevermoor havia exatamente um ano, Morrigan tivera algumas experiências estranhas. Ver seu nome escrito em fogo de dragão era apenas a última das novidades. No entanto, ela era obrigada a admitir que era uma das melhores até ali. Sons de júbilo vindos dos outros membros da Unidade 919 indicavam que ela não estava sozinha em seu assombro. Na verdade, apenas Hawthorne (que vinha, afinal de contas, montando dragões desde que aprendera a andar) parecia educadamente inabalado.

Quando o último nome havia se transformado em fiapos de fumaça no céu, os cavaleiros se foram com seus dragões e os patronos conduziram seus alunos para o interior da Casa do Orgulho. A multidão de membros da Soculosa atrás deles irrompeu em vivas e aplausos, acenando para os novos alunos enquanto eles entravam como se fossem verdadeiras celebridades. Morrigan não pôde deixar de rir com Hawthorne, que acenava com tanto entusiasmo para o grupo do lado de fora que precisou ser puxado por Nan para dentro, instantes antes de as imensas portas se fecharem, extinguindo completamente o ruído do lado de fora.

No súbito silêncio do vasto e profusamente iluminado hall de entrada da Casa do Orgulho, uma voz frágil manifestou-se nos fundos do salão.

— Bem-vinda, Unidade 919, ao primeiro dia do restante de suas vidas.

Lá estavam os três respeitados membros do Supremo Conselho de Anciãos da Soculosa: a Anciã Gregoria Quinn, uma mulher cuja frágil aparência Morrigan sabia que era extremamente enganosa; o Ancião Helix Wong, um homem sério, de barba grisalha, coberto de tatuagens; e o Ancião Alioth Saga, que era, na verdade, um enorme touro falante.

Comparada à recepção que tiveram do lado de fora da Casa do

Orgulho, a cerimônia inaugural em si foi breve e monótona. Os Anciãos disseram algumas palavras de boas-vindas. Cada patrono pegou uma capa preta, com a qual cobriu os ombros de seu candidato, prendendo um pequeno broche em formato de *F* na gola.

Os alunos da Unidade 919 recitaram o juramento que haviam decorado, jurando lealdade por toda a vida a cada um dos outros. Suas vozes soavam fortes e claras. Ninguém errou os versos. Aquela era, Morrigan sabia, a parte mais importante da cerimônia.

Então, acabou. Era isso.

Quase.

— Patronos — disse a Anciã Quinn no fim da cerimônia. — Gostaria que vocês permanecessem por mais alguns minutos, por favor. Há uma questão importante que precisamos discutir. Alunos, por favor, esperem seus patronos lá fora, na escadaria diante da Casa do Orgulho.

Morrigan se perguntou se essa seria uma parte normal da cerimônia; alguns olhares curiosos trocados entre os patronos sugeriram que provavelmente não era. Ela tentou atrair o olhar de Jupiter enquanto seguia sua unidade até a saída, mas ele não olhou para ela. Seu maxilar parecia tenso.

Fora da Casa do Orgulho, estava frio, vazio e silencioso. Não restava nem uma só pessoa ali, nem um vestígio que sugerisse que as ruidosas boas-vindas que eles tiveram havia apenas alguns minutos passasse de uma alucinação coletiva.

O silêncio os envolveu. Exceto por Morrigan e Hawthorne, essas crianças não se conheciam de fato. Alguns olhares levemente constrangidos foram trocados, e ouviu-se uma risadinha sem graça de Anah Kahlo — uma menina bonita e gorducha de cachos louros que, como Morrigan se lembrava muito bem, havia aberto o abdômen de sua patrona durante o Desafio do Espetáculo, removido o apêndice e fechado com pontos... tudo isso de olhos vendados.

Hawthorne foi, previsivelmente, o primeiro a falar.

— Sabe aquilo que você fez no Desafio do Espetáculo? — começou ele, dirigindo um olhar engraçado a Archan Tate. — Aquilo de percorrer a plateia e surrupiar as coisas de todo mundo enquanto todos nós

pensávamos que você estava apenas tocando violino?

— Hã... sei?

Archan era um garoto de rosto doce, quase angelical, que parecia inocente demais para ser um ladrão tão talentoso. Ele olhava inseguro para Hawthorne.

— Desculpa por aquilo — disse. — Eu roubei alguma coisa sua? Você recebeu de volta? Tentei me certificar de que tinha devolvido tudo às pessoas certas. É que... meu patrono pensou que seria...

— Completamente brilhante — interrompeu Hawthorne, os olhos arregalados de admiração. — Foi *completamente brilhante*. Ficamos estupefatos, não é, Morrigan?

Morrigan sorriu, lembrando-se do absoluto encantamento de Hawthorne no Desafio do Espetáculo quando se dera conta de que Archan havia afanado de seu bolso as luvas de montaria sem que ele nada percebesse. Ela ficara impressionada, mas Hawthorne se mostrara verdadeiramente *deslumbrado* com o talento de Archan.

— Foi incrível — concordou Morrigan. — Como você aprendeu a fazer isso?

Archan corou até a ponta das orelhas e sorriu timidamente para Morrigan.

— Ah! Hã, obrigado. Acho que eu só… meio que... aprendi sozinho.

Ele deu de ombros com modéstia.

— Brilhante — repetiu Hawthorne. — Talvez você possa me ensinar um pouco. Archan, não é?

— Só Arch. — Ele apertou a mão que Hawthorne lhe ofereceu. — Só minha avó me chama de...

Naquele momento as portas da Casa do Orgulho se abriram com um estrondo e Baz Charlton saiu dramaticamente para os degraus de mármore, fazendo sinal para sua candidata.

— Você... qual o seu nome? Blinkwell. Vamos. Estamos indo embora.

Cadence Blackburn pareceu horrorizada.

— O q-quê? Por quê?

— Por acaso eu falei que você podia fazer perguntas? — replicou ele em sua voz desdenhosa e mal articulada. — Eu *disse* que estamos *indo*

embora.

Cadence, porém, não se mexeu. Os outros patronos deixaram a casa apressados, seguindo Baz, seus rostos alternando expressões receosas e furiosas. Todos fitavam Morrigan.

Ela sentiu ondas de terror irradiarem através dela, como se seu corpo fosse um lago no qual alguém tivesse acabado de jogar uma pedra muito grande e muito pesada. Naquele instante, ela soube exatamente por que os Anciãos haviam retido os patronos um pouco mais. Ela sabia exatamente sobre o que — precisamente sobre *quem* — eles estiveram falando.

Hester, a mulher mais velha que havia pedido silêncio a Nan mais cedo, seguiu marchando direto para Morrigan. Seu rosto pálido era severo e lembrava um gavião, o cabelo ruivo ficando grisalho puxado para trás, muito esticado sobre o crânio. Ela fitou Morrigan de cima por vários segundos, parecendo zangada e confusa.

— Como você sabe? — vociferou ela, por cima do ombro, dirigindo a pergunta a Jupiter. — Quem disse a você?

— Ninguém me disse.

Jupiter, que havia deixado a Casa do Orgulho calmamente depois deles, recostou-se em uma pilastra numa atitude casual. Ele gesticulou na direção de Morrigan e continuou:

— Posso ver. Claro como o dia.

— Como assim você pode *ver*? Eu não vejo coisa alguma.

Hester agarrou o queixo de Morrigan com força, virando seu rosto para a esquerda e para a direita, enquanto perscrutava os olhos da menina.

A atitude de Jupiter mudou em um instante. Ele avançou, correndo, e gritou "Ei!", mas Morrigan não precisava da intervenção dele. Sem pensar, ela deu um tapa na mão da mulher, afastando-a. Hester arquejou, recuando como se tivesse sido queimada. Morrigan olhou para Jupiter, com medo de ter ultrapassado os limites, mas ele lhe dirigiu um aceno sombriamente satisfeito.

A patrona de Anah, uma jovem chamada Sumati Mishra, soltou um suspiro cansado.

— Você *sabe* qual é o talento de Jupiter, Hester. Ele é uma Testemunha. Ele vê coisas.

— Ele pode estar mentindo — replicou Hester.

Embora o próprio Jupiter parecesse não se abalar com a acusação, Morrigan eriçou-se por causa dele.

Nan Dawson estava igualmente indignada.

— Não seja tola, Hester — disse ela. — O Capitão North não é nenhum mentiroso. Se ele diz que Morrigan é uma Fabuladora...

Assim que Nan pronunciou a palavra, pareceu que todo o oxigênio em torno deles havia sido sugado. *Fabuladora*. Como um golpe em um gongo, a palavra reverberou, ricocheteando no edifício de tijolos vermelhos.

— ... então ela é uma... Fabuladora — concluiu Nan.

Fabuladora. *Fabuladora*. *Fabuladora*.

Os patronos pareceram se encolher todos ao mesmo tempo. Os rostos das outras crianças voltaram-se para Morrigan, de olhos arregalados e atordoadas. Os de Cadence estreitaram-se até se tornarem fendas. Morrigan teve a sensação conhecida e desoladora de estar uma praia vendo seus mais caros sonhos sendo levados pelo mar, incapaz de trazê-los de volta.

Aqueles deveriam ser seus irmãos e irmãs. Fiéis por toda a vida. Com uma única palavra, eles a olhavam como se ela fosse sua inimiga.

— Eu s-sou...

A garganta de Morrigan se fechou. Ela queria dizer alguma coisa, se explicar ou tranquilizá-los, mas a verdade era que... não tinha como fazer isso. Havia semanas que ela sabia o que era. O único outro Fabulador vivo, Ezra Squall, o homem mais maligno que já vivera, jogara a notícia sobre ela como uma bomba. Embora Jupiter tenha feito o que pôde para arrumar o estrago depois, tentando explicar a ela o que isso significava, Morrigan ainda não tinha a menor ideia do que era ser uma Fabuladora, e isso a assustava.

Jupiter insistira com ela que *Fabulador* não era uma palavra ruim. Que o significado nem sempre fora maligno. Ele contou que os Fabuladores costumavam ser homenageados e celebrados — que usavam seus poderes misteriosos para proteger as pessoas, até mesmo para conceder desejos.

Morrigan, no entanto, não conhecia uma única pessoa em Nevermoor que concordasse com ele. Além disso, tendo conhecido pessoalmente o

tenebroso Ezra Squall, achava difícil acreditar que os Fabuladores um dia tinham sido bons.

Squall comandava os Caçadores de Fumaça e Sombra, seu macabro exército de caçadores, cavalos e cães de olhos de fogo, que ele impiedosamente lançara atrás de Morrigan na esperança de levá-la até ele. Ela o vira entortar ferro com um movimento da mão, criar fogo com um sussurro, destruir a casa de sua família com um estalo dos dedos e reconstruí-la em um instante. Ela o tinha visto além da fachada tranquila e comum, enxergando a sombra de seu verdadeiro rosto — olhos vazios e escuros, boca enegrecida e dentes afiados à mostra.

O pior de tudo: Ezra Squall, o maior inimigo de Nevermoor, queria Morrigan como sua aprendiz. Squall, que construíra um exército de monstros e tentara conquistar Nevermoor. Que havia massacrado as pessoas corajosas que o enfrentaram e estava exilado do Estado Livre desde então. As palavras de Jupiter para tranquilizá-la não eram capazes de apagar o fato de que o Fabulador vira um pouco de si mesmo em Morrigan.

O que ela poderia dizer para dissipar os medos de sua unidade, quando ela mal conseguia conter o próprio?

Mais uma vez, apenas Hawthorne parecia impassível. Ele já sabia que Morrigan era uma Fabuladora. Quando ela contara a ele, a única preocupação de seu amigo fora se isso significava que ela seria deportada do Estado Livre, como acontecera com Ezra Squall. Hawthorne jamais acreditara, por um *segundo* que fosse, que sua melhor amiga era perigosa. Morrigan gostaria de ter ao menos um grama da certeza dele. Mesmo nas profundezas dos medos que lhe corroíam o estômago, ela sentiu uma pequena onda de alívio — não pela primeira vez — por esse garoto estranho e imperturbável ter decidido ser seu amigo.

— E se Jupiter diz que ela não é perigosa, ela não é perigosa — declarou Nan, rompendo o pesado silêncio.

Ela dirigiu a Morrigan um sorrisinho encorajador que fez Morrigan se sentir um tiquinho mais corajosa, mesmo não conseguindo se forçar a sorrir em retribuição.

A Anciã Quinn havia saído da Casa do Orgulho ao lado dos Anciãos

Wong e Saga, assistindo à cena com silenciosa resignação.

Uma patrona muito jovem, de óculos fundo de garrafa e laços azuis no cabelo, encontrava-se ao lado de Mahir Ibrahim. Ela pousou as mãos trêmulas nos ombros do garoto, o puxou para ela — embora não parecesse particularmente capaz de protegê-lo ou a qualquer outra criatura — e pigarreou.

— Com licença, Anciã Quinn, mas como essa garotinha pode ser uma Fabuladora? Não existem mais Fabuladores. Ou melhor, só existe um: o exilado Ezra Squall. Todo mundo sabe disso.

— Uma correção, srta. Mulryan — disse a Anciã Quinn. — Só *existia* um. Agora, ao que parece, existem dois.

— Mas ninguém está preocupado com o que isso pode *significar*? — perguntou Hester em tom autoritário. — North, nós sabemos do que os Fabuladores são capazes. Ezra Squall nos mostrou isso.

Jupiter juntou os lábios e apertou o osso do nariz. Morrigan podia ver que ele estava tentando reunir um pouco de paciência.

— Squall não fez o que fez *porque* era um Fabulador, Hester. Por acaso, ele era um Fabulador *e* um psicopata. Uma combinação infeliz, mas... eis no que deu.

— E como é que ele sabe disso, hein? — perguntou Baz Charlton, apelando para os Anciãos. — Todos nós sabemos o que Fabuladores fazem: eles controlam o fabulânio. Olhem para este pequeno monstro de olhos pretos! Qualquer um pode ver que ela é uma delinquente. O que iria impedi-la de usar o fabulânio para *nos* controlar?

Ele olhou para Morrigan com ódio escancarado. Morrigan trincou os dentes; o sentimento era mútuo.

— Ou pior... — acrescentou Hester — ... para nos destruir?

— Pelo amor de Deus — disse Jupiter, exasperado, e passou a mão pela grande juba ruiva. — Ela é uma *criança*!

Hester desdenhou.

— Por enquanto.

— Mas por que ela precisa estar na Sociedade? — perguntou a srta. Mulryan com a voz trêmula e tímida.

Seu rosto tinha adquirido um tom três vezes mais branco que o leite, e

seus dedos pequenos e finos enterravam-se nos ombros de Mahir, como se ela temesse que Morrigan levasse embora seu candidato covardemente à moda dos Fabuladores. O próprio Mahir tinha uma expressão de pedra, a testa tão franzida que as sobrancelhas se juntaram, formando uma só. Ele era quase tão alto quanto a patrona, e juntos fizeram Morrigan pensar em um camundongo tentando proteger um lobo.

— Por que correr o r-risco de colocá-la entre... entre outras crianças? — insistiu a srta. Mulryan.

Morrigan sentiu o rosto ficar quente. Estavam falando dela como se fosse uma doença.

Tudo estava começando a lhe parecer bem familiar.

Durante os primeiros onze anos de sua vida, Morrigan havia acreditado que era amaldiçoada. Que tudo de mal que acontecia — em sua família, em sua cidade, em quase toda a República do Mar Invernal, onde ela crescera — era culpa sua. No fim do último ano, ela aprendera que isso não era verdade. No entanto, ela podia lembrar-se vividamente da sensação de ser amaldiçoada, e não tinha a menor vontade de passar por aquilo novamente. Ela sentiu um impulso de sair correndo pelo longo caminho até os portões cobertos de flores, mas então a mão quente e firme de Jupiter tocou seu ombro.

— Ah, vocês preferem que ela esteja em algum lugar *lá fora*, é isso? — perguntou o Ancião Saga diretamente, batendo os cascos no chão. — Sozinha? Fazendo sabe-se lá o quê?

— Sim — insistiu Hester. — E assim preferem também, tenho certeza, todos os outros patronos e candidatos aqui.

— Então eles podem ir embora — disse a Anciã Quinn em uma voz fria e controlada.

Hester e os outros patronos pareceram pegos de surpresa. A Anciã Quinn inclinou a cabeça.

— Se assim quiserem. Estas não são, afinal de contas, circunstâncias comuns. Eu compreendo a gravidade desta questão e entendo a preocupação de vocês. No entanto, meus colegas Anciãos e eu a discutimos exaustivamente, e não excluiremos a srta. Crow da Unidade 919. Esta é a nossa palavra final.

Baz Charlton bufou, sacudindo a cabeça.

— Inacreditável.

— Pode acreditar — devolveu a Anciã Quinn, e Baz se encolheu e afundou a cabeça na gola de sua capa.

Hester aparentemente acreditou que a Anciã Quinn estivesse blefando.

— Com todo o devido respeito — disse ela entre dentes —, duvido muitíssimo que a Sociedade deseje perder *oito* talentosos novos membros exclusivamente para ganhar *uma* única e perigosa entidade. Tenho certeza de que vocês vão mudar de ideia depois de verem estas oito crianças brilhantes saírem por aqueles portões. Venha, Francis.

Ela começou a descer os degraus em direção ao caminho ladeado por árvores.

— Tia Hester — disse Francis, uma súplica silenciosa na voz —, eu quero ficar. Por favor. Meu pai ia querer que eu ficasse...

— Meu irmão *jamais* ia querer arriscar a sua vida! — replicou Hester, voltando-se bruscamente para encarar o grupo. — Ele nunca ia querer você perto de uma... uma *Fabuladora*.

A Anciã Quinn pigarreou.

— Patronos, esta não é uma decisão que vocês possam tomar por seus alunos. Crianças, se vocês quiserem deixar a Unidade 919... deixar a Sociedade Fabulosa... podem vir até aqui agora e entregar seu broche. Não haverá julgamento nem repercussões. Vamos lhes desejar boa sorte e despachá-los rapidamente.

Ela ficou parada com a mão estendida. O silêncio era absoluto, exceto pelo canto matinal de pássaros que soava a distância. O próprio ar parecia congelado, o hálito branco e gelado dos patronos e seus candidatos formando nuvens. Todos, exceto Morrigan, que mal respirava.

Os dedos trêmulos de Anah se dirigiram ao broche preso à sua roupa, e ela mordeu o lábio. Francis lançou um olhar culpado à tia, mas Cadence nem sequer olhou na direção de Baz. Ela nem mesmo piscou.

Ninguém entregou o broche. A ideia era, naturalmente, pura loucura. Depois de tudo por que passaram nas provas do ano anterior, imaginar que algum deles pudesse entregar aquele pequeno *F* dourado e todas as promessas que ele trazia? Nem pensar.

— Pois bem — disse a Anciã Quinn, abaixando a mão —, se vocês estão seguros... Mas vou ser bem clara, alunos... *e* patronos. — Ela lançou um olhar penetrante a Hester e Baz, que pareciam ambos profundamente ressentidos. — A natureza do incomum — fez uma pausa, parecendo se conter antes de falar "talento" — *estado* da srta. Crow permanecerá inteiramente confidencial até que o Supremo Conselho de Anciãos considere conveniente partilhar essa informação com o restante da Sociedade, pois não podemos correr o risco de que seja descoberta fora da Soculosa. Divulgar a verdade causaria pânico em massa. O que significa que, com muito poucas exceções necessárias, as Mentoras Acadêmicas, por exemplo, e a condutora da Unidade 919, o fato de que temos uma Fabuladora entre nós deve permanecer um segredo conhecido apenas por aqueles aqui presentes. Nossa equipe de professores será instruída a não fazer perguntas nem discutir a questão do talento da srta. Crow, e as Mentoras Acadêmicas lidarão com alunos enxeridos como acharem conveniente.

Ela voltou-se para as nove crianças, que pareciam de alguma forma ter encolhido, sua noite triunfante estragada pela terrível notícia.

A voz dela era como aço.

— Vocês são uma unidade agora. São responsáveis uns pelos outros. Portanto, se descobrirmos que alguém, *qualquer um de vocês*, traiu nossa confiança... — A Anciã Quinn fez uma pausa, o rosto sério. Ela olhou cada um deles até seu olhar finalmente pousar em Morrigan. — ... então todos os nove serão expulsos da Soculosa. Para sempre.

CAPÍTULO TRÊS

A Tatuagem que Não Era Tatuagem e a Porta que Não Era Porta

Quando acordou na manhã seguinte, Morrigan quase poderia ter convencido a si mesma de que a ida à Soculosa no meio da noite fora um sonho ao mesmo tempo estranho, maravilhoso e horrível. Não fosse a tatuagem dourada.

— Não é uma *tatuagem* — insistiu Jupiter, servindo dois copos de suco enquanto Morrigan despejava caóticas espirais de mel e polvilhava canela em um prato de pãezinhos torrados (um pouco queimados nos pontos em que ela os deixara perto demais do fogo, mas ainda assim comíveis).

Após os acontecimentos da noite anterior, os dois haviam acordado muito tarde para tomar o café no salão de jantar, então Jupiter pedira que uma bandeja fosse levada ao seu escritório. Os dois sentaram-se em lados opostos da mesa, uma miscelânea de comida espalhada entre os dois, indo do respeitosamente tradicional (truta defumada e ovos mexidos) ao descaradamente inusitado (sopa de tomate e corações de alcachofra, para satisfazer um desejo de Jupiter).

— Acha mesmo que eu deixaria que fizessem uma tatuagem em você? — perguntou ele.

Morrigan deu uma mordida bem grande em um pãozinho para fugir da resposta. Na verdade, ela nunca sabia *exatamente* o que Jupiter permitiria ou não permitiria.

O silêncio contundente dela não passou despercebido a Jupiter, que pareceu chocado.

— Mog! Não seja ridícula. Tatuagens *doem*. Isso dói?

Morrigan sacudiu a cabeça enquanto engolia.

— Não — respondeu, lambendo o mel do dedo indicador direito para

poder examinar a nova adição à sua impressão digital: um *F* dourado, idêntico em estilo ao broche da Soculosa, porém muito menor, fazendo um leve relevo em sua pele e emitindo um brilho fraco quando colocado à luz.
— Não dói nada. É só um pouco... eu sinto que está... aqui.

Ela não sabia de que outra forma descrever a marca com a qual misteriosamente havia acordado nessa manhã. Não queimava, pinicava, fazia cócegas, nem qualquer outra sensação que ela pudesse descrever com precisão. Não se tratava de algo que tivesse sido infligido por alguma força externa — não era exatamente como uma cicatriz ou uma ferida. Era mais como se tivesse se manifestado de dentro da pele para fora. Antes que ela visse com os próprios olhos, antes de sequer estar totalmente desperta, Morrigan simplesmente soubera que estava ali.

— É estranho, não é? — perguntou ela.

Jupiter examinava seu próprio indicador com uma expressão de leve surpresa. Ele tinha contado a Morrigan que, como a dela, a marca dele também havia aparecido na manhã após sua apresentação na Soculosa — muitos, muitos, muitos anos atrás. Aparentemente ele não pensava no assunto fazia muito tempo.

— Humm. Suponho que sim. Mas útil.

— Para quê?

— Para todo tipo de coisa.

Ele deu de ombros e voltou a atenção para o café da manhã, escolhendo cuidadosamente sua próxima iguaria.

— Tais como...

— Abre caminhos. Ajuda outros membros da Sociedade a reconhecer você.

— Mas para isso temos os broches de *F*.

— Não. — Ele finalmente se decidiu por uma torrada meio queimada e estendeu a mão para pegar a geleia. — É diferente.

Morrigan estreitou os olhos.

— Como assim?

Ele estava fazendo aquela coisa irritante, bem típica dele, de ir soltando gotas de informação, como uma forma especial de tortura. Podia ser porque ele realmente não queria contar a ela, ou porque a conversa deles

nesse momento fosse a linha de pensamento menos importante em meio à dezena que provavelmente estava passando por sua cabeça. No caso de Jupiter, era sempre difícil saber a diferença.

— O broche é para Nãofabs.

— Nãofabs?

— Humm. — Ele mastigou e engoliu um pedaço da torrada, batendo os farelos que caíram na frente da camisa. — Sabe, as outras pessoas. Que não fazem parte da Sociedade. O broche é como as pessoas fora da Soculosa identificam quem somos. A marca é diferente. — Ele ergueu o dedo, agitando-o, e o F refletiu a luz da lareira, parecendo quase cintilar. — A marca é para nós.

Algo ocorreu a Morrigan, que subitamente ficou irritada.

— Por que você nunca me mostrou antes?

— Não ia adiantar nada, Mog. Você só pode ver a marca de alguém depois que tem a sua. Como eu disse, é para *nós*. É como nos reconhecemos. Uma espécie de... brasão de família. Você vai começar a percebê-las por toda parte agora, vai ver.

Um brasão de família. Aquelas palavras tocaram carinhosamente o coração de Morrigan. Ela valorizava seu broche de *F* acima de todas as outras posses (exceto, talvez, a sombrinha), mas era só isso... um objeto que lhe pertencia. Um objeto que poderia ser facilmente quebrado ou perdido. A marca era diferente; era uma parte dela. Era uma prova de que ela fazia parte de algo importante, maior do que ela sozinha. Uma família.

Irmãs e irmãos, fiéis por toda a vida.

Mas seriam isso mesmo? Ela havia acreditado inicialmente, até o momento em que uma palavra foi dita — *Fabuladora* — e a ilusão se partira em mil pedaços.

— Ei.

Jupiter bateu na manteigueira com a faca para chamar sua atenção. Ela ergueu os olhos.

— Você tem o mesmo direito que eles de estar na Sociedade, Mog — disse ele, como se tivesse lido sua mente, e inclinou-se para a frente, baixando a voz a um sussurro. — Mais, na verdade. Não se esqueça de quem terminou o Desafio do Espetáculo na posição número um no placar.

Ele fez uma pausa, e então acrescentou:

— Foi você. Caso tenha esquecido.

Morrigan não havia esquecido. Mas que importância tinham agora as posições no placar? Que importância tinha qualquer coisa relacionada ao último ano, se sua unidade não confiava nela? Se tinha *medo* dela?

— Dê tempo ao tempo.

Mais uma vez, Jupiter parecia saber exatamente o que ela estava pensando. Essa era a injusta vantagem de ser uma Testemunha: ele via o mundo de maneiras que ela não poderia jamais imaginar. Seus sentimentos ocultos e verdades secretas estavam ali, à disposição dele, tão evidentes quanto a ruga na testa dela. Aquilo era ao mesmo tempo reconfortante e muito, *muito* exasperador.

— Eles vão mudar de opinião — insistiu ele. — É que precisam conhecer você, só isso. Assim eles verão a mesma Morrigan Crow encantadora que eu conheço.

Morrigan estava prestes a perguntar quem era essa Morrigan Crow encantadora e se ela gostaria de trocar de lugar, quando ouviram uma batida na porta. O velho e lépido Kedgeree Burns enfiou a cabeça branca no interior do escritório.

— Uma mensagem voltou para o senhor. Do Ser...

— Obrigado, Kedge — interrompeu Jupiter.

Ele se levantou de um salto para pegar o bilhete, e o concierge se foi, dirigindo uma piscadela para Morrigan e batendo rapidamente os calcanhares antes de fechar a porta atrás de si.

O bilhete estava selado com cera prateada. Jupiter atravessou a sala e se recostou na lareira, curvando-se para ler à luz do fogo. Alguns momentos de silêncio transcorreram, durante os quais Morrigan manteve o olhar fixo na lareira.

Ele tem razão, pensou. Ela era um membro digno e pleno da Sociedade Fabulosa agora. Tinha se empenhado muito nos desafios, exatamente como os outros em sua unidade.

Não no último, disse uma vozinha em sua cabeça. A verdade era que, no Desafio do Espetáculo — a quarta e última prova na qual cada candidato tinha de demonstrar seu "talento" especial —, Morrigan nada fizera além

de ficar parada no meio do Trolliseu, confusa, enquanto Jupiter compartilhava sua visão única com cada um dos Anciãos, mostrando a eles o que soubera durante todo o ano, o que escondera deles e da própria Morrigan. Que ela era uma Fabuladora. Que a misteriosa fonte de energia mágica que eles chamavam de fabulânio — uma fonte que alimentava o mundo de maneiras que Morrigan não conseguia imaginar — vinha o tempo todo se agregando em torno dela, como as mariposas em torno da chama, esperando pacientemente que ela entrasse de posse de seus poderes (que ainda teimavam em se manter ocultos).

Os Anciãos imediatamente concederam a Morrigan um lugar na Sociedade Fabulosa, para a indignação e o repúdio de muitos outros candidatos e seus patronos, cada um dos quais tinha feito *muito* mais por sua apresentação no Desafio do Espetáculo do que simplesmente ficar parado no Trolliseu enquanto os Anciãos os olhavam, mudos e perplexos.

Morrigan pigarreou e sentou-se empertigada.

— Então — a voz, pelo menos, estava firme. — Quando eu começo?

— Hein?

— Na Soculosa. Quando eu volto lá? Quando minhas aulas começam?

— Ah — disse Jupiter, ainda de testa franzida com o bilhete na mão. — Não tenho certeza. Em breve, espero.

O entusiasmo de Morrigan vacilou. Ele realmente não sabia? Seria esse um mistério típico da Sociedade Fabulosa, ela se perguntou, ou uma típica evasiva de Jupiter North? Ela sentiu uma certa apreensão.

— Segunda-feira? — perguntou ela.

— Hã, é. Talvez.

— Você pode... descobrir? — perguntou Morrigan, tentando impedir que a impaciência transparecesse em sua voz.

— Hein?

Ela suspirou.

— Perguntei se você pode...

— Tenho de ir agora, Mog — disse Jupiter de repente.

Ele deu as costas para o fogo, enfiou o bilhete em um bolso da calça e pegou o casaco pendurado no espaldar de uma poltrona.

— Desculpe. É uma tarefa importante. Termine o café da manhã. Vejo

você mais tarde.

A porta se fechou atrás de Jupiter. Morrigan jogou um pedaço de torrada nela.

A marca no dedo não foi a única coisa que apareceu da noite para o dia.

— Não tem nem maçaneta. — Martha estava sentada ao lado de Morrigan na extremidade da cama naquela tarde, olhando para a lustrosa porta de madeira preta trabalhada, novinha em folha, que aparecera na parede oposta. — Então não pode ser uma porta de verdade, pode?

— Acho que não — disse Morrigan.

Não era incomum o quarto dela mudar, crescer e encolher, adicionar novos elementos uma noite e descartá-los na próxima. Ele era muito temperamental, para um quarto. Mesmo assim, nunca havia criado uma segunda porta.

Morrigan não teria se importado de ter uma segunda porta, exceto por duas coisas. Um: ela havia surgido bem ao lado da lareira, o que acabava com a simetria do quarto (um pequeno detalhe, mas que ela achou surpreendentemente irritante). E dois: ela não conseguiu abri-la e, portanto, era totalmente inútil. Morrigan era uma pessoa prática *demais* para querer uma porta puramente decorativa em seu quarto. No entanto... não era nada comum o quarto se transformar em algo que não lhe agradasse.

Ela franziu a testa. O quarto estaria bravo com ela por algum motivo? Ou poderia estar doente? Talvez tivesse o equivalente arquitetônico de um resfriado. Talvez essa porta fosse a versão de um grande e catarrento espirro do seu quarto.

— Seja como for — disse Martha, dando de ombros —, não é a coisa mais esquisita que este quarto já fez, é?

Ela lançou um olhar para a poltrona em forma de polvo em um canto, que fez um movimento rápido e sinistro com os tentáculos. A camareira estremeceu.

— Eu gostaria que você se livrasse desta coisa. É um pesadelo para tirar o pó.

Jupiter ainda não havia voltado quando Morrigan foi para a cama. Um bilhete da Liga dos Exploradores chegou na manhã de domingo, informando aos funcionários do Deucalião que ele estava "inevitavelmente retido em uma missão inter-reinos" — uma típica mensagem inútil tanto em volume quanto em detalhes, embora Morrigan suspeitasse fortemente que tivesse a ver com o anjo desaparecido. Ela ficou decepcionada, mas não surpresa. A desvantagem de ter um patrono famoso e muito admirado era que tinha de dividi-lo com a Liga dos Exploradores, a Sociedade Fabulosa, a Federação de Hoteleiros Nevermoorianos, a Autoridade de Transportes de Nevermoor e todas as outras organizações ou indivíduos que queriam um pouco de seu tempo e atenção.

Pelo menos, junto com o bilhete da Liga, Jupiter enviou um bilhete próprio, endereçado a Morrigan.

Mog,

Não vou voltar antes do seu primeiro dia. Peço mil desculpas.

Esqueci um detalhe importante: EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA você deve ir a qualquer lugar fora da Soculosa sozinha. Estou falando sério. Confio em você. Boa sorte! Você se sairá muito bem.

Lembre-se: aquele é o seu lugar.

—J.N.

Naquela tarde, Morrigan estava impaciente e irritada, perguntando-se quando suas aulas começariam e aonde ela deveria ir. Não queria perder o primeiro dia e dar à sua unidade ainda mais motivos para não gostar dela. Até pedira a Kedgeree que enviasse alguém à casa de Hawthorne com uma mensagem, mas Hawthorne devolvera o bilhete com sua resposta escrita no verso: "Não sei", simples assim. Ela revirou os olhos, imaginando se ele sequer *pensara* em perguntar a Nan. Por alguma razão, ela duvidava.

Assim, Morrigan buscou o conselho da única outra pessoa que ela conseguia pensar que talvez pudesse ajudar.

— Minha querida... *lá lá lá LÁ!* ... você se *preocupa* muito.

Dame Chanda Kali estava se preparando para um concerto intimista que daria naquela noite no Salão de Música, simultaneamente praticando aquecimentos vocais e procurando o traje perfeito. O chão de seu enorme guarda-roupa, do tamanho de um salão de baile, estava coberto de vestidos

de seda, cetim e lantejoulas da cor de pedras preciosas, que ela experimentara e abandonara, tristes vítimas da impulsiva atividade multitarefa da soprano.

— Eu não me preocuparia com essas coisas, srta. Morrigan, realmente não me preocuparia. Você sabe como é a Sociedade Fabulosa.

Ela ergueu o dedo indicador e o meneou em um gesto conspiratório na direção de Morrigan; sua marca de *F* brilhou à luz. Além de Jupiter, Dame Chanda era o único outro membro da Sociedade que morava no Hotel Deucalião. Mesmo Jack, apesar de compartilhar o talento de Jupiter como Testemunha, nunca havia se candidatado à Soculosa. Em vez disso, ele frequentava um internato de elite chamado Escola Graysmark para Rapazes Brilhantes, em cuja orquestra tocava violoncelo. Seu uniforme escolar diário incluía cartola e gravata-borboleta e ele raramente vinha para casa, mesmo nos fins de semana.

— Não, não sei — disse Morrigan, sua frustração vagamente velada.

Ela *não* sabia como era a Sociedade. Diferentemente de todas as outras pessoas em Nevermoor, ela crescera fora do Estado Livre. Nunca nem sequer tinha *ouvido falar* da famosa e onipresente Sociedade Fabulosa até um ano antes.

— É claro que sim-*lá-sol-fá-mi-ré-DÓ* — cantarolou Dame Chanda, virando-se de um lado para o outro enquanto se examinava em um espelho dourado.

A voz impressionante ricocheteou no teto alto e fez um agradável arrepio subir e descer pelos braços de Morrigan. Um minúsculo camundongo enfiou a cabeça por uma brecha nas tábuas do chão, parecendo apaixonado, e Dame Chanda o enxotou.

— A sociedade é exigente. Invasiva. Absolutamente sem consideração pelo tempo ou a privacidade de qualquer um. — Ela se virou e cravou um olhar penetrante em Morrigan. — Resumindo, meu anjo: quando eles a quiserem, você ficará sabendo. Eles vão direto à fonte. *Mi-mi-mi-mi-MI!*

— Você?

Dame Chanda pareceu confusa por um momento, depois riu.

— Não, srta. Morrigan. *Você*. Eles a buscarão quando a quiserem. Não tema, doce menina. Você se verá nas profundezas do labirinto da Soculosa

antes que se dê conta. Então ficará ansiosa para sair. Acredite em mim: tento limitar minhas visitas a eventos obrigatórios e ocasiões especiais *apenas*.

— Por quê?

— Ah, você sabe — disse ela, pegando outra braçada de vestidos pendurados e jogando-os sem cerimônia em uma espreguiçadeira. — Se eu começar a mostrar meu rosto pelos corredores sagrados com muita frequência, as pessoas acharão que podem me envolver em suas façanhas ridículas. Como se eu não tivesse demandas suficientes pelo meu tempo.

Morrigan sabia precisamente de sete demandas no tempo de Dame Chanda: seus famosos e bem frequentados concertos no Salão de Música do Hotel Deucalião todo domingo à noite, e os seis pretendentes bonitos e charmosos com os quais ela passava as outras noites. O Camarada da Sexta-Feira, como Jupiter o batizara secretamente, comparecera à festa de aniversário de Morrigan e lhe dera um enorme buquê de rosas cor-de-rosa e púrpura (sem dúvida para impressionar a cantora de ópera, mas Morrigan apreciou o gesto mesmo assim).

— E eu simplesmente não *suporto* encontrar Murgatroyd — acrescentou.

— Quem é Murgatroyd? — perguntou Morrigan.

— Murgatroyd, de Dearborn e Murgatroyd. As Mentoras Acadêmicas. — Dame Chanda estremeceu. — Duas ervilhas horríveis em uma vagem assustadora. Bem, talvez seja injusto... A pobre Dearborn não é tão ruim. Murgatroyd é quem você deve evitar, se puder. — Ela lançou um olhar de simpatia ao reflexo de Morrigan no espelho atrás dela. — Embora eu lamente muito dizer, querida, que provavelmente não poderá.

Dame Chanda estava certa. Quando quiseram Morrigan, ela soube.

Cedo na manhã de segunda-feira — muito, muito mais cedo do que gostaria —, ela foi acordada com três batidas na porta.

Não na porta do quarto.

Na porta nova. A que não era uma porta de fato. A porta *misteriosa*.

A que não se abria.

CAPÍTULO QUATRO

Casatrem

Morrigan sentou-se na cama e olhou para a porta. Seu coração batia ruidosamente no silêncio. Um minuto ou dois se passaram e ela quase se convenceu de que fora apenas sua imaginação, quando...

Toc, toc, toc.

Morrigan prendeu a respiração. Ela queria ignorar as batidas. Queria se afundar nas cobertas e cobrir a cabeça com o travesseiro até que quem — ou o que — quer que estivesse ali fosse embora.

Mas isso não é o que um membro da Sociedade Fabulosa faria, disse a si mesma com firmeza.

Tomando uma decisão, ela jogou as cobertas de lado e andou ruidosamente até a porta, torcendo para que a pessoa (ou coisa) do outro lado ouvisse seus passos estrondosos e pensasse que ela era muito maior e assustadora do que era de fato. Morrigan se inclinou para a frente respirando com dificuldade, disposta a colar o ouvido na porta... mas então se deteve. De perto, viu algo que não havia percebido antes — um pequeno círculo dourado, bem no centro da madeira negra. Um círculo do tamanho da ponta de um dedo.

Ele começou a brilhar — uma luz dourada difusa, emanando do próprio metal. Suavemente a princípio, então um pouco mais forte, até que finalmente o brilho alcançou o centro... iluminando um minúsculo *F* metálico.

Ah, pensou Morrigan. Ela pressionou a marca do *F* no indicador direito sobre o círculo brilhante. Era morno ao toque.

A porta se abriu tão rápido, tão fácil, que ela deu um pulo para trás, arquejando, esperando que alguém a atacasse.

Não havia ninguém ali.

Ela piscou, olhando para uma saleta muito iluminada, que parecia uma

mistura de corredor, despensa e closet. As paredes revestidas de madeira escura estavam cobertas de espaços para pendurar roupas e armários com portas de vidro, todos vazios.

Morrigan se perguntou se aquilo sempre estivera ali. Seria parte do Deucalião ou será que a porta misteriosa a levara para um lugar totalmente diferente?

De frente para a porta por onde tinha acabado de passar, havia outra, idêntica à primeira. Morrigan correu até ela e pressionou o dedo no círculo dourado, mas nada aconteceu. Decepcionada, ela se deu conta de que o círculo de metal estava tanto frio quanto apagado.

— E agora? — sussurrou ela, virando-se para examinar o cômodo vazio.

Seus olhos pousaram na resposta. O cômodo não estava *inteiramente* vazio. Do outro lado da primeira porta, encontrava-se pendurado um único traje: botas, meias, calça, cinto, camisa, pulôver e casaco. Tudo preto, exceto a camisa, que era cinza. Tudo elegante, novo, recém-passado... e do tamanho de Morrigan.

— Ah-HÁ.

Em menos de um minuto, ela estava pronta — camisa abotoada, cadarços das botas amarrados, pijama largado no chão — e imediatamente o *F* dentro do círculo na segunda porta começou a brilhar. Morrigan sorriu e estendeu a mão para pressioná-lo.

A porta se abriu para uma pequena estação do Fabulotrem. Era limpa, organizada — apesar da fumaça residual e do leve ar de negligência — e sem adornos, exceto por um reluzente relógio de bronze que pendia do teto e um banco de madeira no fim da plataforma. Morrigan sentiu os ouvidos estalarem quando cruzou a soleira. A atmosfera tinha mudado; havia uma densa friagem no ar aqui e um cheiro sutil que lembrava óleo de motor.

Isso respondia à sua pergunta, então. Ela não estava mais no Hotel Deucalião. Por mais mutável que fosse o Deucalião, por mais poltronas em formato de polvo e redes balançantes e banheiras com pés em forma de garra que ele pudesse criar, o hotel decididamente *não* era subterrâneo e decididamente *não* tinha uma estação de trem vazia ao lado do quarto de Morrigan, no quarto andar.

Bem... *quase* vazia.

Uma garota com espessas tranças no cabelo encontrava-se sentada sozinha, os ombros caídos, as pernas pendendo na borda da plataforma. A porta de Morrigan fechou-se atrás dela com um estalo ruidoso e a garota virou-se com o barulho.

— Olá — disse Morrigan, um tanto formalmente.

— Já não era sem tempo.

Cadence Blackburn tinha o rosto sombrio agora, mas Morrigan tinha certeza de que vira sua expressão mudar de preocupação para alívio um segundo antes. Talvez porque tenha se dado conta de que não estava sozinha; que outro membro de sua unidade finalmente aparecera.

— Há quanto tempo está aqui, Cadence?

Não pela primeira vez, Cadence pareceu surpresa por ter sido lembrada. Ela dissera a Morrigan após o Desafio do Espetáculo que ninguém, afora Morrigan, se lembrava dela — essa era a desvantagem de ser hipnotizadora.

Morrigan, porém, nunca tivera problema em lembrar-se dela. Na verdade, achava Cadence inesquecível. Afinal, era inesquecível o fato de que ela roubara o cobiçado ingresso de Morrigan para o Jantar dos Anciãos durante o Desafio da Procura. Era inesquecível o empurrão que ela lhe dera e que a jogara em um lago na noite de Natalloween. Assim como era inesquecível o fato de que Cadence — surpreendente e *desconcertantemente* — a salvara de ser expulsa de Nevermoor. Era seguro dizer que Morrigan tinha sentimentos *muito* contraditórios em relação a Cadence.

— Algum tempo — disse Cadence. — A porta trancou quando passei.

Morrigan virou-se para ver que o anel dourado em sua própria porta havia parado de brilhar. Será que isso significava que o caminho de volta estava bloqueado para ela agora? Isso a fez sentir-se um pouco inquieta. Ela tentou pressionar o dedo no círculo.

Nada aconteceu. Estava frio e apagado.

— A minha é aquela ali — disse Cadence, apontando uma porta verde-floresta, a terceira após a preta. Havia oito portas além da de Morrigan; oito estilos e cores diferentes, levando a oito casas diferentes, ela supôs. — Ela apareceu em nossa sala de estar da noite para o dia. Mamãe não ficou

nada feliz. Tive de impedi-la de chamar o Fedor.

— A minha apareceu no meu quarto.

Cadence emitiu um grunhido desinteressado. O silêncio estendeu-se entre elas.

A plataforma era minúscula — certamente não tinha a extensão suficiente para que um Fabulotrem regular parasse ali. No entanto, a placa que pendia acima da plataforma anunciava: *ESTAÇÃO 919*.

— Isto é... espere. Não. Temos nossa própria estação? — perguntou Morrigan, a boca se escancarando de incredulidade. — Nossa própria estação *particular* do Fabulotrem?

— Parece que sim.

Havia na voz normalmente rouca de Cadence um leve tom de espanto que ela não conseguiu disfarçar. Jupiter tinha brincado sobre membros da Sociedade Fabulosa terem assentos reservados no Fabulotrem, mas uma estação particular, mesmo que minúscula, era infinitamente mais legal. Cadence se levantou e limpou o pó da calça preta. Ela fitou Morrigan com um olhar inquiridor.

— Então... é verdade mesmo? Você é uma Fabuladora de verdade?

Morrigan assentiu.

Cadence parecia não acreditar totalmente.

— Como você sabe?

— Só sei.

Ela não queria contar a Cadence a verdade. Que o próprio Ezra Squall tinha lhe dito. Que ela tivera uma conversa com o homem mais odiado de Nevermoor.

— Jupiter pode ver — acrescentou.

Cadence ergueu uma sobrancelha e Morrigan a observou com reservas. A garota tinha a expressão cautelosa e irritadiça de alguém prestes a dizer algo mordaz, mas com Cadence não se podia ter certeza de nada. Estava ficando claro que "cautelosa e irritadiça" talvez fosse simplesmente sua expressão habitual. Morrigan entendia.

— Isso faz de nós duas entidades perigosas. Duas em uma unidade. É muita coragem da parte deles — riu Cadence com um pouco de amargura. — Eles exigiram de você uma salvaguarda?

— Sim — disse Morrigan.

O pacto de salvaguarda fora uma rigorosa condição para seu ingresso na Sociedade. Nove cidadãos influentes e íntegros de Nevermoor que concordassem em responder pela credibilidade de Morrigan e... bem, na verdade ela não sabia o que mais eles precisavam fazer. Era uma daquelas estranhas tradições da Sociedade Fabulosa que Morrigan não compreendia totalmente, mas o importante era que, se Jupiter não tivesse conseguido convencer o Anjo Israfel a se tornar o último signatário do pacto de salvaguarda de Morrigan antes da cerimônia inaugural, ela não seria um membro da 919 nesse momento.

— Eu também — disse Cadence. — Três signatários. E você?

— Nove.

Cadence deixou escapar um assovio longo e baixo.

As duas ficaram caladas por um momento, mas o silêncio foi subitamente quebrado por três outras portas que se abriram ao mesmo tempo. Anah Kahlo, Francis Fitzwilliam e Mahir Ibrahim surgiram, parecendo igualmente atordoados e intrigados, ajeitando seus novos uniformes. Em instantes, a eles se juntaram Thaddea, Archan, Lambeth e...

— Estas BOTAS não são bacanas?

Hawthorne pisou dramaticamente na plataforma. Ele sorriu para Morrigan e pôs as mãos nos quadris, estufando o peito.

— Estas roupas não são o máximo? — continuou. — Agora entendo por que você gosta de usar preto. Eu me sinto um SUPER-HERÓI. Você não se sente um super-herói?

— Não muito — admitiu Morrigan.

— Eles deviam nos dar capas! Você não acha? Será que devemos perguntar se eles podem nos dar capas?

— É melhor não.

— Isto é uma estação do Fabulotrem? Parece. — A atenção dele percorreu todo o lugar, rápida como um cachorro avistando esquilos no parque. — Está um pouco suja, não está? Mas eu não me importo. Mamãe diz que sujeira é bom para o sistema imunológico. Onde estamos? Estação 919? Nunca ouvi falar de nenhuma... ah! AH! Não brinca. Morrigan, acho que esta pode ser...

— Sim — ela cortou. — Nossa própria...

— Nossa própria ESTAÇÃO?

— Isso!

— Ah, não BRINCA!

Morrigan sorriu. Ela descobriu que se sentia mais feliz do que de hábito com o incontido entusiasmo de Hawthorne pelo mundo à sua volta. Era uma distração aos olhares silenciosos e desconfiados dos outros membros da unidade. Anah havia se colado à parede, o mais distante de Morrigan que era possível ficar em um espaço tão pequeno. Como na primeira vez em que as duas se viram, Morrigan defendera Anah de uma valentona, tinha de admitir que considerava esse comportamento um pouco ofensivo. No entanto, tentou manter uma expressão neutra para que Anah não pensasse que Morrigan estava lançando um feitiço nela ou algo assim.

Hawthorne deu um salto bem alto, estendendo a mão para tocar a placa da plataforma que pendia acima deles, fazendo-a balançar para a frente e para trás, rangendo alto.

— Quando vocês acham que o trem...

— Agora — disse prosaicamente uma voz do canto da plataforma.

Todos se viraram naquela direção. Lambeth estava sentada no chão, de pernas cruzadas e costas eretas, olhando para a boca escura do túnel. Ela era pequena e tinha um ar sério, pele acobreada e cabelos longos e pretos, macios como seda.

O restante da unidade trocou olhares, esperando que ela elaborasse.

Morrigan pigarreou.

— Desculpe, o que...

Lambeth voltou-se para olhar o restante da unidade, mantendo um dedo no ar como se pedisse que esperassem. Segundos depois, o chão começou a tremer sob seus pés. Um apito soou em algum ponto no interior do túnel e a resposta à pergunta de Hawthorne surgiu diante de seus olhos.

— Sinistro — disse Hawthorne.

— Você quer dizer *bizarro* — replicou Thaddea, lançando um olhar de esguelha para Lambeth, que parecia tão majestosa e tranquila sentada no chão da estação quanto uma rainha sentada no trono.

Não se tratava exatamente de um trem, mas de um único vagão. Parecia

estranho assim sozinho, como uma cabeça que tivesse perdido o corpo. Estava um pouco amassado e desgastado, mas limpo e reluzente como uma moeda de meio kred de latão, e lançava pequenas e alegres baforadas de vapor branco no ar à medida que reduzia a velocidade até parar. Na lateral, havia um grande *F* preto e, embaixo dele, o número 919, que parecia recém-pintado.

O apito do trem tornou a soar, as portas se abriram e uma jovem saiu para a plataforma, tendo nas mãos um pedaço de papel amassado. Parecendo cheia de energia, alta e de pernas compridas, ela não se curvava à maneira como algumas pessoas altas se curvam para que outras não fiquem intimidadas. A jovem tinha a postura de uma bailarina, pensou Morrigan — ombros para trás, pés ligeiramente virados para fora.

— Lambeth Amara, oráculo de curto alcance — chamou a mulher, consultando o papel. — Cadence Blackburn, hipnotizadora. Morrigan Crow, Fabuladora. Francis Fitzwilliam, gastrônomo. Mahir Ibrahim, linguista. Anah Kahlo, curandeira. Thaddea Macleod, lutadora. Hawthorne Swift, cavaleiro de dragões. Archan Tate, batedor de carteiras.

Ela olhou alegremente para os nove rostos que a encaravam. Não tinha se encolhido nem feito careta ao dizer a palavra *Fabuladora*. Nem sequer piscara. Morrigan já gostava dela.

— Que variedade — comentou ela. — Todos aqui?

Os membros da Unidade 919 se entreolharam e assentiram vagamente.

— Vamos embarcar, então.

Sorrindo, ela fez sinal para que a acompanhassem e desapareceu pela porta do vagão. Hawthorne a seguiu avidamente, e Morrigan e os outros fizeram fila atrás dele.

— Uau — disse Hawthorne ao entrar.

— Legal — sussurrou Mahir.

— Incrível — observou Thaddea.

Demais, pensou Morrigan.

Parecia que alguém pegara um velho vagão de Fabulotrem e, depois de estripá-lo, o transformara em uma sala de estar comprida e aconchegante. Grandes almofadas irregulares e poltronas macias, uma variedade de mesinhas de centro e abajures, e um sofá velho e desgastado estavam

posicionados ordenadamente no espaço. Havia um pequeno fogão a lenha com uma chaleira de cobre no canto, um caixote cheio de gravetos e uma pilha de mantas de crochê em um arco-íris de cores. Uma única mesa de madeira, pintada de vermelho com adesivos por toda parte, ficava bem na frente do vagão. As paredes estavam cobertas de pôsteres com frases inspiradoras como SEJA O MELHOR QUE VOCÊ PODE SER e NÃO HÁ "EU" EM UMA EQUIPE e um quadro de cortiça com avisos coloridos e cartões-postais. O espaço era apinhado, mas confortável. Caótico, mas limpo. Era maravilhoso.

— Eu mesma decorei. O que vocês acham?

A jovem os observava sem fôlego, com a expressão de alguém entregando um presente de Natal cuidadosamente escolhido a uma pessoa querida. Ela estava praticamente na ponta dos pés.

— Vocês deviam ter visto isto antes. Estava *bem* precário. Sinto pena da última unidade que teve este vagão. Nove mesas sem graça, nove cadeiras duras. Nem um sofá! Nem pufes! Nenhuma lareira... e aqui *congela* no inverno, podem acreditar. Nem mesmo um pote de biscoitos! Vocês acreditam? — Ela apontou um grande pote de cerâmica em forma de urso-polar na mesa vermelha. — Prometo que este pote estará sempre cheio. Mas nada daqueles sem graça... Estou falando de biscoitos de chocolate decentes. Rosquinhas cor-de-rosa. Biscoitos recheados e outras gostosuras. Uma coisa que todos vocês precisam saber sobre mim: sou muito exigente com biscoitos.

Ela pegou o pote e o circulou pelo vagão, sorrindo enquanto eles comiam em silêncio e parecendo empolgadíssima por ter sido capaz de atender a essa mais fundamental das necessidades.

— Sentem-se, sentem-se.

Todas as crianças se sentaram, acomodando-se entre a miscelânea de móveis. Morrigan escolheu uma das enormes almofadas no chão e Hawthorne a que estava ao lado dela. A mulher se acomodou confortavelmente em uma poltrona de veludo. Com seu pulôver rosa enorme, legging xadrez verde e tênis amarelo, ela parecia uma caixa de giz de cera derretida, em intenso contraste com a Unidade 919 que, toda de preto, poderia passar por carpideiras em um enterro. Uma nuvem

encaracolada de cabelos pretos em formato de bulbo estava amarrada e afastada do seu rosto com um cachecol dourado.

— Sou a srta. Cheery. Marina Cheery. Sua condutora.

Morrigan olhou rapidamente para os outros, perguntando-se se deveria saber o que era uma condutora. O olhar de Hawthorne encontrou o dela e ele deu de ombros.

— Um nome meio idiota esse "srta. Cheery". Quer dizer "animada". Mas prometo que me esforçarei para fazer jus a ele. Eu *deveria* pedir que me chamassem de Condutora Cheery, mas, se querem saber, acho ainda mais idiota. Então, vamos optar por srta. Cheery, tudo bem?

A Unidade 919 assentiu, as bocas cheias de biscoito.

A srta. Cheery observou a unidade com uma expressão orgulhosa e energizada, como se ali estivessem as nove pessoas mais importantes do mundo. Seus olhos eram brilhantes e gentis, sua pele era marrom, do tom mais profundo e cálido, e seu sorriso talvez fosse o mais agradável que Morrigan já vira em um rosto. Na vida.

— Bem-vindos ao Casatrem — disse ela, abrindo os braços para indicar tudo à sua volta. — Nos seus próximos cinco anos como estudantes, este pequeno e confortável vagão será seu transporte, seu refúgio e sua base. Vamos começar e acabar cada dia letivo aqui, todos nós juntos. Vou pegá-los na Estação 919 todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, e depois os deixarei aqui ao fim do dia. Fácil assim. Nós o chamamos de Casatrem porque é para isso que ele serve, entendem? Para levar vocês para casa. Mas também é assim que quero que pensem neste veículo. — Ela olhou séria para eles. — Como sua segunda casa. Um lugar onde vocês podem se sentir em segurança e felizes. Onde todos os apoiam, nenhuma pergunta é boba e ninguém vai julgá-los. Então, tendo isso em mente... alguém tem perguntas?

Francis levantou a mão.

— Qual é o seu talento?

— Que bom que você perguntou, Francis — disse ela, sorrindo. — Sou uma equilibrista, ando na corda bamba. Formada na Escola de Artes Mundanas, da qual tenho muito orgulho.

Bingo, pensou Morrigan. Não é uma bailarina, mas está bem perto.

Não é de admirar que tenha essa postura excelente.

— O que é a Escola de Artes Mundanas? — perguntou Mahir.

— Ah! Que ótima pergunta.

A srta. Cheery levantou-se da cadeira com um salto e atravessou o vagão até onde estava pendurado um grande cartaz em preto e branco mostrando três círculos concêntricos, como um alvo: um anel externo cinza, um anel central branco e um círculo preto no centro.

— A Sociedade Fabulosa está dividida em duas correntes de conhecimento: os Mundanos e os Arcanos. — A srta. Cheery apontou para o círculo externo cinza. — Este grande círculo aqui representa os Mundanos, entre os quais eu me incluo. Esse é o maior setor da Sociedade Fabulosa, engajado em artes, atos e serviços voltados para o público, compreendendo talentos baseados predominantemente nas disciplinas médicas, esportivas, cênicas, criativas, de engenharia e políticas. Primeira linha de ataque na gestão do apoio popular e financeiro crucial para a Sociedade Fabulosa continuar seu trabalho vital.

Morrigan franziu o cenho ao ouvir essas palavras. Qual *era* exatamente o trabalho vital da Sociedade Fabulosa? Ninguém jamais tinha lhe dito... e ela percebeu, com um certo constrangimento, que nunca lhe ocorrera perguntar.

A srta. Cheery prosseguiu, recitando as palavras como se as tivesse decorado para uma prova.

— Essencialmente, nós Mundanos encantamos o público e trazemos o dinheiro. Pensem em seu músico preferido, seu atleta preferido, o melhor circo que já viu, o político mais inteligente que já ouviu no noticiário, os arquitetos e engenheiros mais brilhantes da cidade... eles são provavelmente da Sociedade Fabulosa, o que significa que provavelmente são formados na Escola de Artes Mundanas. Fazemos coisas incríveis no mundo para manter a opinião popular firmemente a favor da Sociedade Fabulosa. — Ela sorriu. — Nosso lema dentro da Soculosa é "*Experimente só ir em frente sem a gente*".

Ela apontou o círculo branco do meio.

— Esta parte representa os Arcanos. Apenas um terço do contingente de Mundanos, mas tão importantes quanto e... *algumas* pessoas diriam... duas

vezes mais poderosos. Engajados em artes, atos e serviços voltados para o secreto, compreendendo talentos baseados predominantemente nas disciplinas mágicas, sobrenaturais e esotéricas: as bruxas, os oráculos, os médiuns, os feiticeiros, entre outros. Em geral, eles constituem a linha de frente da defesa na proteção da Sociedade, da cidade e do Estado Livre contra forças que queiram prejudicá-los. Seu lema é *"Se não fosse a gente, vocês todos estariam falando zumbi"*.

— E o que o círculo preto representa? — perguntou Cadence, apontando o centro do cartaz.

— Ah... — A srta. Cheery fitou o papel e deu de ombros, como se nunca tivesse pensado a respeito. — É só para representar a Sociedade como um todo.

— Quando vamos descobrir para que escola vamos? — indagou Thaddea, sentando-se o mais ereta possível em seu pufe.

Ela estalava os dedos, parecendo ansiosa para começar a *proteger o Estado Livre contra forças que queiram prejudicá-lo*.

— Desabotoem o casaco — instruiu a srta. Cheery — e mostrem a manga da camisa.

Eles obedeceram e Morrigan notou pela primeira vez que, enquanto a maioria estava usando camisas cinza, iguais à sua, dois deles vestiam camisa branca.

— Ah, pronto — disse a srta. Cheery. — Então meus colegas de mangas cinza são Anah, Arch, Mahir, Hawthorne, Morrigan, Thaddea e Francis. E nossos Arcanos de mangas brancas são Lambeth e hã... hum... — ela baixou os olhos para o papel em sua mão, correndo o dedo pela lista de nomes — ... Cadence! Certo. Faz sentido. Cadence é uma hipnotizadora, vejam, e...

— Quem é Cadence? — perguntou Francis.

A srta. Cheery indicou com a cabeça o ponto onde Cadence se encontrava olhando furiosa para eles. Toda a unidade — exceto Morrigan — voltou-se para ela com olhares de surpresa, como se tivessem acabado de perceber que ela estava sentada ali. (Eles *tinham* acabado de perceber que ela estava sentada ali.)

— Humm — disse a srta. Cheery, fazendo uma anotação no papel. —

Sim. Vamos ter de fazer alguma coisa sobre isso. De qualquer forma, Cadence é uma hipnotizadora e Lambeth é um radar, que é um tipo bem específico de oráculo com mais previsões de curto prazo do que profecias de longo alcance. Esses são dois talentos raros, mesmo nas Artes Arcanas. Temos sorte de contar com vocês na nossa unidade, garotas.

Cadence pareceu ligeiramente apaziguada com isso. Lambeth estava lendo os cartazes nas paredes enquanto sussurrava alguma coisa e não parecia nem remotamente interessada na conversa. Ela deu um sorrisinho rápido, como se alguém tivesse dito algo engraçado, então franziu a testa e em seguida seu rosto se iluminou novamente. Morrigan a observava com atenção. Se Lambeth era um radar, estava obviamente sintonizada em uma frequência inteiramente diferente da de todos os outros.

O restante da unidade estava dividido entre os que lançavam olhares furtivos para Morrigan e aqueles que a fitavam abertamente. Ela sabia o que estavam pensando, porque estava pensando exatamente a mesma coisa.

Por que ela estava na Escola de Artes Mundanas, quando Cadence e Lambeth estavam nas Arcanas? O que havia de mundano em ser uma *Fabuladora*?

— A senhorita é boa? — perguntou Thaddea, lambendo chocolate dos dedos e mudando totalmente de assunto. — Na corda bamba?

Que pergunta grosseira, pensou Morrigan... e também não muito inteligente, visto que a srta. Cheery era *obviamente* boa o suficiente para entrar para a Sociedade Fabulosa. Ela suspeitava que Thaddea só estivesse perguntando por estar aborrecida por não ter sido designada para a Escola de Artes Arcanas. Morrigan duvidava que ela houvesse gostado da frase "tão importantes quanto e duas vezes mais poderosos".

— Bastante, sim — respondeu a srta. Cheery, dando de ombros. — No entanto, nunca fui condutora antes, então minha expectativa é de que não seja muito boa, pelo menos inicialmente. Sejam legais comigo enquanto pego a manha, está bem?

Com isso, ela sorriu diretamente para Morrigan, e Morrigan não pôde deixar de retribuir o sorriso. Ela já gostava da srta. Cheery. Ganhando coragem, ergueu a mão.

— Senhorita, o que é exatamente um condutor?

— Ah, sim. — Ela deu um tapa de leve na própria testa, rindo. — Só esqueci do mais importante, não é mesmo? Toda nova unidade na Sociedade Fabulosa tem um condutor, que os acompanha em seus primeiros anos acadêmicos. Meu trabalho é levá-los aonde vocês precisam estar. Obviamente, estou falando de uma maneira prática, rotineira... Eu os transportarei fisicamente para a Soculosa e os tirarei de lá, como a condutora deste Casatrem.

"Em um sentido mais amplo, porém, estou aqui para ajudá-los a chegar *aonde precisam estar* ao fim desses primeiros anos, uma espécie de... guia, suponho. Para ajudá-los a conduzir sua educação na Soculosa. Se vocês precisarem de alguma coisa para as aulas, algum equipamento especial, kit ou algo assim, eu providencio. Já fiz um grande pedido ao Almoxarifado esta semana."

Ela começou a conferir uma lista imaginária nos dedos.

— Luvas de boxe, armaduras à prova de fogo, um conjunto completo de facas de cozinha, um tanque de privação sensorial... Vocês são um grupo muito interessante, não é mesmo?

Risos percorreram a unidade. Morrigan olhou para Hawthorne e sorriu. Era isso mesmo; estava acontecendo *de verdade*. O primeiro dia do resto de suas vidas. Ela mal podia esperar para começar.

— Vou trabalhar com cada um de vocês — prosseguiu a srta. Cheery —, com seus patronos e com as Mentoras Acadêmicas para garantir que vocês tenham um cronograma de aulas planejado para maximizar seu potencial como membros da Sociedade Fabulosa, assim como seres humanos e cidadãos completos do Estado Livre. Para ajudá-los a aperfeiçoar seus talentos, mas também para polir os muitos outros dons que vocês podem oferecer ao mundo. Incluindo... ou melhor, *especialmente*... seus corações generosos e espíritos corajosos. E espero, mais do que tudo, que possamos todos ser amigos. Parece a opção mais sensata, já que vocês ficarão comigo pelos próximos cinco anos — concluiu ela, radiante.

Se alguma outra pessoa tivesse falado sobre seu "coração generoso" e "espírito corajoso" com uma expressão de aprovação tão radiante, Morrigan poderia ter tido ânsias de vômito. Mas havia algo na srta.

Cheery que a fazia querer simplesmente sentar-se em silêncio e ouvir atentamente todas as palavras que ela dizia.

— Certo, então — disse a condutora, batendo palmas duas vezes. — Hora de levar vocês ao seu destino. É o dia da instrução e vocês farão uma visita especial com Paximus Luck, seus sortudos!

— Não BRINCA — disse Hawthorne, seu rosto se iluminando como se este tivesse acabado de se transformar no melhor dia de sua vida. — Paximus Luck? Sério?

— Sério — confirmou a srta. Cheery, sorrindo.

— O *verdadeiro* Paximus Luck, em carne e osso? O Valente? — esclareceu Mahir. — O famoso mestre ilusionista e rei das pegadinhas e artista de rua justiceiro?

— O próprio.

Mahir e Hawthorne trocaram sorrisos perplexos.

Morrigan não tinha a menor ideia de quem era Paximus Luck. *Deve ser uma coisa de Nevermoor,* pensou ela.

— Mas eu achava que a identidade dele fosse um segredo... — observou Cadence.

— Sim, bem, ele é muito menos exigente em relação a isso do que você imagina — disse a srta. Cheery. — Pelo menos dentro da Soculosa. Pax conduz a visita dos novos alunos todos os anos há décadas.

A condutora levantou-se de seu assento com um salto e correu para a frente do vagão, onde assumiu o comando de uma série de alavancas e botões. O motor gemeu alto e vibrou, ganhando vida.

— Esperem só pra ver. Ele sempre faz um truque épico no primeiro dia para a unidade iniciante. No ano passado ele fez um rebanho de mamutes peludos sair em debandada pelas portas de entrada da Casa do Orgulho e então desaparecer na floresta, como fantasmas. Era só uma ilusão, é claro, mas ainda assim... foi muito legal.

— Uau — suspirou Arch.

— Certo. Agora vamos nessa ou vocês vão chegar atrasados para o melhor dia de suas vidas — anunciou a srta. Cheery por cima do ombro. — Alguma outra pergunta?

Hawthorne ergueu a mão no ar.

— Senhorita, podemos usar capas?

CAPÍTULO CINCO

Dearborn e Murgatroyd

— Estação do Orgulho. A mais antiga estação do Fabulotrem de Nevermoor — anunciou a srta. Cheery. — A maioria das pessoas nem sabe que ela fica aqui no campus da Soculosa, no meio do Bosque Queixoso.

O Casatrem 919 emergiu do túnel do Fabulotrem, entrando na luminosidade fervilhante e animada da estação de trem mais linda que Morrigan já vira. Ela contou seis plataformas, conectadas por pitorescas passarelas de tijolos vermelhos cobertas por hera, iguais às trepadeiras que subiam pelas paredes da Casa do Orgulho. Havia bancos de madeira polida e salinhas de espera com paredes de vidro. A estação era cercada por uma densa floresta verde, e as árvores curvavam-se protetoramente sobre o telhado, formando um dossel natural em formato de domo. Ainda era cedo — o céu tinha um tom frio de azul, típico do amanhecer —, mas a pouca luz que havia se filtrava pela folhagem, formando poças matizadas. Lâmpadas a gás penduradas nas plataformas começavam a se apagar, uma a uma.

Apesar de ser muito cedo, três outros Casatrens (os números 918, 917 e 916 pintados em suas laterais), uma locomotiva a vapor padrão e um grupo de pequenos vagões já estavam estacionados em várias plataformas.

A srta. Cheery parou na Plataforma 1, que fervilhava com os membros da Sociedade, jovens e velhos, e abriu a porta do vagão para que a Unidade 919 desembarcasse. As paredes da plataforma estavam cobertas por formulários de inscrição para todo tipo de clube, grupo, banda e sociedade dentro da Sociedade. Morrigan não gostou do que propunha o Clube de Estabelecimento de Metas e Realizações para Jovens Altamente Ambiciosos, que se reunia nas noites de segunda, terça, quarta e quinta, e o domingo inteiro, mas pensou que provavelmente poderia participar do

Introvertidos Absolutamente Anônimos, que prometia jamais marcar encontros ou reuniões.

Havia uma atmosfera de empolgação agitada na estação. As pessoas se agrupavam, falando em sussurros. Morrigan ouvia fragmentos de conversas.

— ... ninguém sabe, os Anciãos não falam nada...

— ... um dos truques dele, talvez?

— ... nunca fez isso antes...

A srta. Cheery franziu a testa, parecendo um pouco desconcertada com a cena.

— Alguma coisa errada, senhorita? — perguntou Morrigan.

— Não exatamente, mas em geral o primeiro dia de volta das férias é um pouco mais festivo. Paximus Luck costuma estar aqui esperando por...

— Tudo bem, Marina?

Um rapaz se inclinou para fora da porta do Casatrem 917, chamando a srta. Cheery. Ele saltou para a plataforma e correu até ela.

— Ouvi dizer que você tinha virado condutora. Parabéns!

— Obrigada, Toby — disse ela, distraída. — O que está acontecendo? Cadê o Valente?

A expressão de Toby tornou-se sombria.

— Ninguém sabe. Ele desapareceu durante a noite.

A srta. Cheery fez uma careta.

— Mas isso é impossível.

Morrigan lembrou-se subitamente de uma conversa quase idêntica de Jupiter com seu amigo Israfel na Véspera da Primavera, sobre Cassiel, o anjo que havia desaparecido.

— O Valente não sumiria na véspera de uma visita de instrução. Ele nunca perdeu um dia sequer em vinte e cinco anos.

Outro desaparecimento.

Um pavor vago e indefinido começou a enroscar-se na barriga de Morrigan como uma serpente. Era uma sensação que ela conhecia bem. A sensação de que alguma coisa, em algum lugar, dera muito errado, e que a culpa poderia ser dela.

Pare com isso, Morrigan disse a si mesma com dureza, e sacudiu a

cabeça como se quisesse espantar aquele pensamento terrível. *Você não tem nada a ver com isso. Você. Não. É. Amaldiçoada.*

Ela desejou poder enviar um bilhete para Jupiter.

Os ombros da srta. Cheery se curvaram e ela correu o olhar, desesperada, pela estação.

— Quem vai guiar a visita, então?

— Hã...

Toby tinha a expressão de alguém prestes a dar uma notícia verdadeiramente horrível.

A srta. Cheery conduziu a Unidade 919 para a saída da estação e apontou um caminho largo, coberto de árvores, que seguia em linha reta até a Casa do Orgulho, toda solene a distância.

— Não saiam do caminho, tá? E em *nenhuma* hipótese se aventurem no Bosque Queixoso.

— Ele é perigoso, senhorita? — perguntou Francis, espiando nervoso através do matagal.

— Não, só irritante. — A srta. Cheery se inclinou para a frente, como se não quisesse que as árvores escutassem suas palavras. — Uma vez que comecem a se lamentar, não se calam nunca mais, portanto não demonstrem simpatia. Agora, ouçam, vocês todos. Parece que, hã, uma das Mentoras Acadêmicas vai fazer a visita com vocês. A sra. Dearborn ou a sra. Murgatroyd vai encontrar vocês na escada da Casa do Orgulho. Portanto — fez uma pausa, suspirando profundamente — apenas... apenas se comportem, mantenham a cabeça baixa e sobrevivam, está bem?

Com essas inspiradoras palavras finais, a condutora os despachou da estação e a Unidade 919 começou a caminhada curta — e agora ligeiramente assustadora — até a Casa do Orgulho.

Morrigan pensou ter ouvido murmúrios abafados e ressentidos vindo de algum lugar entre as árvores a distância, à esquerda ("... andando por aqui com seus sapatos enormes a essa hora da manhã, sem nenhum respeito..."), mas, seguindo o conselho da srta. Cheery, os ignorou. Ela e Hawthorne ficaram para trás no grupo, conversando baixinho.

— Não posso *acreditar* — resmungou Hawthorne. — Quando estamos prestes a conhecer Paximus Luck, ele vai e desaparece! De todo azar que podíamos ter! A menos que... ah! — Uma coisa lhe ocorreu. — Ahhhh. Espera. Você acha que isso é parte da pegadinha?

— Talvez — disse Morrigan em tom de dúvida. — Uma pegadinha sem graça.

— Nan me contou tudo sobre as Mentoras Acadêmicas — continuou Hawthorne. — Disse que Murgatroyd é uma verdadeira ameaça.

(Houve um farfalhar de folhas à sua direita e um gemido lastimoso. Uma voz abafada e aguda veio das árvores: "Ai, meus galhos não param de doer hoje...")

— Foi o que Dame Chanda disse também — observou Morrigan um pouco mais alto, tentando abafar o Bosque Queixoso. — Algo desse gênero.

— Nan disse que, se eu for arrumar encrenca...

Morrigan riu.

— *Se?*

— ... é melhor eu torcer para que seja Dearborn que descubra, não Murgatroyd. Disse que, no que diz respeito a Murgatroyd, é melhor passar o mais despercebido possível. Eu disse a ela: Nan, em primeiro lugar, estou ofendido por você supor que vou arrumar encrenca. — Sorriu de lado para Morrigan, que soltou mais uma gargalhada. — E, segundo, eu obviamente só terei de cuidar para que nenhuma das duas descubra, não é?

O céu estava clareando quando os mais novos alunos da Sociedade Fabulosa emergiram do caminho na floresta. Enquanto subiam a colina íngreme e coberta pela geada a caminho da Casa do Orgulho, uma linha dourada e pálida no horizonte tornou-se cor-de-rosa, desabrochando no céu como uma flor gigantesca e iluminando a fachada de tijolos vermelhos.

Havia uma mulher na escada da Casa do Orgulho esperando para lhes dar as boas-vindas. Ou não dar as *boas-vindas*, exatamente, viu Morrigan à medida que se aproximavam. Mais para... *encará-los em silêncio gelado*.

Ela se encontrava imóvel como uma estátua, vestida com o típico preto da Sociedade Fabulosa, exceto pela frente da camisa cinza que aparecia sob a capa. Os cabelos eram tão louros que chegavam a ser quase prata, presos

no alto da cabeça em um coque antiquado que a fazia parecer muito mais velha do que seu rosto jovem e sem rugas sugeria, pensou Morrigan. A mulher tinha a pele imaculada e branca de alguém que se cuidava muitíssimo bem e provavelmente passava um tempo enorme entre quatro paredes. Os olhos eram de um azul glacial, as maçãs do rosto afiadas como facas. Esses traços combinados poderiam tê-la feito parecer bonita. Em vez disso, o efeito geral era o de uma geleira em forma humana: fria, dura, intocável. Ela os olhou de cima, do topo da escada da Casa do Orgulho, como se fossem insetos que ela planejava esmagar sob os elegantes sapatos pretos.

Essa deve ser a Murgatroyd, pensou Morrigan. Lembrando-se do conselho que Nan dera a Hawthorne, tentou encolher-se e se tornar imperceptível.

— Bom dia, Unidade 919 — disse a mulher.

Sua voz fez Morrigan pensar em uma folha de vidro: perfeitamente lisa em toda a superfície, com uma ponta afiada escondida no fim.

— Sou Dulcinea Dearborn — apresentou-se.

Morrigan engoliu uma leve exclamação de surpresa.

— Sou a Mentora Acadêmica da Escola de Artes Mundanas — continuou a mulher. — No entanto, apesar das infinitas responsabilidades e carga de trabalho que acompanham tal título... e graças ao inoportuno desaparecimento de um palhaço irresponsável... os Anciãos, em sua sabedoria, me apontaram como guia da visita de vocês hoje. Eu me conforto em saber que vocês vão gostar desta ocasião ainda menos do que eu.

"Podem me chamar de sra. Dearborn ou de Mentora Acadêmica. Mas não podem me chamar de srta. Dearborn, Professora Dearborn, tia, mãe, mamãe, nem qualquer coisa parecida. Eu não sou parente de vocês. Não sou babá. Não tenho tempo para problemas infantis. Caso surja algum, o levem para discutir com a condutora da unidade ou o reprimam bem fundo no poço da alma, onde não vá mais perturbá-los. Fui clara?"

A Unidade 919 assentiu, em silêncio, como se fossem um só. Depois da recepção alegre e calorosa da srta. Cheery e do aconchego do Casatrem, conhecer a sra. Dearborn era como um banho de água fria. Morrigan não

pôde deixar de se perguntar que pobre e iludido aluno havia um dia chamado de mamãe esse iceberg em forma de mulher.

— O que vocês devem se lembrar antes de qualquer outra coisa, alunos, é isto: Vocês. Não. São. Importantes. Todo ano é a mesma coisa: a mais nova unidade de alunos é introduzida em nossas fileiras, os últimos nove em uma longa e ininterrupta fila dos indivíduos mais Fabulosamente Fabulosos do Estado Livre. Vocês chegam com a bagagem de uma vida inteira sendo tratados como especiais, acostumados a ser os mais talentosos, os mais inteligentes, os mais adorados e admirados em suas pequenas e enfadonhas famílias, escolas e comunidades.

Morrigan tentou reprimir a expressão de deboche. Discordava profunda, veemente, completamente — mas silenciosamente, é claro — dessa afirmativa.

— E quando chegam à minha porta — prosseguiu Dearborn —, esperam o mesmo tratamento. Esperam ser mimados e paparicados. Elogiados e amados. Vocês querem que todos os adultos importantes e ocupados que passam pelo campus da Soculosa interrompam o caminho para admirar vocês. Para exclamar: "Ah! É o nosso mais novo lote de pequenos Fabulosos! Olha como são supermaravilhosos!"

Ela fez uma pausa, olhando para cada um deles, abrindo um sorriso enjoativo que se deformou, transformando-se em uma careta.

— Bem, podem esquecer isso. Lembrem: VOCÊS. NÃO. SÃO. IMPORTANTES. Não nestes espaços sagrados. Ninguém vai segurar suas mãozinhas ou limpar seus narizinhos. Todos na Soculosa têm um trabalho a fazer. Cada estudante, mais novo ou mais velho, cada ex-aluno, cada professor, cada patrono, cada Ancião, cada Mestre. Isso inclui vocês. Sua tarefa é ser respeitosos para com aqueles que estão acima de vocês, cumprir as ordens que recebem e se aprimorar constantemente, preparando-se para o dia em que, se tiverem sorte, serão chamados para se fazerem úteis. Entenderam?

Morrigan não tinha entendido. Não tinha certeza do que a sra. Dearborn queria dizer com "se fazerem úteis". Naquele momento, porém, ela teria preferido colocar a mão em um tanque cheio de peixes carnívoros a pedir uma explicação, então murmurou com o restante dos colegas:

— Sim, Mentora Acadêmica.

— Muito convincente.

Com isso, Dearborn girou nos calcanhares e seguiu direto para a grandiosa entrada da Casa do Orgulho, evidentemente esperando que eles a seguissem.

— Nosso cronograma acadêmico segue o ano-calendário e é dividido em dois períodos, o primeiro começando na primavera e o segundo, no outono. Durante as férias de verão, espera-se que vocês...

Eles subiram juntos os degraus enquanto o sermão continuava, e Hawthorne inclinou-se para Morrigan:

— Lindo discurso — sussurrou ele no ouvido da amiga. — Eu sinto até um calor no coração.

Sua primeira lição foi descobrir que, bem embaixo dos cinco luminosos e elegantes andares da Casa do Orgulho, os verdadeiros corredores da Soculosa eram escuros, labirínticos e intermináveis.

— Há nove níveis subterrâneos — informou a sra. Dearborn, conduzindo os novos alunos por um longo corredor, cheio de ecos, que saía do saguão na entrada.

Sua voz era áspera e profissional, os saltos pretos e lustrosos ressoando ruidosamente nas tábuas do assoalho de madeira. Morrigan, Hawthorne e o restante da unidade eram obrigados a andar duas vezes mais rápido do que estavam habituados para conseguir acompanhá-la.

— O Nível Sub-Um é destinado primariamente às refeições, ao alojamento e às instalações recreativas para a equipe acadêmica e membros adultos da Sociedade que vêm visitar. Fora de questão para vocês. No Sub-Dois, vocês encontrarão o refeitório para alunos, o Almoxarifado e o alojamento para alunos avançados, que podem morar no campus se assim desejarem.

A visita turbulenta do Sub-Dois deu a Morrigan uma breve ideia do dia a dia na Soculosa. O refeitório dos alunos era um espaço circular movimentado, um ambiente confortável e acolhedor, onde se via um conjunto aleatório de mesas e cadeiras. Em uma das extremidades,

pequenas mesas de ferro forjado, no estilo dos cafés, disputavam espaço com placas de madeira retangulares lascadas e sujas de tinta e bancos descasados, enquanto na outra ponta poltronas surradas estavam dispostas em torno de uma imensa lareira.

Algumas das mesas estavam ocupadas por alunos mais velhos tomando café, lendo os jornais matutinos e conversando diante de bules de chá compartilhados. Morrigan quase precisou segurar Hawthorne quando ele captou o cheiro de bacon.

— Eu ainda nem tomei café! Você pode *imaginar* isso? — sussurrou ele, escandalizado. — Atravessei aquela porta idiota antes de pensar nisso, sabe?

— Humm.

Morrigan não estava ouvindo de verdade. Ela pensou perceber um senso de urgência na tagarelice abafada dos alunos mais velhos, e se perguntou se estariam discutindo o desaparecimento de Paximus Luck. A sra. Dearborn atravessou o refeitório com eles e saíram diante de um conjunto de grandes esferas de metal pendendo de um trilho. Ela então deu meia-volta, ficando de frente para eles.

— Nosso sistema interno de transporte por cápsulas cobre todas as direções em todos os níveis subterrâneos — anunciou ela em uma voz entediada, quase mecânica. — Estas cápsulas levarão vocês a qualquer lugar da Soculosa, desde que tenham permissão para ir lá, bem como a determinadas estações do Fabulotrem fora do campus. Alunos mais novos só podem sair do campus com permissão explícita de uma Mentora Acadêmica ou de seu patrono. Sua marca sabe aonde vocês podem ir. O limite máximo é rigorosamente uma dúzia de passageiros por cápsula.

"Os Níveis Sub-Três, Sub-Quatro e Sub-Cinco comportam as instalações acadêmicas da Escola de Artes Mundanas. Os Níveis Sub-Seis, Sub-Sete e Sub-Oito são dedicados à Escola de Artes Arcanas. O Sub-Nove está fora do alcance de todos os alunos.

"Os sete de vocês que estão sob o meu domínio como Mentora Acadêmica Mundana obviamente não terão nenhuma necessidade de se aventurar além do Sub-Cinco, portanto suas autorizações não irão além desse ponto. Srta. Blackburn e srta. Amara, vocês duas terão aulas na

Escola de Artes Arcanas. A sra. Murgatroyd, a Mentora Acadêmica Arcana, virá mais tarde, ainda nesta manhã, para levá-las até lá."

Uma vez tendo conduzido todos eles para o interior de uma cápsula esférica de metal, a sra. Dearborn pressionou sua marca de *F* na reluzente contraparte na parede e em seguida puxou uma série de alavancas em um complexo padrão que Morrigan tentou decorar, sem sucesso. A cápsula desceu vários níveis em uma velocidade de revirar o estômago e estalar o ouvido. Então — para surpresa de todos, exceto da sra. Dearborn —, o veículo deu uma guinada para a frente, indo abruptamente para a esquerda, para trás e novamente para a esquerda... e para cima, para cima, para cima, em um movimento brusco de zigue-zague, as luzes acima da porta piscando sem parar em um padrão caótico.

Finalmente a cápsula parou com um solavanco e os nove membros da Unidade 919 foram esmagados contra a parede. A sra. Dearborn era alta o bastante pra se segurar em uma das alças que pendiam do teto, e não parecia se importar com o fato de nenhuma das crianças conseguir alcançá-las.

— Sub-Três. Escola de Artes Mundanas.

A porta da cápsula se abriu e ela os conduziu por um longo corredor vazio com piso de madeira polida. Morrigan sentia-se tonta e enjoada, mas tentou acompanhar.

— Este nível é dedicado inteiramente ao que chamamos de Questões de Ordem Prática — continuou a sra. Dearborn. — Medicina, cartografia, meteorologia, astronomia, gastronomia, engenharia, criação de nãonimais e outros. Esses interesses cotidianos, terrestres, vitais para manter o mundo funcionando. Também no Sub-Três, vocês encontrarão os laboratórios, o observatório, a Sala do Mapa, as salas de aula de um a nove, as instalações zoológicas, as cozinhas experimentais e, é claro, o hospital.

A Mentora Acadêmica os levou para uma sala de aula escura onde uma professora chamada dra. Bramble estava fazendo uma apresentação sobre as "Responsabilidade Éticas do Nãonimólogo Moderno" para alguns membros da Sociedade que estavam de visita, vindos de várias partes dos Sete Setores. Ao lado dela, no tablado, estava o que parecia a princípio uma imensa pilha de trapos brancos sujos em uma cesta, mas que na

verdade era...

— Um Magnifigato! — exclamou Morrigan, cutucando Hawthorne.

A sra. Dearborn imediatamente voltou-se, fuzilando-a com os olhos, e Morrigan apertou os lábios, fitando, determinada, o tablado mais abaixo, até sentir que o olhar da Mentora Acadêmica se afastava dela.

— Não *basta* acreditar que se está agindo pelo bem de uma espécie — ia dizendo a dra. Bramble para a audiência, estendendo a mão para coçar carinhosamente a parte inferior do queixo da criatura. — Deve-se considerar o *indivíduo*.

— Ele não é tão grande quanto Fen — sussurrou Hawthorne pelo canto da boca.

— Acho que é um filhote — replicou Morrigan enquanto o gato mostrava as presas para a plateia de uma forma meio ameaçadora, meio fofinha. — Ah, *olhe*!

A sra. Dearborn, porém, incitou-os a continuar, e eles desceram para o andar seguinte.

— Ciências humanas — anunciou ela quando chegaram ao Sub-Quatro. — Compreendendo filosofia, diplomacia, idiomas, história, literatura, música, arte e teatro.

Ela os guiou por dezenas de salas de aula, estúdios, galerias de arte, salas de música e auditórios no Sub-Quatro antes de descerem para o Sub-Cinco, que abrigava o que Dearborn chamou de Extremos — o terceiro e último braço da Escola de Artes Mundanas.

Enquanto os andares anteriores apresentavam a atmosfera calma e formal de um museu ou uma universidade — com corredores amplos, tetos altos e assoalhos de madeira polidos —, o Sub-Cinco tinha o ar imprevisível e ligeiramente caótico de um lugar onde tudo pode acontecer.

Dearborn mostrou a eles uma ala inteira dedicada ao ensino da arte da espionagem (eles assistiram a cinco minutos de uma oficina intitulada "Simulando a Própria Morte"), um ruidoso dojo para artes marciais (onde, na primeira manhã do período, vários alunos já haviam quebrado ossos) e — para deleite de Hawthorne — os enormes estábulos de dragões que mais pareciam cavernas e a arena onde ele passaria grande parte do seu tempo.

Morrigan estava pensando que o Sub-Cinco parecia um pouco o Hotel

Deucalião, quando um garoto mais velho entrou correndo na direção deles vindo da extremidade oposta do corredor.

— Mentora Acadêmica! — berrou o garoto, correndo para alcançar Dearborn e o grupo, seus cabelos longos e trançados voando atrás dele, os olhos brilhantes e assustados. — Mentora Acadêmica, posso falar com a senhora, por favor?

— Agora não, Whitaker.

— *Por favor*, sra. Dearborn — pediu o garoto, inclinando com as mãos na cintura, tentando recuperar o fôlego. — Por favor, a senhora precisa falar com Murgatroyd. Ela disse que vai raspar minha cabeça amanhã porque minha unidade não passou no último teste de Dever Cívico. Mas não é culpa minha, ela...

— O problema é todo seu.

— Mas ela disse… — choramingou o garoto. — Ela disse que vai afiar a navalha esta noite.

— Não duvido.

— *Por favor*, a senhora não pode falar com ela ou...

— Não seja ridículo. É claro que não posso falar com ela — sibilou a sra. Dearborn, fechando os olhos e estalando o pescoço para o lado.

Morrigan estremeceu ao ouvir aquele som. O garoto se encolheu e deu um passo para trás, arquejando.

— Você é um manga-branca, Whitaker. Um aluno da Escola de Artes Arcanas. Será que *preciso* lembrar a você que não sou sua Mentora Acadêmica? Cabe à sra. Murgatroyd disciplinar seus alunos como achar melhor. Agora volte para a aula antes que piore as coisas para si mesmo. Ela vai chegar a qualquer minuto.

O garoto afastou-se da Mentora Acadêmica, com cara de quem estava passando mal, antes de se virar e correr de volta por onde viera. Morrigan engoliu em seco, observando-o ir. Será que a famigerada Murgatroyd ia *mesmo* raspar a cabeça dele? Isso era *permitido*? Ela correu o olhar à sua volta — o restante da Unidade 919 parecia igualmente aflita.

Cansada, também. Tendo acordado ao raiar do dia, caminhado pelo que parecia centenas de quilômetros pelo labiríntico campus subterrâneo e comido apenas dois biscoitos *o dia todo*, Morrigan pensou que corria o

risco de simplesmente desabar onde estava e não conseguir se levantar mais. Justamente quando decidiu que *deveria* perguntar quando a visita chegaria ao fim (ou pelo menos quando eles seriam alimentados), a sra. Dearborn os trouxe de volta a um conjunto de cápsulas de transporte.

— Blackburn e Amara — chamou a sra. Dearborn.

Cadence retribuiu o olhar severo da sra. Dearborn, mas Lambeth olhava para o teto, a testa franzida. Morrigan nem tinha certeza se ela sabia que alguém estava se dirigindo a ela.

— A sra. Murgatroyd, a Mentora Acadêmica Arcana, logo estará aqui para continuar sua visita pelos Níveis Sub-Seis até o Sub-Oito.

Parte de Morrigan sentia certa inveja porque Cadence e Lambeth veriam lugares da Soculosa que eram proibidos para ela e os outros... outra parte, no entanto, muito mais insistente, torcia para que isso significasse que a visita estava quase no fim para ela e seus companheiros mangas-cinza.

— Assim que a sra. Murgatroyd chegar — continuou Dearborn —, o restante de vocês vai voltar sozinho pelos níveis subterrâneos e seguir até a escadaria da Casa do Orgulho, onde sua condutora estará à espera para acompanhá-los até em casa. Confio em vocês para encontrar o caminho daqui até o térreo.

Sem chance, pensou Morrigan. Ela voltou-se para Hawthorne, que parecia igualmente alarmado. Esperavam que eles tivessem decorado o que Dearborn fez no elevador com todas aquelas alavancas?

— Por que eles já podem ir para casa enquanto a gente tem de ficar? — perguntou Cadence.

— Ah, *coitadinhas* — replicou Thaddea em tom irritado, revirando os olhos com desgosto. — Deve ser *tão* difícil ter um talento tão único e especial que você pode visitar três andares inteiros proibidos para o restante de nós. Eu estou literalmente *morrendo* de pena...

— Ah, nossa — murmurou Lambeth, ainda olhando para o teto.

Ela ergueu um dedo, exatamente como fizera na estação. Era difícil dizer se estava pedindo silêncio ou testando a direção do vento.

— Lá vem ela — declarou.

— Alguém pode, *por favor*, fazer com que ela pare com isso? — murmurou Mahir. — Ela está me assustando.

— Silêncio.

A voz da Mentora Acadêmica não havia perdido a aspereza, mas Morrigan achou que ela subitamente parecia nervosa. Ela puxava o punho da manga esquerda de forma tensa e agitada. Morrigan se perguntou se ela também tinha medo da infame sra. Murgatroyd e não se sentiu nem um pouco consolada por esse pensamento.

— Enquanto esperamos, vamos repassar alguns tópicos de organização — prosseguiu a sra. Dearborn. — Vocês são responsáveis por garantir que tenham a roupa e os materiais educacionais corretos para as aulas.

Nesse momento ela fez uma pausa, fechando os olhos momentaneamente e estalando o pescoço ao movimentá-lo de lado. Morrigan se encolheu.

— Se precisarem de alguma coisa, seja breu para o seu instrumento, um jaleco ou um machete — encarou Archan, Anah e Thaddea, um de cada vez —, então devem pedir à sua condutora que providencie ou fazer um pedido formal escrito usando os formulários disponíveis no... no Almoxarifado.

Aqui Dearborn fez outra pausa, e uma coisa estranha aconteceu. Fechando os olhos com força, como se para bloquear uma luz forte, ela ergueu os ombros e os lançou para trás lentamente, contorcendo o pescoço como uma enguia debaixo d'água. Morrigan ouviu a coluna vertebral da mulher estalar de cima para baixo numa série de pequenos estouros em rápida sucessão e se encolheu. Aquele barulho fez sua pele arrepiar.

Ela olhou os colegas ao redor. Os rostos espelhavam o seu próprio horror, que se intensificava rapidamente. O que havia de *errado* com a Mentora Acadêmica?

— Se vocês não fizerem isso... serão... expulsos das aulas — continuou Dearborn, os olhos ainda fechados, o queixo se projetando para a frente formando um estranho ângulo com o pescoço —, então é inteiramente — emitiu um ruído engraçado, gorgolejante, no fundo da garganta, um som tão horrível que Morrigan deu um salto para trás de medo — inteiramente sua responsabilidade, e vocês vão descobrir... que não existe uma só alma neste campus que irá... se compadecer... de seu infortúnio.

A voz escorregadia como vidro estava quase sumindo. Seu tom agora

era áspero, gutural e assustador, e tinha uma terrível musicalidade. Soava... *errado*.

— Correto, sra. Murgatroyd?

Dearborn abriu os olhos.

Morrigan arquejou. O restante da unidade havia se virado para a outra direção, confusos, esperando ver a sra. Murgatroyd, a Mentora Acadêmica Arcana, se aproximando. Somente Morrigan tinha percebido o que nenhum deles vira.

Dearborn estava... diferente. Isoladamente, as mudanças eram sutis: uma curva mais acentuada nos ombros, um aprofundamento das covas nas bochechas. Os olhos azuis gélidos haviam clareado para um tom cinza pálido e turvo, morto, como o céu baixo no inverno, e tinham afundado ainda mais no crânio. O coque não era mais de um lustroso louro platinado, mas *branco* — absoluto e totalmente desprovido de cor. Seus lábios — arroxeados e rachados — repuxavam-se para trás em um sorriso desagradável e malicioso, revelando uma boca cheia de dentes afiados e escuros.

Morrigan fixou o olhar arregalado com firmeza nesse novo rosto, observando a sinistra transformação se desenrolar. Seu horror confuso e crescente transformou-se em compreensão.

— Exatamente, sra. Dearborn — disse a mulher com a voz áspera, respondendo à própria pergunta.

Então *esta* era Murgatroyd.

Os alunos das Artes Mundanas começaram a sair furtivamente e, não pela primeira vez naquele dia, Morrigan sentiu-se muito contente por ser manga-cinza.

CAPÍTULO SEIS

Deslizes, Despropósitos, Fiascos, Monstruosidades e Devastações

— Montar dragão A MANHÃ TODA! — gritou Hawthorne no dia seguinte, socando o ar. — EBA!

Eles estavam entrando na Estação do Orgulho, mas a srta. Cheery teve de esperar os dois trens à frente deixarem seus alunos e partirem da plataforma antes que ela pudesse se posicionar e abrir as portas do Casatrem 919.

— Fico feliz que esteja empolgado — disse a srta. Cheery a Hawthorne.

Os membros da Unidade 919 haviam se ocupado durante a viagem até a Soculosa passando de mão em mão os horários, comparando animadamente as muitas oficinas, palestras e aulas interessantes a que assistiriam naquela semana. Morrigan estava particularmente ansiosa por sua aula da manhã de quinta-feira, curiosamente intitulada *Estabelecendo um Diálogo com os Mortos*.

— Mas não se canse demais na arena. Notou que tem uma aula de dragonês, com três horas de duração, depois do almoço? — continuou, batendo um dedo no horário dele. — Você vai querer estar descansado para isso. É uma língua complicada.

O punho de Hawthorne baixou no ar. Ele olhou para o horário, franzindo o nariz.

— Para que eu preciso aprender dragonês?

A srta. Cheery arregalou os olhos para ele.

— Pois *é*. O mais promissor cavaleiro de dragões júnior de Nevermoor tentando se comunicar com os répteis milenares que têm a vida dele nas garras todos os dias? Que ideia louca. — Ela fez um muxoxo. — Hawthorne, você não imagina que pode ser *útil* falar com um dragão?

— Mas... eu *já* falo com eles — replicou Hawthorne. — Monto dragões desde os três anos. Se não acredita que posso fazer um dragão obedecer ordens, venha comigo e veja...

— Ah, eu sei que pode — disse a srta. Cheery. — Eu vi o seu desafio. Mas em todo esse tempo que vem aprendendo a fazer um dragão compreender *você*, tentou alguma vez entender o dragão em contrapartida?

Hawthorne olhou para a condutora como se houvessem brotado chifres na cabeça dela.

— O dragonês é uma língua *incrível* — continuou ela. — Eu também aprendi quando mais nova. E olhe: Mahir vai fazer essa aula com você. Vai ser divertido!

Hawthorne inclinou-se sobre o ombro de Mahir para ver.

— Mas ele só tem uma hora! — protestou Hawthorne.

— Bem... pensei que seria justo dar uma vantagem a você, só isso. Nosso sr. Ibrahim já sabe um pouco de dragonês. Não é, Mahir?

— *H'chath shka-lev* — disse Mahir, curvando a cabeça, sério.

A srta. Cheery pareceu impressionada.

— *Machar lo'k dachva-lev* — replicou ela, curvando-se em retribuição.

— O que isso significa? — resmungou Hawthorne, olhando os dois com desconfiança e, Morrigan suspeitava, um pouco de ciúme.

— É um cumprimento draconiano — replicou a srta. Cheery. — Draconiano é só outro nome para dragonês — acrescentou quando Hawthorne pareceu ainda mais confuso. — *H'chath shka-lev* significa "que você queime por muito tempo".

Hawthorne fez uma careta, assim como Morrigan. *Que você queime por muito tempo* soava mais como uma ameaça do que um cumprimento.

— A réplica educada é *Machar lo'k dachva-lev*, que significa "Queimo mais intensamente conhecendo você" — prosseguiu a srta. Cheery. — Para dragões, é o mesmo que... desejar a alguém saúde e essa pessoa agradecer por sua amizade em resposta.

Thaddea estava examinando suas aulas, parecendo cada vez mais aborrecida.

— Senhorita, por que eu não tenho nenhuma matéria legal sobre

dragões em meu horário? Não é justo. Eu adoro dragões.

A condutora sentou-se no sofá perto de Thaddea, inclinando-se para olhar por cima do ombro dela.

— Bem, você tem outras matérias legais.

— Como o quê?

— Olhe... patinação na sexta à tarde, com Linda.

Thaddea pareceu desconfiada.

— O que tem de tão legal em Linda?

— Ela patina, para começar. E toca contrabaixo. E é um centauro, e isso é muito legal. Ah, e olhe... você e Morrigan têm uma oficina de cuidados com Magnifigatos com a dra. Bramble na terç... ah. Não — franziu a testa e pegou uma caneta para riscar a aula. — Lamento, vou precisar atualizar. O Magnifilhote da pobre dra. Bramble desapareceu. Ela está desesperada.

— Desapareceu? — perguntou Morrigan, erguendo o olhar de seu horário.

— Pois é. Ela jura que foi roubado, mas tenho quase certeza de que ele fugiu... Quero dizer, Magnifigatos, como espécie, são conhecidos por seu espírito independente. O pobrezinho provavelmente estava cansado de ficar engaiolado. — A srta. Cheery cutucou Thaddea, que parecia emburrada. — Não se preocupe, vou encontrar outra aula igualmente interessante para você. Prometo.

Morrigan franziu a testa. Era o terceiro desaparecimento de que ela ouvia falar nessa semana. Cassiel, Paximus Luck e agora o Magnifilhote.

— Senhorita — disse Francis de repente. — Que aula é esta... *Reconhecendo o Hipnotismo*?

— Eu também tenho essa — disse Anah. — Na quarta de manhã.

Morrigan verificou; tinha a mesma aula.

— Eu também — disse Thaddea.

— E eu — acrescentou Mahir. — Às oito.

— Ah — disse a condutora. — Sim. Os Anciãos acham que essa será uma habilidade útil para todos vocês aprenderem, visto que há uma hipnotizadora na unidade.

A cabeça de Cadence se ergueu bruscamente. Ela fez uma careta e bufou levemente de indignação, mas a srta. Cheery ignorou sua atitude,

mantendo a expressão calma e neutra.

Hawthorne parecia confuso.

— Há o quê?

— Uma hipnotizadora.

— Hã. — Ele franziu a testa. — É?

— Sim — disse a srta. Cheery com a paciência de sempre, mas com o *levíssimo* indício de um suspiro. — Cadence Blackburn é uma hipnotizadora. Ela se encontra sentada bem ao seu lado.

Hawthorne virou-se para Cadence e tomou um pequeno susto.

— Ah. Caramba.

— Sim, exatamente — replicou a srta. Cheery. — Um curso sobre como reconhecer o hipnotismo é necessário a todos vocês, para ajudá-los a lembrar-se de sua nova amiga e para que saibam o que buscar quando Cadence estiver pondo em prática seu excelente talento.

— Mas, senhorita — disse Cadence, parecendo indignada —, como esperam que eu os hipnotize se...

— É justamente esse o objetivo, Cadence — disse a srta. Cheery delicadamente. — Ninguém *espera* que você use seu talento contra a sua unidade. Irmãs e irmãos, lembra? Fiéis por toda a vida?

— Eu disse que seria *fiel*, não disse que nunca hipnotizaria ninguém! Por que todos eles podem usar seus talentos como bem quiserem, mas eu não posso?

— Isso não é verdade. Arch não tem permissão para roubar nada de vocês. Francis não tem permissão para fazer vocês chorarem por uma sopa. Vocês todos fizeram um juramento.

Cadence lhe dirigiu um olhar calculista.

— Se fiz um juramento, por que vocês têm de ensiná-los a reconhecer o hipnotismo? Se vocês confiam que Arch não vai roubar ninguém, por que não confiam que eu não vou hipnotizá-los?

A srta. Cheery olhou para baixo, como se pensasse que o argumento de Cadence era bom. Ela apertou os lábios por um momento.

— Entendo sua frustração, Cadence. Não, de verdade... eu entendo. Mas hipnotismo e roubo são dois talentos muito diferentes, com possíveis consequências muito diferentes. Alguns dos patronos acharam...

— Que eu não sou digna de confiança — concluiu Cadence, com o olhar fuzilante. — Que ser uma hipnotizadora faz de mim uma criminosa. Típico.

Morrigan pensou no Desafio do Espetáculo, quando um filme de várias façanhas de Cadence como hipnotizadora havia de fato mostrado uma situação em que ela vandalizava propriedade pública e algemava uma policial com as próprias algemas. Morrigan ergueu uma sobrancelha para Hawthorne, mas não disse nada.

— Ninguém acha que você é criminosa, Cadence. Eu garanto. Eles só estão sendo especialmente cautelosos.

Cadence, porém, não parecia nem um pouco apaziguada. Morrigan pensou que ela ficara estranha com os colegas a manhã toda. Mais cedo, na Estação 919, Morrigan e os outros mangas-cinza estavam todos desesperados para saber o que havia no Sub-Seis, Sub-Sete e Sub-Oito, mas, quando Morrigan perguntou, Cadence recusou-se a sequer tomar conhecimento da pergunta. Aliás, Lambeth fizera o mesmo quando Thaddea a questionou, então talvez elas tivessem sido instruídas a não dizer nada.

Tão logo as portas do Casatrem se abriram, Cadence saiu intempestivamente, atravessando a passarela e deixando a estação. Os outros alunos demoraram-se na plataforma, parecendo novamente esquecidos de Cadence, conversando amigavelmente, ainda comparando horários.

— O que você tem esta manhã? — perguntou Hawthorne a Morrigan.

— *Consciência e Meditação* — leu em voz alta — no Sub-Quatro. Depois do almoço, *Furto, Sonegação e Dissimulação* no Sub-Cinco.

— Tenho isso à tarde também — afirmou Hawthorne. — Olha... *Furto, Sonegação e Dissimulação*. Mas não tenho muita certeza se preciso dessa aula. Quero dizer, quem você conhece que é mais dissimulado do que eu?

Morrigan inclinou a cabeça.

— Quer que eu faça uma lista?

— CONDUTORA CHEERY!

Um grito cortante anunciou a chegada da sra. Dearborn. A Mentora Acadêmica vinha andando furiosa na direção do vagão, apertando um

pedaço de papel. Hawthorne, Morrigan e alguns dos outros alunos se detiveram imediatamente. O tom da voz de Dearborn fazia com que fosse impossível reagir de outra forma.

A srta. Cheery pôs a cabeça pra fora, pela porta do vagão.

— Mentora Acadêmica — sorriu, hesitante. — Bom dia. Como posso ajudá-la?

Dearborn olhou-a, carrancuda, uma ruga profunda franzindo sua testa.

— Precisamos discutir *isto*.

Ela jogou o pedaço de papel em cima da srta. Cheery, que se esticou desajeitadamente para pegá-lo.

— O horário da Morrigan — observou.

Morrigan ficou paralisada à menção do seu nome.

— Algum problema com ele? — perguntou a srta. Cheery.

— Muitas coisas, sim.

Dearborn puxou o horário de volta da mão da srta. Cheery com uma careta.

— Quase tudo, na verdade. *Consciência e Meditação* com Cadel Clary? Não.

Ela pegou uma caneta e riscou a aula com um movimento teatral.

— *Autodefesa por Meio do Combate Desarmado*? Acho que não.

Risco.

— *Mergulho em Busca de Tesouro para Iniciantes*? *Furto, Sonegação e Dissimulação*? Não e não. No que *exatamente* você está tentando transformar esta garota? — sibilou ela. — Numa arma de destruição em massa?

Morrigan franziu o cenho. Ela havia pensado que todas as *suas* aulas pareciam relativamente inofensivas, comparadas a algumas nos horários dos outros alunos. No de Anah, ela vira uma aula magna de *Como Parar um Coração Humano (Temporariamente)*, e Cadence frequentaria várias oficinas com títulos um tanto alarmantes que incluíam *Identificando Arsênico*, *A Arte do Interrogatório*, *Técnicas de Vigilância Amadora* e *Fundamentos Básicos do Desarmamento de Bombas*.

— Qual o problema com *Consciência e Meditação*? — perguntou a srta. Cheery.

— A garota é uma Fab... — se interrompeu Dearborn, olhando por cima do ombro antes de continuar em um sussurro. — A garota é uma Fabuladora, srta. Cheery. É isso o que queremos? Uma Fabuladora *consciente* que possa usar sua mente muito *consciente* para *conscientemente* nos mandar todos precocemente para o túmulo?

Morrigan quase soltou uma gargalhada diante da ideia de que ela poderia meditar até matar a Mentora Acadêmica. Hawthorn teve menos autocontrole e teve de fingir tossir para disfarçar a risada.

A srta. Cheery não pareceu achar muita graça. Morrigan viu uma expressão tempestuosa cruzar o seu rosto, mas a condutora parou um momento para se recompor antes de falar.

— Que aulas a *senhora* gostaria que Morrigan fizesse, Mentora Acadêmica?

— Eu já corrigi o horário dela — disse Dearborn rapidamente, entregando-lhe um segundo pedaço de papel. — Cuide para que as medidas sejam implementadas imediatamente.

Ela virou-se para ir e estava quase na passarela quando a srta. Cheery a chamou.

— Mentora Acadêmica... acho que a senhora cometeu um erro. Este horário tem apenas uma aula.

Dearborn a fitou de volta.

— Eu não cometo erros, srta. Cheery. Tenha um bom dia.

Assim que a Mentora Acadêmica se afastou, Morrigan e Hawthorne voltaram correndo para o Casatrem, espiando sobre o ombro da srta. Cheery para ver o motivo de sua expressão consternada.

— *História de Atos Fabulosos Abomináveis*, com o professor Hemingsway Q. Onstald. — Morrigan estava confusa e profundamente decepcionada. — É isso... só isso? Só essa única aula? Todos os dias?

— Parece que sim — disse a srta. Cheery em uma voz tensa pela emoção contida. — Nunca ouvi falar dela antes, então deve ser uma disciplina nova que criaram exclusivamente para você. Que... empolgante!

Morrigan, porém, não se deixou enganar.

A srta. Cheery dirigiu-lhe um sorriso ansioso.

— Melhor vocês irem agora ou vão se atrasar.

Hemingway Q. Onstald era mais homem que tartaruga, mas ainda assim era *muito* tartaruga.

Morrigan sabia que, nos círculos de Fabulanimais, o professor seria considerado um Fabulanimal Menor — o que significa que ele apresentava mais características humanoides do que nãonimais (diferente do quase inteiramente taurino Ancião Saga, um óbvio Fabulaminal Maior). Morar no Hotel Deucalião tinha proporcionado a Morrigan uma sólida educação em etiqueta Fabulanimal. Frequentemente havia por lá convidados Fabulanimais, e tanto Jupiter quanto Kedgeree tinham se certificado de que Morrigan entendesse a diferença entre Fabulanimais e nãonimais. Os Fabulanimais eram criaturas sensíveis, conscientes e inteligentes, capazes de complexidades como linguagem, criação e expressão artística, exatamente como os humanos. Os nãonimais não.

Morrigan também aprendeu a maneira correta de se dirigir a eles — que não se referia a um urso Fabulanimal, por exemplo, como urso (o que seria altamente ofensivo), mas como um *fabulurso*. Confundir um urso com um fabulurso era uma gafe *enorme* e quase imperdoável. Morrigan sabia disso porque acidentalmente a havia cometido, e foram necessárias montanhas de desculpas, charme e cestas de piquenique gratuitas para Jupiter e Kedgeree apaziguarem o estimado hóspede fabulurso.

Fenestra, por outro lado, não era tecnicamente nem Fabulanimal nem nãonimal. Morrigan perguntara a ela e Fen havia sido mordaz na resposta: "Você perguntaria a um humano se ele é um Fabulanimal? Você perguntaria a um centauro se ele é um nãonimal? Não. Sou uma Magnifigata. Ponto final." Fen aceitara o pedido de desculpas perplexo de Morrigan, mas só *depois* de substituir as penas de seu travesseiro com os cabelos coletados em todos os ralos de chuveiro do hotel.

Era difícil ignorar a enorme carapaça abobadada nas costas de Onstald, ou sua pele coriácea e cinza-esverdeada, ou o fato de que, nas extremidades de sua calça, havia pés de tartaruga redondos, escamosos e almofadados, onde se esperaria um par de elegantes sapatos.

O resto dele, porém, era bastante comum. A cabeça era quase toda pele, com alguns fios de cabelo brancos se projetando aqui e ali, e seus minúsculos olhos verde-claros com bordas rosadas se estreitavam como se

ele precisasse desesperadamente de óculos. Ele usava a capa preta acadêmica formal sobre um terno antiquado, completo com gravata-borboleta xadrez e um colete descasado com manchas na frente.

Sua sala de aula no Departamento de Ciências Humanas no Sub-Quatro era exatamente o tipo de lugar onde se esperaria que uma criatura parte homem, parte tartaruga passasse os dias ensinando (se, pensou Morrigan, ela houvesse parado para pensar em tal coisa antes). Havia filas de mesas de madeira, é claro, com cadeiras de espaldar reto, e as paredes eram cobertas com prateleiras lotadas de volumes encadernados com tecido, de aparência séria. Mas, por baixo de tudo, onde deveria haver tábuas de assoalho, havia um gramado fresco, e um canto da sala era ocupado inteiramente por um lago.

O professor Onstald estava empoleirado em um banquinho perto do quadro-negro quando Morrigan entrou na sala de aula. Ele espiou por cima do nariz e indicou uma mesa na primeira fila, soltando suspiros longos, lentos e profundos que sacudiam seu peito. Morrigan sentou-se e esperou.

— Você — disse ele pesadamente, parando para respirar antes de continuar. — Você é a garota que os Anciãos dizem ser... uma Fabuladora.

Ele não tinha absolutamente nenhum dente e os lábios enrugados, que mais se assemelhavam a gengivas, pareciam ruir para dentro da boca, como uma cratera. Partículas de saliva se juntavam nos cantos da boca. Morrigan franziu o nariz, tentando não imaginar o cuspe voando e atingindo seu rosto.

— Sim — disse ela, reclinando-se para trás como precaução. — Sou eu.

Ela estava surpresa com a pergunta. Havia pensado que somente as Mentoras Acadêmicas e a srta. Cheery deveriam saber sobre seu... pequeno problema.

Ele fechou a cara para ela.

— Sim... *professor*.

— Sim, professor.

— Humm — assentiu ele, o olhar se perdendo a meia distância.

Durante algum tempo depois disso, ele não disse nada. Morrigan começou a se perguntar se ele havia esquecido onde estava. Estava prestes

a pigarrear quando ele respirou fundo, emitindo um grande chiado, e olhou de volta para ela.

— E você... compreende... o que isso significa?

— Na verdade, não — admitiu Morrigan. — Professor — acrescentou, apressada.

— Você já ouviu falar do... último... Fabulador vivo, eu... suponho?

— Ezra Squall?

O professor Onstald assentiu, um minúsculo aceno de cabeça que durou algum tempo, quase como se ele tivesse perdido o controle da cabeça e estivesse esperando que parasse sozinha.

— O que... sabe sobre... ele?

Morrigan suspirou baixinho.

— Sei que ele é o homem mais perverso que já existiu e que todo mundo o odeia.

— Correto — disse o professor Onstald com uma voz pesada.

Seus olhos caídos fecharam-se um pouco; Morrigan pensou que ele poderia cair no sono. Também havia a possibilidade de *ela* cair no sono.

— Está correto — repetiu ele. — E você sabe... por que... ele foi o... mais perverso...

— Porque ele era um homem que se tornou um monstro — interrompeu Morgan.

Ela não teve a intenção de ser rude, mas não conseguiu esperar por ele nem um segundo a mais.

— Um homem que criava outros monstros — acrescentou.

Ela estava repetindo o que Kedgeree lhe dissera sobre Ezra Squall no ano anterior, e tentou manter a voz serena, mas não conseguiu exatamente.

A verdade era que, independentemente do que Jupiter dizia, por mais que ele insistisse que ser um Fabulador não significava ser maligno, Morrigan achava difícil livrar-se do pensamento de que, em algum lugar, lá no fundo, ela era como Ezra Squall. Não fora o que Squall lhe dissera? Ele não olhara dentro de seus olhos e sorrira e se sentira satisfeito? *Eu vejo você, Morrigan Crow. Há gelo negro no seu coração.*

— E por causa do Massacre da Praça Coragem — acrescentou Morrigan depois de pensar um instante. — Quando ele matou as pessoas que

tentavam impedi-lo de dominar Nevermoor.

O professor Onstald tornou a assentir, respirando ruidosamente outra vez.

— Essas informações estão... corretas. Mas... isso não é... tudo.

O professor se ergueu dolorosamente devagar de seu banco, e Morrigan encolheu-se ao ouvir seus ossos rangerem e estalarem. Ele avançou centímetro a centímetro, atravessando a sala de aula poeirenta e, aproximadamente dez anos depois, alcançou a estante na parede oposta. Tirou de uma das prateleiras um tomo tão imenso que pareceu a Morrigan que ia desabar no chão, levando com ele a velha faburuga. Morrigan levantou-se em um salto para ajudá-lo, e juntos eles carregaram o livro até uma mesa, onde o deixaram cair ruidosamente, fazendo uma nuvem de poeira subir do meio das páginas.

O professor limpou uma grossa camada de poeira do livro com a manga da capa acadêmica. Morrigan estreitou os olhos, tentando entender a letra antiquada.

DESLIZES,
DESPROPÓSITOS,
FIASCOS,
MONSTRUOSIDADES
E DEVASTAÇÕES:

UMA HISTÓRIA ABREVIADA
DO ESPECTRO DOS ATOS
FABULOSOS

Por Hemingway Q. Onstald

— Uma história abreviada? — leu Morrigan em voz alta. — O que isso significa?

— Significa... editada. Resumida. Encurtada. A história... completa... sem dúvida encheria mais várias dezenas... de volumes.

Morrigan ergueu as sobrancelhas, agradecendo silenciosamente aos céus

por ele ter se dado ao trabalho de escrever apenas uma versão abreviada.

— Eu fui... orientado... a supervisionar toda a sua... instrução... sobre a história dos seus... antecessores.

Onstald fez um intervalo, tossindo por causa de toda aquela poeira, e acabou tendo um acesso de tosse tão terrível que, por um momento, Morrigan receou ter de relatar à Mentora Acadêmica que seu professor morrera depois de dez minutos da primeira aula. No entanto, ele acabou recuperando o controle dos pulmões e prosseguiu:

— Para que você tenha uma... compreensão completa e inequívoca... dos perigos e... desastres... que os Fabuladores representam para... todos nós.

O coração de Morrigan se apertou. Era *isso* que ela ia aprender? Tudo sobre as muitas coisas terríveis que Ezra Squall havia feito?

Que tédio.

Ela já sabia que ele era um monstro. Para que precisava de um livro sobre as muitas façanhas malignas que ele realizara?

O professor Onstald tamborilou a ponta dos dedos na capa do livro colossal.

— Você... lerá... os capítulos um a... três... pelo restante da... aula. — Ele consultou o relógio com corrente. — Você tem... três... horas.

Enquanto ele se dirigia — muito, muito lentamente — à porta da sala, Morrigan ficou olhando infeliz para a capa de *Uma história abreviada do espectro de atos fabulosos* durante algum tempo antes de, por fim, com um suspiro, abri-lo:

CAPÍTULO UM
Crônica dos delitos da Fabuladora de primeira linha, Brilliance Amadeo, seu antecessor Fabulador Deng Li, sua antecessora Fabuladora Christobel Fallon-Dunham, seu antecessor...

— Quem são estas pessoas? — gritou Morrigan para o professor Onstald no momento em que ele alcançava a saída.

— Hein?

Jupiter lhe contara que havia outros Fabuladores. No entanto, ela nunca

pensara em nenhum deles como pessoas de verdade. Preocupar-se com um Fabulador conhecido já era suficiente.

— É só que... bem, onde Brilliance Amadeo está agora? Ela ainda...

— Está morta.

Um peso sólido caiu no estômago de Morrigan.

— Todos da sua espécie... estão... mortos — continuou o professor Onstald. — E, se não... estão... — ele piscou os olhos aquosos para ela e respirou fundo, produzindo um som áspero — ... deveriam.

Morrigan não achava que poderia se sentir pior com o fato de ser uma Fabuladora, mas estava enganada. O livro do professor Onstald prosseguia como uma lista de tudo o que a "espécie dela" fizera de errado nos últimos séculos. O problema não era *só* Squall ser mau. Não era *só* os poderes de um Fabulador serem ameaçadores por sua própria natureza. Não segundo o professor Onstald.

Seu livro pintava um quadro nada lisonjeiro de uma sucessão de pessoas egoístas, destruidoras e obcecadas pelo poder, cujos estilos de vida em busca do prazer eram sustentados pela família real e pelo governo, financiados por impostos cobrados dos pobres. Durante séculos, os Fabuladores viveram do dinheiro dos nevermoorianos comuns e retribuíram, de acordo com o livro de Onstald, com misérias e injustiças, grandes e pequenas.

Nos melhores casos, os Fabuladores eram excêntricos complacentes, abusando de suas posições privilegiadas ao criar, por pura vaidade, projetos Fabulosos inconvenientes para muitos e benéficos para poucos. Como Decima Kokoro, que exigira fundos e recursos públicos para criar um arranha-céu Fabuloso feito inteiramente de água — uma loucura cara e perigosa que resultou na morte por afogamento de várias pessoas antes de ser fechado. Ou Odbuoy Jemmity, que demoliu um quarteirão inteiro de casas em um bairro pobre para construir um parque de diversões, que, após concluído, batizou em homenagem a si próprio e no qual nunca permitiu que ninguém entrasse.

Nos piores casos, eram déspotas perigosos que usavam seus poderes

para tiranizar os outros e se manter em posições de riqueza e prestígio. Déspotas como Ezra Squall, é claro, mas também como Gracious Goldberry, que, cem anos antes de Squall, fora responsável pela prisão de Fabulanimais Maiores e Menores antes de acabar assassinado por um fabulescorpião. Ou como Frey Henriksson, que dera início ao Grande Incêndio de Nevermoor, seiscentos anos antes, destruindo metade da cidade e matando milhares.

Jupiter estava enganado, Morrigan percebia agora. Uma sensação desagradável e pesada se instalava no espaço atrás de suas costelas. Como ele pôde entender tudo *tão errado*?

Fabuladores eram mesmo horríveis. Todos eles.

Depois de três horas lamentáveis, Onstald retornou, se arrastando de volta à mesa na velocidade de uma lesma. Morrigan já havia terminado de ler os capítulos designados e passara os últimos vinte minutos olhando fixamente para a frente da sala de aula. Refletindo.

— Conte-me... o que... você aprendeu.

Morrigan resumiu o que se lembrava dos três capítulos num tom monótono e desanimado. Os séculos de crueldades e negligência dos Fabuladores. Os muitos erros que nunca foram corrigidos. Quando terminou, deixou escapar um profundo suspiro e baixou o olhar para as mãos.

O professor Onstald ficou em silêncio por um longo tempo. Quando finalmente falou, foi em uma voz tão cansada — tão antiga e sombria — que ele bem poderia estar ressuscitando dos mortos.

— E por que você... acha... que escolhi... ensinar isso a você?

Morrigan ergueu os olhos e pensou na pergunta por um minuto.

— Para que eu conheça os perigos de ser uma Fabuladora?

O professor Onstald não disse nada. Algo mais veio à cabeça de Morrigan.

— Para que eu possa evitá-los! Para que eu não cometa os mesmos erros de todos aqueles outros...

Sua voz falhou, captando o brilho frio e astuto nos olhinhos de Onstald. Ele desceu da cadeira e começou a caminhar lentamente na direção dela.

— Você acha que eu... espero... algo melhor... de você?

Morrigan estava confusa. Melhor do que ser uma das piores pessoas no universo? Certamente.

— Bem...

— Melhor de você... *mais* de você... do que destes — se inclinou sobre a mesa e bateu na capa de *Uma história abreviada do espectro de atos fabulosos* — destes *monstros*? — perguntou com a voz áspera.

— Bem... bem, *sim* — disse Morrigan. — Quer dizer... não espera? Com certeza o senhor não *quer* que eu seja como...

— Você já é... como eles — afirmou o professor Onstald, erguendo a voz.

Sua respiração ofegante tornou-se mais rápida e mais difícil. Partículas de cuspe voavam de sua boca murcha.

— Você já… é um... monstro. Meu dever não é... salvar você... de si mesma. É mostrar... que você está... além da salvação. Todos da sua... espécie... estão...

Morrigan, porém, não ouviu o resto. Ela se levantou de um pulo e fugiu da sala de aula, um tipo furioso de infelicidade crescendo dentro dela. Ela disparou pelos corredores emaranhados sem saber para onde estava indo, mas, por fim, de alguma forma, conseguiu sair da Casa do Orgulho, correndo pelo caminho na floresta até chegar à Estação do Orgulho.

Ela se jogou em um banco de madeira e, através de uma névoa de lágrimas, ergueu o olhar para o relógio. O Casatrem só chegaria dali a horas.

Muito bem, pensou. *Sem Casatrem.*

Não importava. Tinha duas pernas e um coração batendo.

Momentos mais tarde, Morrigan disparava pelo caminho ladeado por árvores, passava pelos portões e ia direto para a plataforma do Trilho dos Guarda-Chuvas, a sombrinha na mão. O bilhete de Jupiter veio à sua mente, como uma leve alfinetada de sua consciência. *EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA você deve ir a qualquer lugar fora da Soculosa sozinha. Estou falando sério. Confio em você.*

Ele podia falar sério o quanto quisesse, pensou Morrigan, amarga, enquanto se lançava no trilho que se aproximava, prendendo o cabo da sombrinha em um dos anéis. Ela não se importava mais. Só queria ir para

casa.

Naturalmente, foi só quando Morrigan estava na metade do caminho para o Deucalião — a adrenalina e a imprudência abrandando e o bom senso retornando de seu breve feriado — que ela percebeu que ideia péssima tivera. Se ela aparecesse em casa agora, horas antes do esperado, enfrentaria um bombardeio de perguntas de Fenestra, Kedgeree e Martha. Eles certamente contariam a Jupiter o que ela fizera, e ele nunca mais confiaria nela.

Em um ligeiro estado de pânico, Morrigan saltou na parada seguinte — o Cais — e respirou fundo. Não ia voltar para a Soculosa agora. Não suportaria. Só havia uma coisa a fazer: teria de matar o tempo até poder entrar no saguão do Deucalião em uma hora menos suspeita.

Fazia frio ali embaixo, no rio Juro, e o lugar exalava um cheiro forte de peixe. Mesmo assim, era bom, de certa forma, perambular sozinha entre os barcos e ouvir os sons amistosos de equipes de pescadores arrastando suas redes e a música estridente no rádio. Um grupo de crianças barulhentas, bem mais jovens do que ela, fervia caranguejos em um tambor de metal cheio de água do rio e revezava-se atiçando o fogo na base.

Quanto mais Morrigan se aproximava da margem lamacenta do Juro, mais frio ela sentia. Mas os gritos das gaivotas e o barulho da água eram calmantes, e ela logo sentiu sua tristeza lacrimosa acalmar-se até se transformar na sensação um pouco mais controlável de um ressentimento amargo e fervilhante.

Tudo era um lixo.

Ela ia chutando uma pedrinha ao longo da margem enquanto caminhava.

— Onstald é um lixo, a história dos Fabuladores é um lixo, os Fabuladores são um lixo. Dearborn é um lixo. A Sociedade Fabulosa é um lixo.

A srta. Cheery é legal, disse a parte sensata do seu cérebro. *E o Casatrem.*

— Ah, cala a boca — disse Morrigan a essa parte sensata.

Ocupada com sua tristeza, Morrigan não percebeu que andara muito, indo bem mais longe do que pretendia. O ar estava mais frio e, olhando para trás, ela ficou surpresa com o quanto a água subira junto à margem do rio. Deu meia-volta para retornar, mas foi subitamente detida por um barulho que não se encaixava na cena.

Crrrriiiiique. Clique-claque. Clique-claque.

Ela não queria olhar. Havia algumas coisas em Nevermoor que realmente não queria ver. Morrigan sabia disso mais do que ninguém. No entanto, não pôde evitar.

Crrrriiiiique. Clique-clique. Clique-clique-clique-clique.

Virando a cabeça lentamente para o lado, ela avistou aquela que talvez fosse a coisa mais estranha e grotesca que já vira. Das margens lamacentas do Juro, erguia-se uma figura feita de ossos — não um esqueleto exatamente, visto que isso sugeria algum senso de ordem e anatomia.

Não havia ordem nesta... pessoa? Criatura? Aquilo mal podia ser considerado uma caricatura de ser humano. O mais estranho: estava crescendo — *agrupando-se* — diante dos olhos de Morrigan, a partir do que presumivelmente eram os ossos e detritos de muitas eras enterrados no lodo.

A coisa mais assustadora de todas era a forma como olhava para Morrigan.

Não havia olhos em seu crânio, e ainda assim Morrigan tinha certeza. Estava *olhando para ela*.

Como se quisesse algo dela. Talvez os seus ossos.

Morrigan não esperou para descobrir. Com o coração disparado, ela correu e correu, chapinhando na lama por todo o caminho de volta ao longo da margem — a água agora batendo mais perto de seus tornozelos —, subiu os degraus de concreto e atravessou o cais, arquejando enquanto disparava em uma linha reta até a plataforma do Trilho dos Guarda-Chuvas.

— É melhor ter cuidado, senhorita — gritou para ela um pescador grosseiro do convés do barco, lançando um olhar nervoso na direção de onde ela vinha. — Tem uns tipos perigosos andando por aqui. Vá para casa agora. É o melhor a fazer.

Morrigan não estava disposta a discutir. Ela nunca deveria ter vindo. Jupiter tinha motivos para lhe mandar não sair da Soculosa sozinha. Ele confiara nela, mas ela quebrara as regras e fora recompensada por sua estupidez com o maior medo que já sentira na vida. *Nunca* poderia contar ao seu patrono sobre isso.

Se tivesse sorte, pensou Morrigan, poderia voltar à Estação do Orgulho a tempo de pegar o Casatrem e ninguém precisaria saber que ela saíra. Estendeu o braço para enganchar a sombrinha em um dos anéis de metal do Trilho dos Guarda-Chuvas e foi levada em alta velocidade, tremendo incontrolavelmente durante toda a longa e desoladora viagem de volta à Soculosa.

CAPÍTULO SETE

Promessa de Mindinho

No fim da tarde de sexta-feira, quando Morrigan entrou no saguão do Deucalião pelas lustrosas portas pretas da entrada de serviço, ela estava com frio, cansada, molhada, infeliz e *faminta*.

Aquele tinha sido o pior desfecho para a pior semana da sua vida.

Uma semana de aulas cada vez mais abomináveis com o professor Onstald, todos os dias. Uma semana vendo sua unidade comparando horários para ver quais aulas teriam em comum e quais seriam diferentes, vendo-os descobrir onde exatamente nos nove andares subterrâneos da Casa do Orgulho sua próxima aula *fascinante* os levaria.

Uma semana escutando Thaddea exaltar as qualidades do seu treinador de luta livre, um fabulurso chamado Brutilus Brown, que ganhara vinte e sete Campeonatos Intersetoriais de Luta Livre consecutivos. Escutando as hilárias façanhas das aulas de Arch de teoria do furto, incluindo uma aula magna de roubo ministrada por Henrik von Heider, o maior ladrão de arte da história. Uma semana aguentando toda a animação da sua unidade com as aulas de dialetos zumbi, técnicas de vigilância, surfe fluvial, balonismo de ar quente, cuidado de cobras venenosas e dezenas de outras habilidades que Morrigan queria *desesperadamente* aprender também.

O pior de tudo era a inveja que ela sentia de seu melhor amigo.

Hawthorne ficara tão chocado quanto Morrigan com a única e decepcionante matéria em que ela fora aceita. Parecia errado e egoísta nutrir qualquer sentimento negativo em relação a Hawthorne, quando ela sabia que ele não tinha culpa nenhuma.

Na tarde de quarta-feira, ele a convidara para assistir à aula de montaria de dragões no Sub-Cinco, achando que poderia animá-la, mas a ideia acabou surtindo o efeito contrário. Ver o amigo voar pela arena subterrânea montado em um dragão com a expressão de pura felicidade,

uma expressão que dizia que ele estava fazendo aquilo para que tinha nascido, que estava exatamente onde deveria estar...

Morrigan sabia que devia estar feliz por Hawthorne, e *estava*, de verdade. No entanto, sua inveja era um monstro. Um lobo faminto que ela não conseguia controlar e que vinha uivando, no fundo do coração, a semana inteira.

Então, como desfecho da pior semana de sua vida, na aula do professor Onstald daquele dia ele a fizera escrever uma redação de três mil palavras com o título "O impacto imediato e as consequências do Parque Jemmity, um Fiasco do Fabulador Odbuoy Jemmity" e não a deixara sair até que terminasse. Naturalmente, ela levou horas, então perdeu o almoço e depois o Casatrem.

Morrigan esperou na plataforma por muito tempo pelo retorno da srta. Cheery, seu pânico aumentando à medida que a estação ia ficando vazia, o sol ia se pondo e o Bosque Queixoso ia se tornando escuro e apavorante. Ela sabia que estaria traindo a confiança de Jupiter duas vezes em uma semana, mas não podia ficar ali parada sozinha esperando que as coisas ficassem ainda mais assustadoras. Quando começou a chover, ela por fim desistiu da srta. Cheery e foi sozinha para casa pelo Trilho dos Guarda-Chuvas e o Fabulotrem.

Ela só precisava torcer para que ninguém no Deucalião contasse para Jupiter. Talvez, quando ele voltasse, já tivessem esquecido o que aconteceu. Pelo menos isso era um lado bom de ele estar sempre fora.

Na segunda-feira havia chegado um bilhete da Liga de Exploradores avisando que ele estaria viajando por um "período indefinido". (Apenas "período indefinido"! Nenhuma outra explicação era necessária, aparentemente.) Assim, aquela também fora uma semana de voltar para casa todas as noites com a vã esperança de que seu patrono estivesse lá para conversar com ela... só para ter a decepção de correr até a mesa da recepção e ver Kedgeree balançar a cabeça com cara de quem se desculpava.

Durante toda a longa viagem para casa, encharcada de chuva, ela tinha sonhado com seus pratos favoritos da cozinha do Hotel Deucalião: tigelas fumegantes de sopa com bolinhos de frango, pão crocante e queijo

derretido recém-saídos do forno, arroz-doce condimentado com peras fritas no mel, uma pilha de trinta centímetros de panquecas de mirtilo cobertas de calda... e *bolinhos*! O que ela não daria por um único e perfeito bolinho do Deucalião.

Com o estômago roncando e o rosto emburrado, Morrigan abriu as portas pretas do hotel, entrando no vibrante saguão com o piso xadrez preto e branco, árvores plantadas em vasos, móveis luxuosos estofados em veludo cor-de-rosa... e, naturalmente, seu item favorito: o enorme candelabro preto iridescente no formato de pássaro. Como sempre, suas asas abertas se moviam lenta e delicadamente, para cima e para baixo, em um voo em câmera lenta para lugar nenhum.

— Srta. Morrigan, você chegou! — A voz de Martha atravessou o saguão.

A camareira a envolveu em um abraço quente, e Kedgeree saiu correndo de trás de sua mesa batendo palmas como se Morrigan fosse um herói retornando da guerra. Ela suspirou, aliviada por ainda existir um lugar no mundo em que ninguém achava que ela era do mal. (Pelo menos, ainda não.)

— Aí está você, menina! Sua condutora foi embora há um minuto. Ela disse que voltou à Casa do Orgulho para buscá-la e não conseguiu encontrá-la em lugar nenhum. A coitadinha está muito mal.

Martha arquejou.

— Ah, Kedgeree, rápido! Mande alguém atrás dela. Diga que Morrigan está bem.

— Tem razão, Martha.

O próprio Kedgeree disparou pelo saguão, saindo pela porta na chuva.

— Aí está ela! — disse Charlie, o chofer, pulando os últimos degraus da escada em espiral e saltitando até eles todo empolgado. — Eu disse a eles que você é esperta o suficiente para voltar para casa sozinha, mas eles não me escutaram. Aposto que está feliz que chegou o fim de semana, não está? Frank está organizando uma corrida de deslizamento em colchão na escadaria esta noite. Você chegou bem na hora de se inscrever. Devo colocar o seu nome?

— Com certeza — disse Morrigan, abrindo um sorriso.

Uma corrida de deslizamento em colchão na escadaria era a melhor coisa que ela havia ouvido nesse dia. Sua primeira semana terrível na Soculosa começou a se tornar uma vaga lembrança. Ela estava em *casa*.

— Suas mãozinhas estão congeladas! — gritou Martha, alvoroçando-se enquanto ajudava Morrigan a despir o casaco preto. — Ah, e você está encharcada até os ossos, coitadinha! Vou preparar um bom banho quente pra você. Quer bolhas verdes de flor de musgo que fazem sua pele formigar? Ou... aah! Tenho bolhas de champanhe que tocam música clássica.

— Ei, espera aí, Martha — disse Kedgeree, voltando de correr atrás da srta. Cheery e passando a mão pelo elegante casaco cor-de-rosa para tirar a água da chuva. — Ela não pode...

— Elas não são alcoólicas — tranquilizou-o Martha.

— Não é isso. É que a menina está sendo requisitada em outro lugar.

Ele entregou a Morrigan um pedaço de papel dobrado em que estava escrito:

Me encontre em meu escritório imediatamente.
—JN

— Ele está em casa? — perguntou Morrigan.

Alívio e felicidade tomaram conta dela, rapidamente seguidos pela persistente lembrança da irritante e inconveniente ausência de Jupiter durante a pior semana de sua vida. Ele ia *decididamente* ouvir reclamações por isso.

— Chegou há uns dez minutos — disse Kedgeree. — Parecia tão arrasado quanto você. Parece que vocês dois tiveram uma semana muito difícil.

Ela mordeu o lábio, repentinamente preocupada.

— Ele, hã... ele também falou com a srta. Cheery ou...?

— Não, e ainda bem que você chegou agora. Temi por um momento que teria de contar a ele que você estava desaparecida! Ele poderia ter me jogado do telhado.

Morrigan soltou um pequeno suspiro de alívio. Relaxando um pouco,

ela espiou o corredor que levava à cozinha.

— Certo. Tá. Eu só vou pegar...

Kedgeree entregou a ela um segundo bilhete.

Eu tenho comida.
—JN

— Você chegou! — gritaram Morrigan e Jupiter simultaneamente quando a porta do escritório se abriu. Eles riram e se abraçaram rapidamente antes de Morrigan ir direto para a mesinha perto da lareira. Em cima dela havia uma apetitosa bandeja com chá, leite e cubos de açúcar; manteiga e grossas fatias de pão; gordas linguiças de porco com cebola frita e raiz-forte; uma barra de chocolate partida em pedaços; e o mais delicioso de tudo...

— Bolinhos! — gemeu Morrigan, jogando-se em uma poltrona de couro e inspirando seu aroma: quentes, dourados, perfeitamente assados.

Os bolinhos estavam cercados de tigelinhas de creme de leite, favos de mel, creme de limão e dois tipos de geleia. Morrigan poderia ter escrito um poema sobre o milagre que era essa bandeja de chá, se não tivesse se ocupado imediatamente em devorá-la.

Fenestra encontrava-se deitada no tapete em frente à lareira, roncando levemente e ocupando metade do ambiente. O escritório de Jupiter era um de seus lugares preferidos para cochilar, apesar de também gostar da mesa comprida na sala de jantar dos funcionários e em cima do exaustor da cozinha. Morrigan tirou as botas e estendeu os pés com as meias úmidas para secar junto à lareira. Por um breve momento, ficou fortemente tentada a descansá-los nas costas macias e peludas de Fen; mas, quase como se a Magnifigata pudesse ler mentes, um grande olho cor de âmbar se abriu e a encarou.

— Nem pense nisso — resmungou Fen.

Então se esticou, arranhou o tapete, rolou e voltou a dormir, a ponta da língua rosada projetando-se para fora entre os dentes.

— E aí? — disse Jupiter, sentando-se na segunda poltrona. — Como foi sua primeira semana?

— Horrível — replicou Morrigan, espalhando na metade de um bolinho uma generosa porção de geleia de amora, que escorreu lentamente pela lateral de sua mão.

Ela lambeu a geleia, faminta demais para se importar com regras de etiqueta.

— Horrível de verdade — insistiu. — Por onde você andou?

— Eu sinto muito, Mog. Estava liderando uma expedição.

Ele suspirou e esfregou o rosto com as mãos. Parecia mesmo chateado. E cansado.

— Uma expedição *fracassada* — acrescentou. — Não era para levar tanto tempo, mas... bem, me desculpe.

— Que tipo de expedição?

— Do tipo supersecreta.

Morrigan franziu a testa, mas sua boca estava muito cheia de bolinho para expressar sua reprovação de maneira apropriada.

— Eu queria ter estado aqui para sua semana horrível — disse Jupiter e, apesar de saber que ele estava mudando de assunto, ela deixou.

— Por que você não me disse o *quanto* ia ser horrível? — quis saber ela.

— Muito negligente da minha parte — concordou ele, servindo chá para ela. — A que tipo de horrível estamos nos referindo? Só para eu entender.

— Dopiorripo — disse Morrigan em meio a outra deliciosa mordida, e então, engolindo, repetiu: — Do pior tipo. Não... de vários tipos diferentes.

— Estou ouvindo.

Se ela fosse contar a ele sobre o encontro assustador nas docas, essa era a hora. Mas... havia tantas outras coisas que ela queria dizer. Estava tão feliz por ele ter voltado para casa que não parecia certo estragar isso ao contar que tinha traído sua confiança.

— Vamos ver — prosseguiu Morrigan, ignorando a sensação de culpa. — Tem o tipo de horrível em que todos os outros da minha unidade estão fazendo coisas incríveis e aprendendo coisas incríveis e eu *não* estou. Tem o tipo de horrível em que a Mentora Acadêmica não aprovou nenhuma das aulas que a condutora planejou para mim. Meu *único* professor, da minha *única* aula, é a pessoa *mais* chata do mundo, e ele é *malvado*, e...

— Espera... o que você acabou de dizer?

De repente Jupiter ficou sério e alerta. Ele se imobilizou, a xícara de chá parada no ar, a meio caminho da boca.

Morrigan suspirou.

— Eu sei que eu não deveria chamar um professor de chato, mas, *sinceramente*, Jupiter, se você o conhecesse...

— Não, não é isso. Foi o que você disse sobre a Mentora Acadêmica — explicou ele, franzindo a testa. — Ela não aprovou as suas aulas?

— Não. É porque ela me odeia e acha que a srta. Cheery está tentando me transformar em uma arma de destruição em massa.

Ela revirou os olhos, enrolando uma salsicha de porco em uma fatia de pão e besuntando-a com a raiz-forte picante.

— A única aula que tenho permissão para frequentar é *História de Atos Fabulosos Abomináveis*, com o professor Onstald, e tudo que ele me manda fazer é ler um livro estúpido que ele escreveu sobre como os Fabuladores são todos do mal, e depois ele me dá um monte de dever de casa, e é sempre *mais coisas para ler*, e eu estou tão...

— Qual é o livro? — perguntou Jupiter.

Morrigan tentou lembrar o título completo. Ela deu uma mordida no sanduíche de salsicha e a raiz-forte estava tão picante que fez seus olhos lacrimejarem, dando-lhe tempo para pensar enquanto se recuperava.

— *Deslizes*, *despropósitos*... hã, *fiascos*... Alguma coisa... e *devastações: Uma história abreviada do espectro dos atos fabulosos*. Ah! Monstruosidades.

— Humm — fez Jupiter com uma careta. — Não é um título muito animador.

— Lembra do ano passado, quando você disse...

Sua voz falhou, e ela de repente se sentiu insegura.

— Você disse que os Fabuladores costumavam ser bons. Que eles concediam desejos e...

— Sim?

— Bem, eu só estava me perguntando...

Morrigan não sabia como expressar isso de maneira delicada, então ela nem se deu ao trabalho.

— Você tem certeza de que está certo em relação a isso?

Jupiter sorriu.

— Absoluta.

— Tem mesmo? — insistiu ela. — Porque eu já li doze capítulos e até agora todos são terríveis.

Ele a observou por um momento.

— Me fale sobre os Fabuladores no livro do velho Onstald.

Morrigan olhou para o teto, tentando relembrar.

— Bem, teve a Mathilde Lachance — começou ela, contando nos dedos. — Rastaban Tarazed. Gracious Goldberry. Decima Kokoro...

— Esse nome me parece familiar — disse Jupiter. — Fale mais sobre Kokoro.

— Bem... ela gostava de construir coisas, mas todas davam errado. Na verdade, ela parece um pouco idiota, pra ser sincera.

Jupiter ergueu uma sobrancelha, mas não falou nada.

— O que foi? Ela parece mesmo! Tem um capítulo inteiro sobre como ela tentou construir um prédio todo de água... Eu estou falando *água*, de verdade! Obviamente ele recebeu a classificação de Fiasco...

— Vocês dois são um fiasco — disse Fenestra, espreguiçando-se e coçando atrás da orelha com uma grande pata peluda. — Vocês não estão vendo que estou tentando dormir?

— Sim, estou vendo que você tem dormido muito por aqui — respondeu Jupiter, lançando um olhar ressentido para ela. — O chão tem mais pelo de gato que tapete.

— Você tem alguma ideia do quanto o pelo de Magnifigato vale? — falou Fen de maneira arrastada, esfregando a cabeça no chão para soltar mais alguns fios. — Venda para a aristocracia. Você vai ganhar uma fortuna.

— Só tem valor se ainda estiver preso à sua pele, Fenestra. Duvido que você apreciaria o processo de remoção. Além disso, é pelo de Magnifilhote que aquelas pessoas querem, você já está muito velha, com pelo embolado.

Fenestra abriu um olho sonolento e sibilou para ele. Jupiter sorriu, mas logo sua expressão se fechou.

— Ah. Falando nisso, você descobriu alguma coisa?

Fenestra suspirou.

— Ainda não. Já espalhamos a notícia. Procuramos em todos os lugares possíveis, intimidamos os suspeitos. Torcemos para que se trate apenas de um filhote muito esperto que encontrou um bom esconderijo.

Morrigan se empertigou na cadeira.

— Vocês estão falando do Magnifilhote desaparecido da dra. Bramble? Acham que ele pode ter sido roubado por causa do *pelo*? Isso é horrível.

— Provavelmente ele só fugiu — disse Fen, rolando de barriga para cima, sonolenta. — Bom pra ele, sinceramente. Essa Bramble parece ser uma otária.

— A srta. Cheery disse que a dra. Bramble ficou desesperada quando ele desapareceu. — Morrigan se lembrava da afeição que tinha visto entre os dois naquele dia no auditório. — Ela parecia gostar dele de verdade. Ela o colocou numa linda cesta e tudo...

— Uma *linda cesta*? — Fen a olhou com desdém. — Um Magnifigato não é um *gato doméstico*.

Morrigan não disse nada, mas olhou significativamente de Fenestra para o tapete, para a lareira. Para um gato não doméstico, Fen com certeza sabia se acomodar com conforto.

Jupiter balançou a xícara de chá e tomou um gole, fitando a lareira.

— No entanto, as ruas de Nevermoor não são lugar para um filhotinho, Fen.

— Você acha que eu não sei? — rebateu Fen. — Meu pessoal vai cuidar disso, está bem? Vamos encontrá-lo. Fim da história.

— Seu pessoal? — perguntou Morrigan. — Quem é o seu pessoal?

A Magnifigata a olhou de cara feia e rolou para o outro lado, efetivamente encerrando a conversa. Morrigan fitou suas costas enormes, perguntando se um dia conseguiria entender as surpreendentes profundezas do mundo de Fenestra. Ela ainda estava se recuperando da descoberta do ano anterior de que Fen era uma antiga campeã de UFC na gaiola do Estado Livre.

Desistindo de Fen, ela se virou para Jupiter.

— Uma outra pessoa desapareceu também. Paximus Luck. Você sabia?

— Humm.

Ele tinha uma expressão cautelosa, e imediatamente Morrigan soube que havia algo que ele não podia... ou não queria... contar.

— Ah! Era isso que você estava fazendo? — perguntou ela, pulando na poltrona. — Era, não é? Você estava procurando Paximus Luck!

Ele pareceu pensar na resposta por muito tempo.

— Não. Eu estava procurando Cassiel. Só soube de Pax hoje pelos Anciãos.

— Então eles querem que você ajude a investigar?

— Não posso falar sobre isso, Mog. Eu estaria traindo a confiança dos Anciãos.

— Mas você acha que eles estão conectados? — insistiu ela.

— Não tenho certeza. Mas duvido, para ser sincero — Jupiter pigarreou. — Seja como for, continue... o prédio feito de água de Kokoro. Estou fascinado.

— Ah, *isso*.

Morrigan fez uma careta.

— Quem o classificou como Fiasco?

— Hum, o Comitê para a Classificação dos Atos Fabulosos — disse ela com um suspiro. — Eram seus membros que decidiam se um Fabulador tinha feito algo ruim, como um Deslize ou um Despropósito, ou algo terrível, como um Fiasco ou uma Monstruosidade, ou a pior coisa que poderiam fazer, uma Devastação. E as Torres de Cascatas foram um Fiasco quase beirando a Monstruosidade, porque qualquer um que tentasse entrar pela porta da frente era levado pela água ou ficava completamente encharcado. Não conseguiam manter nada *dentro* do prédio, obviamente, porque era muito úmido. Então... é — concluiu Morrigan, dando de ombros. — Kokoro era meio idiota, de verdade.

— Mas não do mal? — disse Jupiter.

Morrigan considerou a pergunta enquanto passava manteiga na outra metade do bolinho.

— Talvez não do mal. Mas decididamente estúpida.

— Quem mais? — perguntou ele, apoiando-se em um cotovelo e escondendo um sorriso com a mão.

— Odbuoy Jemmity construiu um parque de diversões.

Ele assentiu, encorajando-a.

— Prossiga.

— Mas foi *decididamente* um Fiasco — disse Morrigan, revirando os olhos. — No dia da inauguração, uma multidão de pessoas e repórteres esperava para entrar no parque, todos conseguiam ver as montanhas-russas e os tobogãs pelos portões e todo mundo estava empolgado. Mas Jemmity nunca apareceu e os portões nunca abriram e ninguém nunca pôde entrar.

Morrigan detestava concordar com o professor Onstald, mas, na verdade, ficava indignada só de pensar nisso. Um parque de diversões em que ninguém podia entrar! Certo, ela mesma nunca tinha ido a um parque de diversões, mas certamente podia *imaginar* como devia ser divertido. Como seria frustrante ver todas aquelas atrações e brinquedos maravilhosos e não poder aproveitá-los.

— Então Jemmity claramente também era um pouco idiota, egoísta e... o que foi?

Jupiter tinha as mandíbulas cerradas, sinal claro de que ele estava tentando não dizer algo que queria *muito* falar.

— Eu só... — começou ele, e então parou para respirar fundo. — Olha, eu não tenho uma prova para mostrar a você. Mas suspeito que o professor Onstald pode estar apresentando uma versão um tanto quanto... — fez uma pausa, tentando encontrar a palavra — ... *distorcida* da história dos Fabuladores. Eu vou ter de conversar com a Mentora Acadêmica sobre isso... e sobre o restante do seu horário — concluiu em um murmúrio irritado.

— Mas o professor Onstald *literalmente* escreveu o livro sobre a história dos Fabuladores... o nome dele está na capa! Quem poderia saber mais sobre Fabuladores do que ele? Você já conheceu algum?

Jupiter esfregou a nuca.

— Bem, não, mas a história dos Fabuladores remonta a centenas de anos... milhares até. Eles não podem ter sido todos maus, podem? Não durante todo esse tempo.

Morrigan se deixou cair novamente na poltrona, as sobrancelhas franzidas de frustração.

— Então você só está chutando.

— Olha.

Jupiter suspirou e correu a mão pelos longos cabelos ruivos, bagunçando-os um pouco.

— Existiram alguns Fabuladores de caráter questionável, Mog, você tem razão quanto a isso. Com destaque para Ezra Squall. Grande parte da história dos Fabuladores se perdeu, e o que ainda existe dessa história perdida, aquilo de que as pessoas se lembram por mais tempo, em geral é a pior parte. Há coisas que a gente não pode saber com certeza. Eu sei que o professor Onstald é uma das poucas pessoas vivas que lembra como era viver na época dos Fabuladores, e eu certamente não quero contestar seus métodos de ensino, afinal ele *é* um membro respeitado da Sociedade, mas não creio que ele saiba a história toda. Não acredito que seja tudo assim tão definitivo.

— Mas você não pode ter certeza.

— Nem o Onstald, Mog! Ele não estava lá o tempo todo.

Havia um toque de desespero na voz de Jupiter agora. Ele falava como um homem que sabia que estava perdendo seu público.

— A cidade de Nevermoor foi *criada* por Fabuladores durante as Eras. Eu me recuso a acreditar que todos eles eram perversos ou inúteis. Nevermoor ainda está de pé, apesar de tudo. Ainda é a maior cidade no Reino Não Denominado. Em todas as gerações de Fabuladores que a ergueram do nada, *deve* ter havido alguns bons.

Morrigan sentiu o coração afundar. *Deve ter havido*. Ela pensou por um minuto sobre a incerteza dessas palavras, ouvindo o fogo crepitar na lareira e o suave ronco de Fen. Ela podia sentir que Jupiter a observava por cima da borda da xícara de chá.

— Então — disse ela finalmente —, quando você falou no ano passado que os Fabuladores já foram bons... que eles eram reverenciados e... e todas aquelas outras coisas que você disse... — Sacudiu a cabeça, olhando para o chão. — ... na verdade, você não fazia ideia.

— Mog, me escute. Eu *sei* que Fabuladores podem ser bons.

Ele se inclinou para a frente e a fitou com um olhar sério e instigante.

— Eu sei disso porque conheço você. Você é uma Fabuladora. E você é

boa. Não preciso de nenhuma prova além desta.

Morrigan bebericou seu chá e desejou poder se sentir da mesma maneira.

Na manhã seguinte, Jupiter havia partido novamente.

— Quem precisou dele dessa vez, Kedge? — perguntou ela ao concierge, que havia entregado a Jupiter a mensagem que o fizera sair às pressas novamente.

— Ah, um esnobezinho da Liga dos Exploradores — disse Kedgeree. — Eles não o deixam em paz agora. Ei... tire as mãos daí, mocinha. Eu acabei de polir essa mesa.

— Desculpa.

Morrigan parou de desenhar caretas com o dedo na lustrosa mesa de mármore do concierge, suspirou e se afastou, cabisbaixa.

Ela supôs que seria egoísta reclamar se Jupiter estava ajudando a procurar pessoas desaparecidas, mas, ainda assim, não podia evitar de se sentir incomodada. Ele tinha acabado de voltar, afinal, e ela não tinha tido a chance de contar a ele tudo que queria. Eles não tinham falado sobre a porta misteriosa, nem a Estação 919, nem a queridíssima srta. Cheery. Ela queria ter perguntado a Jupiter se ele estudara na Escola de Artes Mundanas ou Arcanas (seu palpite eram as Arcanas), por que ele achava que *ela* fora designada para a escola de Artes Mundanas, e o que *exatamente* havia de tão mundano em ser uma Fabuladora.

Morrigan deslizou para um sofazinho de veludo cor-de-rosa no saguão movimentado, criando uma figura dramática ali olhando para o pássaro preto do candelabro. Sua visão foi subitamente interrompida por um enorme rosto peludo, com bigode em tufos e um par de olhos rabugentos cor de âmbar.

— Fen! — gritou ela, segurando o peito e sentando-se ereta. — Não *faça* isso! Você quase me matou de susto.

— Ótimo — disse a gata gigante com o cenho carregado. — Se você morrer de susto, talvez eu não precise mais fazer o medíocre papel de reles mensageira para satisfazer os caprichos do nosso excêntrico proprietário.

Como se eu não tivesse nada melhor para fazer.

Morrigan sacudiu a cabeça.

— Do que você está falando...

— Ele me pediu que desse um recado a você — rosnou Fen. — Disse que vai encontrar uma prova. Que ele não precisa, mas sabe que você, sim. Então ele vai achá-la, não importa quanto tempo leve.

Fen fez uma pausa, como se relutasse em falar a próxima parte.

Por fim, dando um profundo suspiro e revirando os olhos exageradamente, ela acrescentou:

— Ele *jura de mindinho*. Eca, que repugnante.

Fen se afastou, possivelmente para lavar a boca, e Morrigan se recostou nas almofadas. Acima dela, o candelabro batia as asas silenciosas, constante em sua rota de voo, irradiando luz pelo saguão. Seu coração se alegrou, só um pouquinho.

CAPÍTULO OITO

O Mapa Vivo

— Aquele seu patrono é bom mesmo, hein!

A srta. Cheery estava com um sorriso de orelha a orelha quando Morrigan entrou no Casatrem na manhã de segunda-feira. Ela ergueu uma folha com uma tabela de horários, agitando-a alegremente.

Morrigan pegou o papel e se sentou em um sofá velho ao lado de Hawthorne. Além das temidas aulas com o professor Onstald todos os dias daquela semana, ela também tinha uma aula nova nas tardes de segunda, quarta e sexta.

— *Decodificando Nervermoor: Como Navegar com Sucesso na Cidade Mais Ridícula e Perigosa do Estado Livre* — leu Morrigan em voz alta.

Hawthorne espiou por cima do ombro dela.

— Eu também tenho essa! *Decodificando Nevermoor* com Henry Mildmay, na Sala dos Mapas, Sub-Três, Departamento de Praticidade. Excelente.

— Eu também tenho — disse Anah do outro lado do vagão.

Ela parecia menos feliz com isso do que Hawthorne.

Houve um farfalhar de papéis à medida que os outros se movimentaram para comparar suas aulas.

— É, vocês todos irão decodificar Nevermoor juntos. — A srta. Cheery bateu palmas, encantada. — Esta manhã a sra. Dearborn me disse que decidiu que TODOS OS NOVE precisam aprender a andar pela cidade, se quisermos que sejam "seres humanos úteis". — Ela revirou os olhos brevemente. — Então vocês vão ter uma aula juntos como uma unidade, finalmente! Não é maravilhoso?

Aparentemente não, a julgar pelas expressões nos rostos à sua volta. Francis e Mahir olhavam, determinados, para o chão enquanto Thaddea nem tentava esconder a expressão de indignação.

Anah — que sempre se sentava o mais longe possível de Morrigan nas curtas viagens chegando ou saindo da Estação 919 — parecia aterrorizada com a ideia de passar mais tempo em um espaço confinado com a temida Fabuladora.

No entanto, nada ia estragar o bom humor de Morrigan. Ela finalmente teria uma aula que não era sobre o quanto os Fabuladores eram maléficos, e seria com Hawthorne. Era um começo.

Quando chegaram à Estação do Orgulho, Morrigan fez questão de ser a última a sair do Casatrem.

— Muito obrigada — disse ela para a srta. Cheery, apontando seu horário. — *De verdade*.

A condutora deu uma piscadela para ela.

— Agradeça àquele barbudo magnífico. Eu não sei o que o Capitão North disse para convencer a Mentora Acadêmica, mas isso é tudo obra dele, tenho certeza.

Como o membro da Unidade 919 com menor carga horária, Morrigan foi a primeira a chegar à Sala dos Mapas para a aula daquela tarde. Quando ela empurrou a pesada porta de madeira polida que se abriu para uma enorme sala circular com um teto em forma de cúpula, seu coração deu um pequeno salto. A sala tinha sido bem batizada — cada superfície que se via ali era um mapa. Até a cúpula era pintada como o céu noturno, um diagrama azul-escuro do céu, no qual cada constelação cintilante era assinalada e nomeada: *Althaf, o Dançarino; Gurita Menor; Craig; Goyathlay, o Vigilante*...

Ao longo das paredes curvas, Morrigan deslizou os dedos pela topografia acidentada das Terras Altas, passando para as minúsculas árvores eriçadas da Floresta Zeev e pelas ondas que batiam suavemente na costa dos Rochedos Pretos. Ela retirou a mão rapidamente ao tocar a textura inesperada — os oceanos no mapa eram *molhados*. Morrigan levou o dedo aos lábios; a água era salgada.

Tudo isso era apenas um aquecimento para o evento principal. O centro da enorme sala era dominado por uma estrutura de formato irregular

coberta pelo que pareciam pequenas casas de boneca e cercada por uma passarela elevada feita de vidro. Morrigan subiu três degraus e se debruçou no corrimão que a separava daquilo que ela percebeu, com um arquejo, que era o mapa mais extraordinário que ela já havia visto.

Era Nevermoor. A cidade inteira de Nevermoor estendendo-se diante de seus olhos em uma miniatura precisa. Havia pequeninas ruas sinuosas ladeadas por lojas e casas construídas com perfeição, bolsões de vegetação pontilhando a paisagem aqui e ali, e o poderoso rio Juro serpenteando pelo centro da cidade.

Morrigan se debruçou no corrimão de vidro; as pessoas pequeninas nas ruas estavam se *movendo*! Hiper-realistas e mal passando dos dois centímetros de altura, elas andavam de bicicleta nos parques, carregavam sacolas de compra pelo Grande Boulevard, pegavam o Trilho dos Guarda-Chuvas. Bandos de minúsculas gaivotas se reuniam no cais e barquinhos desciam o Juro. Uma grande nuvem escura pairava sobre a extremidade sul da cidade, chuviscando nas ruas lá embaixo, e Morrigan viu as pequeninas pessoas do mapa abrindo seus guarda-chuvas e correndo para se proteger.

Era uma representação perfeita de Nevermoor em detalhes microscópicos e *animados*. Não uma simples maquete da cidade, ou uma vila de casas de boneca... uma cidade tridimensional, viva e respirando.

— Como está lá fora? Ainda chovendo?

Morrigan deu um pulo. Ela se virou e deu de cara com um rapaz de bochechas rosadas e os olhos brilhantes que entrou apressado na Sala dos Mapas, a camisa parcialmente para fora da calça. Ele largou a bolsa no chão e subiu correndo os degraus até a passarela, onde se debruçou no corrimão de vidro ao lado de Morrigan, olhando ansioso para a cidade em miniatura. A franja castanho-dourada caiu sobre seus olhos, e ele a empurrou para o lado.

— Lindo, não é? — disse ele. — Você já viu algo assim?

— Nunca — admitiu Morrigan.

— Henry — apresentou-se o rapaz, estendendo a mão para apertar a de Morrigan. — Sr. Mildmay, eu suponho. Céus, isso soa estranho. Talvez eu use apenas "Mildmay". É melhor assim, não? Mais relaxado. Ah... essa é a minha primeira aula como professor — explicou ele, vendo a expressão de

confusão educada de Morrigan. — Sou novo. Eu me formei no ano passado. Pegue leve comigo, tá?

Morrigan sorriu.

— É a minha primeira aula também. Bem... segunda.

— Ótimo, então podemos nos virar juntos.

Morrigan gostou do modo como o tom agradável e amistoso de Mildmay diminuía a estranheza de seu sotaque terrivelmente esnobe.

— Você é a... srta. Crow, certo?

— Sim — disse Morrigan com cautela. Ela se perguntou se ele sabia o que ela era. Se sabia, não demonstrou.

— Ótimo — disse ele novamente. — Já gravei todos os nomes e rostos. Mais alguém vai se juntar a nós? — Ele consultou um pedaço de papel. — Aqui diz que terei sua unidade inteira nessa aula. Espero que já não estejam matando aula, hein? — Ele dirigiu a ela um sorriso torto e compreensivo. — Talvez a velha e terrível Murgatroyd os tenha assustado.

Morrigan não sabia o que dizer. Ela nunca tinha conhecido um professor assim tão... pouco professoral.

As portas se abriram novamente e Thaddea entrou intempestivamente na Sala dos Mapas, seguida por Anah, que estava correndo para acompanhá-la.

— Só me deixe dar uma olhada, Thaddea — disse Anah, se alvoroçando em torno da menina mais alta com uma toalha úmida. — Parece horrível. Você não quer ter uma infecção, quer?

— Pela milionésima vez — disse a garota ruiva entre os dentes cerrados. — Eu estou BEM. Pare de drama.

— Você está sendo ridícula — bufou Anah, balançando a cabeça e os cachos. — E está SANGRANDO! Aposto que a srta. Cheery diria para...

— Ninguém te perguntou — retrucou Thaddea.

Ela estava, de fato, sangrando no que parecia ser um corte relativamente sério na testa.

— Boa tarde, alunas — cumprimentou Mildmay, franzindo a testa. Morrigan podia ver que ele estava tentando parecer severo, e que não era natural. — O que está acontecendo?

— Nada, senhor — respondeu Thaddea, encarando-o, o queixo

projetando-se para a frente em desafio.

Mildmay apertou os lábios, formando uma linha, como se estivesse tentando não sorrir com a expressão briguenta de Thaddea, e pigarreou.

— Muito bem, então. Onde estão os outros?

Morrigan estava surpresa. Ele ia simplesmente ignorar o corte na testa de Thaddea? Anah tinha razão, *parecia* mesmo sério — agora havia um grosso fio de sangue escorrendo na lateral do rosto de Thaddea.

— Lambeth está na câmara de hidromeditação e privação sensorial — informou Anah, olhando para o teto como se estivesse recitando uma lista gravada em sua memória. Ela não havia nem olhado na direção de Morrigan e estava mantendo distância dela. — Francis está no jardim da cozinha, aprendendo a identificar ervas raras. Hawthorne está em uma demonstração dos bombeiros. Arch está no hospital, tendo os dedos da mão esquerda quebrados e reposicionados para obter o máximo de destreza. Mahir está...

As portas tornaram a se abrir e Hawthorne entrou na sala falando alto. Atrás dele vinham primeiro Mahir sorrindo e, em seguida, Francis, Candence e, por fim, Lambeth, que entrou vários passos atrás dos outros parecendo levemente atordoada, como se tivesse chegando à Sala dos Mapas apenas por acidente.

— Ah, excelente — disse o professor, batendo as mãos uma vez. — Estamos todos aqui, mais ou menos.

Morrigan franziu a testa, contando a unidade. Eles certamente não estavam *todos aqui*. Arch, com seus dedos quebrados, ainda não tinha chegado. Mais uma vez, parecia que Mildmay não dava a mínima.

Morrigan estava começando a ver o que a sra. Dearborn quisera dizer exatamente quando falou sobre os adultos da Sociedade Fabulosa. *Ninguém vai segurar suas mãozinhas ou limpar seus narizinhos*. No entanto, aparentemente ficavam bem felizes de *quebrar* suas mãozinhas.

— Todos aqui na passarela, por favor, rápido — ordenou o sr. Mildmay. — Quero que olhem para baixo e me digam o que estão vendo.

— É Nevermoor! Estou vendo a minha casa — disse Hawthorne imediatamente, ao tomar o lugar ao lado de Morrigan no corrimão de vidro. Ele estreitou os olhos com força, tentando ver melhor, e se debruçou

tanto no corrimão que Morrigan teve de segurar as costas de sua camisa para impedi-lo de cair em cima das pessoinhas lá embaixo. — Espera... eu estou vendo minha MÃE! Olha, Morrigan, o cabelo cacheado dela... e o suéter roxo dela com o arco-íris na frente. Ela estava vestindo isso hoje de manhã! Isso é...

— Um retrato quase cem por cento realista de Nevermoor e seus habitantes em tempo real — informou Mildmay. — Bem, em tempo *quase* real. Tem um atraso de alguns segundos em certos bairros. Quero dizer, o mapa é muito velho, está sujeito a apresentar um erro ou outro. Agora, vamos um pouco mais a fundo, turma. Olhem com atenção. Vejam o que há ali de fato.

Os alunos da Unidade 919 trocaram olhares confusos, mas tentaram se concentrar na cidade em miniatura que se estendia diante deles.

— Um labirinto, professor? — perguntou Francis, examinando de olhos arregalados o emaranhado de ruas e becos.

— Exatamente! — concordou Mildmay. — Muito bem, sr. Fitzwilliam. No entanto, por favor... me chame apenas de Mildmay. Eu não sou um professor. Vocês vão descobrir que pouquíssimos de nós aqui na Soculosa somos. Ninguém consegue ficar parado por tempo suficiente para conseguir as qualificações necessárias. Existem algumas almas pacientes entre nós, claro, como o professor Kempsey, a professora Dresser (apesar de preferir ser chamada de "Molly", por razões óbvias), e o professor Onstald. O restante de nós somos apenas educadores amadores e entusiasmados, dispostos a compartilhar conhecimento. Eu mesmo sou membro do Esquadrão de Excentricidades Geográficas — disse ele com orgulho, e soprou a franja, afastando-a dos olhos. — Quando soube que os Anciãos estavam procurando alguém para ensinar a vocês como andar por essa cidade linda e bizarra, agarrei a oportunidade de exibir meus conhecimentos. Então, mais o quê? Podem falar. Nenhuma resposta é errada. Srta. Amara, ainda está conosco?

Lambeth estava olhando na direção errada, para as cintilantes constelações acima.

— Olá? — gritou Thaddea, balançando a mão diante do rosto dela.

Lambeth tomou um susto. Recuperando-se rapidamente, lançou um

olhar de reprovação a Thaddea, que se encolheu ligeiramente e baixou o tom de voz.

— É para olharmos lá para baixo, não para o teto — explicou, apontando o mapa tridimensional de Nevermoor.

Lambeth franziu o cenho e ficou olhando o mapa em silêncio por alguns momentos.

— Então? — insistiu Mildmay. — Alguma ideia?

— Sim — respondeu, correndo o olhar pelas ruas e pelos bairros até pousar nas Colinas das Begônias e apontar para um cruzamento movimentado. — Acidente de automóveis.

Mildmay piscou.

— Não, eu me referi a alguma ideia sobre...

Ele foi interrompido pelo som de minúsculos pneus cantando e pelo barulho de buzinas furiosas, indicando que dois veículos tinham acabado de se chocar. Um par de diminutos motoristas saltou dos carros para gritar e sacudir os pequenos punhos, interrompendo o tráfego. Lambeth voltou a olhar para as estrelas, o que parecia bem menos estressante.

— Ah — disse Mildmay. — Certo. Muito bem. Alguém mais?

— Um jogo... não, um enigma — disse Anah e olhou para o professor, esperançosa, claramente querendo agradar. — Para nós solucionarmos.

— Maravilhoso! — exclamou ele com entusiasmo, lançando um sorriso elétrico na direção de Anah, que sorriu de volta. — Eu certamente espero que vocês *tentem* solucioná-lo, srta. Kahlo, mas como ninguém em toda a história de Nevermoor jamais conseguiu, espero que me perdoe se eu não apostar nisso. Embora, sem dúvida nenhuma, eu saiba que você vai encarar a tarefa com sua característica precisão cirúrgica.

Anah deu uma risadinha, enrubescendo.

— O que o restante de vocês consegue ver? — perguntou Mildmay.

— Ruas, prédios, praças, templos — respondeu Thaddea, parecendo um pouco entediada, ou talvez um pouco tonta.

— Uma metrópole agitada! — gritou Mahir.

— Uma grande bagunça — murmurou Cadence.

— Ótimo. Agora, me permitam dizer o que *eu* vejo quando olho para Nevermoor — disse Mildmay.

Ele olhou para a pequena e fervilhante cidade com um arrebatamento que iluminava seus olhos de dentro para fora.

— Eu vejo um monstro. Um monstro lindo e terrível que nos alimenta com histórias e *vida*, e que exige ser alimentado em troca. Um monstro que, ao longo das Eras, engordou com os inconsequentes, os ingênuos, os vulneráveis... ele os mastigou e engoliu, e esses nunca mais foram vistos

Ele afastou o olhar do mapa e voltou-se para eles, erguendo um dedo.

— *Mas*... é um monstro que pode ser domado, se vocês estiverem dispostos a aprender seu comportamento, suas fraquezas e seus perigos. Eu venho dedicando minha vida a domesticar essa monstruosa cidade, e eu a amo com cada fibra do meu ser. Se desejam sobreviver e prosperar em Nevermoor, devem fazer o mesmo.

Morrigan se perguntou se era possível mesmo *domar* uma cidade tão selvagem e... bem, ridícula. Ela duvidava.

Mildmay bateu ambas as mãos no corrimão.

— Mas vamos começar do começo.

Ele apontou uma mesa no fim da passarela, sobre a qual se viam duas tigelinhas de madeira cheias de pedaços de papel.

— Eu quero que vocês todos comecem tirando um papelzinho de cada bacia. O primeiro indicará o ponto de partida de vocês e o segundo será a chegada — prosseguiu Mildmay.

Atravessando a plataforma panorâmica, ele puxou uma corrente e um quadro-negro desceu, mostrando duas listas de pontos de referência nevermoorianos.

— Quero que vocês planejem a rota mais simples entre o ponto A e o B, e escrevam as orientações detalhadas. Mas eis a questão: estão vendo estas duas listas? — Ele apontou o quadro. — A primeira é a lista de pontos que vocês *devem* incluir na sua rota. E a segunda é de pontos que vocês devem evitar. Lembrem: essa é uma aventura na superfície da terra: nada de trapacear pegando o Fabulotrem — acrescentou, sorrindo para eles. — Parece bem simples, mas vocês podem descobrir que é mais complicado do que esperam. Vocês têm uma hora. Comecem!

O primeiro papel de Morrigan dizia: *Estrada Decadente*, *Abetouro & Sisão*. O segundo: *Rua do Tetraz*, *Southey-no-Juro*.

Era mais do que complicado — era enlouquecedor, e envolvia muitas idas e vindas entre a passarela de vidro e outras passarelas menores. Toda vez que Morrigan achava que havia determinado sua rota, ela percebia que alguma parte dela passava pela Prisão Medomales, o Teatro Real de Nevermoor ou algum outro ponto proibido da segunda lista, e ela tinha de voltar e encontrar outro caminho.

Ouviam-se gemidos constantes, suspiros frustrados e até alguns palavrões murmurados pela Unidade 919. Ao final de uma hora, alguns deles tinham quase desistido completamente.

— É impossível — resmungou Thaddea, deixando o ponto de onde observava o mapa de Nevermoor para ir se apoiar na parede curvada.

Ela deixou escapar uma exclamação de nojo e afastou-se, percebendo tarde demais que havia se encostado na parte da parede que mostrava o Oceano Albertine no Quarto Setor, e havia encharcado as costas do suéter.

— Nevermoor é ridícula — comentou.

Morrigan, porém, estava se divertindo, talvez pela primeira vez desde seu ingresso na Soculosa. Enquanto alguns dos outros alunos eram facilmente desmotivados quando a rota não tinha saída, ela achava estranhamente satisfatório tentar encontrar um caminho alternativo.

— Acabou o tempo! — anunciou Mildmay depois de transcorrida uma hora. — Parabéns a todos vocês. Vamos discutir seu trabalho detalhadamente na nossa próxima aula. Srta. Crow, por favor espere.

Ele não ergueu o olhar dos papéis que tinha acabado de coletar. Hawthorne ficou parado perto da porta por um momento.

— Pode ir, sr. Swift — acrescentou o professor.

Morrigan aproximou-se lentamente da mesa de Mildmay.

— Senhor?

— Não se preocupe, você não está encrencada. Muito pelo contrário. Eu queria lhe dizer o quanto estou impressionado. Você fez um trabalho incrível hoje — disse ele, e ergueu a série de indicações de Morrigan, sacudindo a cabeça, admirado. — Isso está *perfeito*.

Morrigan sorriu, sentindo o rosto ficar quente.

— Obrigada.

— Você gostou da aula?

— Gostei! — respondeu ela com um entusiasmo sincero. — Eu nunca fiz nada assim antes.

— Ah, fico feliz que alguém tenha gostado — comentou ele, e afastou a franja dos olhos, parecendo aliviado. — Você tem um conhecimento excepcional de Nevermoor. É um lugar estranho, mas a sua compreensão parece ser intuitiva. Você obviamente cresceu aqui, correto?

Morrigan hesitou.

— Eu... hã, não exatamente...

No ano passado, quando o horrendo inspetor Flintlock da Força Policial de Nevermoor estivera (corretamente) convencido de que ela havia entrado ilegalmente na cidade, a partir da República, quando a ameaça de deportação pendia sobre a cabeça de Morrigan, Jupiter a aconselhara a manter sigilo sobre a sua origem.

Mas isso fora no ano passado. Quando Morrigan não era um membro da Sociedade Fabulosa e não tinha a proteção do broche em forma de *F* que agora cintilava em sua gola. Agora que ela era um membro oficial do grupo de maior prestígio de Nevermoor, estaria tudo bem em ser sincera e falar que tinha crescido em Chacalfax, no coração da República do Mar Invernal, entre os inimigos do Estado Livre? Que ela nem *sabia* da existência desse lugar antes de conhecer Jupiter? Os Sete Setores do Estado Livre mantinham leis rígidas em relação a suas fronteiras, e eram ainda mais rígidos em seu sigilo, e seu patrono havia arriscado tudo para contrabandeá-la para cá. Será que ela o estaria colocando em risco se contasse a verdade agora?

Morrigan não sabia. Ela fez uma anotação mental de perguntar isso a Jupiter.

— Não exatamente? — insistiu Mildmay.

— Eu cresci fora de Nevermoor — admitiu Morrigan, e parou por aí. — Eu me mudei para cá para participar dos desafios da Sociedade Fabulosa, ano passado.

Ele pareceu profundamente impressionado.

— Céus. Você só está aqui há um ano? Ainda assim parece que você e Nevermoor são duas peças do mesmo quebra-cabeça. É quase como se esse lugar tivesse sido feito para você.

O sorriso radiante de Morrigan tomou conta de todo o seu rosto, e ela sentiu que um brilho emanava de dentro dela. Era *exatamente* assim que ela se sentia em relação a Nevermoor! Como se a cidade *pertencesse a ela*. Sentia-se emocionada — em um grau quase constrangedor — de ouvir isso de outra pessoa, alguém totalmente objetivo.

— Se quiser visitar o Mapa Vivo fora do nosso horário de aula, você é mais do que bem-vinda — ofereceu Mildmay. — Eu venho. Sempre vim, mesmo quando era aluno.

Ele olhou para a miniatura de Nevermoor com uma afeição visível.

— Eu era bastante solitário na sua idade. Os outros membros da minha unidade achavam que cartografia era um talento sem graça. Havia muitos mangas-brancas na minha unidade, sabe... temos alguns feiticeiros, Tilda Green é um oráculo de fogo, e Susan Keeley consegue falar com a água...

Morrigan ergueu suas sobrancelhas.

— *Falar com a água*?

— ... e no fundo eles não achavam que meu lugar era entre eles. Às vezes eu vinha para cá e passava horas observando os trenzinhos levando as pessoas pequeninas para suas casas minúsculas. Vendo as luzes acenderem por toda a cidade à medida que a noite caía — sorriu, encabulado. — Patético, eu sei. Mas eu achava divertido.

— Eu também não acho que a minha unidade goste muito de mim — admitiu Morrigan.

Ela estava surpresa consigo mesma. Não havia planejado falar nada desse tipo, mas as palavras simplesmente... saíram.

— Quero dizer, exceto Hawthorne — acrescentou.

— Por quê? Você tem um talento sem graça também? — perguntou Mildmay com pesar, mas seu rosto então imediatamente ficou vermelho. — Eu q-quero dizer... Peço desculpas. Eu não quis ser intrometido. Sei que não devemos fazer essa pergunta a você. Eu só estava brincando.

Naquele momento Morrigan sentiu muita vontade de deixar a prudência de lado e contar a Mildmay que ela era uma Fabuladora. Ela pensou que talvez... só talvez... *ele* não a olharia com medo ou ódio.

No entanto, o aviso da Anciã Quinn ressoou em sua cabeça. *Se alguém*... qualquer um de vocês... *trair nossa confiança*... *então todos os*

nove serão expulsos da Soculosa. Definitivamente.

Qualquer um deles. Até a própria Morrigan.

Ela não podia arriscar.

— Pois é — disse simplesmente. — É muito sem graça.

Ele sorriu para ela.

— Bem, às vezes os talentos mais sem graça vêm a ser os mais úteis. Minha unidade não vai rir de mim quando eu me juntar à Liga dos Exploradores.

Morrigan se animou.

— Meu patrono é da Liga dos Exploradores!

— Jupiter North, eu sei — disse ele, balançando a cabeça com entusiasmo. — Ele é uma verdadeira inspiração. Um dia eu também vou fazer parte das expedições inter-reinos. Vou ser um capitão na Liga. Exatamente como o North.

— Vai?

— Não percebe, srta. Crow? — disse ele com uma risadinha, seu rosto se iluminando com a possibilidade. — Nós estamos na Sociedade Fabulosa. Podemos ser tudo que quisermos!

O barulho de um gongo soando reverberou pela Sala dos Mapas, tão alto que ela e Mildmay tiveram de cobrir os ouvidos. Uma voz autoritária soou pelos alto-falantes de metal em formato de chifres instalados nos cantos do teto.

— *Rã-rã. Anciãos, membros da Sociedade Fabulosa e Alunos, um momento do seu tempo, por favor. Um membro de nossa equipe de professores, Paximus Luck, está desaparecido há quase uma semana. Alunos do popular curso de* Furto, Evasão e Ocultação *do Sr. Luck vêm, infelizmente, continuando a frequentar as aulas, acreditando que sua ausência misteriosa é apenas... hã... "parte da matéria".*

Morrigan pensou que quase podia ouvir a mulher revirando os olhos.

— *Mas esse* não *é o caso. Estamos no momento investigando o sumiço do sr. Luck, e qualquer um que tenha informações relevantes deve falar com o Supremo Conselho de Anciãos imediatamente. Enquanto isso, pedimos que qualquer aluno que ainda esteja frequentando as aulas do sr. Luck, apesar de sua ausência evidente... pare de fazer isso. Tenham um*

bom dia.

O comunicado foi finalizado com um ruído mecânico que fez tanto Morrigan quanto Mildmay se encolherem.

— Estranho — disse ela, perguntando-se vagamente como a investigação de Jupiter estaria avançando. — Todos esses desaparecimentos. Paximus, o Magnifilhote da dra. Bramble e...

Mildmay deu uma risadinha.

— Mas esse é o Paximus Luck, não é?

— Como assim? Ele já fez isso antes?

— Bem, sim, quero dizer... esse é o talento dele, sabe — disse ele. — Desaparecer. Reaparecer. Acredite em mim, esse é só um truque bem elaborado para provar sua inteligência. Daqui a pouco ele estará de volta, esperando aplausos.

Morrigan franziu o cenho. Às vezes ela achava que o verdadeiro talento dela não tinha nada a ver com ser uma Fabuladora. Que era, na realidade, sua impressionante habilidade de presumir o pior. Isso vinha, obviamente, de uma vida inteira acreditando que era amaldiçoada e parecia estar costurado no tecido de seu ser mesmo agora. Dizer a ela que não se preocupasse com coisas ruins acontecendo ao seu redor era como dizer a Hawthorne que não se empolgasse com dragões ou a Jupiter que não fosse ruivo.

Ao sair da Sala dos Mapas, Morrigan pensou na última vez que um padrão de coisas estranhas e indesejadas começou a acontecer em Nevermoor, e no homem que estava por trás delas.

No ano anterior, surgiram relatos de distúrbios no Diáfano — a invisível e intangível rede de energia que conectava tudo em todo o reino, morto ou vivo. Ezra Squall fora proibido de retornar a Nevermoor havia mais de cem anos — sendo mantido a distância pela polícia, por forças militares, por feitiçarias de todos os tipos e, mais importante de tudo, pela própria e poderosa magia de Nevermoor. No entanto, ele encontrara uma maneira de visitar a cidade sem ser percebido usando a Linha Diáfana, um meio de transporte supersecreto, e altamente perigoso, que permitia a ele deixar seu corpo na República enquanto vagava — livre e incorpóreo — por toda a cidade da qual havia sido exilado.

Era impossível impedi-lo de usar a Linha Diáfana, porque ela *tecnicamente* não existia. Pelo menos, não no plano físico.

Estremecendo, Morrigan se perguntou onde Squall estaria agora, o que estaria fazendo, e se — *quando* — ele a visitaria no Diáfano novamente.

CAPÍTULO NOVE

O Quinteto Charlton

— *Neheran dunas flor*.

Arch tinha a testa franzida, concentrado, deixando o ensopado de carne pingar da colher de volta para o prato.

— Nehelans doonaz...

— *Neherrrrrran* — corrigiu Mahir, vibrando os Rs. — *Neheran dunas flor*.

— *Neherrrran dunas florrrr* — repetiu Morrigan.

Ela tentava copiar a pronúncia fluida de Mahir, mas acabou soando um pouco como se estivesse gargarejando com lama. O restante da unidade, na mesa do refeitório, também estava vibrando os Rs com variados graus de êxito. Morrigan achou que a tentativa de Thaddea era a que estava chegando mais perto.

— *Neherrran dunas florrrr*.

— Ótimo — disse Mahir, dirigindo um leve aceno de cabeça a Morrigan enquanto pegava um pãozinho. — Tá, não exatamente ótimo, mas melhor do que Arch.

Com isso, todos eles riram, até o próprio Arch.

Foram necessárias semanas, mas a Unidade 919 havia gradualmente começado a derreter o gelo em relação a Morrigan. Ou, pelo menos, tinham parado de recebê-la na plataforma todas as manhãs com olhares do mais profundo pavor. Anah já não gritava de susto toda vez que Morrigan se sentava perto dela no Casatrem. Francis pedira que ela provasse uma fornada de suas tortinhas de morango para controle de qualidade — tarefa essa que ela executou com grande entusiasmo. Uma mordida trouxe-lhe a sensação específica da agridoce nostalgia do fim do verão... o que fez com que Francis voltasse imediatamente à cozinha de teste, pois ele *na verdade* estava buscando o despreocupado abandono de um festival de música em

pleno verão.

Até a mal-humorada Thaddea havia se oferecido uma vez para chutar as canelas de um garoto mais velho quando ele chamou Morrigan em voz alta de "Aquela Sem Talento" nos degraus diante da Casa do Orgulho. Morrigan tinha uma forte suspeita de que Thaddea usaria qualquer desculpa para chutar as canelas de alguém, mas mesmo assim... Morrigan estava começando a sentir que talvez ela tivesse, se não oito irmãos e irmãs, pelo menos oito amigos.

Quando ela demonstrou um leve interesse em aprender serendês, Mahir insistiu em ensinar a todos eles algumas expressões básicas durante o almoço.

— *Neheran dunas flor!* — gritou Hawthorne com um aceno de mão para uma aluna mais velha que passava.

A garota pareceu perplexa.

— Legal — disse Mahir, com um sorriso travesso. — Você falou perfeitamente.

Hawthorne pareceu satisfeito consigo mesmo enquanto tomava um grande gole de leite.

— O que isso quer dizer?

Mahir sorriu, lançando um olhar conspirador para Morrigan.

— Você tem cara de bunda.

Hawthorne engasgou com o leite, que escorreu pelo seu queixo enquanto os outros caíam na gargalhada.

— Sério?

Mahir deu de ombros.

— É uma língua muito romântica.

Esse degelo nas relações da unidade tornou a vida na Soculosa infinitamente mais suportável para Morrigan, apesar da sra. Dearborn ter continuado a rejeitar cada um dos acréscimos feitos pela srta. Cheery ao seu horário de aulas. Pelo menos Morrigan ainda tinha *Decodificando Nevermoor* para aguardar com ansiedade nas segundas, quartas e sextas-feiras — principalmente porque ela acabou se revelando excelente nessa disciplina. Em quase todas as aulas, Mildmay tinha motivos para proclamar sua genialidade. Morrigan suspeitava fortemente de que o

revirar de olhos da maioria de seus colegas havia passado do deboche escancarado para uma espécie de... respeito relutante? Talvez fosse a imaginação dela, mas eles sempre *pediam* sua ajuda na aula, o que lhe dava um sentimento que nunca antes experimentara. Finalmente ela encontrara algo em que era boa, que a tornava especial — e não tinha nada a ver com ser amaldiçoada, nem com ser uma Fabuladora.

Resumindo, estava tudo indo melhor do que Morrigan poderia ter esperado.

Até a manhã em que o bilhete chegou.

— Devíamos levá-lo aos Anciãos.

— Você não sabe ler? Diz aí claramente que...

— Eu SEI o que diz, mas mesmo assim acho que devíamos...

— Nós NÃO vamos contar aos Anciãos.

— Quem foi que morreu e fez de você o rei desta unidade?

Morrigan emergira de sua porta misteriosa na Estação 919 e encontrara o restante da unidade reunida em um grupo compacto, examinando um pedaço de papel — exceto Lambeth, que estava um pouco afastada, como sempre.

— Ah, fico feliz que você finalmente tenha lembrado que somos uma UNIDADE, Thaddea.

Era a voz de Hawthorne. Ele puxou o bilhete da mão de Mahir.

— Se você pensa por um segundo sequer que vou deixar qualquer um de vocês...

— O que está acontecendo? — perguntou Morrigan.

Como se fossem um, os oito rostos voltaram-se para ela, as expressões indo da testa franzida de preocupação à raiva intensa. Hawthorne parecia apenas soturno, e deu um passo à frente para, em silêncio, entregar a ela o bilhete.

Morrigan leu.

Conhecemos a terrível verdade sobre a Unidade 919.
Temos uma lista de exigências.

Se querem que seu segredo continue sendo um segredo,
vão aguardar nossas instruções.

Não contem a ninguém.
Se contarem, nós saberemos.
E vamos contar à Sociedade inteira.

— A terrível verdade sobre...? — Ela virou-se de um rosto transtornado para o outro. Lambeth parecia particularmente agitada, e Morrigan se perguntou se seria por causa do bilhete ou se ela estava sintonizando em algo ruim prestes a acontecer. — O que isso...

— Está *óbvio*, não? — cortou Thaddea rispidamente. — Está se referindo a você. A verdade sobre *você* ser uma *Fabuladora*. Estamos sendo chantageados, por *sua* causa.

— Cala a boca, Thaddea — rosnou Hawthorne.

— Quem mandou? — perguntou Morrigan. — Onde vocês acharam?

— Estava aqui na plataforma — respondeu ele. — Anah o encontrou.

Anah estava tremendo.

— Thaddea tem razão. Temos de contar aos Anciãos — disse ela. — Ou à srta. Cheery! Ela vai saber o que fazer.

— Mas quem poderia ter deixado isto na *nossa* plataforma? — indagou Morrigan, franzindo a testa. — Pensei que somente o nosso Casatrem pudesse chegar aqui.

— Quem se importa com a maneira como apareceu aqui? — disse Francis, andando de um lado para o outro da plataforma, a pele marrom clara exibindo um leve brilho de suor. — Como foi que descobriram sobre você? Se o restante da Sociedade descobrir, seremos expulsos, lembra? Minha tia vai me *matar* se eu for expulso. Minha *família* inteira está na Sociedade. De ambos os lados! Quatro gerações do lado do meu pai, sete no lado da mamãe.

— Acalme-se, Francis — pediu Hawthorne.

— Você não entende! Minha bisavó era a Anciã Omowunmi Akinfenwa! Os Fitzwilliam e Akinfenwa praticamente *veneram* a Sociedade Fabulosa. Eu não posso ser expulso.

Thaddea sacudiu a cabeça.

— Não vamos ser expulsos se *outra* pessoa contar a todo mundo. Não é problema nosso, Francis. Para mim, quem quer que sejam eles, podem ficar à vontade. Deixemos que contem. Talvez sejam descobertos, então serão *eles* os expulsos.

— É, mas supostamente *nós* somos os únicos que sabemos — observou Mahir. — Se vazar, ainda podemos levar a culpa.

Morrigan fitava a parede diante dos trilhos. Não estava pensando em ser expulsa. Estava pensando em como seria a Sociedade inteira saber que ela era uma Fabuladora. Nesse momento, as pessoas estavam curiosas em relação a ela, e talvez um pouco desconfiadas. Se soubessem a verdade... seria como ser amaldiçoada outra vez. Todos iam odiá-la. Todos a temeriam. Seria como se jamais tivesse deixado Chacalfax.

O velho e familiar pânico levantou-se no fundo de seu estômago, como um urso despertando da hibernação. Um calor cresceu em seu peito.

Thaddea pegou o bilhete de volta das mãos de Hawthorne.

— Mas este bilhete *prova* que não é nossa culpa! Vou levá-lo para os Anciãos. Não ligo para o que vocês... AI!

Em um flash, o bilhete queimou em sua mão, e as cinzas flutuaram até o chão.

— Como... como eles fizeram isso?

Thaddea levou os dedos queimados à boca. Seus olhos dispararam pela estação, procurando quem quer que houvesse por magia ateado fogo ao bilhete. Não havia ninguém ali.

Morrigan engoliu em seco. Ela quase podia sentir o gosto das cinzas no fundo de sua garganta.

— Bem... isso resolve o problema — disse Hawthorne, apreensivo.

Thaddea fechou a cara.

— Ainda podemos...

— Nós NÃO vamos jogar Morrigan na cova dos leões.

— É claro que você diz isso. Você é *amigo* dela.

Hawthorne emitiu um ruído estrangulado de indignação.

— Era para TODOS nós sermos amigos! Supostamente somos uma unidade. Irmãs e irmãos, lembra? Era para sermos uma FAMÍLIA.

— Eu nunca pedi pra ter um FABULADOR na minha família! — rosnou Thaddea.

— Parem — disse uma voz baixa e calma, vinda de algum ponto do grupo.

Todos se viraram para Cadence, surpresos. Mais uma vez, era como se eles não soubessem que ela estava lá.

— Não vamos contar aos Anciãos. Vamos manter isto entre nós por enquanto. Esperar e ver o que acontece.

— Pare de nos hipnotizar! — protestou Thaddea, uma ligeira nota de pânico na voz.

— Não estou *hipnotizando* vocês, sua idiota. Estou dizendo o que fazer... é diferente — retrucou Cadence em tom de deboche. — Se eu quisesse hipnotizá-los, vocês nem saberiam. Aquelas aulas idiotas obviamente não ensinaram nada a vocês.

Um ronco distante soou. A plataforma começou a vibrar muito levemente e uma luz vinda do túnel anunciou a chegada do Casatrem.

— Nós ainda nem sabemos o que essas pessoas querem — prosseguiu Cadence. — Vamos esperar o próximo bilhete. Então decidimos o que fazer. Concordam?

Um a um, todos os alunos assentiram — até mesmo Thaddea, para quem aquele simples ato de concessão parecia uma tortura.

O trem parou guinchando e a srta. Cheery pôs a cabeça para fora, sinalizando para que entrassem. Morrigan ficou para trás.

— Hã — disse ela a Cadence, sentindo-se subitamente constrangida —, obrigada por isso.

Cadence deu de ombros.

— Não me agradeça ainda. Só estou esperando para ver o que diz o próximo bilhete.

Quando os outros deixaram a Estação do Orgulho a caminho de suas primeiras aulas, Morrigan demorou-se um pouco, observando os trens matinais indo e vindo nas plataformas. Ela refletia sobre o bilhete. Quem poderia saber que ela era uma Fabuladora? Teria alguém da 919 a traído?

Já? Ou seria um dos *patronos*? Morrigan pensou imediatamente em Baz Charlton e na tia Hester de Francis, que havia tão veemente se oposto à admissão de Morrigan na Sociedade. Poderia um deles ter deixado escapar, ou... ou será que eles poderiam ter *escrito o bilhete*?

Com certeza não, pensou Morrigan. Certamente nem o odioso Baz Charlton era tão estúpido. Algum deles arriscaria ser expulso da Soculosa só para fazer um grupo de calouros ceder ao que quer que estivesse em sua lista de exigências? Baz e Hester não queriam *chantageá-la* — eles queriam que ela fosse *embora*.

Morrigan respirou fundo e saiu da estação, tomando o caminho da floresta até a Casa do Orgulho. Com uma hora para esperar antes de sua temida aula de *História Hedionda* (o professor Onstald sempre precisava de muito mais tempo para chegar à sala de aula do que os outros professores), talvez ela pudesse passar o tempo livre no Sub-Três, estudando o Mapa Vivo. A ideia lhe deu uma onda de animação, e ela começou a andar um pouco mais rápido.

— Ei. Você! Sem Talento! Volte aqui!

O bom humor de Morrigan evaporou-se enquanto ela parava e se virava. Havia um pequeno grupo de alunos mais velhos seguindo-a pelo caminho. Três garotos, duas garotas.

— Desculpe, vocês estavam falando comigo?

— *Vocês estavam falando comigo?* — imitou uma das garotas.

Era alta, de cabelos compridos e emaranhados, nos quais alguém havia feito um trabalho de tintura verde horrível. Sua cabeça parecia coberta de musgo. Ela alcançou Morrigan, os amigos vindo logo atrás.

— Claro, idiota. Você está vendo mais alguém aqui sem um talento?

— Eu tenho talento — afirmou Morrigan. — Só que é...

— Confidencial, sei — interrompeu um dos garotos, aproximando-se e olhando Morrigan de cima.

Ele deve estar no quarto ou quinto ano, ela pensou. Era tão grande, os ombros tão largos, que poderia ter bloqueado o sol.

— Nós sabemos. Nosso condutor disse que não temos permissão para perguntar sobre isso. Então não estamos perguntando. Você é que vai nos contar.

Morrigan olhou para ele sem entender.

— Mas eu não posso contar. É *confidencial*. Isso significa...

— Nós sabemos o que significa — cortou a garota de cabelos verdes. — Também sabemos que você está aqui ilegalmente. Que veio da República.

Morrigan preparou-se para o que estava por vir.

— Não, eu não sou de lá. Eu vim de...

— Você devia saber que ninguém gosta de mentirosos por aqui — disparou a garota — e ninguém gosta de segredos. Não entre os alunos. Esperam que a gente seja unida, não é? Então é melhor você nos mostrar o seu talento. Agora. Ou você quer ver o meu primeiro?

Seus lábios abriram-se em um sorriso malicioso. Ela pegou nos bolsos cinco estrelas de arremesso pontiagudas e feitas de aço, segurando-as entre os dedos como pequenas garras de prata.

— Hã, não, obrigada — disse Morrigan, engolindo em seco ao dar meia-volta, apressando o passo em direção à Casa do Orgulho.

A outra garota — baixinha, com cara de fuinha e, diferentemente dos quatro companheiros de camisa cinza, usando a camisa branca dos arcanos — saltou à sua frente para bloquear o caminho, rindo.

— Vá em frente, Heloise.

Morrigan sentiu que era erguida no ar pelos braços e presa ao tronco de uma árvore na beira do caminho, o garoto de ombros largos de um dos lados e a garota arcana, surpreendentemente forte, do outro. Ela se debatia tentando se libertar, mas era inútil.

— Me soltem! — exigiu ela.

— Senão o quê? Você vai chamar sua condutora para vir salvá-la? — perguntou Heloise, fazendo um bico exagerado. — Vai nessa, então, se é assim tão bebezona, ande, chame...

— SRTA. CHEERY! — gritou Morrigan, que não desconsiderava *em absoluto* chamar sua condutora, independentemente do que pensassem dela. — SOCORRO...

No entanto, uma mão suada apertou sua boca com força, abafando o grito. Heloise ergueu uma das mãos no ar, equilibrando precariamente a ponta afiada de uma estrela no dedo indicador, exibindo-se.

— Talvez você queira ficar parada para isso.

Os amigos dela riram. Morrigan fechou os olhos com força. Ela ouviu — e sentiu — um breve zumbido no ar e um baque surdo quando a primeira estrela encontrou seu alvo bem ao lado de sua cabeça.

Morrigan entreabriu um olho e viu um brilho prateado cerca de um centímetro à esquerda, e Heloise preparando-se para o disparo seguinte. A respiração de Morrigan saía em arquejos curtos e agudos. Seu coração estava disparado.

— Meu Alfie aqui acha que você é metamorfista — disse Heloise, olhando com adoração para o garoto de ombros enormes. — Mas eu não. Alice Frankenreiter, da 915, é metamorfista, e eles nunca mantiveram isso em segredo.

Zuuummm, tum. Morrigan se encolheu quando a segunda estrela aterrissou pavorosamente perto de sua orelha direita.

— Mas talvez ele tenha razão. Só há uma maneira de descobrir.

Zuuummm, tum. A estrela número três prendeu a manga do casaco de Morrigan no tronco da árvore.

— Então vá em frente. Transforme-se, se você for metamorfista.

— Ela não é metamorfista — afirmou o segundo garoto, uma coisa magrela com a penugem de um bigode pairando tristemente acima do lábio superior. — Ela é uma bruxa, não é?

— Não seja idiota — disse Heloise, lançando a quarta estrela para o alto e pegando-a pela ponta. — Você tem duas bruxas em *sua* unidade, seu imbecil. Os talentos delas são confidenciais?

— Ah — disse o garoto, parecendo abatido. — Não.

— Cala a boca, Carl — ordenou Alfie, o brutamontes. — Heloise, dá pra você se apressar e jogar logo isso? Eu tenho que chegar a...

Zuuummm, tum.

— Ei! Cuidado com a mira. Essa quase *me* acertou.

— Era a minha intenção, docinho — replicou Heloise com um sorriso meloso.

Ela correu um dedo ao longo da borda da quinta e última estrela, rosnando para Morrigan:

— Anda *logo*. Isso está chato. *Faz* alguma coisa. Mostra o seu talento.

Zuuumm...

Nenhum baque surdo.

De olhos fechados, bem apertados, Morrigan sentiu o fluxo do sangue indo para sua cabeça e o fluxo de algo mais urgente que o sangue, algo *furioso*. Parecia a maré vazando de uma só vez, como se o mar estivesse esvaziando e, de repente, em um lampejo de calor abrasador, em algum lugar na parte posterior do seu crânio, se enchesse novamente até o topo. Ela era uma barragem transbordando. Prestes a estourar.

Ela abriu os olhos.

Cinco estrelas de aço no ar. Cinco alunos congelados.

Morrigan podia sentir o próprio medo e a própria fúria se acumulando no ar à sua volta, formando gotas como o vapor se condensando em um vidro, sentindo o peso da coisa terrível que estava prestes a acontecer.

Cada aluno estendeu um braço rígido, como se não conseguisse se conter, seus movimentos bruscos e artificiais, como marionetes presas a uma corda. Cada mão pegou uma estrela no ar e a voltou para seu dono. Cada ponta prateada e reluzente se aproximava, irresistivelmente mais perto, de um rosto contorcido pelo horror e a confusão.

— Não — sussurrou Morrigan, incapaz de se mover. — NÃO! Larguem isso. Parem! PAREM.

Cinco corpos foram erguidos no ar, como se sugados por um aspirador de pó, e largados simultaneamente no caminho da floresta. Flácidos como bonecas de pano. As estrelas retiniram inofensivamente no chão ao lado deles.

— Morrigan! — soou um grito em algum ponto perto da estação.

A srta. Cheery vinha correndo pela pista, seguida de perto por dois outros condutores, que foram ajudar a Horrível Heloise e seus amigos a se levantarem do chão.

— O que aconteceu aqui? — perguntou um dos outros condutores.

Ele fuzilava Morrigan com o olhar, claramente à espera de uma resposta dela. Morrigan, porém, não tinha palavras. Ela sacudiu a cabeça, a boca escancarada.

— Você está bem? — perguntou-lhe a srta. Cheery baixinho.

— Se *ela* está bem? — disse o homem. — Não é ela que está esparramada no chão, Marina!

— Ei, espere um segundo — disse a srta. Cheery, indignada. — Não venha culpando minha aluna quando você não tem ideia do que aconteceu. O que essas coisas estão fazendo espalhadas por toda parte, Toby? É a *sua* aluna a arremessadora de estrelas, não é? Qualquer um que tenha um talento ligado a armas só deve usar essas armas dentro de uma sala de aula.

Toby lançou um olhar furioso para a srta. Cheery e, relutante, perguntou:

— Heloise, por que suas estrelas estão espalhadas aqui?

Heloise não disse nada. Ela ainda parecia abalada.

— Venha, Morrigan — disse a condutora, então pegou-a pelo braço e deu meia-volta. — Vamos para o Casatrem.

Morrigan cambaleava ao seu lado, atordoada, tentando não olhar para trás, para o que parecia a cena de um crime.

— O que aconteceu? — sussurrou a srta. Cheery, seus olhos arregalados, inquietos.

— Eles me prenderam em uma árvore e tentaram me fazer contar qual era o meu talento atirando estrelas na minha cabeça!

A voz de Morrigan havia alcançado um tom que certamente apenas os cães podiam ouvir, mas a srta. Cheery captou cada uma de suas palavras, mordendo com força o lábio.

— E aí... aí, não sei o que aconteceu. Eu senti uma onda estranha de... *alguma coisa*.

Ela descreveu em sussurros frenéticos como cada um dos alunos mais velhos havia agarrado uma das pequenas armas afiadas no ar, como se compelidos por alguma força invisível, virando-as em seguida contra si mesmos.

— Mas eu não estava tentando... eu não fiz isso de propósito, senhorita, eu *juro* — concluiu ela, finalmente tragando o ar e levando-o para os pulmões no momento em que entravam no vagão.

As mãos dela estavam tremendo.

— Sei que não fez.

Não havia resquício de dúvida na voz da srta. Cheery, mas Morrigan podia ver que ela estava preocupada também.

— Como a senhorita sabe? — perguntou, sentindo a respiração presa na garganta. — Só me conhece há poucas semanas.

Sua mente voltou-se para Jupiter, a pessoa que a conhecia melhor. Ela sentiu uma pontada de tristeza ao lembrar que ele estava viajando outra vez e não estaria lá para conversarem quando ela chegasse em casa. A srta. Cheery era legal, mas não era a mesma coisa.

— Conheço uma pessoa boa quando a vejo — disse a condutora, sorrindo.

Morrigan não retribuiu o sorriso. Naquele momento, ela queria confessar tudo — sobre o bilhete deixado na plataforma deles, e como ele havia se incinerado na mão de Thaddea, fazendo o peito de Morrigan arder e um gosto de cinzas se instalar no fundo de sua garganta. Sobre a onda de fúria que ela sentira pouco antes de as estrelas de Heloise se voltarem contra sua dona. A adrenalina do poder que percorreu seu corpo naquele momento, enviando pequenos e agradáveis choques por ela mesmo agora.

Não conseguiu. As palavras não vinham.

Morrigan engoliu em seco, olhando para os próprios sapatos. Seria mesmo uma boa pessoa?, perguntava-se. *Talvez você não tenha feito isso de propósito... mas uma parte de você gostou do que fez.*

Não era normal? *Qualquer pessoa* não se sentiria assim após ser atacada e ter a cabeça alvejada por objetos pontudos?

Ou era apenas sua natureza corrupta de Fabuladora dando as caras?

— E conheço uma pessoa má — continuou a srta. Cheery. — O Quinteto Charlton... eles são maus.

Morrigan ergueu os olhos.

— O quê?

A condutora revirou os olhos.

— É assim que eles se chamam. São todos do Baz Charlton. Ele coleciona candidatos há séculos, e parece ter pelo menos um em cada unidade. A de Toby tem dois deles.

O Quinteto Charlton. Agora fazia sentido — o que fora que Heloise lhe dissera? *Você está aqui ilegalmente. Veio da República.* Baz deve ter contado a eles. Ele não estava só bravo com o fato de Morrigan ser uma

Fabuladora; ele ainda estava espumando por ela ter conquistado a segurança intocável da Sociedade Fabulosa. Principalmente porque ele acreditava que ela havia tomado o lugar de direito de uma de suas candidatas nos desafios.

— Cinco deles só nos anos básicos... bem — prosseguiu a srta. Cheery, pensativa —, seis agora, suponho. Com Cadence. Argh, espero que eles não a influenciem. São uma ganguezinha bem desagradável. Às vezes parece que são mais leais uns aos outros do que às suas próprias unidades. Preciso me lembrar de avisar Cadence para ficar longe deles. E você... também mantenha distância deles, tá?

Morrigan assentiu. Ela não tinha nenhuma vontade de reencontrar Heloise, sua gangue *nem* suas estrelas de arremesso.

Naturalmente, não podia falar por Cadence. Ninguém podia falar por Cadence, que tinha sua própria personalidade: estranha, impenetrável, imprevisível.

Se a hipnotizadora quisesse transformar o Quinteto Charlton no Sexteto Charlton, Morrigan não apostaria nas chances da srta. Cheery de convencê-la do contrário.

CAPÍTULO DEZ

Exigências e Dragões

Verão do Ano Dois

Quando os primeiros sinais do verão chegaram a Nevermoor, eles já estavam aproveitando longos dias de sol escaldante e calor seco dentro dos muros da Sociedade Fabulosa.

A Unidade 919 tinha se acostumado ao ritmo peculiar e inconstante da vida na Soculosa. Não estavam mais deslumbrados pelo tamanho da Casa do Orgulho, e andavam pelos andares subterrâneos com confiança cada vez maior. Eles também estavam aprendendo a lidar com a natureza mutável das duas Mentoras Acadêmicas e com a imprevisibilidade de seus horários de aula semanais. Exceto Morrigan, claro, cujo horário se mantinha previsivelmente limitado.

A agenda de Morrigan deveria lhe deixar com bastante tempo para aproveitar o glorioso clima da Soculosa ao ar livre, mas, na realidade, ela estava ocupada, mantendo-se vigilante e tentando evitar outro encontro com o Quinteto Charlton. Hawthorne ficara furioso ao ouvir sobre o episódio do arremesso de estrelas. Na manhã seguinte, ele entrou no Casatrem pisando duro, com uma lista de dez ideias de vingança, da qual Morrigan e a srta. Cheery *quase* não conseguiram convencê-lo a desistir (embora Morrigan se sentisse tentada a deixá-lo pôr em prática o item número seis: cobrir o Casatrem de Heloise com papel higiênico).

Ela decidiu não contar sobre o incidente a Jupiter, cujas expedições fora de Nevermoor tinham se tornado mais curtas, porém mais frequentes. Cada vez que ele voltava para casa, mal se passava um ou dois dias antes que chegasse outra mensagem da Sociedade Fabulosa ou da Liga dos Exploradores, e ocasionalmente até de outras organizações de que Morrigan nunca tinha ouvido falar, como o Grupo de Observação

Celestial. Então ele partia novamente, seguindo outra pista sobre Cassiel, Paximus Luck ou o Magnifilhote. Ele ainda insistia que os desaparecimentos não estavam relacionados, mas Morrigan achou que ele soava cada vez mais incerto em relação a isso. Parecia também cada vez mais abatido ao voltar de mais uma investigação que não dava em nada, o que fazia com que Morrigan hesitasse em falar de seus problemas com valentões na escola e bilhetes chantagistas misteriosos.

Até que veio a primeira exigência.

— O que é isto? — perguntou Thaddea em uma tarde, depois que a srta. Cheery os deixara de volta na Estação 919.

Ela estava olhando para sua porta, onde estava grudado um pedaço de papel azul dobrado.

Morrigan parou diante da própria porta com um suspiro. Ela havia passado um dia longo e horrível na sala de aula úmida e gramada de Onstald pesquisando e escrevendo uma redação intitulada "Despropósitos dos Fabuladores da Era Aviária e seus efeitos nas viagens aéreas". O que ela mais queria no mundo era passar por aquela porta preta e se jogar na cama.

A expressão de Thaddea foi se fechando à medida que ela lia o bilhete.

— Não. De jeito nenhum — disse, sacudindo a cabeça ferozmente. — DE. JEITO. NENHUM.

Cadence puxou o bilhete da mão dela, enquanto Morrigan e os outros se amontoavam ao redor dela para ler por cima do seu ombro.

Thaddea Milicent Macleod.

Você tem uma luta marcada no Clube de Combate
amanhã à tarde
contra um oponente desconhecido.
Você vai perder a luta.
Se não perder propositalmente,
nós vamos revelar o segredo da Unidade 919.

Lembrem-se:

Não contem a ninguém.
Ou vamos contar para todo mundo.

— Eu nunca perdi uma luta em toda minha vida — disse Thaddea, cruzando os braços diante do peito. — Não vou começar agora.

— Mesmo que isso signifique que todos nós seremos expulsos da Sociedade? — perguntou Cadence bruscamente.

Thaddea ficou em silêncio.

Morrigan releu o bilhete. Por que alguém ia querer que Thaddea... *Ah*, ela pensou repentinamente. *Ah!*

— Thaddea, contra quem você vai lutar?

— Por que você quer saber?

— *Porque* — disse ela, tentando não transparecer seu tom de impaciência — se soubermos quem é, talvez a gente possa descobrir quem escreveu isto! Talvez a pessoa com quem você vai lutar seja a mesma...

— É um sorteio — interrompeu Thaddea. — Os nomes dos oponentes são tirados de um chapéu na hora de entrar no ringue. Poderia ser qualquer um, em qualquer unidade, de qualquer aula de combate. — Seu rosto estava se fechando mais a cada segundo. — Quem quer que seja não quer que outra pessoa ganhe. Só quer que eu *perca*. Mas eu não vou fazer isso.

— Eu não posso ser expulso — disse Francis, parecendo prestes a chorar. — Thaddea, por favor. Eu não posso. Minha tia vai...

— Ah, minha tia, minha tia — disse Thaddea, zombando. — Pare de falar da sua tia pelo menos uma vez. E o meu pai? Ele provavelmente morreria de vergonha se soubesse que perdi uma luta de propósito. É uma questão de princípio! Nenhum Macleod se entrega na luta.

Hawthorne fechou a cara.

— E o que me diz do princípio de ser leal à sua...

— Ah, *cala a boca*, Swift.

— CHEGA — gritou Cadence. — Vamos votar. Quem é a favor de ignorar os bilhetes e deixar que espalhem nosso segredo?

Thaddea levantou a mão, olhando, desafiadora, para Cadence. Anah a acompanhou, assim como Mahir. A mão de Arch também se ergueu

lentamente, mas ele pelo menos teve a decência de parecer envergonhado.

— Quem é *contra* a traição à nossa colega de unidade e a clara exibição de desprezo pelos princípios e pela ética que constituem a própria base desta Sociedade? — perguntou Hawthorne, fuzilando Thaddea com os olhos enquanto erguia a mão com vigor.

Cadence, Francis e Lambeth também levantaram as mãos, mas Morrigan não tinha certeza se Lambeth estava realmente prestando atenção à conversa.

— *Morrigan* — sussurrou Hawthorne, dirigindo a ela um olhar expressivo.

— Ah! Tá.

Morrigan levantou a mão.

Thaddea deu um chute na parede.

— Tudo bem, Swift, agora recue! Vá com calma… ele quer mergulhar, mas não deixe. Recue, verifique o equilíbrio dele. Lembre-se de que você está no comando. Continue planando. Continue planando. Agora... ótimo. Levante o queixo e jogue a cabeça mais para trás. A sua cabeça, Swift, não a do dragão. Puxe um pouco mais da próxima vez nessa queda para a esquerda, por favor.

O treinador de montaria de dragão de Hawthorne nas manhãs de terça era um homem com a aparência castigada chamado Dedos Magee, que tinha, durante seus quarenta anos de montaria de dragão profissional, perdido cinco de seus dedos (dois de uma das mãos e três de outra).

Na falta de algo melhor para fazer, Morrigan vinha passando muito de seu tempo livre — e disso ela dispunha de sobra — na arena de montaria de dragão no Sub-Cinco assistindo aos treinos de Hawthorne.

Era estranho. Por um lado, Morrigan ficava verdadeiramente empolgada ao ver o amigo em sua zona de conforto. Montar um dragão fazia aflorar um lado de Hawthorne que ela raramente via, e a transformação era extraordinária. O menino levado, agitado e distraído desaparecia. Em seu lugar surgia um garoto sério e capaz, concentrado na tarefa que lhe fora designada, atento ao seu treinador e comprometido em

melhorar suas habilidades.

E os dragões por si só eram... uma coisa à parte. Morrigan se sentia privilegiada só de estar no mesmo ambiente que esses antigos répteis — criaturas tão perfeitamente lindas, e ao mesmo tempo tão assustadoramente poderosas e inteligentes, que era como estar na presença da verdadeira magia.

Por outro lado, estar ali era uma forma moderada de tortura.

Era *assim* que ela tinha esperado que a Sociedade fosse. Assim como os do restante da Unidade 919, o horário de aulas de Hawthorne era robusto e empolgante. Hoje ele tinha treino na arena seguido por uma aula de orientação no Bosque Queixoso à tarde. Amanhã: *Disputa com Criaturas Hostis* pela manhã, e uma aula teórica intitulada *Conquistar a Imortalidade: É Possível?* após o almoço.

Ela estava *tentando* controlar o lobo uivante da sua inveja, estava mesmo.

Hoje, o lobo estava calmo, mas só porque Morrigan não conseguia parar de pensar no que acontecera na estação no dia anterior.

Ela ergueu o rosto para o teto cavernoso da arena. Seu olhar seguiu Hawthorne e o dragão enquanto eles davam uma volta fechada (que mereceu um grito de aprovação de Dedos Magee), mas ela não estava enxergando de fato. Em sua mente, o que via era a carranca de Thaddea. O horror choroso de Francis diante da ameaça de expulsão. O jeito tímido e culpado com que Arch levantara a mão, votando para que deixassem o segredo de Morrigan ser exposto.

Ela esteve muito perto. *Muito perto*. Morrigan se perguntou se quem estava enviando esses bilhetes idiotas percebia o quanto havia torpedeado completamente suas esperanças de uma vida feliz na Soculosa. Talvez quem quer que os estivesse chantageando a odiasse tanto que havia planejado o jeito perfeito de rachar sua unidade.

Quem estava fazendo isso? Como tinha descoberto seu suposto talento? Morrigan passara a manhã inteira revirando essas duas perguntas na cabeça.

— Tudo bem, agora desça devagar — gritou Dedos para Hawthorne. — Quero um pouso suave, nada de pular que nem um canguru. Assim

mesmo. Devagar.

Hoje Hawthorne estava montando em um Escamas de Lanterna Multicor, um dragão de porte médio (aproximadamente do tamanho de dois elefantes) cuja pele escamada cor de turquesa tremeluzia e ondulava como a luz de lampião na água. Quando Hawthorne pousou suavemente com ele, o impacto nas musculosas pernas traseiras do dragão fez com que ondas luminosas percorressem todo o seu corpo.

Durante o intervalo, enquanto outro cavaleiro usava a arena, Hawthorne subiu a arquibancada de dois em dois degraus e deixou-se cair ao lado de Morrigan. Ele estava suado, com o rosto vermelho e exausto — mas do tipo de exaustão prazerosa que vem de ter se esforçado numa atividade que ama.

— Aquela volta que você deu no final — disse ela, entregando-lhe a garrafa de água — foi incrível. Como você não caiu da sela?

— Obrigado! — agradeceu, e afastou os cachos castanhos do rosto com um gesto da cabeça. — É tudo uma questão de flexionar os músculos certos da perna e torcer pra que o dragão não faça nada estúpido. Mas ele é bom. Confiável.

— Qual é mesmo o nome dele?

Hawthorne revirou os olhos enquanto tomava um gole de água.

— Depende de pra quem você pergunta. O nome oficial dele, registrado nos torneios, é *Desliza pelo Ar como uma Faca Quente na Banha*, mas eu o chamo de Paul.

— Humm — disse Morrigan distraída.

— Você está pensando naqueles bilhetes?

Hawthorne apoiou os pés no encosto da cadeira da frente e começou a desamarrar suas caneleiras de couro.

— Quem você acha que está enviando? — perguntou.

— Bem... eu estive pensando. E se for a Heloise e sua gangue? O Quinteto Charlton?

Hawthorne franziu a testa.

— É. Parece bem a cara dela. Mas como ela poderia saber que você é uma... — Ele olhou à sua volta, certificando-se de que não havia ninguém sentado ali perto, e então sussurrou: — ... *Fabuladora*? Acha que Baz

contou para eles?

— Não sei — disse ela com sinceridade.

Os dois ficaram sentados em silêncio enquanto Hawthorne brincava com a tira de seu protetor de pulso. Uma estranha e inquieta culpa começou a borbulhar como veneno dentro de Morrigan.

— Thaddea nunca vai me perdoar.

— Perdoar? — perguntou Hawthorne, surpreso. — Por que motivo? Não é culpa sua!

— É o meu segredo que ela está protegendo.

— Não, é o *nosso* segredo — insistiu ele. — Quem está enviando esses bilhetes, seja lá quem for, está ameaçando todos nós... estamos nisso juntos.

Dedos chamou Hawthorne e ele começou a reunir o equipamento espalhado.

— Escuta — disse ele baixinho. — Qual é o sentido de se preocupar com isso quando não temos como saber quem é? Vamos aguardar e ver o que o próximo bilhete diz.

Enquanto o observava descer os degraus até a arena, Morrigan foi tomada por uma nova determinação. Ela não podia simplesmente esperar o próximo bilhete, imaginando se a exigência apresentada nele seria aquela que faria toda a sua unidade se voltar contra ela.

Havia um jeito de resolver esse enigma, tinha de ter haver. Ela ia descobrir.

Sabia exatamente por onde começar.

No maior dojo do Sub-Cinco, Thaddea já havia entrado no ringue. O Clube de Combate era um evento semanal em que todas as diferentes disciplinas de combate da Soculosa se reuniam para uma série de desafios corpo a corpo. Era um vale-tudo caótico, absurdamente injusto e sem limite de idade, em que uma kickboxer descalça poderia se ver enfrentando uma esgrimista numa roupa protetora de malha de metal, e era — inexplicavelmente — a coisa de que Thaddea mais gostava no mundo. Ela adorava recapitular suas lutas para o resto da unidade toda semana, em

detalhes violentos e inabaláveis. Apesar de ser a lutadora mais jovem, ela era a campeã invicta do Clube de Combate.

Até hoje.

— Certo. Quem vai enfrentar Macleod? — gritou uma mulher corpulenta e musculosa com cachos grisalhos segurando um chapéu no ar, do qual tirou um nome e deu uma risada ao ler. — Will Gaudy! Venha para cá, rapaz. Céus, essa vai ser rápida — acrescentou em um murmúrio, e a plateia respondeu com gemidos e gargalhadas.

Brutilus Brown cobriu o rosto com uma pata.

Will Gaudy era um garoto tagarela da Unidade 916 que gostava de contar histórias sem sentido que ele protagonizava como o maior, o melhor e mais durão herói da cidade — normalmente espancando gangues inteiras de valentões sem nem suar. Todos sabiam que eram mentira, porque Gaudy não possuía destreza nenhuma para lutar. Seu talento sequer tinha a ver com combate; ele era um compositor talentoso, mas insistia nas aulas de combate para poder dizer às pessoas fora da Sociedade que era lutador de boxe. Morrigan sabia que Thaddea não o suportava.

A expressão de Thaddea era de desalento ao vê-lo entrando no ringue. De todos os lutadores no dojo, registrar sua primeira derrota justamente para Will Gaudy, o fracote tagarela... seria extremamente humilhante. Se Will ganhasse a luta, ele nunca, *jamais*, em hipótese alguma, deixaria Thaddea esquecer.

Teria sido manipulado?, Morrigan se perguntou. Será que os chantagistas tinham, de alguma forma, *providenciado* para que o nome de Will fosse sorteado do chapéu? O único método que ela conseguia imaginar era se a chantagista fosse a mulher corpulenta que sorteava os nomes, mas Morrigan duvidava que fosse o caso.

Certamente não era o próprio Will — que, apesar das bravatas, parecia bem nervoso diante da ideia de enfrentar Thaddea.

Morrigan quase não suportou assistir. Parte dela se perguntava se Thaddea ia mudar de ideia e se recusar a entregar a luta. Parte dela achava que era o que ela deveria fazer.

Ela não o fez. No primeiro round — no primeiro *minuto* — Thaddea se deixou ser subjugada pelos chutes ridículos e pelos golpes fracos e

ineficazes de Will. Ela nem tentou fazer parecer verossímil. A primeira vez que o punho de Will encontrou seu rosto (porque ela basicamente o serviu para ele de bandeja), ela caiu no chão e esperou o juiz contar até dez.

A plateia não conseguia acreditar. A própria Morrigan mal podia acreditar, e olha que ela estava esperando por isso.

Precisava deixar o choque de lado, porque *esse* era o momento pelo qual ela viera. Se os chantagistas queriam que Thaddea perdesse essa luta, certamente estariam aqui para assistir. Ela observou a multidão, examinando cada rosto presente, procurando alguém que traísse algum sinal de... *alguma coisa*.

No entanto, não havia nem uma centelha de satisfação ou de arrogância à vista. Todos os presentes exibiam uma expressão de profundo choque com a vitória impossível de Will. Se os chantagistas estavam ali, eram os melhores atores do mundo.

Enquanto Will se deliciava com a chuva de gritos e aplausos, Thaddea pulou do ringue e passou pisando duro por Morrigan.

— Thaddea! — chamou ela. — Espere, eu...

— Me deixe em paz — rosnou Thaddea por cima do ombro.

— Eu só queria dizer...

— *Não* diga.

Morrigan a observou afastar-se, sentindo-se pior do que nunca.

A segunda exigência chegou na Estação 919 naquela sexta-feira à tarde, presa à lustrosa porta azul de Francis. Ele abriu o bilhete com mãos ligeiramente trêmulas. Seus olhos se estreitaram enquanto lia.

— Eles querem... *bolo*.

— Bolo? — repetiu Hawthorne.

— É o que diz aqui.

Morrigan franziu o rosto, confusa.

— Só... bolo?

— SÓ bolo? — perguntou Francis, erguendo o olhar do bilhete em sua mão para fuzilar Morrigan. — Não, não é SÓ bolo. LEIA.

Francis John Fitzwilliam.

Você vai assar e decorar uma Crista de Coroação
da Grande Caledônia, deixá-la na Plataforma 919
às seis horas da manhã de amanhã,
e voltar para casa imediatamente.
Se não seguir essas instruções à risca,
vamos revelar o segredo da Unidade 919.

Lembrem-se:
Não contem a ninguém.
Ou vamos contar para todo mundo.

— O que é... — Morrigan leu o bilhete — … a Crista de Coroação da Grande Caledônia?

— Apenas o bolo mais difícil e complicado que consigo imaginar — bufou Francis. — Três camadas, cada uma de um sabor e densidade diferentes, decorado com centenas de flores de açúcar pintadas com folhas de ouro, espirais de caramelo por todo bolo e, no alto, uma coroa de renda de açúcar.

Os olhos de Hawthorne se arregalaram.

— Você pode fazer mais de um?

— Isso vai levar a noite toda! — exclamou Francis, puxando de volta o bilhete e ignorando Hawthorne. — E eu tenho quatro horas de prática de habilidade com facas amanhã de manhã. Não posso fazer isso sem dormir! Vou perder um dedo!

— Amanhã é sábado — disse Hawthorne.

— Eu *sei* que amanhã é sábado — respondeu Francis fuzilando-o com o olhar. — Tia Hester acha que minha habilidade com as facas não está suficientemente boa, então ela está me fazendo ter aulas extras no final de semana.

Hawthorne arquejou. Morrigan nunca o tinha visto tão afrontado como estava pela ideia de ter aulas em fins de semana. Ele parecia ter perdido temporariamente a capacidade da fala.

— Isto é ridículo — disse ela, apontando o bilhete. — Por que eles iriam querer que você fizesse um *bolo* para eles?

Francis pareceu magoado.

— Por que alguém *não iria querer* que eu fizesse um bolo? Você já *provou* meus bolos?

— São *muito* bons, Francis — concordou Hawthorne. — Se eu estivesse chantageando você, com certeza o obrigaria a fazer um bolo para mim. E alguns daqueles doces recheados com creme que você fez daquela vez. E um daqueles...

— Psiu, Hawthorne — pediu Morrigan. — O que eu quero dizer é que... essas exigências são... bem, elas são *bobas*.

Ela olhou para a porta preta que levava ao seu quarto. Ela estava louca por uma noite no Salão de Música (Frank havia contratado uma nova atração que conseguia assoviar músicas pelas narinas), mas Morrigan sabia que a culpa de saber que Francis ia passar a noite inteira fazendo um bolo só para proteger o seu segredo ia corroê-la por dentro. Ela suspirou.

— Olha. Eu vou te ajudar, tá? Serei sua assistente. Você não precisa fazer isso sozinho. Ou... ah, você pode vir para a cozinha do Hotel Deucalião! Eu aposto que nosso chef poderia fazer um... sei-lá-o-quê de Crosta da Grande Caledônia.

Essa, aparentemente, foi a coisa errada a dizer.

— Eu NÃO preciso da ajuda de um cozinheiro de frituras de um hotel de segunda categoria!

Com isso ele se foi, batendo a porta azul na cara de Morrigan.

Ela sacudiu a cabeça, incrédula.

— Cozinheiro de frituras? O chef Honeycutt recebeu TRÊS vezes o prêmio Espátulas Reais.

Ela despediu-se de Hawthorne com um aceno e passou por sua porta preta, ainda murmurando para si mesma:

— *Cozinheiro de frituras*.

Morrigan suspirou com alívio ao abrir a porta e entrar em seu quarto preferido no mundo. Sua cama parecia estar comemorando o fato de que finalmente era sexta, e havia se transformado num enorme ninho de pássaro, cheio de tecidos macios em uma dúzia de tons de verde, tendo no

centro três almofadas enormes em formato de ovo. Morrigan estendeu os braços como um pássaro abrindo as asas e se jogou de costas na maciez aconchegante, aterrissando com um *ahhh* agradecido.

Ela ficou ali deitada, fitando o teto, que recentemente havia se tornado uma extensão de céu noturno, o fundo azul-escuro salpicado por simpáticas estrelas cintilantes. Lembrava o teto da Sala dos Mapas na Soculosa, e ela torceu para que continuasse assim.

Morrigan não conseguia parar de pensar em Thaddea. Na expressão em seu rosto quando deixou o dojo, e o terrível silêncio desde então. Morrigan se sentia péssima por ela. Ela se mostrara tão orgulhosa do recorde no Clube de Combate, tão merecidamente orgulhosa. E perder para Will Gaudy, de todas as pessoas… Morrigan sentia-se perplexa e grata que Thaddea houvesse mantido a promessa e sacrificado algo tão importante para ela, tudo pelo bem da unidade.

Foi esse último pensamento que incitou Morrigan a agir. A luta não tinha dado em nada. Ela ainda não sabia quem eram os chantagistas. Não ia desistir. Se Thaddea estava disposta a perder para Will Gaudy, e se Francis podia passar a noite toda fazendo o bolo mais ridículo do planeta, então *ela* podia descobrir quem estava por trás disso tudo.

Afinal, não tinha mesmo nada melhor para fazer.

CAPÍTULO ONZE

A Furtiva

— Ele está preocupado com alguma coisa.

— Com o quê?

— Acho que... dinheiro.

Jack e Morrigan estavam em pé, debruçados no corrimão da escada em espiral, observando o espetáculo que era o saguão do Deucalião numa noite de sábado. O enorme salão se transformara em uma lagoa para aquela noite, e nele se viam não os habituais móveis de veludo com detalhes dourados e árvores em vasos, mas pequenas gôndolas e canoas. As embarcações levavam convidados barulhentos e glamourosos, todos vestidos em trajes náuticos, como instruía o convite enviado por Frank. Os trajes eram muito elaborados. Até agora, Morrigan tinha visto sete sereias, quatro tritões, grupos de marinheiros e piratas, uma estrela-do-mar, uma ostra e um polvo violentamente roxo todo bordado em lantejoulas.

— Como você sabe? — perguntou Morrigan.

Jack estreitou os olhos. O tapa-olho estava puxado para o lado (outro fato raro), apoiado em sua têmpora.

— Os dedos dele estão verdes. Dedos verdes significam que ele está louco para pôr a mão em algum dinheiro ou que acabou de perder uma boa quantia.

Morrigan olhou para o sujeito que Jack estava examinando: um homem bonito e de aparência arrogante, vestido com uniforme de almirante. Parado na proa de uma gôndola, seu olhar deslizava pelo saguão como se fosse o dono do lugar e de todas as pessoas ali.

— Ele parece rico — disse ela. — Olhe as joias no pescoço da esposa dele.

— Pessoas ricas também se preocupam com dinheiro. Às vezes mais do que as pobres. E aquela não é a esposa dele, é a amante.

Morrigan ofegou, ao mesmo tempo escandalizada e fascinada. Esse era seu novo jogo favorito.

Ultimamente, os fins de semana no Deucalião andavam ainda mais animados que o normal. Frank estava competindo com dois promoters rivais de um novo hotel aberto nas proximidades, o Aurianna. Todo sábado à noite, ele promovia uma luxuosa festa, dança ou baile de máscaras temático, às vezes fechando alas inteiras do hotel, às vezes levando a celebração para o terraço para que pudesse ser vista e ouvida num raio de quilômetros. Então, todo domingo de manhã, ele andava de um lado para o outro no saguão, esperando a entrega do *Sentinela de Nevermoor*, do *Correio da Manhã* e do *Espelho*. Quando os jornais chegavam, ele corria para as colunas sociais, e no saguão ressoavam gargalhadas estrondosas e triunfantes ou uivos de raiva, dependendo de qual hotel houvesse conseguido mais centímetros de espaço nas colunas naquela semana. Frank vencia com mais frequência do que perdia (suas festas eram lendárias e bem frequentadas por celebridades, pela aristocracia e, às vezes, até pela realeza), mas seus fracassos infrequentes eram temidos por todos no Deucalião. Em geral, eram seguidos por vários dias de lamúrias dramáticas e depois por um frenesi renovado para fazer da festança do sábado seguinte "a melhor que já tivemos!".

Tudo isso tornava as noites de sábado no Deucalião uma excelente oportunidade para a observação de pessoas, e a crescente confiança de Jack em suas habilidades como Testemunha deixava a atividade *muito* mais divertida.

Fenestra — que odiava água — estava *furiosa* com Frank por causa do tema que ele escolhera para aquela noite e já havia ameaçado: a) ligar para o Fedor; b) encher o quarto de Frank com cabeças de alho; e c) tocar fogo no hotel. É claro que não fizera nada disso, mas *estava* pendurada de forma ameaçadora no lustre preto, sibilando e mostrando as garras para qualquer convidado que ousasse chegar perto o bastante dela.

— E quanto a elas?

Morrigan apontou para um grupo de jovens fantasiadas de coloridos peixes tropicais, os vestidos com uma variedade de franjas, penas e contas bordadas, todos modernésimos e *fabulosamente* impróprios. Elas remavam

aleatoriamente pelo saguão, bebendo champanhe rosé na garrafa e importunando Wilbur, o pianista — estacionado com o piano de cauda em uma pequena ilha de areia —, para que tocasse algo "mais animado".

Jack as observou por um minuto, franzindo a testa, concentrado.

— Aquela escandalosa vestida de peixe-palhaço preferia estar em casa. Ou em outro lugar, pelo menos. Tem um... é como se fosse um fio ou algo assim. Um fio de prata. Que fica tentando puxá-la para a porta da frente.

O sobrinho de Jupiter havia aparecido naquela tarde depois da aula de violoncelo para um fim de semana em casa. Morrigan estava surpresa com o quanto a chegada dele tinha deixado o dia dela melhor depois de um péssimo começo.

Com a intenção de pegar os chantagistas em flagrante na Estação 919 e ver quem fora buscar o bolo de Francis, ela acordara naquela manhã com um alarme programado para as 5h55, abrira silenciosamente a porta misteriosa e atravessara o vestiário da Soculosa... só para ter todo o seu plano destruído, porque a porta que dava para a estação não abria. Alguma coisa a bloqueava do outro lado — os chantagistas eram tão espertos que irritava. Quando a porta por fim se abriu, era tarde demais: o bolo tinha desaparecido e não havia mais ninguém na plataforma.

Morrigan batera na porta de Francis para perguntar como ele tinha se saído com o bolo e se vira alguma coisa na estação que pudesse dar alguma pista sobre os chantagistas, mas ele se limitara a lhe dirigir um olhar de raiva — coberto de farinha, glacê e caramelo puxa-puxa — e bater a porta outra vez na sua cara.

Seu dia rolara um pouco mais ladeira abaixo quando ela descobriu que Jupiter ainda estava fora *e* que o saguão ficaria totalmente inacessível o dia todo enquanto Frank o preparava para a festa da noite.

Resumindo, Morrigan ficara tão feliz em ver Jack que até agora tinha resistido ao impulso de zombar de seu uniforme arrumadinho da Escola Graysmark para Rapazes Brilhantes, sentindo-se profundamente virtuosa por esse autocontrole.

— E o que me diz dela?

Morrigan apontou para uma mulher com um chapéu de tubarão-martelo.

— Furiosa porque o irmão mais novo acabou de herdar a fortuna da família.

Morrigan olhou para ele, surpresa.

— Isso é bem específico.

— Bem... acho que é isso mesmo. Ela é complicada. Dedos verdes... problema de dinheiro. Cruz preta sobre o coração, luto recente. Ela tem uma segunda sombra, menor... problema com uma irmã ou irmão mais novo, acho que é um irmão. E todo o corpo está brilhando em um tom profundo de vinho, que é a cor da raiva alimentada. Ela está triste, mas também *furiosa*.

Morrigan observou a mulher e imaginou que podia ver um pouco de tristeza nela, embora estivesse entornando coquetéis e flertando com o belo jovem louro vestido de estrela-do-mar que compartilhava sua canoa.

— E ele? — perguntou Morrigan, apontando com a cabeça um fababuíno completamente fantasiado de pirata, levando um papagaio grande e de cores vivas no ombro.

Jack riu.

— Desesperado para que alguém pergunte sobre o pássaro. Irritado porque ninguém parece interessado.

— Sabe, você pode ganhar uma fortuna fazendo isso! Poderíamos dizer às pessoas que você é clarividente. Fico com vinte por cento dos lucros.

Jack revirou os olhos, sorrindo. Morrigan sabia que ele não gostava de tirar o tapa-olho com muita frequência. Ela e Jack nunca tinham conversado sobre isso, mas Jupiter havia contado que precisara de anos e anos de treinamento como Testemunha para conseguir "dar sentido à loucura", como ele descrevera — para aprender a entender as camadas e fios, filtrar as coisas importantes e ignorar o resto —, e que Jack ainda não tinha chegado a esse ponto. Ele dissera que, por ora, o tapa-olho de Jack funcionava como uma espécie de filtro, interferindo em sua visão para que ele não precisasse ver todas aquelas coisas o tempo todo. Para que seu estranho talento não o levasse à loucura.

— E você? — perguntou Jack inesperadamente, virando-se para encará-la.

Ele ergueu uma das mãos, como se para proteger os olhos de uma luz

forte, estreitando-os para ver além do brilhante fabulânio que Morrigan sabia que devia estar se reunindo em torno dela mesmo agora. Ela sentiu o rosto quente. Jack a olhava como Jupiter às vezes fazia, como se soubesse algo que ela não sabia. Como se talvez soubesse muitas coisas que ela não sabia. Já era bastante irritante quando Jupiter fazia isso, mas, sendo Jack, Morrigan tinha vontade de furar seus olhos.

Ela fez uma careta.

— E quanto a mim?

— Nuvem escura — respondeu Jack, indicando com a cabeça o ombro esquerdo dela. — Seguindo você por aí. Problemas na escola?

Morrigan hesitou, e em seguida disse:

— Mais ou menos.

— O que está acontecendo?

Por onde começar?, ela se perguntou. Poderia contar a ele sobre a chantagem? Jack já sabia que ela era uma Fabuladora, então ela não estaria quebrando a promessa aos Anciãos.

Morrigan respirou fundo e, lançando a cautela ao vento, contou tudo a ele: sobre os três bilhetes que tinham recebido até o momento, a votação que sua unidade fizera e que pelo menos metade deles se ressentia dela. Uma vez tendo começado a falar, descobriu que não podia parar. Ela contou sobre o professor Onstald e *Uma história abreviada do espectro dos atos fabulosos*, e sobre Heloise e o Quinteto Charlton. Disse que Jupiter estava participando de infindáveis missões ultrassecretas, que ela desconfiava que tinham a ver com as pessoas desaparecidas. Ela falou, falou e falou, voltando aos mesmos assuntos, e Jack ouviu silenciosamente sem fazer perguntas. Uma vez tendo botado para fora tudo que estava em sua mente, Morrigan sentiu-se... mais leve, de certa forma.

— A nuvem desapareceu? — perguntou ela por fim, tentando olhar por cima do ombro esquerdo, embora soubesse que não podia ver se estava lá ou não.

Jack deu de ombros.

— Está menor.

— Que bom.

Ele assentiu e não perguntou mais nada. Essa era uma coisa boa em

Jack: ele odiava que as pessoas lhe fizessem perguntas intrometidas, então ele também não as fazia.

— Por falar nisso — disse ele, enfiando a mão no bolso interno do casaco —, tem uma coisa que eu estava querendo te dar.

Ele entregou a ela um quadrado de papel dobrado. Era preto metálico, fino como uma folha seca, mas macio e flexível.

— Se algum dia você precisar de mim... eu me refiro a uma emergência de verdade, e não a qualquer bobagem... se estiver em apuros e precisar de ajuda, escreva um endereço ou um ponto de referência neste papel. Um lugar onde eu possa te encontrar. Depois diga meu nome completo, John Arjuna Korrapati, três vezes e queime o papel. Ele está ligado a mim, então não importa onde você esteja, ele aparecerá na minha mão.

Morrigan ergueu uma sobrancelha. Ela não tinha certeza se acreditava nele.

— Como isso funciona?

— Não faço a menor ideia. É um sistema que meu amigo Tommy inventou para colar nas provas, embora por que ele precise colar quando é inteligente o suficiente para inventar coisas como essa, eu nunca vou saber — disse Jack, dando de ombros. — A mãe dele é uma bruxa, ela deve ter ajudado. Costumávamos usar esse método para enviar mensagens para outros dormitórios depois que as luzes se apagavam, até que começamos a ficar sem os papéis. Tommy não está autorizado a fazer mais porque foi pego colando e acabou sendo suspenso, o idiota. Só me restam alguns, mas com Jupiter longe por tanto tempo, e tudo tão... Enfim. Acho que é melhor se você puder entrar em contato comigo, só isso — concluiu ele, parecendo constrangido.

— Ok — disse Morrigan, e guardou o papel no bolso, sorrindo. — Hã, obrigada.

— Emergências de verdade apenas — disse Jack novamente, virando-se para se debruçar na escada.

— Eu sei, eu sei.

Ela apoiou os cotovelos no corrimão, examinando o saguão em busca de seu próximo alvo.

— Que tal... ele?

O homem que ela apontara tinha acabado de entrar e atravessava o saguão, saltando de um barco a remo para uma canoa e em seguida para uma gôndola como se fizessem parte de um caminho de pedras em um lago. Os convidados o cumprimentavam aos gritos, aplaudindo e gargalhando quando ele quase virou uma embarcação. Seu rosto, porém, permanecia sombrio. Ele correu a mão pelas ondas ruivas dos cabelos.

— Jupiter! — chamou Morrigan.

Ele olhou para cima e a viu com Jack na escada, sorrindo sombriamente ao lhes dirigir um breve aceno. Ergueu dois dedos e seus lábios se moveram em silêncio, formando as palavras *dois minutos*. Então, enfim chegando ao balcão da recepção submerso até a metade, sentou-se em cima dele e começou a vasculhar a grande pilha de mensagens que Kedgeree lhe entregou.

O olhar de Jack correu pelo espaço ao redor do tio.

— Ele está procurando alguma coisa. É por isso que continua saindo em todas essas expedições. Seja o que for, não consegue encontrar em lugar nenhum.

— Como você vê isso?

— Como uma névoa cinzenta em torno da cabeça dele — murmurou Jack. — E luzes fracas e tremeluzentes fora de seu alcance.

Eles não perceberam que Fenestra havia abandonado o hostil balanço no candelabro até que sua enorme sombra de repente escureceu a visão de Morrigan e Jack, e sua voz baixa e feroz soou atrás deles.

— O que *eles* estão fazendo aqui?

Morrigan deu um pulo, levando as mãos ao peito enquanto erguia o olhar para a expressão ameaçadora da Magnifigata.

— Você não pode usar um sininho no pescoço? — perguntou ela, o coração disparado. — O que *quem* está fazendo aqui?

— O Fedor — disse Fen, apontando com uma pata um pequeno grupo de homens e mulheres de casaco preto que havia requisitado um barco a remo e o conduzia com determinação em direção ao balcão do concierge.

Morrigan piscou, surpresa.

— Fen! Você não chamou *mesmo* a polícia por causa do Frank, chamou? Que coisa horrível para...

— Por acaso eu pareço uma informante da polícia? — rosnou Fen. — Claro que não chamei ninguém. Dedos-duros se dão mal.

— Então por que eles...

— Eles não são do Fedor — disse Jack numa voz sussurrada, boquiaberto. — São da *Furtiva*.

— Do quê? — perguntou Morrigan.

— Do Departamento de Investigação da Sociedade Fabulosa — respondeu Jack. — Polícia secreta. Eles dificilmente se mostram assim. Em geral, são um pouco mais... sabe... *furtivos*.

— Como você sabe quem são eles?

— Olhe o uniforme: casaco de couro preto, botas lustrosas... está vendo o bolso no peito?

Morrigan olhou para baixo, estreitando os olhos na direção do policial mais próximo, e viu um pequeno olho dourado bordado no bolso superior direito, com um *F* dentro da íris.

— Definitivamente são da Furtiva. Eles já vieram aqui antes em busca do Tio Jove — continuou Jack —, faz alguns anos, quando precisaram da ajuda dele na investigação da cena de um crime. Mas isso foi... foi por causa de um *assassinato* — disse ele em um sussurro. — Um feiticeiro famoso. No fim, descobriram que o homem fora morto pelo aprendiz, e foi Jupiter quem os ajudou a solucionar o caso. A Furtiva só investiga os crimes mais graves, e apenas se envolverem membros da Sociedade Fabulosa.

— Estão investigando os desaparecimentos — disse Morrigan.

Jack sacudiu a cabeça, estreitando os olhos na direção do esquadrão de casacos pretos.

— Eles estão decididamente procurando alguma coisa, ou alguém, mas não faz semanas. É recente. Estão envoltos na mesma neblina que Jupiter, mas a deles é densa e... Não sei como descrever, é meio *cintilante*... como uma tempestade. É nova.

Eles observaram a conversa se desenrolando lá embaixo. Jupiter correu a mão pelos cabelos, parecendo agitado e profundamente cansado. Morrigan afastou-se do corrimão.

— Vamos descer e descobrir... *Ai!* — gritou ela, detida subitamente por

uma pata enterrando-se em seu ombro. — Fen!

— Se aqueles sujeitos *são* da Furtiva, você não vai chegar perto deles — grunhiu a Magnifigata. — Quando Jupiter quiser que você saiba o que está acontecendo, ele vai te contar. Agora, chega... Já passou da sua hora de ir para a cama.

— Eu não tenho hora de ir para a cama — replicou Morrigan, franzindo a testa.

— Agora tem.

— Você não pode...

— Acabei de fazer.

— Mas...

— CAMA.

Morrigan virou-se para observar Jupiter na esperança de atrair seu olhar, mas ele já estava saindo outra vez, seguindo para as portas da frente no barquinho a remo cercado pela Furtiva.

Ele nem se dera ao trabalho de tirar o casaco.

CAPÍTULO DOZE

Beco Demoníaco

Ninguém sabia nada sobre mais um desaparecimento. Nem Kedgeree nem Fenestra nem Dame Chanda — Morrigan tinha passado o domingo importunando os três alternadamente. Tampouco a srta. Cheery, que parecera genuinamente surpresa (e um pouco preocupada) no Casatrem na segunda-feira ao ouvir que a Furtiva estivera na casa de Morrigan. Nem o professor Onstald, que a tinha chamado de "insolente", "impertinente" e "abusada" durante a aula da manhã por ousar fazer perguntas sobre o mecanismo interno do sistema de aplicação da lei da Sociedade Fabulosa.

Onstald havia passado o restante da aula dando a Morrigan um sermão longo e ofegante sobre intromissão e educação... o que pelo menos era preferível a copiar mais uma passagem de *Uma história abreviada do espectro dos atos fabulosos*.

A aula daquela tarde com Mildmay foi bem mais interessante.

— Estradas Fraudulentas. Vias Traiçoeiras. Ruas Sombrias. Horas Fantasmagóricas — leu ele de uma lista que escreveu no quadro-negro. — Quem pode me dizer o que são essas coisas?

Rostos sem expressão o encaravam.

— Ninguém? — Mildmay parecia surpreso. — Sorte de vocês.

— O que são, senhor? — perguntou Mahir.

— Estradas Fraudulentas são uma ferramenta antiquada de bandidos e ladrões de estrada. Um simples truque geográfico, no qual uma pessoa entra numa via e sai na outra extremidade em um local diferente, às vezes a quilômetros de distância, onde um bando de delinquentes estaria esperando para assaltá-la. A maioria das Estradas Fraudulentas está bloqueada ou sinalizada agora, mas no passado, na Era dos Ladrões, elas infestavam todo o Estado Livre. As Vias Traiçoeiras, por outro lado, são uma sandice exclusivamente nevermooriana.

Ele se acomodou e, sentado na borda da mesa, começou a balançar as pernas. Morrigan tinha notado que Mildmay fazia isso sempre que falava de um tópico que realmente interessava a ele.

— Terrivelmente inconvenientes e às vezes bastante assustadoras, mas, *no geral*, inofensivas, se você souber o que está fazendo. "Via Traiçoeira" é quase um termo genérico para os becos ou passagens de Nevermoor que se transformam de alguma forma assim que você se vê neles.

— Como assim, se transformam? — perguntou Morrigan.

— Bem, às vezes isso significa que você anda até a metade do caminho e, de repente, se vê voltado para a direção de onde veio sem jamais ter se virado. Ou, talvez, quanto mais você caminha, mais as paredes do beco se estreitam ao seu redor, até que você se vê obrigado a voltar por onde veio para não morrer esmagado.

— Argh — disse Arch, estremecendo.

— É, eu não recomendo. Uma vez me deparei com uma Via Traiçoeira que perdia a gravidade à medida que avançava. Comecei a flutuar até que finalmente tive de me agarrar à parede e me arrastar de volta ao ponto onde tinha começado.

— Ah! — disse Morrigan, que havia de repente se lembrado da excursão com Jupiter na Véspera da Primavera. — Acho que já vi uma!

Ela contou a Mildmay sobre o estranho beco no caminho para a Sala de Música da Velha Delphia, onde foram ver o Anjo Israfel (omitindo, é claro, a razão por que foram visitá-lo).

— Boemia, você disse? — perguntou Mildmay. — Caramba, não tenho certeza se eu já conhecia essa. Excelente, srta. Crow! Sim, há Vias Traiçoeiras espalhadas por toda a cidade. A maioria delas foi mapeada e, como as Estradas Fraudulentas, está bloqueada ou cuidadosamente assinalada com placas de advertência para que você saiba onde está entrando. No entanto, algumas delas, infelizmente, têm a terrível mania de se deslocar: elas desaparecem de um lugar e reaparecem em outro completamente diferente. Portanto, na verdade, o mapa oficial das Vias Traiçoeiras, fornecido pelo Conselho de Nevermoor, às vezes é meio inútil. Naturalmente, eu prefiro o Mapa Vivo. Ele não é perfeito, mas é bastante eficaz em atualizar-se sozinho.

Ele pegou uma pilha de mapas dobrados na mesa ao lado dele e a entregou a Anah.

— Mesmo assim, eis a melhor tentativa do Conselho de Nevermoor de registrar o irregistrável. Pegue um e passe os outros adiante.

Hawthorne entregou a Morrigan o último mapa e ela o abriu, espiando com atenção as minúsculas ruas onduladas. Havia dezenas de bandeirinhas cor-de-rosa, vermelhas e pretas espalhadas por toda a cidade, cada uma delas indicando a localização de uma Via Traiçoeira conhecida.

Mildmay bateu palmas uma vez.

— Agora me sigam — disse ele, encaminhando-se para a porta da Sala do Mapa. — Vamos sair em uma aventura!

Era um dia de verão perfeito na Cidade Velha, quente e ensolarado, e a Unidade 919 era só empolgação. Alunos de primeiro ano normalmente não tinham permissão para deixar a Soculosa durante o horário escolar, mas Mildmay havia obtido permissão especial da Mentora Acadêmica para levar a turma para sua primeiríssima aula prática, na condição de que, se algum deles — incluindo Mildmay — pusesse a Sociedade em uma situação constrangedora, eles seriam amarrados aos trilhos na Estação do Orgulho durante o horário de pico.

Seu destino veio a ser a Travessa do Templo, uma minúscula ruazinha secundária não muito longe da Soculosa — o tipo de via sombria e suja cuja entrada passaria despercebida pela maioria das pessoas.

Mildmay apontou uma pequena placa encardida na parede, na qual se lia:

TRAVESSA DO TEMPLO
CUIDADO!
POR ORDEM DO
ESQUADRÃO DE EXCENTRICIDADES GEOGRÁFICAS
E DO CONSELHO DE NEVERMOOR,
ESTA RUA FOI DECLARADA UMA
VIA TRAIÇOEIRA DE ALERTA ROSA

(TRUQUE DE NÍVEL INCÔMODO, APRESENTANDO INCONVENIÊNCIA SIGNIFICATIVA AO ENTRAR)

ENTRE POR SUA CONTA E RISCO

— Naturalmente — disse Mildmay —, a coisa mais segura seria nunca entrar em uma Via Traiçoeira. Dito isso, é melhor ter um plano de ação para o caso de ser apanhado desprevenido. Portanto, estabeleça assim um plano de três passos simples e fácil. Primeiro passo: MANTER A CALMA. Acredite, quando você de repente se vê flutuando em direção ao céu, é fácil entrar em pânico. E, quando entramos em pânico, perdemos a capacidade de pensar com clareza.

"Quero que todos vocês se lembrem dessas duas coisas simples: inspirem…"

Ele inspirou várias vezes.

— … e expirem.

Mildmay soltou o ar completamente em um silvo lento e contínuo.

— Façam comigo agora. Prontos? Inspirem.

Todos juntos, a unidade inspirou profundamente.

— E expirem.

Ufa.

— Ótimo. Vocês ficariam surpresos com o quanto o simples fato de se lembrar de *continuar respirando* pode ajudar em uma situação assustadora.

Cadence virou-se para Morrigan e revirou os olhos.

— Brilhante — murmurou ela. — Eu teria esquecido essa função corporal involuntária básica se ele não a tivesse mencionado. Vou anotar.

Ela fez uma cara de idiota e fingiu escrever no ar com uma caneta imaginária.

— Shhh — disse Morrigan, tentando não rir.

— Segundo passo: RECUAR — disse Mildmay. — Nem sempre sabemos o que vamos encontrar em uma Via Traiçoeira. Podemos ter sorte e deparar apenas com um truque antigravidade ou paredes se fechando... esses dois são comuns. Mas existem outros truques muito mais perigosos por aí. Uma Via Traiçoeira em Southey-no-Juro, faz alguns anos, sugou

todo o ar dos pulmões de um homem e o matou sufocado. E eu já li uma história sobre uma, bem aqui na Cidade Velha, há muitos anos, que literalmente virava as pessoas pelo avesso, de modo que todos os músculos e órgãos ficavam do lado de fora do corpo.

Os alunos se encolheram e emitiram ruídos de repulsa — exceto Hawthorne, que sussurrou "Maneiro", e Anah, cuja expressão era de interesse.

— Não temam — prosseguiu Mildmay, erguendo as mãos para silenciá-los. — Essa Via não existe mais. Foi fechada com tijolos.

Morrigan sorriu com sarcasmo, sacudindo a cabeça para Hawthorne, que parecia quase decepcionado.

— O que quero dizer é que nem sempre vocês vão saber o que vão enfrentar quando entrarem em uma Via Traiçoeira. Portanto, a solução é: não lutem. Recuem. *Sempre* recuem. *Nunca* pensem que podem ser mais espertos do que o truque, *nunca* pensem que podem derrotá-lo, *nunca* pensem que podem lutar contra ele. Sua vida vale mais do que um atalho.

Ele olhou para cada um deles, o rosto jovem e redondo solene como Morrigan nunca tinha visto.

— Finalmente, o terceiro passo: AVISAR ALGUÉM. Por que isso é importante?

A mão de Anah ergueu-se imediatamente.

— Para evitar que outras pessoas sejam apanhadas por ela.

— Muito bem. Por que mais?

— Para o caso de ela ainda não estar no mapa — gritou Mahir.

— Correto. Por que mais?

A unidade ficou em silêncio.

Mildmay tornou a abrir seu mapa do Conselho.

— Porque ela pode ter mudado. As Vias Traiçoeiras são imprevisíveis... elas podem se modificar e evoluir com o tempo. Olhem os seus mapas. Estão vendo o Beco Perrins, lá na Muralha? Ele costumava ter o truque básico e trivial de virar a pessoa de cabeça para baixo. Na semana passada, um de nossos alunos mais desatentos do quarto ano pegou o caminho errado, entrou no Beco Perrins e se viu nadando no esgoto.

Um coro de "Argh" e "Eca" soou.

— Pois é — continuou Mildmay. — No entanto, esse jovem fez a coisa certa. Ele se manteve calmo, recuou e contou ao seu condutor. Bem, primeiro ele tomou um banho e *depois* contou ao condutor, que informou o Esquadrão de Excentricidades Geográficas, e nós informamos o Conselho, que agora atualizou este mapa. Por causa dos riscos à saúde, eles subiram o nível de ameaça do Beco Perrins de Alerta Rosa (Truque de Nível Incômodo, Apresentando Inconveniência Significativa ao Entrar) para Alerta Vermelho (Truque de Alto Risco e Probabilidade de Dano à Pessoa ao Entrar) e instalaram ali uma placa de advertência.

— Mas, senhor, por que simplesmente não a fecham com tijolos, como aquela das vísceras para fora? — perguntou Hawthorne.

— Porque ainda há esperança para o Beco Perrins. Mudou do truque de virar de cabeça para baixo para o de se transformar em um riacho de esgoto... há sempre a possibilidade de que possa voltar a ser uma rua comum um dia. Só bloqueamos os casos perdidos. Os Alertas Pretos.

— O que significa um Alerta Preto? — indagou Morrigan.

— Morte ao Entrar.

Morrigan engoliu em seco. Quantas dessas Vias haveria por aí em Nevermoor, até agora não assinaladas?

— Não se preocupe — disse Mildmay com um sorriso. — Alertas Pretos são extremamente raros, e esta rua, a Travessa do Templo, é apenas um Alerta Rosa. Eu trouxe vocês aqui para que pratiquem. Cada um de vocês vai entrar na Travessa do Templo e, seguindo os dois primeiros passos do nosso plano de três passos, recuar em segurança. Quem vai ser o primeiro?

Previsivelmente, Thaddea e Hawthorne foram os primeiros voluntários. Eles praticamente bateram um no outro tentando chegar à frente do grupo. Mildmay, porém, tinha outros planos.

Ele fez sinal para que um relutante Francis avançasse e o segurou pelos ombros enquanto fitavam a viela estreita com calçamento de pedras que era a Travessa do Templo. O restante da unidade amontoou-se atrás deles, observando. Embora não conseguisse ver o rosto dele, Morrigan podia ver que Francis estava apavorado: ele tremia visivelmente.

— Lembre-se, sr. Fitzwilliam — disse Mildmay. — RESPIRE, e então RECUE. Basta lembrar essas duas coisas e ficará bem.

— Outra pessoa não pode ir primeiro? — choramingou Francis.

— Aah... eu!

Hawthorne levantou a mão. Mildmay estendeu o braço e a abaixou.

Thaddea bufou, impaciente.

— Deixa de ser bebezão, Francis. É só um Alerta Rosa, pelo amor de Deus.

— Thaddea, não seja má — disse Mildmay. — Embora ela esteja certa, Francis. Só vai virá-lo de cabeça para baixo. O pior que pode acontecer é o sangue fluir para a sua cabeça. Quando isso ocorrer, dê alguns passos para trás, mesmo estando de cabeça para baixo no ar. Faça os movimentos como se estivesse andando no chão. Quando a Via pressentir sua intenção de voltar pelo caminho por onde veio, ela o virará de volta antes que você se dê conta.

Ele deu um leve empurrão em Francis.

— Agora vá — insistiu. — Você consegue.

Francis deu um passo à frente, depois outro.

Hawthorne começou a torcer baixinho para encorajá-lo:

— Francis, Francis, Francis.

Morrigan e o restante da unidade juntaram-se a ele, seus sussurros ganhando volume e enchendo o espaço estreito.

— Francis, Francis, Francis.

Outro passo, depois mais alguns, até que, finalmente, quando Francis se encontrava na metade da viela, foi erguido no ar e virado de cabeça para baixo como se não pesasse nada. Ele pairou no ar por um momento, uma perna estirada em direção ao céu enquanto os outros três membros se debatiam.

— Respire, Francis! — disse Mildmay. — Mantenha a calma.

Francis respirou fundo algumas vezes e parou de se debater.

— Você sabe o que fazer em seguida, vamos lá. Um passo atrás... e depois outro...

— Francis, Francis, Francis...

Embora estivesse de cabeça para baixo, Francis moveu o pé para dar um grande passo para trás, comicamente exagerado. Mais um passo falso, depois outro, e então...

— *ISSO AÍ!*

Mildmay soltou um grito de júbilo, pulando e dando um soco no ar enquanto Francis voltava à posição correta, cambaleando um pouco ao aterrissar nas pedras do calçamento. Ele se virou de frente para eles sem fôlego e em choque, mas sorrindo.

Todos os alunos, um de cada vez, entraram na Travessa do Templo, virando e desvirando sob aplausos e vivas de Mildmay e do restante da unidade. Morrigan gritou e gargalhou quando chegou a sua vez de virar de cabeça para baixo, e Hawthorne adorou tanto a experiência que implorou para ir de novo.

— Pode ir pela segunda vez, sr. Swift — disse Mildmay. — Todos vocês podem. Todo mundo está com o mapa? Quero que vocês formem trios e escolham uma Via Traiçoeira aqui na Cidade Velha onde possam praticar o recuo com segurança. Permaneçam na Área Norte. Apenas Alertas Rosa. E lembrem-se: MANTENHAM A CALMA e RECUEM. Vamos nos encontrar nos portões da Soculosa quando o relógio da Praça Coragem soar três horas.

— Francis, quer ficar no nosso grupo? — ofereceu Morrigan.

Francis fechou a cara e virou as costas. Era a quarta vez naquele dia que Morrigan tentava, sem sucesso, falar com ele. Ela tinha achado que Thaddea ficara muito aborrecida, mas Francis estava *muito* pior. Ele passara o dia alternando: ora lançava olhares de desprezo a Morrigan, ora fingia ter ficado surdo quando ela tentava falar com ele.

— Parece que ele esqueceu como votou, não é? — murmurou Hawthorne. — Eu desistiria se fosse você, Morrigan.

Francis seguiu Thaddea e Anah, enquanto Mahir conduzia Arch e Lambeth em outra direção. Cadence sobrou, parecendo constrangida e ressentida. Nenhum dos outros tinha sequer olhado em sua direção. Ela fora esquecida mais uma vez.

— Venha com a gente, Cadence — chamou Morrigan, acenando para ela.

Cadence foi até eles, tentando parecer que não dava a mínima.

Os três estudaram juntos o mapa de Morrigan. Havia onze Alertas Rosa na Área Norte para que escolhessem. Hawthorne e Cadence levaram

apenas dez minutos para chegar a um acordo sobre uma Via e, quando finalmente a alcançaram, o grupo de Mahir já a havia reivindicado. Eles então tiveram de recomeçar.

— Beco Demoníaco! — exclamou Hawthorne, apontando no mapa por cima do ombro de Morrigan. — Isso parece legal.

— Mas fica na Área *Oeste*, idiota — murmurou Cadence.

— E daí?

— Daí que ele disse que era para a gente permanecer na Área Norte.

— Está na Área Oeste só por uma quadra. É *quase* na Área Norte.

— Mesmo assim, fica na...

— Ah, vamos *logo*, andem — disse Morrigan, enrolando o mapa —, ou a aula vai acabar.

O Beco Demoníaco era estreito e escuro, tão escuro que eles não conseguiam ver o que havia no fim. Era como olhar por um túnel. Havia uma plaquinha na entrada, idêntica àquela da Travessa do Templo, declarando-a uma Via Traiçoeira de Alerta Rosa.

— Eu vou primeiro — disse Hawthorne.

Ele fez menção de sair em disparada e Morrigan o agarrou pelas costas da camisa.

— Espere! Você não pode entrar *correndo*. Nós nem sabemos que tipo de truque tem aí. Seja *sensato*. Vá devagar.

Revirando os olhos e murmurando "Tá, papai", Hawthorne desacelerou, relutante, e começou a andar. Morrigan e Cadence observavam, ansiosas, esperando que ele fosse virado de pernas para o ar a qualquer momento. Na metade do beco, porém, Hawthorne parou, oscilando ligeiramente.

— Hawthorne? — chamou Morrigan. — Qual é o problema? Você está bem?

— Eu não... não estou me sentindo muito bem.

— Você está passando mal?

Ele deu outro passo à frente, então parou de novo.

— Argh. Acho que vou vomitar.

Cadence emitiu uma exclamação de nojo.

Morrigan franziu a testa.

— Você acha que o truque é esse ou foi alguma coisa que você comeu?

Ambas as possibilidades eram plausíveis, pensou ela, pois no almoço daquele dia ele havia devorado três sanduíches de rosbife com molho, quatro tigelas de sopa de mariscos e uma caneca de vitamina de morango.

— Eu acho que é... arrghhhh.

Ele dobrou o corpo para a frente, apoiando as mãos nos joelhos, e seu corpo começou a se sacudir, como se estivesse prestes a vomitar.

— Recue! — gritou Morrigan. — Hawthorne, tente dar um passo para trás.

— Eu não posso... não posso... eu vou...

Ele cobriu a boca com as mãos, tornando a oscilar.

— VOLTE, seu idiota! — gritou Cadence.

Hawthorne obrigou seus pés a darem um passo trêmulo para trás, depois outro, e Morrigan viu a tensão imediatamente deixar seu corpo. Ele se endireitou, deu outro passo para trás, então se virou e correu pelo restante do caminho.

— Isso foi *horrível* — disse ele, afastando o cabelo do rosto pálido e úmido, que ainda parecia meio verde. — Quem vai agora?

— Fica pra próxima, obrigada — disse Cadence, parecendo desanimada.

Hawthorne a fuzilou com o olhar.

— Sem essa. Se eu fiz, vocês duas vão fazer também.

Ela zombou.

— Sem chance.

— Aposto que você não consegue ir além de onde eu fui.

— Aposto que eu não estou nem aí.

— Aposto que você é medrosa como uma galinha.

Hawthorne cacarejou e fingiu bater asas.

Morrigan revirou os olhos.

— Ah, pelo amor de Deus. *Eu* vou. Aqui, Cadence... segure o mapa.

Ela marchou pelo calçamento de pedras do beco até que uma onda de náusea a fez deter-se. Ela esperou, sem saber se ia cair, desmaiar ou vomitar nos sapatos. Ou as três coisas.

Alguma coisa a impeliu a avançar em meio à névoa da náusea — um instinto ou impulso que ela não conseguia explicar. Ela ficara pensando

durante toda a aula naquela noite na Boemia, no beco cheirando a podridão que a levou com Jupiter até a Velha Delphia. Mais do que tudo, ela se sentia queimar pela curiosidade de saber o quanto o beco a deixaria seguir, o que havia no seu fim e o que aconteceria se ela simplesmente... atravessasse...

Morrigan deu mais uns dois passos, então teve de dobrar o corpo para a frente, a mão nos joelhos, e esperar que passasse a segunda onda de náusea, terrível e desestabilizadora.

— Pode voltar agora — gritou Hawthorne lá de trás. — Já foi além do que eu fui.

No entanto, apesar da avassaladora repulsa que sentia ao pensar em avançar ainda mais, Morrigan deu mais um passo hesitante. Esse beco estava escondendo alguma coisa. Ela sentia um formigamento na ponta dos dedos. Havia algo mais — vozes vindo de algum ponto à frente. Indistintas a princípio, e então...

— ... e agora temos a maldita Furtiva em nosso encalço. Nesse ritmo, nosso cronograma não...

A *Furtiva*. Teria ela ouvido certo?

Morrigan fez uma pausa, concentrando-se, tentando ouvir o restante, tentando controlar a urgência de vomitar. Precisava ver o que — quem — estava se escondendo no fim desse beco. Ela continuou avançando mesmo com o corpo se sacudindo, mesmo com Hawthorne e Cadence gritando às suas costas: "*Volta!* O que você está *fazendo*?" — e finalmente, justo quando Morrigan teve certeza de que estava prestes a despejar o almoço nas pedras do calçamento, ela se lançou à frente, atravessando uma parede invisível de resistência... e sentiu a náusea desaparecer. Assim, do nada.

Ela olhou para trás. Hawthorne e Cadence não estavam mais à vista. A luz no fim do Beco Demoníaco também desapareceu; era como se o beco houvesse sido invertido e, em vez de ter à frente um túnel escuro, a escuridão estivesse atrás dela.

Morrigan se encontrava parada na entrada do beco que dava em uma grande praça que ela nunca tinha visto. O chão era áspero e irregular e o capim espesso crescia em grandes trechos, onde as pedras do pavimento haviam se quebrado há muito tempo, nunca consertadas. A praça estava

organizada como um mercado improvisado, sujo e espalhado, com velhas tendas de lona e mesas fazendo vezes de bancadas. Estava tudo vazio, como se um evento tivesse terminado recentemente ou ainda nem houvesse começado. O lugar tinha um ar de desolação silenciosa. A nuca de Morrigan formigou.

— Vai chegar a muito mais que isso — soou a voz rouca de uma mulher, vinda de dentro de uma barraca próxima. — Espere por mais alguns dias, até o grande...

— Preciso de um comprador *agora* — interrompeu uma voz masculina em um sussurro urgente. — Esta coisa é uma verdadeira raridade, mas não posso ficar com ela para sempre, é uma ameaça. Olha o que ela me fez... Vou ter sorte se não estiver infectado.

Morrigan sentiu-se exposta parada ali na praça quase deserta, e voltou às sombras do beco. Experimentava uma estranha sensação no estômago que não tinha nada a ver com a nauseante Via Traiçoeira.

— Eu te disse — retrucou a mulher. — Tenha paciência. Se é um bom espécime, como você diz...

— Ele é.

— ... então vai conseguir um bom preço no próximo leilão, e você vai consolidar sua reputação. Desde que tenha mais mercadoria nos lotes de outono.

Morrigan sentiu algo pingar em sua testa e automaticamente limpou com a mão. Seus dedos ficaram pretos como tinta. Ela olhou para cima e viu que estava parada na sombra de um grande arco de madeira. Um homem empoleirado no topo de uma escada alta segurava um pincel em uma das mãos e uma lata de tinta preta na outra, pintando uma placa no arco que dizia:

O MERCADO MACA

O pintor olhou para baixo naquele momento e seus olhos se arregalaram ao ver Morrigan.

— Ei! — gritou ele, e a lata em sua mão despencou ruidosamente, espirrando tinta preta nas pedras.

Morrigan deu um pulo quando a tinta caiu em sua calça.

— Quem é você? Como chegou aqui? — perguntou o homem.

Ela não ficou ali para responder. O pintor desceu apressado a escada, quase despencando em sua pressa para alcançá-la, mas Morrigan foi mais rápida. Ela deu meia-volta e disparou pelo beco-túnel, retornando por onde viera, rompendo a barreira invisível no meio do caminho e mergulhando de cabeça em uma sensação física tão nauseante que ela pensou que poderia ser o seu fim. Morrigan forçou-se a ir adiante, atravessando a repulsa, sem diminuir a velocidade. Uma luz surgiu à frente e, vendo o choque nos rostos de Hawthorne e Cadence, Morrigan correu ainda mais rápido, gritando para eles ao chegar à entrada do Beco Demoníaco:

— CORRAM!

CAPÍTULO TREZE

Fogo e Gelo

Morrigan correu, atenta para ver se ouvia passos atrás dela. Ela levou Hawthorne e Cadence da escuridão do beco para a luz do sol da Cidade Velha, desviando-se do trânsito nas ruas e de pedestres sem nunca desacelerar ou nunca parar até chegarem aos portões da Soculosa, sem fôlego e exaustos, mas em segurança. Se o homem *tivesse* seguido Morrigan pelo Beco Demoníaco, eles o haviam despistado em algum ponto do caminho.

— O que aconteceu? — perguntou Hawthorne, dobrando o corpo para a frente e segurando a cintura. — Do que estamos fugindo?

Morrigan não sabia como responder. *Um homem com um pincel?* Ela não sabia dizer exatamente o que havia de tão profundamente incômodo na praça escondida, mas o calafrio em sua nuca ainda não tinha passado, apesar do calor que sentia em razão da corrida. Ela contou para Hawthorne e Cadence tudo que tinha visto e escutado, e eles pareceram tão confusos quanto ela.

— O Mercado Maca? — disse Cadence. — Você quer dizer o Mercado Macabro?

— Pode ser isso — replicou Morrigan. — Talvez ele não tivesse terminado de pintar o cartaz.

Os olhos de Cadence se arregalaram.

— Isso não é bom.

Hawthorne fez uma careta.

— Ah, sério, Cadence? Você acredita mesmo no Mercado Macabro?

— Você *não*?

— O que é o Mercado Macabro? — quis saber Morrigan.

— O que está acontecendo? — perguntou Mildmay, chegando assim que o relógio da Praça Coragem soou três da tarde, a distância.

— Ah, hã...

Morrigan hesitou. Ela queria perguntar a Mildmay sobre o que tinha visto, mas duas coisas lhe vieram à cabeça: primeiro, que eles tinham ido para a Área Oeste, que estava fora do limite que ele impusera. E segundo, que ela havia ignorado completamente o plano de três passos para lidar com Vias Traiçoeiras. Como ela poderia explicar que ela tinha substituído o SEGUNDO PASSO: RECUAR pelo SEGUNDO PASSO: CONTINUAR AVANÇANDO E METER O NARIZ ONDE NÃO É CHAMADA APESAR DISSO SER DEFINITIVAMENTE CONTRA AS REGRAS?

— Nada — concluiu ela pateticamente.

Mildmay olhou dela para Hawthorne e Cadence, parecendo desconfiado.

— Achei que tivesse ouvido alguém mencionar o Mercado Macabro...

Morrigan ficou pálida.

— Não... bem, sim. É uma história engraçada, na verdade...

— É, sim, meu irmão Homer vem implicando comigo o ano inteiro — interveio Hawthorne, interrompendo Morrigan antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa e lançando um olhar rápido para ela. — Ele diz que, agora que estou na Sociedade, o Mercado Macabro virá atrás de mim. Mas ele só está com ciúme porque não tem um talento.

A expressão do jovem professor suavizou-se e ele pareceu achar a história divertida.

— Estou vendo que as velhas tradições continuam! As lendas urbanas sendo transmitidas de geração em geração.

Ele olhou além de Hawthorne.

— Ah... aí estão vocês! — chamou o restante da unidade, que vinha subindo o morro.

Mildmay fez um sinal para o guarda na entrada da Soculosa, os portões se abriram, rangendo, e ele os apressou pelo longo caminho que levava à Casa do Orgulho.

— O que é uma lenda urbana? — perguntou Morrigan.

Ela, Hawthorne e Cadence tinham ficado na retaguarda do grupo e cercado Mildmay, enquanto os outros seguiam mais à frente conversando animadamente e reencenando suas bem-sucedidas experiências nas Vias

Traiçoeiras.

— Ah, é só uma história que as pessoas repetem tantas vezes que passa a ser aceita como verdade. Nesse caso, é um mito bobo contado para assustar jovens alunos da Soculosa — disse ele, agitando a mão para descartar a ideia. — Eu não daria nenhuma atenção a isso.

— Eu falei — disse Hawthorne a Cadence. — Não é verdade.

— É *verdade* — insistiu Cadence. — Minha mãe conhece uma moça que teve a tia-avó levada para o Mercado Macabro. Eles nunca mais a viram.

Mildmay deu um suspiro longo e relutante e enfiou as mãos nos bolsos da calça.

— Bem, suponho que o Mercado Macabro *possa* ter existido mesmo há muitos anos. Era supostamente um mercado clandestino, um lugar ilegal e secreto em que se podia comprar quase qualquer coisa em que se possa pensar: armas, partes de nãonimais exóticos, órgãos humanos, ingredientes proibidos de feitiçaria...

— Até Fabulanimais — afirmou Cadence.

— As pessoas podiam *comprar* Fabulanimais? — repetiu Morrigan, horrorizada. — Isso é terrível.

— Revoltante, não é? — disse Cadence. — E não só Fabulanimais: centauros, unicórnios, ovos de dragão, tudo. Até as autoridades encerrarem sua operação, é cla...

— Magnifigatos? — interrompeu-a Morrigan. — Magnifigatos também?

Mildmay lhe dirigiu um olhar estranho.

— Por quê?

— Só pensando.

Ela estava pensando no filhote desaparecido da dra. Bramble, claro, mas Fenestra também lhe veio à mente. A ideia da teimosa, mal-humorada, leal e superprotetora Fen sendo colocada à venda — de algum tolo realmente querer ser *dono* de Fenestra, a Magnifigata — fez com que Morrigan quisesse chutar alguma coisa.

Quando ela veio para Nevermoor, conhecer Fen, com seu pelo cinza desgrenhado e mau-humor, havia sido um choque porque Morrigan *tinha* visto Magnifigatos antes — no noticiário —, mas aqueles eram muito

diferentes. Na República, o fato de a presidente da República do Mar Invernal ter seis Magnifigatos puxando sua carruagem era conhecido... criaturas silenciosas e obedientes com pelo preto lustroso e coleiras enfeitadas.

À luz dessa nova informação, Morrigan não podia deixar de se perguntar de onde aqueles Magnifigatos tinham vindo. Poderiam ter sido comprados no mercado clandestino? Teriam, de alguma forma, sido transformados de criaturas inteligentes e independentes como Fenestra em pouco mais do que um *transporte* bem treinado?

— Já ouvi dizer — comentou Cadence, agora em um tom mais baixo — que se podia até comprar um talento; que os Homens-Ossos sequestravam membros da Sociedade Fabulosa e roubavam seus talentos para vender no Mercado Macabro.

— Os Homens-Ossos? — repetiu Morrigan. — Quem são eles?

Mildmay deu uma risadinha.

— São chamados também de Legião de Esqueletos — respondeu, revirando os olhos. — Historinha de bicho-papão. *Supostamente* eles surgiam de lugares escuros e desertos onde havia muitas carcaças: cemitérios, campos de batalha, leitos de rio, sabem, e se formavam espontaneamente a partir das sobras dos mortos.

— Isso é o que Homer sempre diz também — confirmou Hawthorne, seu lábio se curvando em um meio-sorriso amargo. — Para tomar cuidado se eu sentir o cheiro de água salgada ou de carne podre ou...

— Ou se você ouvir o *chacoalhar* de ossos? — riu Mildmay novamente. — É, quando eu estava na escola, as crianças costumavam aterrorizar umas às outras com histórias sobre gangues de Homens-Ossos vindo pegá-los enquanto dormiam, deixando para trás apenas uma trilha de ossos. Eu falei: isso é história de bicho-papão. Monstros debaixo da cama. Nada disso é *verdade*, não há nada a temer.

Morrigan, porém, não estava rindo. Ela teve uma sensação súbita de perda de equilíbrio, como se tivesse errado um degrau ao descer uma escada.

Enquanto Mildmay corria para alcançar os outros e falar com eles sobre sua prática nas Vias Traiçoeiras, ela diminui o passo, segurando

Hawthorne e Cadence.

— Eu não acho que os Homens-Ossos sejam só uma lenda — disse ela em voz baixa, e um arrepio percorreu seus braços. — Eu... eu acho que vi um.

— Você acha *o quê*? — espantou-se Cadence.

— Onde? — perguntou Hawthorne. — *Quando?*

— Faz algum tempo, nas docas. Eu não sabia do que se tratava na época, mas era *exatamente* como Mildmay descreveu.

Ela estremeceu, lembrando-se da estranha formação de ossos e lixo, do grotesco *despropósito* da coisa.

— Então se os Homens-Ossos são verdade... — começou Hawthorne, uma ruga marcando o espaço entre seus olhos.

— O Mercado Macabro deve ser também — concluiu Morrigan.

Ela pensou em Cassiel, Paximus Luck e o filhote da dra. Bramble. Se havia alguma chance de achar algum deles, talvez fosse no Mercado Macabro.

Se o seu pressentimento estivesse certo, ela precisava voltar ao Beco Demoníaco e descobrir.

Ele não precisava fazer isso, mas Mildmay acompanhou a Unidade 919 até a Estação do Orgulho, onde a srta. Cheery os aguardava para levá-los para casa. Ela estava sentada na entrada do Casatrem segurando uma xícara de chá com ambas as mãos, os olhos fechados enquanto desfrutava do sol da tarde filtrado pelas copas das árvores.

— Ah! Olá, Marina — cumprimentou Mildmay.

Havia um tom de surpresa e indiferença em sua voz que revelava a Morrigan que ele estava fingindo. Ele afastou a franja dos olhos, então pulou na ponta dos pés e nos calcanhares e balançou os braços meio sem jeito. Morrigan achou que podia ver um leve rubor em suas bochechas e cutucou Hawthorne, com um sorriso maroto.

— Ele está sonhando — sussurrou Hawthorne em resposta.

A srta. Cheery abriu um olho.

— Olá, Henry. Tudo bem, pessoal? Como foi na Cidade Velha? —

perguntou e se levantou, despejando o que restava do chá nos trilhos do trem. — Todos prontos...

A condutora foi interrompida por um som pavoroso que era meio grito, meio soluço. Morrigan se virou na direção do barulho e foi instantaneamente derrubada pelo que parecia — tanto na aparência quanto na força — uma bala de canhão humana. Um turbilhão de membros se debatendo e longos cabelos verde-musgo.

— O que você fez com ele? O que você fez? RESPONDA!

Morrigan recuou enquanto Heloise tentava arranhar seu rosto. Mildmay e a srta. Cheery seguraram os braços agitados da garota mais velha, um de cada lado, e a afastaram, mas Heloise lutou contra eles, ainda tentando atacar Morrigan. Hawthorne e Cadence correram para ajudar uma Morrigan chocada a se levantar do chão.

— PARE! — gritou a srta. Cheery, com dificuldade para manter a menina sob controle.

— Ela sabe de alguma coisa — acusou Heloise. — Ela fez alguma coisa com ele! Onde ele está? Cadê o Alfie?

— Heloise, se acalme — disse Mildmay. — Do que você está falando? O que houve com Alfie?

Heloise soluçou, levando ar aos pulmões.

— Olhe... OLHE!

Ela se soltou e enfiou um bilhete na cara de Mildmay, que o leu em voz alta, parecendo cada vez mais confuso.

— *"Eu não posso mais ficar. Não mereço estar na Sociedade. Deixo também meu broche de F. Por meio deste, eu me retiro da minha unidade. Atenciosamente, Alfie Swann."* Mas, Heloise... o que isso pode ter a ver com Morrigan? Se Alfie quis ir embora, então...

Heloise sufocou um soluçou.

— Alfie não queria ir *embora*! Ele nunca iria sem me dizer. Ele me ama! Ele não escreveu este bilhete estúpido!

Mildmay mostrou-se solidário.

— Tenho certeza de que é o que parece...

— Ele não escreveu — insistiu Heloise. — O Alfie nem saberia o que "por meio deste" quer dizer. Ele mal consegue escrever o próprio nome.

Ele não escreveu isso, *não* escreveu!

A srta. Cheery pegou o bilhete das mãos de Mildmay e o examinou.

— Isso ainda não explica o que Morrigan tem a ver com isso.

— Tem alguma coisa errada com ela, todo mundo sabe disso! — berrou Heloise, o rosto riscado de lágrimas.

Morrigan se encolheu. Todos na plataforma estavam olhando para elas agora.

— Ela fez alguma coisa com ele, eu sei que fez. Ela é uma espécie de... Eu não sei o que ela é, mas ela pode controlar as pessoas. Eu já a vi fazendo isso. Ela o fez ir embora! E se ela o machucou? E se fez com que *ele mesmo* se machucasse?! Ela ficou com raiva da gente por causa do que nós... por causa do... ah, ALFIE!

Ela começou a soluçar.

— Heloise — disse a srta. Cheery. — Eu sei o quanto você deve estar chateada, mas...

— Qual é o talento dela? — perguntou Heloise agressivamente. — Ninguém sabe. Sabe por que os Anciãos não falam para ninguém? Porque é alguma coisa perigosa. Por que todos esses desaparecimentos só começaram quando ELA ingressou na Sociedade?

Um mar de rostos se voltou na direção de Morrigan. Ela experimentou uma sensação familiar se insinuando em sua nuca e, naquele instante, percebeu que estivera esperando por isso. Desde seu primeiro dia na Soculosa, desde o desaparecimento de Paximus Luck, a menina amaldiçoada que ainda vivia em algum lugar dentro de Morrigan estava à espera *disso*. Da acusação.

A srta. Cheery pegou novamente o braço de Heloise no mesmo momento que os sussurros começavam.

— Tenha cuidado — disse Lambeth baixinho, mas a srta. Cheery não ouviu.

— Por que você não vem comigo, Heloise? — chamou ela em uma voz deliberadamente calma e paciente. — Venha. Vamos para a Casa do Orgulho resolver tudo isso. Eu acho que você precisa de uma bela xícara de chá.

Lambeth se encolheu.

— Tenha *cuidado* — repetiu ela, dessa vez olhando diretamente para Morrigan.

Morrigan franziu a testa.

— Do que você...

Heloise estava gritando como um gato raivoso, e arrancou seu braço das mãos da srta. Cheery.

— Cala a BOCA! Não ENCOSTA EM MIM!

Heloise puxou o braço e Morrigan mal teve tempo para registrar o lampejo prateado na mão da garota antes que ela atacasse. A srta. Cheery gritou de dor quando Heloise fez um corte em seu rosto com uma das estrelas de arremesso, fazendo surgir um fino filete de sangue.

Ouviram-se arquejos e gritos de espanto à volta deles na plataforma.

Morrigan abriu a boca, um ruído estrangulado de choque e fúria surgindo dentro dela, mas não emitiu nenhum som. Em vez disso, ela sentiu uma onda de raiva como nunca havia sentido antes. A onda quebrou em cima dela não como água, mas como *lava*, fogo derretido queimando-a de dentro para fora. O gosto de cinzas surgiu em sua garganta, como aconteceu quando o primeiro bilhete de ameaças havia aparecido. Sua raiva repentina era um monstro, subindo de seu peito, dos pulmões, cravando as garras em sua carne, queimando sua garganta e saindo pela boca numa explosão que incendiou o ar em torno dela.

Ela sentiu a fúria de centenas de dragões.

Ela atearia fogo no mundo inteiro.

Uma bola de fogo saltou dos lábios de Morrigan.

Ela atravessou o ar, descontrolada e sem alvo, chamuscando a pele de Heloise ao passar por ela e ir direto para o domo formado pelas copas das árvores ao lado, incendiando o telhado da estação.

Heloise gritou.

Todos gritaram.

Morrigan respirava em arquejos profundos, vendo o horror se desenrolar à sua frente enquanto sua fúria se consumia.

— CHEGA! — soou um grito vindo de algum lugar atrás deles e, com ele, uma imensa coluna giratória de água atravessou o ar, apagando as chamas e transformando-as em gelo nos galhos acima.

A plataforma ficou em silêncio, exceto pelos soluços de Heloise, quando todos se viraram para ver quem os tinha salvado.

Murgatroyd estava parada na passarela. Seus olhos leitosos brilhavam com um branco mais intenso e mais frio do que Morrigan se lembrava. Ela respirava como se tivesse acabado de correr uma maratona, e jatos de vapor congelado saíam de suas narinas. Pequenos cristais de gelo haviam se formado em suas bochechas. Suas mãos retorcidas e nodosas estavam contraídas como garras.

A multidão na plataforma prendeu a respiração quando a Mentora Acadêmica Arcana desceu da passarela em direção à plataforma. Enquanto ela seguia na direção deles, sua forma corcunda começou a se alongar e se endireitar. O cabelo branquíssimo suavizou-se e adquiriu um tom de louro prateado, seus olhos se iluminaram e tornaram-se de um azul-gelo raivoso e, com um nauseante *creque-creque-creque-crunch* de seu pescoço, a Mentora Acadêmica Arcana se foi e só restou a Mundana.

— Você — disse Dearborn, apontando a srta. Cheery enquanto fitava Morrigan.

Sua voz estava totalmente controlada. Sem nenhuma emoção.

Mas ela parecia *assustada*.

— Acompanhe a srta. Crow até o Salão dos Anciãos.

CAPÍTULO QUATORZE

O Salão dos Anciãos

Morrigan estava parada à sombra de uma imponente estátua de ametista. Um titereiro de aspecto sinistro, as mãos em garra pairando muito acima de Morrigan, controlava as cordas de uma marionete-bailarina de olhos mortos que pendia frouxamente pela cabeça.

A srta. Cheery encontrava-se do outro lado, perto de duas mulheres de cinco metros esculpidas em mármore branco — gêmeas xifópagas de expressão doce, os olhos cobertos por máscaras decorativas. Elas se dividiam perto do coração, separando-se como galhos de uma árvore.

Morrigan queria ver o interior do Salão dos Anciãos desde o ano anterior, quando Cadence tinha roubado seu lugar no jantar secreto dos Anciãos. Quase ninguém tinha permissão para entrar no santuário da Anciã Quinn, do Ancião Wong e do Ancião Saga — mesmo entre os membros da Sociedade, essa era considerada uma honra rara e afortunada.

Morrigan, porém, não se sentia afortunada nem honrada. Ela não queria conhecer o Salão dos Anciãos assim. Não por esse motivo.

Ela contou as estátuas, porque precisava de uma distração. Havia nove no total — suas posturas solenes, os rostos heroicos, severos, bondosos ou indiferentes. Um homem de olhos vendados feito de turquesa, uma mulher de quartzo rosa com oito pares de braços abrindo-se à sua volta. Um homem esculpido em âmbar, cujas mãos eram velas, escorrendo fios de cera pelos braços.

Se ela não estivesse apavorada, tão absolutamente convencida de que essa era a última coisa que veria da Soculosa, Morrigan teria ficado fascinada por essas figuras majestosas e misteriosas. No entanto, só estava tentando — pela segunda vez naquele dia — não vomitar.

Ela e a srta. Cheery haviam deixado a multidão chocada na plataforma e caminhado até a Casa do Orgulho em um silêncio tenso e exasperado.

Mesmo agora, Morrigan podia quase sentir sua condutora zumbindo, crepitando, com uma preocupação terrível demais para nomeá-la.

— Você ainda está sangrando — disse-lhe Morrigan quando finalmente encontrou coragem para olhar para o rosto da srta. Cheery.

Ela puxou a manga do pulôver, cobrindo a mão, e a estendeu na direção do rosto da condutora para limpar o fio de sangue, mas a srta. Cheery se encolheu... e então abriu um meio-sorriso hesitante, desculpando-se.

Morrigan sentiu as lágrimas queimarem seus olhos e respirou fundo.

As portas de madeira na extremidade do salão se abriram e a sra. Dearborn entrou marchando, o clique-claque dos saltos altos ecoando estrepitosamente no amplo espaço.

— Você — disse a Mentora Acadêmica rispidamente, apontando um dedo para a srta. Cheery. — Hospital-escola. Peça para examinarem esse corte.

— Mas, sra. Dearborn, eu não deveria ficar...?

— *Agora*.

A srta. Cheery hesitou, olhando com relutância para Morrigan, mas não tinha escolha. Ela se foi, apertando de leve o braço de Morrigan ao passar.

Os Anciãos entraram no salão em fila atrás de Dearborn, seguidos pelo odioso Baz Charlton, presunçoso e arrogante. Morrigan sentiu um peso no coração. *É claro,* pensou ela. *O patrono de Heloise.*

Baz foi seguido pelo diminuto professor Onstald, os pés chatos de tartaruga arrastando-se em um ritmo insuportavelmente lento, o enorme domo que era a carapaça em suas costas fazendo com que ele parecesse prestes a tombar a qualquer momento. Morrigan perguntou-se o que *ele* estava fazendo ali.

Justamente quando parecia que o salão estava se enchendo com todas as pessoas no mundo que mais a odiavam, um chumaço de cabelos ruivos entrou correndo, passando por Onstald e seguindo direto até onde Morrigan estava.

— Jupiter! — gritou ela, incapaz de conter a alegria por vê-lo.

— Morrigan! — respondeu ele com urgência, pousando as mãos nos ombros dela. — Você está bem?

Morrigan ergueu os olhos para seu patrono. Ele estava aqui. Jupiter

estava aqui de verdade. Como ele conseguira chegar tão rápido? Ela não se importava. Sentiu uma onda de alívio imensa só de saber que não estava sozinha. O olhar azul e brilhante dele cravou-se no dela, arregalado e preocupado.

— Mog? — insistiu ele.

O nó na garganta de Morrigan a impedia de falar. Ela assentiu, e um entendimento silencioso passou entre eles.

— Se *ela* está bem? — intrometeu-se Baz, praticamente cuspindo as palavras em sua ânsia de fazê-las sair. — A nefasta pestinha que... que causou todo esse problema? Você está de brincadeira, North.

Jupiter o ignorou.

— Este é um experimento fracassado — disse Dearborn, andando, agitada, de um lado para o outro do salão.

Ela estalou o pescoço para o lado, fechando os olhos brevemente.

— Anciãos, eu implorei a vocês após o Desafio do Espetáculo do ano passado que seguissem o meu conselho, mas vocês o ignoraram e aqui estamos...

Dearborn estalou novamente o pescoço, curvou os ombros e respirou fundo, produzindo um ruído áspero. Morrigan foi tomada por uma familiar e crescente sensação de horror, e mesmo os adultos ali presentes pareceram recuar, afastando-se da Mentora Acadêmica Mundana quando ela começou a se deformar, transformando-se em sua contraparte Arcana. Era como observar uma flor murchando em um filme acelerado. A retorcida e de olhos leitosos Murgatroyd surgiu, os dentes encardidos à mostra, e fixou o olhar vazio em Morrigan.

— Eu disse a vocês — soou a voz áspera de Murgatroyd. — Ela devia estar na *minha* escola. A querida Dulcie está certa. Este é um experimento fracassado. Mas não foi a monstrinha que falhou. Foram todos vocês que falharam com a monstrinha. Eu te *disse*, Dulcie...

Uma onda de luz azul fria foi lançada no rosto de Murgatroyd e, com um grito estranho e gorgolejante e um ruído de ossos sendo quebrados, Dearborn estava instantaneamente de volta ao salão. Morrigan estremeceu.

— Isto não é da sua conta, Maris — sibilou Dearborn. — Fique fora disto!

A transformação aconteceu novamente e Murgatroyd retornou.

— Mas é da minha conta, sim — falou em um grunhido baixo arrepiante. — Eu te *disse* que alguém deveria ensinar à ferinha as Artes Deploráveis, ou as Artes Deploráveis iriam se manifestar sem o devido...

Creque. *Crunch*. Dearborn retornou com o ruído de ossos se quebrando. Todos no salão se encolheram, exceto Morrigan, que estava distraída pensando no que Murgatroyd havia acabado de dizer. *As Artes Deploráveis*. Onde ela ouvira aquele termo antes?

— Aqui *não* é o seu lugar, sua lunática desvairada! — gritou Dearborn. — A garota é uma Aluna Mundana, quer você concorde ou não.

Sem perder tempo, virou-se para se dirigir aos Anciãos.

— Perdoe-me, Anciã Quinn, mas eu avisei a vocês que isso ia dar muito errado.

A Anciã Quinn deu um suspiro e disse em voz baixa:

— Sim, isso é tudo muito dramático, Dulcinea, mas nada disso nos ajuda a traçar um plano de ação.

Ela voltou-se para Morrigan, parecendo profundamente cansada.

— Srta. Crow, você talvez fique aliviada, ou não, em saber que Heloise Redchurch está se recuperando no hospital e não terá nenhuma lesão permanente.

Morrigan fechou os olhos, deixando escapar um longo e trêmulo suspiro.

— Eu... e-estou. É claro que estou aliviada. Não foi minha intenção machucá-la, Anciã Quinn. Eu juro. Eu não sei como aconteceu. Eu só...

— E quanto a Alfie? — interrompeu Baz, olhando para os Anciãos. — Meu garoto Alfie Swann, ele desapareceu. Heloise acha que ela — apontou para Morrigan — teve alguma coisa a ver com esse desaparecimento.

Nesse momento, uma ideia ocorreu a Morrigan. Ela estava certa de que Baz tinha contado ao Quinteto Charlton que ela vinha da República e que os incitara a atacá-la. Estaria ele também por trás do desaparecimento de Alfie? Seria isso apenas uma tentativa de atribuir culpa a ela e fazê-la ser expulsa da Sociedade Fabulosa?

Seria ele então também o responsável pela chantagem à Unidade 919? Ela ainda não conseguia imaginar exatamente o que ele ganharia com isso.

Por que se arriscaria tanto?

A Anciã Quinn estalou a língua, impaciente.

— Ah, o garoto Swann. Que respira debaixo d'água, sim? Charlton, não seja ridículo. Alfie vem tendo dificuldade com as notas o ano todo. Obviamente ele está começando a perceber que um par de guelras só vai levá-lo até certo ponto na vida. No restante do caminho é preciso trabalhar duro.

Ela movimentou a mão com impaciência no ar, como se quisesse espantar Baz dali.

— Talvez, quando tiver tempo de perceber o quanto a vida na Soculosa é privilegiada, ele tenha o bom senso de voltar para a escola e se esforçar mais. A propósito, vamos determinar uma punição para a violenta explosão de Heloise. Os Anciãos e eu estamos trabalhando o ano inteiro para conter esta... esta situação de *pessoas desaparecidas*, para evitar que o pânico e os rumores se espalhem, e agora olhe em que pé estamos... E tudo graças a uma garota dramática de língua grande.

Baz ia replicar, mas foi interrompido pelo Ancião Saga batendo os cascos no chão.

— Nada disso é relevante — resmungou o fabutouro. — A questão continua sendo: O que vamos fazer com a Fabuladora?

— Acionem sua salvaguarda! — exigiu Baz.

Houve um arquejo vindo de todos os adultos no salão. Até mesmo Dearborn parecia alarmada. O olhar de Morrigan passou de um rosto ao outro. O que Baz queria dizer com aquilo, e por que suas palavras inspiraram olhares de tamanha indignação e incredulidade? Seu olhar pousou por último em seu patrono, e ela engoliu em seco.

Jupiter caminhou até Baz com uma espécie de fúria contida, as mãos fechadas com força ao lado do corpo, os músculos do maxilar contraídos. Baz recuou, se acovardando e se encolhendo junto à estátua de quartzo rosa da mulher de muitos braços. Os Anciãos todos deram um passo à frente, como se temessem que Jupiter estivesse prestes a bater no outro homem. Morrigan sabia que ele estava se contendo, podia ver como ele forçava a respiração a se normalizar e as mãos a relaxarem. Mesmo assim, ela sentiu um calafrio na nuca quando Jupiter aproximou o rosto do de

Baz e falou em sua voz mais grave e perigosa:

— Pense bem no que está dizendo. Pelo menos uma vez na sua vida medíocre, Charlton, só *pense* nas palavras que saem de sua boca cretina antes de pronunciá-las.

Vários segundos de um silêncio retumbante seguiram-se a essas palavras. Baz tentou parecer desafiador, mas dava a impressão de ter encolhido vários centímetros. Ele olhou para os Anciãos.

— B-bem, eu não *quis dizer*... eu só queria...

Com o olhar ainda fixo em Baz, Jupiter disse:

— Morrigan. Saia e espere lá fora.

Ela quis argumentar. Queria ficar e saber qual seria o seu destino, saber o que iria acontecer com ela no instante em que decidissem, mas a tensão no salão — e na voz de Jupiter — obrigou seus pés a se moverem.

Hawthorne estava à sua espera no corredor. Ele saiu de seu esconderijo atrás de um imponente busto de mármore. Seu rosto estava pálido e sério, os olhos pelo menos duas vezes maiores que o tamanho normal.

— Você está bem? — perguntou ele em um sussurro urgente.

— Estou — murmurou ela em resposta. — Acho que sim.

— Você... — se interrompeu. — Morrigan, você *sabia* que podia fazer aquilo? Você sabia que podia... *cuspir fogo*?

Mesmo em meio à névoa de preocupação e confusão, Morrigan vagamente registrou o quanto aquela pergunta era ridícula e irritante, e sentiu-se estranhamente grata pelo fato de que isto, pelo menos, era normal. Hawthorne ainda podia fazer perguntas bobas, e ela ainda podia ficar irritada com elas.

— Você acha que eu teria deixado de mencionar um detalhezinho como esse?

Eles ficaram em silêncio por um momento.

— O que eles vão fazer? — perguntou Hawthorne.

— Shhh. Eu não sei.

Morrigan colou o ouvido à pesada porta de carvalho e Hawthorne fez o mesmo. Durante vários minutos, tudo que conseguiam ouvir eram murmúrios, até que Jupiter tornou a elevar a voz, parecendo furioso.

— Ela é. Só. Uma. Garotinha — pronunciou cada palavra como se a

estivesse moendo entre os dentes. — Parem de *falar* como se ela fosse um *monstro*. Murgatroyd está certa, vocês deveriam...

— ... a garota é...

A voz do professor Onstald voltou a desaparecer em meio a murmúrios e Morrigan se afastou da porta, sentindo um aperto no peito. Ela começou a andar de um lado para o outro puxando a bainha da camisa cinza, enrolando-a e enrolando-a em torno dos dedos.

Parem de falar como se ela fosse um monstro.

— Eles não vão tentar expulsar você, vão? — perguntou Hawthorne em um sussurro ansioso.

— Não sei.

— Eles não podem! — disse ele em voz alta, e em seguida tornou a baixar a voz a um sussurro. — Não foi culpa sua. Você estava protegendo a srta. Cheery. Se alguém tem de ser expulsa, é Heloise. Vou dizer isso a eles.

Morrigan não fez comentários. Será que eles a expulsariam por isso? Eles podiam? Se ela não fizesse parte da Sociedade, teria de ir embora de Nevermoor e...

Não. Ela sacudiu a cabeça com veemência. *Foi um acidente,* disse a si mesma. *Eles não podem expulsar alguém por causa de um acidente.*

As palavras de Baz Charlton ecoavam em sua cabeça: "Acionem sua salvaguarda." O que quer que isso significasse, claramente não era coisa boa. Morrigan parou de andar de um lado para o outro e fitou o espaço à sua frente. Suas mãos se imobilizaram. De repente, ela se deu conta: não tinha a menor ideia de para que servia a salvaguarda. Nunca tinha perguntado.

Por que ela nunca perguntara?

Momentos depois, a Mentora Acadêmica apareceu à porta.

— SWIFT! — sibilou Dearborn. — Vá para a aula!

Hawthorne murmurou um pedido de desculpas e se foi, lançando um olhar ansioso para trás por cima do ombro. A Mentora Acadêmica virou-se para Morrigan, o rosto uma máscara de gelo mais uma vez, inescrutável como sempre.

— Venha.

Morrigan seguiu-a de volta ao salão, dando dois passos para cada passo de Dearborn. Jupiter, Baz, o professor Onstald e os Anciãos encontravam-se todos no centro da sala, apequenados pelas nove imensas estátuas de pedra, mas ainda assim erguendo-se acima de Morrigan.

Ela fechou as mãos, apertando os punhos, tentando impedir que tremessem. Olhando os adultos à sua volta, era difícil dizer se as notícias eram boas ou ruins. Baz Charlton exibia uma carranca amuada, mas Jupiter também não parecia particularmente feliz.

— Srta. Crow — começou a Anciã Quinn, sinalizando para que ela se aproximasse, as rugas entre seus olhos tão profundas que pareciam ter sido bordadas ali. — O Ancião Saga, o Ancião Wong e eu tomamos uma decisão. É nossa opinião que as pressões da vida na Sociedade Fabulosa estão cobrando um preço alto a você, e assim...

— Vocês não podem me expulsar! — interrompeu Morrigan em pânico. — Foi um acidente, eu nunca tive a intenção de machucar ninguém. *Por favor,* Anciã Quinn, a senhora *tem de acreditar...*

— Eu acredito em você — disse a Anciã Quinn, erguendo a voz acima da de Morrigan. — Por favor, silêncio, srta. Crow.

Ela fez uma pausa e Morrigan mordeu a parte interna da boca, lutando contra o impulso de se defender.

— Não é minha opinião que suas ações foram maldosas. No entanto... o Supremo Conselho de Anciãos tem uma responsabilidade com *todos* aqueles que nos são confiados. Precisamos implementar medidas para garantir a segurança de seus companheiros de unidade e do restante da Sociedade. Não sabemos como ficarão essas medidas a longo prazo, mas por ora considere a carga horária em revisão.

Jupiter franziu a testa.

— O que exatamente isso significa, Anciã Quinn?

A mulher suspirou pesadamente.

— Em um sentido duradouro, não tenho muita certeza do que isso significa. Mas, a curto prazo, a srta. Crow não frequentará mais as aulas com os outros alunos, nem entrará na Soculosa.

O coração de Morrigan se apertou e afundou no peito. Ela sentiu lágrimas arderem nos olhos. Expulsa da Soculosa? A ideia era intolerável.

— Por ora, srta. Crow — continuou a Anciã Quinn —, você dará prosseguimento aos estudos particulares com o professor Onstald, que irá até sua casa, no Hotel Deucalião, e ministrará as aulas lá. Seu acesso direto à Estação 919 será temporariamente revogado. Devo pedir que deixe o campus imediatamente.

— Desculpe por não estar muito presente ultimamente.

Jupiter havia chamado uma carruagem para levá-los para casa. O que foi uma sorte, pois começou a chover assim que entraram nela. (Ou... seria mais do que sorte? Ele conseguia ver o tempo antes que mudasse? Morrigan teve vontade de perguntar, mas o nó em sua garganta estava de volta e ainda não a deixava falar.)

— Meu trabalho na Liga tem sido... bem, sem justificativas. Eu sinto muito. Isso é tudo.

Ele parecia mesmo sentido. Mais do que isso, parecia triste.

— Está tudo bem — disse Morrigan finalmente, a voz rouca.

Ela falava de coração. Embora *estivesse* de fato irritada com ele antes, seu pedido de desculpas era sincero, e ele parecia tão desolado e cansado que ela não podia mais se agarrar à sua frustração. De qualquer forma, estava ficando pesada demais para carregar. Morrigan ficou feliz por se ver livre dela.

Permaneceram sentados em silêncio até que este também se tornou pesado.

— Eu cuspi fogo.

— Humm.

— Eu não sabia que era capaz de fazer isso.

— Não — disse Jupiter, pensativo. — Eu também não.

Ficaram em silêncio por mais algum tempo, ouvindo o tamborilar da chuva e o clipe-clope dos cascos, e então...

— Mas *como* é que eu cuspi fogo?

— Receio que eu não saiba, Mog.

— Eu... — Fez uma pausa para engolir em seco, e deixou escapar uma risada meio estrangulada. — ... estou me transformando em um dragão ou

algo assim?

Jupiter riu.

— Tá, vamos ver. Você está criando escamas?

— Não.

— Tem garras?

Ela olhou as próprias unhas.

— Não.

— Sente uma súbita vontade de guardar tesouros?

Morrigan pensou por um momento.

— Acho que não.

— Então eu duvido que seja o caso.

— Será que eles vão me deixar voltar um dia? — perguntou ela, voltando-se para ele.

— Os Anciãos vão mudar de ideia — disse ele. — Vamos encontrar uma forma de *fazer* com que eles mudem. Eu prometo. E olha... de qualquer forma, as férias de verão estão prestes a começar. Seis semanas inteiras para relaxar e esfriar a cabeça. Quando as aulas recomeçarem, eles vão ter mudado de opinião.

— Você acha?

Jupiter pensou por um momento.

— Conheço a Anciã Quinn muito bem — disse ele por fim. — Ela não é... injusta. Às vezes ela apenas precisa de tempo para ver qual *é* a coisa justa a fazer.

Tornaram a ficar em silêncio. Morrigan observava as ruas movimentadas passarem através de um filtro de gordas gotas de chuva tamborilando no vidro. Quando estavam a apenas poucas quadras do Deucalião, Jupiter pigarreou.

— Sei que você pode não estar se sentindo inclinada a fazer confidências neste momento — disse ele em um tom calmo e cauteloso —, mas tem alguma coisa que queira me dizer, Mog?

Ela hesitou.

— Você... você já ouviu falar no Mercado Macabro?

Jupiter demorou um momento para responder.

— Já — disse ele finalmente. — Por quê?

Ele ouviu atentamente enquanto ela lhe contava tudo que acontecera naquela tarde na aula de *Decodificando Nevermoor*. Ele não ficou zangado pelo fato de ela ter desrespeitado a regra das Vias Traiçoeiras de Mildmay, não a fez prometer que jamais faria aquilo novamente, nem expressou a menor sombra de dúvida em relação ao que ela vira e ouvira.

— Beco Demoníaco, você disse? — perguntou, e escreveu o nome em um minúsculo caderninho que tirara do bolso. — Vou dar uma olhada.

Vou dar uma olhada. Mais do que qualquer outra coisa, foram essas quatro palavras que acalmaram os nervos abalados de Morrigan naquela tarde, que desfizeram parte da tensão daquele que fora seu pior dia desde a chegada a Nevermoor. Porque, mesmo que o resto do mundo suspeitasse dela, Jupiter nunca suspeitaria. Ele acreditava nela. Ele confiava nela.

— Mais alguma coisa? — perguntou ele.

Claro, havia outras coisas que ela queria contar. Havia coisas que ela estava *morrendo* de vontade de contar a ele, coisas que ela estava morrendo de vontade de contar a ele havia semanas. Como o quanto ficara assustada quando o Quinteto Charlton a tinha prendido em uma árvore e jogado coisas afiadas em sua cabeça, e sobre o bilhete de chantagem e as ridículas exigências, e como a decisão de não expor seu segredo para toda a Sociedade ganhara em uma votação apertada em sua unidade... e o milhão de outras coisas que ela vinha guardando na mente, doida para contar a ele quando o visse.

No entanto, agora que Jupiter estava aqui e Morrigan tinha toda a atenção dele, essas coisas não pareciam tão importantes. Ela estava apenas feliz por finalmente tê-lo de volta, e havia toda uma lista de outras coisas que ela queria lhe contar.

— Minha condutora é a melhor pessoa em toda a Sociedade — começou.

— Verdade? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas. — A MELHOR?

— Sim. Muito melhor do que você.

Jupiter caiu na gargalhada — aquela risada alegre e espalhafatosa de que ela tanto sentia falta — e Morrigan sorriu para ele. Ela contou tudo sobre a maravilhosa e solar srta. Cheery, sua positividade aparentemente

ilimitada, seu pote de biscoitos em formato de urso polar, e como ela tinha o melhor sorriso e usava as roupas mais legais.

— Ah... e ela mesma decorou o nosso Casatrem, e ficou *muito* confortável. Temos até pufes!

Ela contou que era a única em sua unidade — talvez em toda a Sociedade — que era imune ao talento hipnótico de Cadence Blackburn (ele, naturalmente, precisou de várias dicas para lembrar quem era Cadence Blackburn). E como ela, Morrigan, era a melhor aluna na aula de *Decodificando Nevermoor*.

Jupiter ouviu com atenção cada palavra e reagiu exatamente da maneira certa, nos momentos certos. Era tudo tão familiar e tão confortável, *normal* de um jeito tão reconfortante, que a pergunta que Morrigan queria de fato fazer — a pergunta que estivera queimando no fundo de sua garganta, ameaçando sair de sua boca como fogo de dragão desde que ela vira como ele olhara para Baz Charlton no Salão dos Anciãos — desfez-se em cinzas antes que ela pudesse encontrar uma maneira de fazê-la. Morrigan a varreu para um canto quieto de sua mente e a deixou ali, ignorada e sem resposta.

Se a ignorasse por tempo suficiente, talvez ela deixasse de ser importante. Talvez nunca mais fosse importante. Talvez a pergunta "Para que serve uma salvaguarda?" pudesse ficar embaixo daquela pilha de cinzas em sua mente, segura, quieta e insignificante, para sempre.

CAPÍTULO QUINZE

Nunca se Viu Nada Mais Bizarro

— Queremos ficar na entrada do Portão Leste.

— Catriona, querida, esse é o portão mais movimentado. Nós já passamos por isso ano passado.

— Dave. Confie em mim. O Portão Leste é o melhor.

— Sim, eu *sei* que é o melhor. Justamente por isso que vai estar lotado com um milhão de outros nevermoorianos a essa altura. Devíamos ter saído uma hora antes se você queria começar pelo Portão Leste. Eu *falei* pra você.

— Vai dar tudo certo, amor. A gente vai abrindo caminho, empurrando as pessoas e passando.

— *Empurrando as pessoas?* Isso não é um show de rock, Cat. Somos adultos civilizados.

— Meu bem, vai dar tudo *certo*. Você está falando com uma empurradora profissional. Por que você acha que me chamam de Rainha Empurradora?

— Ninguém chama você assim, querida.

A mãe de Hawthorne, Cat, parecia a Morrigan uma versão adulta e feminina de seu filho. Os cabelos eram um pouco mais compridos, descendo um pouco abaixo dos ombros em densos cachos da cor de chocolate iguais aos dele, mas, afora isso, eles eram praticamente idênticos. Os mesmos olhos azuis, as mesmas sardas espalhadas, os mesmos membros desengonçados que lembravam uma girafa mãe e seu filhote.

Os Swift tinham convidado Morrigan para ir com eles ao Bazar de Nevermoor na primeira noite de sexta das férias de verão. Apesar de Jupiter ter prometido levar Morrigan, sua presença fora requisitada em outro lugar na última hora — e, sabendo o quanto ela estava triste desde o fim do semestre na semana anterior, a encorajou a aproveitar a

oportunidade e ir com o amigo. Morrigan ficou aliviada; no último verão ele havia prometido toda semana que a levaria, mas toda semana outro compromisso surgia. Ela estava determinada a não perder o evento este ano.

— Muita gente me chama assim, meu amor. Pergunte ao Homer, ele vai te dizer. Conte pra ele, Homer.

O irmão mais velho de Hawthorne fez uma careta para os pais. Homer se parecia mais com o pai. Os mesmos cabelos claros, os mesmos óculos grossos, o mesmo corpo robusto e alto, como um lutador viking — a única coisa que faltava nele era a barba desalinhada de Dave.

Aos quinze anos, Homer estava em seu quarto ano de estudos no Conservatório de Pensamento. Hawthorne tinha explicado a Morrigan que os alunos do Conservatório faziam um voto de silêncio durante seus anos de estudo e só podiam falar um dia por ano, então quando Homer estava com a família ele tinha um quadro-negro ao redor do pescoço e giz para se comunicar. Hawthorne contou que na maior parte do tempo ele o usava para expressar sarcasmo.

— Fale mais alto, filho querido. Ele ficou todo tímido.

— Isso não é muito legal, querida — disse Dave, tentando não rir.

Homer nem se deu ao trabalho de usar o quadro-negro; ele se limitou a revirar os olhos.

A irmã mais velha deles, Helena, não pôde ir ao bazar. Ela estava no quinto ano na Faculdade de Meteorologia Radical Uivodegórgona, na costa do Sexto Setor, em uma minúscula ilha que ficava no olho de um ciclone perpétuo. Helena só vinha para casa no Natal e nas férias de verão porque era difícil e caro entrar e sair de um ciclone. Neste verão, no entanto, a tempestade ficara tão ruim que todas as viagens estavam suspensas até nova ordem — o que, segundo Hawthorne, não era problema algum para Helena. Ela adorava tempestades implacáveis, disse ele. Ela queria ficar na escola e ver os danos com seus próprios olhos.

O membro mais novo da família Swift era Davina, de dois anos, que também se parecia muito com o pai. A Bebê Dave, como a família a chamava, era muito gorducha, loura e risonha. Toda a família concordava que ela era brilhante, talvez melhor que todos eles juntos. Morrigan não

tinha opinião formada — ela só vira a Bebê Dave cuspir leite, jogar comida no chão e dar gritinhos quando um cachorro passava.

Morrigan e os cinco Swift pegaram o Fabulotrem na direção do centro a caminho do Bazar, e Dave fez com que eles andassem de mãos dadas para que ninguém se perdesse na multidão. Cat lhes fez o favor de, desafinada, cantar alto a viagem inteira, dizendo que isso faria com que andar de mãos dadas em público parecesse menos constrangedor em comparação. (*Eu não estou com essas pessoas*, dizia o quadro-negro de Homer.)

Quando eles finalmente chegaram à Estação do Templo e enfrentaram a multidão para chegar ao Portão Leste, o sol já estava se pondo. Havia milhares de pessoas esperando no portão para conseguir entrar na Cidade Velha, e o clima de expectativa era palpável. Dave sentou a Bebê Dave nos ombros para que ela tivesse uma visão melhor. Hawthorne segurou o braço de Morrigan e apertou, saltitando na ponta dos pés e parecendo prestes a explodir tamanha era sua empolgação. Até Homer olhava para o Portão Leste, perdido em um assombro silencioso.

— Está vendo? — disse Cat, sorrindo para o marido. — Eu disse. É o melhor.

O espaço além do Portão Leste estava encoberto por uma espécie de neblina prateada e tremeluzente que lembrava um gigantesco painel de vidro ondulado, exceto pelo fato de que se mexia com a brisa. No alto do grande arco de pedra, enormes letras de fogo bem vivo anunciavam:

BEM-VINDOS AO BAZAR DE NEVERMOOR

Logo abaixo, uma ambiciosa promessa se escrevia e reescrevia no ar com a fumaça extraída das letras incandescentes:

Nunca Se Viu Nada Mais Bizarro

— Mágica! — gritou Cat, sorrindo enquanto cutucava as costelas de Homer.

Homer revirou os olhos, pegou o giz e escreveu: *Truque barato*.

Cat riu. Morrigan percebeu que concordava com ela: aquilo *era* mágica.

Tinha de ser. Era *maravilhoso*.

Dave se inclinou, fazendo sinal para que Hawthorne e Morrigan se aproximassem.

— É uma ilusão — disse ele. — Criada por mágicos, estão vendo?

Ele apontou para um pequeno grupo de homens e mulheres de smoking empoleirados em um canto do arco. Eles estavam profundamente concentrados, usando uma combinação de movimentos complicados das mãos e equipamentos para formar a mensagem de fumaça, repetidamente. Parecia um trabalho complexo e tedioso.

— Sempre se pode identificar a ilusão de um mágico, mesmo que não se possa ver o mágico. É só encontrar a emenda. Espere que ela... ALI! Vocês viram?

— Ah!

Morrigan conseguia ver agora. Por um momento a ilusão... hesitava. Se ela observasse com atenção, conseguia sentir uma sensação levemente dissonante todas as vezes que a mensagem chegava ao fim da palavra *bizarro* e recomeçava, uma falha quase imperceptível na emenda da repetição.

— Isso não é um truque barato, Homer — disse Dave, se empertigando e bagunçando o cabelo do filho mais velho. — Isso é *arte*.

Morrigan concordava com isso também — mas, por mais impressionante que fosse a ilusão, ela não conseguia evitar olhar o significado das palavras com certa desconfiança. Ela *havia*, de fato, visto algumas coisas bem bizarras. A maior parte delas no Deucalião.

— Muito bem, vocês três — disse Dave, dirigindo-se a Hawthorne, Morrigan e Homer. — Estão com seu dinheiro? Ótimo. Guardem bem guardado, há muitos furtos no Bazar. Quero que vocês encontrem a mamãe, Bebê Dave e eu aqui de novo à meia-noite em ponto. Nem um *segundo* depois, entenderam? Se não estiverem no Portão Leste à meia-noite, eu vou deixar a mamãe ir atrás de vocês e fazer uma apresentação de seu monólogo sobre a mulher que perde os filhos, fica louca e acaba achando que é um esquilo. Certo?

Morrigan riu, mas Homer e Hawthorne estavam de olhos arregalados.

— Por favor, não canta, mãe — pediu Hawthorne.

— Sem promessas, filho — retrucou Cat, apontando o dedo para ele. — É melhor vocês estarem aqui à meia-noite, ouviram?

Os dois meninos concordaram com a cabeça.

— Muito bem, então — disse ela. — Divirtam-se...

— Mas tomem cuidado — acrescentou Dave.

— Comam muitas gostosuras...

— Mas, *por favor,* não exagerem no açúcar...

— E vamos ver quem consegue achar a lembrancinha mais ridícula este ano! — concluiu Cat, fazendo sinal de positivo com as duas mãos e abrindo um sorriso louco.

— Mas nada afiado, nada vivo, nada explosivo, nada maior que a porta da frente de casa e nada de *armas* — avisou Dave, lançando um olhar categórico para Hawthorne.

Nesse momento começou um barulho, como se mil sinos tilintassem, e o véu vítreo e tremeluzente do Portão Leste se dissolveu, desaparecendo no Diáfano e revelando a Cidade Velha completamente transformada.

Houve um momento de silêncio prazeroso e perplexo enquanto a multidão assimilava a visão e os sons do Bazar, antes que todos começassem a abrir caminho no meio da multidão, ansiosos para serem os primeiros a entrar. Morrigan e Hawthorne sorriram um para o outro, felizes, sendo levados pelo rio de pessoas inundando os portões.

Assim que eles perderam Cat e Dave de vista, Homer escreveu alguma coisa em seu quadro-negro e o levantou para Hawthorne ver.

11h45. Portas do Templo.

Hawthorne fez sinal de positivo com o polegar. Homer apagou a mensagem e escreveu mais uma coisa.

Eu sei que é difícil para você, mas tente não fazer nada estúpido.

Hawthorne fez uma careta para ele e os dois meninos se separaram, Homer dando um peteleco na orelha do irmão mais novo antes de desaparecer na multidão.

— Não era para ficarmos juntos? — perguntou Morrigan. — Seu pai disse...

— Ah, não ligue para o que meu pai disse, ele é muito preocupado — replicou Hawthorne casualmente.

Ele pegou dois mapas de uma mulher passando em pernas de pau, dobrou um, que guardou no bolso sem nem olhar, e entregou o outro para Morrigan. O título no alto da folha dizia *Áreas do Bazar de Nevermoor*.

— Acredite em mim, a gente não ia querer ficar com o velho chato do Homer. Ele foi encontrar seus amigos, também velhos e chatos, para que possam ser velhos e chatos juntos. Eu acho que a gente deve ir no sentido horário, tudo bem? Área Sul primeiro, depois Oeste, Norte, e aqui de volta, no Portão Leste, para encontrar o Homer.

Enquanto passavam pelo Templo da Coisa Divina e começavam a descer o Grande Boulevard, Morrigan examinava seu mapa. O Bazar se estendia pelas quatro áreas da Cidade Velha e estava dividido em dúzias e mais dúzias de pequenas áreas, cada uma com seu propósito. Um curtume, um mercado de antiguidades, um mercado de bruxas, uma perfumaria...

— Tem um mercado de queijo na Área Oeste que ocupa um quarteirão inteiro! — exclamou Morrigan, estreitando os olhos para enxergar as letras minúsculas do mapa. — Não, espera... aqui diz que é um show de malabarismo com fogo. Ou... espera. Não, desculpa, é um show de cães. Ele fica mudando!

— Vai ter as três coisas.

Hawthorne estava andando muito rápido, segurando na manga de Morrigan e guiando-a de um lado para o outro a fim de se desviarem das outras pessoas enquanto ela se concentrava no mapa.

— Ah. Em noites diferentes?

— Na mesma noite.

Morrigan parou de repente, consultando o mapa outra vez.

— *Anda* — implorou Hawthorne. — Nós só temos algumas horas, então precisamos chegar à Área Sul logo. Vamos, eu conheço um atalho.

Ele a levou pela Rua Callahan, saindo do Grande Boulevard.

— Terrivelmente desorganizado, não é? — observou Morrigan, ainda tentando entender o mapa.

Algumas das áreas pareciam estar identificadas com três, quatro, até *cinco* propósitos ou eventos diferentes, a maior parte aparentemente não tendo nada a ver com os outros. Ela ergueu o mapa para Hawthorne ver.

— Olhe... estamos quase chegando à Praça Ambrosia, certo? O mapa

diz que na Praça Ambrosia está acontecendo uma aula de tango *e* um chá. Mas isso é ridículo, a Praça Ambrosia é muito pequena, como pode...

Morrigan ergueu os olhos no momento em que chegaram ao que ela sabia que deveria ser a entrada para a pequena praça, e se viu de cara para uma esvoaçante cortina de seda multicolorida.

— É assim — disse Hawthorne, e passou com ela pela cortina de seda, indo parar no meio de uma aula de tango.

A Praça Ambrosia, normalmente um pátio tranquilo cercado por pequenas casas geminadas, agora estava animada com a música dramática e os vestidos rodados, homens e mulheres indo para lá e para cá nos braços uns dos outros. Morrigan deu um pulo quando quebraram uma garrafa, espirrando vinho tinto pela pista de dança improvisada. Uma briga começou e Hawthorne pegou Morrigan pelo braço e a puxou, passando de volta pela cortina de seda por onde tinham vindo.

Passaram *novamente* pela cortina, e agora a Praça Ambrosia havia se transformado em um salão aberto de chá movimentado, porém muito civilizado. Um pianista tocava tranquilamente um piano vertical no canto enquanto uma brigada de recepcionistas circulava, completando a xícara das pessoas e servindo bolinhos em bandejas de três andares.

— O quê... *como*? — perguntou Morrigan.

Hawthorne deu de ombros.

— Quem liga? Vamos! Não vamos ficar aqui.

Na outra ponta da Praça Ambrosia, eles passaram por uma cortina de penas, entrando no Mercado de Aves, onde centenas de gaiolas penduradas abrigavam pássaros de todos os tipos — alguns exóticos e de cores chamativas, outros minúsculos que mais pareciam joias, algumas aves de rapina enormes e aterrorizantes que fizeram Morrigan lembrar-se da avó. Havia pássaros que falavam em várias línguas, pássaros treinados para caçar e outros que voavam em formação.

Morrigan queria parar para vê-los, mas Hawthorne a apressou, conduzindo-a por outra cortina feita de trepadeiras até um mercado de flores transbordando de cores e em seguida um mercado de lanternas com mil luzes coloridas lançando padrões psicodélicos em torno deles, e então um leilão de peixes barulhento e fedido, um culto, um acalorado debate

sobre os direitos dos Fabulanimais, uma feira de produtores cheia de frutas e vegetais frescos, em seguida um parque de diversões com um carrossel, um trem fantasma, um castelo inflável e uma praça de recreação...

— Hawthorne, pare... você não quer andar no trem fantasma? Vamos mais *devagar*! Estou ficando sem ar!

Ele não desacelerou. Ele sabia exatamente aonde estava indo e, apesar de se recusar a contar para ela ("É uma surpresa!"), Morrigan tinha uma leve suspeita sobre o que poderia ser. Ela conhecia o amigo bem demais.

Morrigan tinha esperado que o Bazar estivesse lotado, e sabia que haveria muitas barracas vendendo itens peculiares. Durante todo o verão anterior ela assistira nas manhãs de sábado ao ritual pós-Bazar nas mesas do café da manhã, quando os hóspedes e funcionários do Hotel Deucalião comparavam histórias intermináveis e fascinantes e as lembrancinhas compradas.

Ver tudo com os próprios olhos era outra coisa. Era como andar pelos cenários de cem peças diferentes. A cabeça de Morrigan estava girando; ela mal conseguia assimilar uma coisa estranha antes que passassem para a próxima.

Era confuso e empolgante, difícil dizer o quanto era real e o quanto era ilusão. Morrigan criara um jogo: aonde quer que fossem, ela tentava encontrar a emenda, como Dave tinha falado. Agora que ela sabia o que estava procurando, também era fácil ver as pessoas fazendo o trabalho duro nos bastidores tentando manter a ilusão. Em geral, elas ficavam no alto — empoleiradas em uma sacada ou em um telhado, supervisionando a cena, concentradas.

— Ali! — gritou ela, segurando o braço de Hawthorne.

Ela apontou para uma janela no quarto andar de um prédio no Pátio Cooper (que, segundo o mapa, estava funcionando duplamente como uma esmalteria e como uma arena para eventos hípicos com unicórnios). Um homem e uma mulher encontravam-se ali parados, murmurando para si mesmos sem parar e sem desviar o olhar do pátio lá embaixo.

— Você precisa fazer isso? — resmungou Hawthorne. — Não podemos simplesmente aproveitar a magia *sem* meter o nariz atrás das cortinas?

— Mas é *fascinante*!

Quando eles passaram por um véu de vapor e entraram em um barulhento restaurante ao ar livre cheio de barracas de comida, Morrigan teve certeza de que finalmente parariam. Certamente era isso que Hawthorne estava procurando.

Uma mulher cozinhava em três enormes frigideiras prateadas simultaneamente, com labaredas e jatos de vapor disparando no ar em torno dela. Seu evidente abuso de temperos fez os olhos de Morrigan lacrimejarem, mas havia também o cheiro delicioso de alguma carne não identificada. Outras barracas ofereciam ensopados, pães, batatas fritas, bolinhos fritos, caranguejos cozidos em barris... e, Morrigan notou com repulsa, lesmas salteadas na manteiga, intestino de porco empanado, gafanhotos fritos crocantes e espetos de rato assado, que pareciam estranhos picolés carnudos.

— Espeto de rato? — sugeriu a Hawthorne, fazendo uma careta. — Ou intestino de porco? O que vai ser?

No entanto, *mais uma vez*, ele a conduziu apressadamente para o outro lado da área, onde encontraram uma parede de algodão-doce — uma cortina fina e fofa feita com fios de açúcar cor-de-rosa. Hawthorne virou-se para ela e sorriu, arrancando um enorme pedaço de algodão-doce e deixando que derretesse na língua antes de conduzir Morrigan através da doce, grudenta e fina cortina para o destino surpresa deles.

— A Rua Doce! — anunciou Hawthorne, abrindo os braços como se estivesse dando as boas-vindas a Morrigan em seu lar espiritual.

A Rua Doce abrangia três quarteirões inteiros e estava lotada de fabricantes de chocolate e caramelo, pessoas mexendo em imensas panelas de metal onde preparavam pipoca doce, barracas de bolo e creperias, mesas com pilhas de balas e bombons, e uma sorveteria especializada em *sundaes* de mais de meio metro de altura.

Hawthorne estava em seu espaço. Morrigan podia ver que esse era o lugar ao qual seu amigo voltava todos os anos, pois ele tinha opiniões firmes sobre quais barracas prometiam o melhor uso de seu tempo, dinheiro e espaço no estômago.

— As rosquinhas com geleia são IMPERDÍVEIS — disse ele, apontando uma barraca que vendia rosquinhas fritas na hora, recheadas com geleia e

passadas no açúcar com canela. — E também as rosas de sorvete. Esqueça os crepes, não são nada de mais.

Ele também passou direto por uma barraca de chocolates oferecendo todos os tipos imagináveis de trufa (de coco, pêssego, hortelã, champanhe, pralinê, gafanhoto... qual *era* o problema dessa gente com gafanhoto?), indo direto até onde grossas tiras de caramelo mastigável eram esticadas a mão e vendidas a metro.

Quando Morrigan não conseguia comer mais nada, ela deixou Hawthorne mastigando sozinho momentaneamente e perambulou por uma névoa cinza, entrando em um beco de videntes que ofereciam leituras através de bolas de cristal, cartas de tarô, palma das mãos, folhas de chá e vísceras de pássaros. Um deles inclusive a convidou a cuspir em sua mão para que ele pudesse ler ali seu futuro. Morrigan recusou educadamente, recuando e afastando-se dele quando se tornou mais insistente, acidentalmente passando por outra cortina para o...

Nada. Morrigan não conseguia ver nada. Ela não conseguia ouvir nada.

Não é que estivesse escuro. Ela não estava olhando para a escuridão. Ela não estava olhando para absolutamente nada. Ela estava cega.

Morrigan gritou — *Hawthorne!* —, mas não tinha voz. Ou será que não conseguia ouvir? Talvez ele a tivesse escutado. Ela levou a mão ao pescoço e sentiu as vibrações ao gritar novamente chamando o amigo, mas nenhum som chegou aos seus ouvidos. Ela estava cega e surda.

Mantenha a calma, disse Morrigan para si mesma. *Mantenha a calma*.

Ela sentiu alguém esbarrar nela e cheirou um perfume forte no ar. Outra pessoa deu um encontrão nela e mãos grandes agarraram seus ombros rudemente. Ela sentiu o hálito rançoso e fumarento enquanto as mãos tateavam sua cabeça e seu rosto, como se estivessem tentando descobrir quem ela era, e então a empurraram para um lado.

Mantenha a calma mantenha a calma mantenha a calma. Qual era o segundo passo? Ah — *recue*. Morrigan se forçou a dar com todo o cuidado um passo atrás, e depois outro, mas então outra mão agarrou a sua, uma bem menor do que a última — a mão de uma criança, como a dela.

É você, Hawthorne?, gritou ela, mas, naturalmente, nenhum som chegou aos seus ouvidos. Sua mão agarrou um ombro, que era da mesma

altura do seu, talvez um pouco mais alto — talvez fosse ele.

A mão a puxou adiante. Juntos, eles abriram caminho pela multidão cega e atrapalhada, jogados para um lado e para o outro, agarrando-se com força um ao outro até que irromperam do outro lado, saindo da escuridão.

Morrigan se sentiu como um mergulhador indo à superfície buscar ar. O mundo voltou a ter cor, luz e som. Ela arquejou, como se estivesse recuperando o fôlego, embora antes não estivesse sem ar. Ela piscou diante da recém-encontrada claridade à medida que seus olhos se ajustavam, voltando-se para Hawthorne.

— O que foi *aquilo*?

Mas não fora Hawthorne que a tinha puxado.

Era Cadence Blackburn quem estava ao seu lado, respirando pesadamente.

— Cadence! — exclamou Morrigan, incapaz de esconder a surpresa. — O que você está...

— É verdade.

Os olhos de Cadence cintilavam de medo e empolgação.

— O Mercado Macabro! Morrigan, é verdade... e está acontecendo *agora*.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O Mercado Macabro

— Eu vi um homem entrar no Beco Demoníaco. — Cadence guiava Morrigan pelo Bazar lotado a uma velocidade vertiginosa, passando por barracas barulhentas e atravessando cortinas. — Gritei querendo detê-lo, mas ele não me ouviu, e então desapareceu.

— Você... quê? Ai, Cadence, você está machucando meu braço.

Cadence afrouxou o aperto, mas não a soltou nem desacelerou.

— Como assim? Você estava *passando* pelo Beco Demoníaco e *por acaso* viu alguém...

— Não, idiota, eu estava do outro lado da rua, vigiando o beco. Estava pensando em todos esses desaparecimentos, sobre o que você contou sobre o Mercado Macabro e o que você viu. E hoje à tarde eu percebi que... se isso for verdade, se o que você viu *era* mesmo o Mercado Macabro sendo preparado, e se *for* isso que está por trás dos desaparecimentos, então provavelmente vai acontecer esta noite, certo? A noite de inauguração do Bazar! O momento é perfeito.

— Acho que sim — disse Morrigan —, mas, Cadence, espera...

— Então eu esperei pra ver quem ia aparecer no Beco Demoníaco. E veja só: ele não é mais um Alerta Rosa. Mudou. Passou para Alerta *Vermelho*. Mesmo assim, um cara simplesmente entrou lá sem nem hesitar. Então eu vi outro homem entrar cinco minutos depois, e esse estava de máscara. Em seguida, foi a vez de uma mulher, que usava uma echarpe cobrindo quase todo o rosto... em pleno verão! Então eu vim procurar vocês. Hawthorne me disse que vocês viriam ao Bazar juntos. Procurei *por toda parte*, e finalmente a avistei segundos antes de você entrar no Pátio do Nada. Venha, por aqui.

— Mas eu devia pelo menos dizer a Haw...

— Ele vai ficar *bem* — insistiu Cadence. — *Venha*, temos de nos

apressar.

Minutos depois elas chegavam à familiar entrada do Beco Demoníaco, tão estreita que mal se qualificava como beco. A placa na parede fora de fato alterada.

BECO DEMONÍACO
CUIDADO!
POR ORDEM DO
ESQUADRÃO DE EXCENTRICIDADES GEOGRÁFICAS
E DO CONSELHO DE NEVERMOOR,
ESTA RUA FOI DECLARADA UMA
VIA TRAIÇOEIRA DE ALERTA VERMELHO
(TRUQUE DE ALTO RISCO E PROBABILIDADE
DE DANO À PESSOA AO ENTRAR)
ENTRE POR SUA CONTA E RISCO

Morrigan leu duas vezes.

— ... *probabilidade de dano à pessoa ao entrar*. Isso significa que o truque mudou?

— Deve ter mudado, já que o reclassificaram. Mas eu andei pensando: você venceu aquele truque da ânsia de vômito antes, certo? E aquelas pessoas que eu vi, elas obviamente conseguiram chegar ao outro lado também. Acho que qualquer que seja o novo truque do Beco Demoníaco, *deve* ser possível atravessá-lo.

— Mas é um Alerta Vermelho...

Morrigan olhou da placa para Cadence e de volta à placa, seu pulso se acelerando enquanto ela sentia sua determinação ganhar força. Ela queria investigar o Mercado Macabro, procurar Cassiel, Paximus Luck e os outros. Essa era sua oportunidade! Tanto para ajudar Jupiter na busca pelas pessoas desaparecidas quanto para provar que não era *ela* a culpada — que Heloise estava errada. Quem sabe, se ela conseguisse encontrar os desaparecidos, os Anciãos não a deixariam voltar para a Soculosa...?

Ela assentiu com veemência.

— Tem razão. Vamos lá.

Cadence sorriu e, juntas, elas avançaram pelo Beco Demoníaco. A princípio nada aconteceu, e Morrigan teve um momento de esperança de que talvez não houvesse mais nenhum truque, que a placa estivesse equivocada... até que, de repente, ela teve a sensação de que todo o ar estava sendo sugado de seus pulmões.

— Continue — disse Cadence com a voz tensa, sem fôlego, puxando-a adiante.

À medida que Morrigan foi ficando cada vez mais desesperada por ar, seu instinto de sobrevivência entrou em ação e começou a se debater enlouquecido dentro dela, tentando fazê-la voltar por onde elas tinham vindo, de volta à luz, ao oxigênio e à segurança.

— Confia em mim — disse Cadence, apertando sua mão. — Tudo bem?

Morrigan percebeu que... confiava, *sim*, em Cadence. (*Quando isso aconteceu?*, perguntou-se.)

Ela lutou contra o instinto, pondo um pé teimosamente na frente do outro. Seus pulmões estavam vazios, sua cabeça parecia prestes a explodir e ela tentava, em um frenesi, respirar, mas não havia ar, apenas uma queimação em seu peito e...

Elas romperam alguma barreira invisível, arquejando em busca de ar e finalmente o encontrando. Morrigan pensou que ia desmaiar por causa da dor nos pulmões e da tontura, mas as duas tinham conseguido. Sem dizer nada, Cadence apontou para o alto.

Como uma paródia da espetacular placa de boas-vindas ao Bazar de Nevermoor sobre o Portão Leste, um velho arco de madeira branca curvava-se acima de suas cabeças e nele — recém-pintadas em tinta preta — liam-se três palavras:

O MERCADO MACABRO

— Ele *é* real — arfou Morrigan.

— Eu sabia — disse Cadence ferozmente.

Elas ficaram olhando boquiabertas a praça que não estava mais vazia, mas lotada de compradores e vendedores, nenhum dos quais parecia

particularmente amistoso. Esse lugar não tinha nem um pouco do charme do Bazar de Nevermoor, que era luminoso, mágico e receptivo. O Mercado Macabro parecia ter sido cuspido, pisoteado e esfregado na imundície.

— Mal posso esperar para dizer a Mildmay o quanto ele está errado — murmurou Cadence, e então deu uma cotovelada nas costelas de Morrigan. — Ei... não fica encarando todo mundo, vai chamar atenção. Apenas relaxe.

À medida que avançavam pelo mercado, Morrigan não conseguia deixar de fitar tudo com o olhar perplexo. Relaxar estava decididamente fora de questão. As mercadorias em oferta eram diferentes de tudo que ela já havia visto em outros lugares. À sua esquerda, uma mesa com órgãos variados de nãonimais, frescos e sangrentos. À direita, uma série de jarros contendo picles de cabeças e membros de nãonimais, e, ela observou com repugnância, até mesmo...

— Aquilo é uma *cabeça humana*? — gritou ela, apontando um rosto encolhido, com uma expressão estranhamente pacífica, flutuando em um jarro de líquido de conserva amarelado.

Cadence a afastou dali, murmurando pelo canto da boca:

— Re-la-xe.

Elas passaram por uma tenda de lona preta com uma placa do lado de fora que anunciava simplesmente: COMPRAM-SE E VENDEM-SE SEGREDOS e, mais adiante, uma mulher oferecendo para levar ou tirar qualquer pessoa ilegalmente da República do Mar Invernal "por um preço justo".

— Deeeeeeentes! — gritou um homem quando elas passavam por sua barraca, fazendo as duas meninas darem um pulo de susto. — Dentes, compre dentes e presas aqui. Nãonimais, Fabulanimais, humanos... o que você quiser. Compre enquanto tem. Molares, caninos, sisos, presas. Use em feitiços, em joias, eu não estou nem aí no que você vai usar, desde que me pague. DEEEEEEENTES, compre dentes aqui!

Quanto mais adentravam o Mercado Macabro, mais escuro e feio ele ficava, tanto que Morrigan teve vontade de fechar os olhos e ir embora dali correndo. Ela ansiava pelas luzes brilhantes e pela música alegre do Bazar. Era fácil se perder nas multidões que se acotovelavam no Mercado

Macabro, e a clientela aqui não parecia inclinada a fazer contato visual com ninguém. Mesmo assim, Morrigan estava começando a se sentir... visível. Duas crianças sozinhas com seus broches de *F* dourados cintilando no pescoço. Elas estavam completamente deslocadas.

Morrigan soltou da gola a evidência de seu status de membro da Sociedade Fabulosa e a enfiou no bolso.

— Tire o broche — sussurrou para Cadence.

Havia uma tenda, bem no centro do mercado, que parecia atrair uma multidão maior do que qualquer outra. Um enorme aglomerado de pessoas fazia fila diante de um homem grandalhão e de aspecto pouco amigável que montava guarda à entrada da tenda segurando as guias de quatro cães de aparência formidável. Ele permitia a passagem das pessoas aos pares, contando-as à medida que entravam, e de repente ergueu a mão para deter os próximos da fila.

— Muito bem, pessoal, atingimos a capacidade máxima. O leilão está cheio. Desejo que tenham mais sorte da próxima vez.

— Você está brincando, não é, meu caro? — queixou-se um homem barbudo na frente da fila. — Vamos, seja razoável. Estou esperando por isto há meses.

— Então devia ter chegado mais cedo — disse o porteiro. — Números rigorosamente limitados. Primeiros a chegar, mais bem-vestidos. O senhor sabe como funciona. Eu o vi no leilão da primavera.

O cliente se inclinou para sussurrar em tom conspirador.

— Ouça, eu hã... eu vim por causa daquela grande mercadoria. Você sabe do que estou falando. Estou planejando fazer um lance alto. Meu dinheiro é tão bom quanto o de qualquer outro.

Morrigan e Cadence trocaram olhares. *Grande mercadoria*. Poderia ser uma das pessoas desaparecidas?

— Tenho certeza de que sim, mas a sua pontualidade é terrível — disse o porteiro. — Terá de esperar pelos lotes do outono. Até logo.

O homem puxava a própria barba desesperadamente.

— Vamos lá, camarada... A criatura já vai ter sido vendida...

— Eu disse ATÉ LOGO — cortou rispidamente o porteiro. — Agora dê o fora antes que eu mande meus amigos correrem atrás do senhor.

Ele inclinou a cabeça na direção dos quatro cães acorrentados, que entenderam a deixa e começaram a rosnar. O homem barbudo se afastou. Quando ia passar por Cadence, ela ergueu a mão para detê-lo.

— O senhor não vai aceitar isso assim, vai? — perguntou ela.

O homem a olhou com desdém e tentou forçar a passagem por ela, mas Cadence disse simplesmente:

— Pare.

Ele parou. Ela o encarou e falou em uma voz que soava como um enxame de abelhas:

— Volte lá e mostre a ele o que acontece com quem desrespeita você.

Morrigan viu alguma coisa mudar nos olhos do homem, como se sua vontade houvesse sido repentinamente incitada. Ele voltou intempestivamente para a frente da fila e começou a gritar e enfiar o dedo gorducho no peito do porteiro. Os cães rosnavam e latiam, forçando as guias, e as pessoas na fila, que já se dispersavam, retornaram, atraídas como ímãs para a promessa de uma briga.

— Venha — murmurou Cadence.

Usando o tumulto como cobertura, elas entraram furtivamente pela abertura da minúscula tenda de lona... e emergiram dentro do que parecia um salão de baile escuro e suntuoso, iluminado por candelabros.

Morrigan deixou a lona cair atrás dela e instantaneamente o barulho de fora apagou-se como uma chama, substituído por uma conversa calma e civilizada e pelo tilintar de taças de vinho. Era estranhamente desorientador. Ela avistou uma mesa desocupada onde se via uma variedade de máscaras, capuzes e véus, e uma placa onde se lia PARA SUA DISCRIÇÃO E CONVENIÊNCIA. Pegando um par de máscaras de nãonimais de borracha, Morrigan enfiou-se dentro de uma cabeça peluda de gorila e jogou a de raposa para Cadence, que fez uma careta.

— Ninguém vai me notar — protestou ela.

— Olhe à sua volta — disse Morrigan, a voz abafada pela máscara de borracha. — Você vê alguém aqui mostrando o rosto? Quer ser a diferente? *Ponha logo*.

A descrição que Cadence dera das pessoas que vira entrando no Beco Demoníaco de repente fazia sentido; todos aqui estavam, de alguma forma,

tentando se disfarçar. Ninguém queria ser reconhecido em um lugar desses.

Então Morrigan viu. No lado oposto do salão, sentado em uma gaiola no topo de uma plataforma alta com cortinas vermelhas, como uma espécie de troféu...

— O Magnifilhote da dra. Bramble! — disse Morrigan com um arquejo.

O pelo branco e grosso do filhote estava emaranhado e sujo, e seus grandes olhos azuis pareciam esferas de cristal. Sibilando e gritando enquanto tentava loucamente arranhar qualquer coisa através das barras de metal, ele lutava como um leão, embora estivesse claramente apavorado e desesperado para escapar. Morrigan se encolheu. Ela queria correr até lá e libertá-lo, mas isso seria uma atitude totalmente idiota.

A atmosfera nessa extremidade da tenda era menos civilizada. A multidão zombava e ria às gargalhadas enquanto jogava coisas no pobre filhote — comida, pedras, garrafas vazias —, tentando irritá-lo ainda mais. Estava funcionando; em vez de se encolher contra a parte de trás da gaiola, ele lutava de modo cada vez mais selvagem, cada vez mais alto, os cintilantes olhos azuis brilhando de terror. Morrigan assistia, sentindo-se enjoada e impotente. Ao lado dela, a respiração de Cadence saía em arfadas curtas e bruscas.

— Nossa primeira grande atração hoje, senhoras e senhores! — gritou um homem parado ao lado do Magnifilhote, atrás de um pódio de madeira.

Ele usava um terno de tweed marrom e uma máscara que cobria a metade superior do rosto, e segurava uma bengala com a qual ocasionalmente batia nas barras de metal da gaiola, provocando um estrondo metálico.

— Apresento a vocês o grande... e extremamente raro... Magnifilhote. Esta ferinha não parece grande coisa agora, é claro, mas todos sabemos o quão enorme, e extremamente útil!, é um Magnifigato adulto. Criaturas ferozmente independentes, de uma natureza extremamente Fabulosa, os Magnifigatos ainda assim podem se tornar animais de carga capazes e dóceis, especialmente se vocês optarem por cortar a língua deles ainda na infância! É a tendência agora na República. Senhoras e senhores, não tenham medo da notoriamente feroz inteligência dos Magnifigatos, não!

Apesar da crendice popular, eles *podem* ser subjugados quando se faz a coisa da maneira certa.

Morrigan sentiu a bile subir pela garganta. Ela engoliu com força, tentando se controlar. Eles iam *cortar a língua dele*? Daquele pobre filhotinho? Morrigan teve uma súbita e nauseante constatação — fora *isso* que a presidente da República do Mar Invernal fizera aos seis Magnifigatos que puxavam sua carruagem? Era por isso que eles nunca falavam?

Ela pensou na engraçada e malvada Fenestra, em como a enorme Magnifigata cinza dava ordens a Jupiter, provocava Morrigan, fazia exatamente o que queria e dizia o que bem entendia. Então imaginou Fen quieta e dócil, acorrentada a uma fila de outros Magnifigatos, mantida em uma gaiola e obrigada a puxar uma carruagem a vida inteira — e a sensação de mal-estar no estômago de Morrigan se intensificou. Isso era tão *errado*.

— Então, quem aqui terá coragem suficiente para domar este belo Magnifilhote? Quem pode domar esta fera? Ou, se não quiserem ter todo esse trabalho, sempre se pode tirar a pele e usá-la como casaco.

Um som baixo e involuntário escapou de Morrigan, e Cadence deu-lhe uma cotovelada nas costelas, murmurando:

— Shhh.

O leiloeiro pigarreou.

— Sem mais delongas, senhoras e senhores, abriremos o leilão a cinco mil kreds, valor extremamente razoável. Estou ouvindo cinco mil kreds? Cinco mil ali para o cavalheiro tatuado. Estou ouvindo cinco e quinhentos?

Morrigan sentiu-se como se socassem seu estômago. Eles iam leiloar o pobre filhote aterrorizado, entregando-o a quem desse o maior lance.

— Cinco e quinhentos para a dama de capa verde. Estou ouvindo seis? Obrigado, senhor, seis mil do cavalheiro tatuado. Agora, estou ouvindo seis e quinhentos? Quem dá seis e quinhentos? Seis e quinhentos para o cavalheiro da máscara de cachorro. Estou ouvindo sete?

O leilão prosseguiu por algum tempo e chegou a um nível tão febril, com tantos lances, que Morrigan não conseguiu mais acompanhar as palavras do leiloeiro; todas elas se fundiam. O Magnifilhote estava

cansando agora, oscilando e se encolhendo, exausto pela enxurrada de gritos e pelo golpe estridente da bengala do leiloeiro toda vez que ela se chocava com as barras de metal da gaiola.

O coração de Morrigan batia forte. Ela estava à beira das lágrimas. Por um segundo desesperador, seus olhos e os do Magnifilhote se cruzaram, e talvez fosse sua imaginação, mas Morrigan sentiu instantaneamente que ele implorava por sua ajuda.

Morrigan e Cadence se entreolharam naquele momento e, como se estivessem sintonizadas na mesma estação de rádio, disseram em uníssono:

— Precisamos fazer alguma coisa.

— Alguma ideia? — perguntou Cadence. Sua voz falhou.

Morrigan não respondeu. Em vez disso, ergueu a mão trêmula.

— Doze mil para o anão com a máscara de gorila — disse o leiloeiro, apontando diretamente para Morrigan. — Estou ouvindo doze e quinhentos, senhoras e senhores... Obrigado, senhor, doze e quinhentos para o cavalheiro tatuado. Estou ouvindo treze? Treze mil kreds para a senhora com a echarpe vermelha. Eu ouvi... sim, treze e quinhentos para o nosso amigo tatuado, muito bem, senhor. Que tal quatorze, senhoras e senhores, eu...

— Quinze! — gritou Morrigan com a voz mais grave, cruel e adulta que conseguiu forjar.

Cadence engasgou com uma leve tosse, e dessa vez foi Morrigan quem lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Quinze para o gorila! Estou ouvindo...

— Dezesseis — soou uma voz mais profunda, mais cruel, muito mais autenticamente grave, vinda do homem tatuado.

— Dezoito — contrapôs Morrigan.

Ouviram-se exclamações de surpresa vindas da multidão, sob as quais Cadence murmurou para Morrigan:

— Onde exatamente vamos conseguir esse dinheiro?

— De lugar nenhum — sussurrou Morrigan por trás da máscara. — Shhh.

— Vinte — ofereceu o homem tatuado.

Ele agora parecia enfurecido.

— Vinte e cinco — gritou Morrigan, e a multidão silenciou.

— Vinte e cinco mil kreds — repetiu o leiloeiro, incrédulo. — Vinte e cinco mil kreds, dou-lhe uma... dou-lhe duas...

Ele fez uma pausa, erguendo uma sobrancelha na direção do homem tatuado.

— Nenhuma contraoferta, meu amigo? Muito bem, então. Vinte e cinco mil kreds para o pequeno gorila. — Ele parecia perplexo, mas bateu o martelo, selando o acordo. — Fale com meu auxiliar para tratar do pagamento e da coleta. Seguindo para nosso último lote, senhoras e senhores...

Morrigan tinha parado de ouvir. O sangue corria em seus ouvidos, e a pergunta óbvia retumbava como um tambor em seu coração: E agora? E agora? *E agora?*

No entanto, Cadence tinha avistado o auxiliar, que estava de pé ao lado do Magnifilhote e acenava, chamando Morrigan.

— Não se preocupe, eu dou um jeito.

O auxiliar não ficou nem um pouco impressionado.

— E isso seria o quê?

— É o seu dinheiro — afirmou Cadence.

Ela havia tirado a máscara de raposa e a entregara ao rapaz, que pareceu insultado e, em seguida, confuso.

— Vinte e cinco mil kreds. Eu contei. Duas vezes.

— Isto não é... isso é algum tipo de...

O auxiliar sacudiu a cabeça como um cachorro se sacudindo depois do banho.

— Você acha que está brincando de quê?

Morrigan olhou por cima do ombro para o outro lado da tenda, onde o leilão prosseguia. Ela queria desesperadamente sair dali, fugir e não olhar para trás, mas de jeito nenhum iria embora sem o Magnifilhote, que finalmente havia se esgotado e agora estava caído, triste e desamparado no chão da gaiola.

Ela ouvia apenas fragmentos do que o leiloeiro estava dizendo, mas a

multidão parecia entusiasmada com o que quer que ele estava escondendo atrás da enorme cortina de veludo vermelho.

— Imaginem as utilidades... — Flutuava a voz do leiloeiro pelo salão em intervalos. — ... mercadores do mar e piratas... tamanho talento. Sem mencionar a caça debaixo... ou assassinos...

— Eu não estou brincando. Você está confuso — disse Cadence, a voz tão suave quanto o arco deslizando pelas cordas de um violoncelo. — Eu estou *pagando* por este filhote vinte e cinco mil kreds. Que estão na sua mão. Acabei de entregar.

Ela fez um gesto de cabeça indicando a máscara na mão direita do auxiliar e em seguida a chave para a gaiola do Magnifilhote firmemente apertada na esquerda.

— E agora você me dá o Magnifilhote.

— E agora eu te dou...

— Isso...

— Mas...

— Isso.

A voz de Cadence era soporífera.

O rapaz piscou lentamente e virou-se para destrancar a gaiola.

— Muito bem.

Minutos depois, elas chegavam à porta da tenda, deixando para trás o atordoado auxiliar que trancava a máscara de raposa de Cadence em uma pesada caixa de metal, convicto de que ali estavam vinte e cinco mil kreds em dinheiro vivo. Morrigan lutava para conter o filhote aterrorizado. Ela segurava a ponta da corrente que o prendia em uma das mãos só por garantia, mas estava tentando levar no colo o pobre coitado — o que era um pouco como carregar um São Bernardo adulto. Ela teve de abandonar a máscara de gorila porque o filhote parecia assustado.

Elas contornaram por trás a multidão agitada, ainda reunida em torno do último item. A tagarelice do leiloeiro atravessava o burburinho.

— Dezoito e quinhentos para o cavalheiro moreno com a perna de pau. Dezoito e quinhentos, temos dezenove? Um pequeno preço a pagar por um

dom tão raro, pessoal...

Morrigan tentava manter o Magnifilhote sob controle, sussurrando um fluxo de bobagens tranquilizantes no ouvido dele.

— Shhh. Está tudo bem. Ora, você não é um ótimo filhote? Fen está à sua procura. Quietinho agora. Você não quer vir conosco e conhecer a velha e rabugenta Fenestra? Claro que quer. Ela é uma Magnifigata, como você.

Cadence se encontrava na ponta dos pés, tentando ver o que estava deixando aquela multidão tão agitada.

— É alguma coisa em um tanque — sussurrou ela para Morrigan, que respondeu com um resmungo. — Tipo, um aquário muito grande.

— Vamos dar o fora — sibilou Morrigan. — Você pode, *por favor*, me ajudar?

Cadence havia parado vários passos atrás e olhava fixamente, através da multidão, para o que quer que fosse que estava dentro do tanque. Os olhos dela se arregalaram.

— Morrigan... olhe.

— Temos de *ir*. Não vou conseguir segurar por muito...

— Morrigan — disse Cadence com mais urgência, apontando para o tanque. — *Olhe*.

Relutante — e com dificuldade —, ela voltou até onde Cadence estava parada. Talvez acreditando que ela ia levá-lo de volta para seus torturadores, o filhote começou a gritar e sibilar, cravando as garras dolorosamente no braço de Morrigan. Com o choque do que viu dentro do tanque, Morrigan imediatamente esqueceu a dor.

Atrás do vidro, debaixo d'água, acorrentado a uma pedra... havia um adolescente.

Ele estava vivo. Completamente abatido, parecendo desamparado, os lábios azulados de frio, mas vivo.

Claro que estava. Ele respirava debaixo d'água.

— Alfie! — gritou Morrigan.

Ela não conseguiu evitar; o nome escapou de sua boca antes que ela pudesse se conter. Sua voz ressoou acima do falatório da multidão e do leiloeiro, e um silêncio ensurdecedor desceu no salão à medida que cada

par de olhos se voltava para Morrigan, Cadence e o Magnifilhote, que a essa altura berrava e uivava, lutando desesperadamente para escapar.

— Quem são essas crianças? — gritou o leiloeiro. — Quem permitiu a entrada de crianças aqui? Alguém pegue as duas!

Meia dúzia de seguranças corpulentos e com cara de mau pareceram materializar-se do nada. Cadence agarrou o pulso de Morrigan, tentando arrastá-la dali, mas Morrigan aparentemente havia criado raízes no lugar.

Estava acontecendo novamente. Ela podia sentir.

O medo, a repulsa e a raiva foram crescendo dentro dela como uma sinfonia, até que, de alguma forma, ficaram maiores que seu corpo. Dessa vez foi um sentimento diferente: não era como se estivesse queimando, mas *desenvolvendo*. Ela sentiu o alcance destemido de seu poder, que ia rapidamente ganhando força enquanto tentava capturar algo sólido, enquanto engolia tudo em seu caminho, intensificando tudo à volta dela em sua busca de... de *alguma coisa*. De uma ferramenta. Um instrumento.

Em um momento glorioso e dourado, Morrigan sentiu que ele se assentava naquilo que estava mais próximo dela: o desesperado Magnifilhote, lutando para escapar das mãos dela...

... e finalmente conseguindo.

Ao saltar dos braços dela, era um filhote uivando. No entanto, ao aterrissar no chão, era uma fera imponente e aterrorizante, que se fortalecia com o incontrolável poder Fabuloso de Morrigan. Ele rugiu, e foi como o rugido de um bando de leões, mostrando os dentes para o leiloeiro, que imediatamente desmaiou.

Gritos e caos tomaram conta da tenda quando o gato avançou de garras estendidas contra a multidão, saltando aqui e ali entre as pessoas, rejubilando-se em sua merecida vingança. Usando seus ataques e o terror da multidão como cobertura, Morrigan e Cadence correram para o tanque de Alfie, mas se depararam com o caminho bloqueado por seu rival nos lances do leilão, o homem tatuado. Intrincados desenhos com tinta preta cobriam cada centímetro descoberto de seu corpo.

— Você fez isso — disse ele, encarando Morrigan. — Como? Como você fez isso? O que você é?

Morrigan fez menção de passar por ele em direção ao tanque de Alfie,

na esperança de alcançá-lo de alguma forma, de tirá-lo do tanque e levá-lo com elas. O homem se preparou para agarrá-la, mas Cadence o chutou com força na canela e ele gritou, apertando a perna com dor.

— Ai! — gritou ele, e três de seus amigos, todos cobertos de músculos, começaram a vir na direção delas.

— Corra! — gritou Cadence, agarrando Morrigan pelo pulso.

Elas dispararam para a entrada da tenda, ziguezagueando em meio ao público do leilão, que agora corria em pânico de volta ao agitado e barulhento caos do Mercado Macabro fora da tenda.

Com um misto de esperança e pesar, Morrigan viu o feroz Magnifilhote encolher lentamente, voltando ao seu tamanho original, e desaparecer na multidão deixando um rastro de destruição atrás dele — barracas pisoteadas, mesas viradas e vendedores gritando uns com os outros na confusão, sem perceber que o verdadeiro culpado estava fugindo com suas quatro patas velozes.

Corra, filhotinho, pensou ela fervorosamente, torcendo para que, contra todas as probabilidades, ele de alguma forma alcançasse a segurança, mas sabendo que ela e Cadence não podiam fazer mais nada para ajudá-lo. Elas agora tinham de ajudar a si próprias.

— Lá está ela! — soou uma voz áspera atrás delas. — Peguem a garota!

Elas se esquivaram de seus perseguidores, derrubando deliberadamente mais mesas ao passar. Cadence lançou pelo ar um barril cheio até a borda com cobras de cores vivas, e o coro de gritos que se elevou atrás delas fez Morrigan e Cadence correrem ainda mais rápido.

Elas dispararam até o Beco Demoníaco, passaram pelo truque sufocante através da área aparentemente interminável do Bazar de Nevermoor, e finalmente saíram — suando, os pulmões arfando — pelos portões do Templo da Coisa Divina pouco antes da meia-noite.

Andando de um lado para o outro entre duas tochas com chamas cor-de-rosa brilhante presas ao muro estava Hawthorne, o rosto pálido e mudo, aparentemente incapaz de expressar sua preocupação em palavras adequadas. No entanto, Homer mais do que compensou o silêncio do irmão mais novo com uma série de mensagens no quadro-negro enfatizadas com muitos pontos de exclamação e letras maiúsculas,

rapidamente escritas e apagadas enquanto Morrigan e Cadence permaneciam paradas absorvendo silenciosamente aquela fúria e lutando para recuperar o fôlego.

A maior parte da ansiedade dos meninos devia-se, é claro, ao fato de Hawthorne ter perdido Morrigan em algum lugar do Bazar e ter procurado por ela em todos os cantos. No entanto, Morrigan não se importava. O quadro-negro de Homer a fez lembrar-se de algo.

Levando a mão a um bolso interno do casaco, ela pegou um pedaço de papel preto metálico e macio.

Sem parar para explicar, Morrigan pegou o giz da mão de Homer no meio de uma frase, apoiou o papel em uma parede e escreveu:

Encontrei Alfie Swann e o Magnifilhote.
Beco Demoníaco. Mercado Macabro.
Avise a Jupiter.
Traga a Furtiva.

Então ela sussurrou o nome de Jack três vezes — "John Arjuna Korrapati, John Arjuna Korrapati, John Arjuna Korrapati" —, levou o papel à chama de uma tocha cor-de-rosa e observou as cinzas se dispersarem no ar.

CAPÍTULO DEZESSETE

A Escola de uma Só Aluna do Hotel Deucalião

— Mog, por favor. Não entre mais em Vias Traiçoeiras.

O rosto de Jupiter estava exaurido, com rugas de preocupação. A partir das informações de Cadence e Morrigan, ele havia invadido o Beco Demoníaco na noite anterior, levando com ele a Furtiva, o Fedor, o Esquadrão de Excentricidades Geográficas e até Fenestra (que, na opinião de Morrigan, valia dez Furtivas e pelo menos cinquenta Fedores).

Entretanto, tinham chegado tarde. A saída dramática do filhote havia acionado alarmes demais e, até eles chegarem, o mercado já havia sido desmontado, os responsáveis tinham fugido e tudo que restava era um cemitério de barracas anônimas e sujas, uma placa onde se lia *O MERCADO MACABRO*, um tanque de vidro vazio... e um pobre adolescente, sentado sozinho no chão de pedras, com as roupas molhadas e tremendo de frio.

Pelo menos eles tinham resgatado Alfie.

No entanto, não havia o menor sinal de alegria no rosto de Jupiter naquela manhã, nem mesmo a satisfação por um trabalho bem feito. Nada além de uma séria determinação em extrair de Morrigan a promessa de nunca mais entrar em uma Via Traiçoeira.

— Eu estou falando sério — disse ele, os olhos azuis brilhando. — Elas são muito perigosas. Não valem o risco.

Morrigan fez uma careta. Como Jupiter podia *dizer* aquilo? Se ela e Cadence não tivessem percorrido o Beco Demoníaco, elas nunca teriam encontrado o Mercado Macabro. Elas nunca teriam libertado o Magnifilhote. Jupiter e a Furtiva nunca saberiam onde encontrar Alfie Swann. Ela abriu a boca para dizer tudo isso, mas Jupiter ergueu a mão para detê-la.

— O talento de Alfie se foi — disse ele em um sussurro, sua voz quase

reverente, como se estivesse dando a notícia de uma doença terminal.

— Se foi? — ecoou Morrigan.

Jupiter assentiu.

— Se foi... como? — perguntou ela.

— Não sabemos.

Ele deu um longo suspiro, esfregando os olhos cansados.

— Não está claro ainda se ele foi *roubado*, exatamente, ou... às vezes um trauma severo pode...

Ele não concluiu a frase, e Morrigan pôde perceber a perplexidade em sua voz. Ele não fazia ideia. A Furtiva não fazia ideia.

— E Cassiel e Paximus Luck? — perguntou Morrigan em voz baixa. — E o filhote... alguém já o achou?

— Nenhum sinal de Cassiel. Sabemos que Paximus esteve lá porque encontramos uma lista com os itens do leilão, mas ele sumiu. Achamos que talvez... — Interrompeu-se, relutante ou incapaz de concluir o pensamento. — De qualquer forma, não vamos desistir. A gataria da Fen está procurando o filhote. Agora que sabem que ele está na rua, e não trancado numa jaula em algum lugar, eles têm uma chance muito maior de achar o coitadinho.

Morrigan franziu a testa.

— Quem *é* a gataria da Fen?

— Amigos dela. Outros Magnifigatos, na maioria. Eles são reservados, mas há alguns deles por aí. Eles cuidam uns dos outros.

— Mas... a Sociedade Fabulosa não está ajudando? E a Furtiva? *Nós* não deveríamos estar investigando...

— Não tem "nós" nessa situação, Mog — afirmou Jupiter, a voz levemente exaltada. — Você não é parte da investigação. Entendeu?

— Isso não é justo.

Morrigan percebeu o tom de choramingo na própria voz, mas não conseguia evitar.

— Eu achei o mercado... — insistiu. — Bem, Cadence e eu achamos. *Nós* libertamos o filhote. Fomos *nós* que...

— Foram vocês que mostraram seus talentos para um salão cheio de pessoas que pagariam muito caro para tomá-los de vocês — rebateu

Jupiter.

Morrigan se encolheu um pouco.

— Eu não mostrei nada a eles de propósito — murmurou ela, pensando na estranha transformação do Magnifilhote. — Eu já disse. Eu não sei como aconteceu, só...

— Aconteceu — concluiu Jupiter por ela com um suspiro. — Eu sei. Receio que isso eu também não saiba explicar.

Ele havia perdido sua fina camada de paciência, mas Morrigan podia sentir que havia algo mais por trás de sua frustração. Ele olhou bem nos seus olhos, e ela viu que ele estava com medo.

— Morrigan, acredite que todos estão fazendo tudo que podem para achar aqueles que ainda estão desaparecidos. E, *por favor*. Nada de Vias Traiçoeiras.

O restante das férias de verão de Morrigan se passou como um sonho estranho e levemente sufocante. As ausências de Jupiter ainda eram frequentes, mas, entre suas expedições, nos intervalos em que estava em casa, ele parecia determinado a compensar o tempo ausente — e também, Morrigan tinha forte suspeita, a mantê-la tão ocupada e entretida que não haveria motivo, tentação ou oportunidade para ela ir procurar mais pistas sobre o Mercado Macabro.

Não demorou a ficar óbvio que ele havia aliciado os funcionários para ajudar a fazer desse verão no Deucalião o mais espetacular possível. Havia shows de rock e piqueniques à meia-noite no terraço. Um campeonato de críquete no gramado sul e exibições de fogos de artifício praticamente todas as noites. Apesar de Morrigan continuar importunando Jupiter para saber mais detalhes da investigação sobre o Mercado Macabro sempre que tinha uma oportunidade, era difícil não se distrair *um pouco* com o desfile incessante de festividades.

Frank organizava uma festa na piscina quase todo fim de semana, com tudo ao que tinha direito: de balcões de sorvete *self-service* épicos a guerras de balões d'água. Jupiter mandou instalar um tobogã e trouxe ursos-polares infláveis que jogavam as pessoas no ar, pegavam-nas com seus

macios braços de borracha e as lançavam na água, provocando intermináveis gritos de felicidade de Morrigan, Hawthorne e Jack.

Um fim de semana, Morrigan teve a brilhante ideia de convidar toda a Unidade 919 para o hotel. Animada e nervosa pela oportunidade de provar a eles que não era perigosa, que os Anciãos estavam totalmente errados, ela se deu o trabalho de escrever convites individuais à mão em um elegante pergaminho.

Ela pensou cuidadosamente sobre o que queria dizer — que sentia muito pelo que tinha acontecido na estação, que fora um acidente e que ela nunca machucaria alguém de propósito, e se eles poderiam vir, por favor, neste sábado para nadar e comer raspadinha. Ela fechou os convites cuidadosamente com um kit de lacre de cera que Jupiter emprestou a ela, e pediu a Hawthorne que os entregasse pessoalmente em seu nome. Quando chegou o dia, porém, somente ele e Cadence apareceram.

Morrigan tentou não se deixar desanimar e aproveitou ao máximo o dia, levando Cadence para um tour pelo hotel, o que veio a ser um interessante teste de sua nova e ainda frágil amizade. Diferentemente de Hawthorne (que, para a satisfação de Morrigan, demonstrava um incontido entusiasmo por tudo que o Deucalião tinha a oferecer, por mais estranho que fosse), as reações de Cadence foram variadas.

Ela se mostrou educadamente perplexa com o Salão da Chuva ("Como assim, então só... chove? Aqui dentro? O tempo todo? *Por quê?*") e odiou o teatro, com seu camarim cheio de fantasias que vinham com os próprios sotaques e maneirismos (Morrigan a *advertiu* que não experimentasse a fantasia de Gato de Botas; uma hora depois de tê-la tirado, Cadence ainda estava miando e coçando atrás das orelhas). No entanto, ela amou relaxar na ilha de areia no meio da piscina-lagoa, completa com palmeiras balançando ao vento e a música suave do ukulele flutuando na brisa morna.

Apesar das férias, Hawthorne ainda tinha de treinar na Liga Júnior de Montaria em Dragões, mas ele ia para o Deucalião na maioria das tardes, exausto e sujo de fuligem. Ele, Morrigan e Cadence normalmente jogavam cartas no Salão da Fumaça, inalando o mais novo aroma de verão expelido pelas paredes. O salão estava testando novas fragrâncias sazonais, com

resultados variados. Fumaça de coco, fumaça de brisa do oceano e fumaça de morango com creme eram grandes sucessos. Fumaça de repelente de insetos, fumaça de suor de passageiros do Fabulotrem e fumaça de salada de batata em um piquenique tiveram drasticamente menos êxito.

Como não tinha permissão de se envolver com a investigação de Jupiter, Morrigan tentou se concentrar em descobrir quem estava chantageando a Unidade 919. No entanto, por não poder sair do Deucalião e porque a maior parte da unidade não estava falando com ela, foi obrigada a admitir que não tinha muito com o que trabalhar.

A única coisa boa, pensou Morrigan, era que seus chantagistas deviam estar de férias também. Assim, a Unidade 919 teria uma trégua das exigências, pelo menos até que as aulas voltassem.

Infelizmente, não tiveram tanta sorte.

— Olhe isto — disse Cadence certa manhã, entregando um bilhete a Morrigan quando elas se acomodaram em um par de espreguiçadeiras.

Ela colocou os óculos escuros e se deitou enquanto Morrigan lia.

Cadence Lenore Blackburn.

Seu patrono tem uma importante apresentação
em público amanhã de manhã.
Você vai encontrar uma maneira criativa de fazê-lo se humilhar.
Se falhar, vamos revelar o segredo da Unidade 919.

Lembrem-se:
Não contem a ninguém.
Ou vamos contar para todo mundo.

Morrigan empalideceu. Ela não gostava de Baz Charlton, mas se alguém tivesse mandado que *ela* escolhesse entre proteger sua unidade e humilhar publicamente o seu patrono, ela sinceramente não sabia o que faria.

Isso pelo menos eliminava um suspeito — certamente Baz não exigiria a própria humilhação! Ainda assim, não fazia com que Morrigan chegasse mais perto de saber quem *estava* por trás disso.

Ela olhou de soslaio para Cadence, que tinha colocado as mãos atrás da cabeça e estava aproveitando o calor radiante.

— Eu não tinha certeza se você receberia um desses — admitiu Morrigan.

— Eu também não — replicou Cadence, franzindo o cenho. — Eu não achei que eles me notariam.

— Então, hã — continuou Morrigan, tentando parecer casual —, o que é essa apresentação em público amanhã de manhã?

— Foi esta manhã. O bilhete chegou ontem. Ele foi ao Parlamento para fazer uma petição por leis mais rígidas nas fronteiras. Um discurso importante.

— Ah.

Morrigan esperou, mas Cadence não disse mais nada.

— Então... o que aconteceu?

— Bem, eu realmente tive de pensar muito, sabe?

— Certo.

— Fiquei acordada a noite inteira tentando decidir o que fazer. Não consegui dormir.

— Sim... claro.

Morrigan prendeu a respiração.

— Mas, no fim, eu não conseguia escolher entre fazê-lo babar durante a coisa toda, falar com voz de bebê ou abaixar as calças no final e gritar: "O BAZINHO QUER FAZER COCÔ." — disse Cadence, sorrindo. — Então me decidi pelos três.

Fogos de artifício, tobogãs e shows de rock eram legais, pensou Morrigan. Mas até ali esse foi, verdadeiramente, seu momento preferido do verão.

Já perto do fim das férias, Jupiter anunciou a volta de uma de suas expedições mais longas acordando os relutantes Morrigan e Jack ao amanhecer e os levando ao terraço, onde ele tinha amarrado um gigantesco balão de ar quente. Foi uma experiência mágica, quase como um sonho, sobrevoar os telhados de Nevermoor vendo o sol iluminar a cidade em

rosa e dourado, sem nenhum barulho além da ocasional explosão de calor do maçarico. Morrigan não queria que os pés tocassem o chão nunca mais. Também não queria que esse verão acabasse.

Ela não era idiota. Sabia que isso tudo era parte de um grande esforço coletivo para mantê-la distraída, feliz e segura no Deucalião, para afastá-la da investigação sobre o Mercado Macabro e para reduzir o impacto de seu afastamento da Soculosa.

Morrigan apreciava os esforços de todos, sinceramente. No entanto, restava o fato de que, quando o novo semestre começasse, Hawthorne e o restante da 919 voltariam para as aulas na Soculosa, e ela ficaria para trás. Os Anciãos ainda não tinham decidido se era seguro ela retornar ao campus e insistiam que, por ora, o afastamento ainda era necessário. Jupiter havia implorado, tentado persuadir, ameaçado, saído furiosamente e implorado novamente, tudo em vão.

— Gregoria Quinn é a pessoa mais implacável que eu já conheci — disse ele, furioso, um dia após retornar de mais uma missão inútil ao Salão dos Anciãos.

(Mais tarde, Morrigan procurou o significado da palavra "implacável" e concluiu que concordava inteiramente com ele.)

— Pelos céus, se não fosse você, a Furtiva poderia nunca ter salvado... poderia nunca ter... trazido Alfie de volta para casa — continuou ele.

Houve um momento de desconforto com essas palavras. Porque, no fim das contas, a Furtiva não tinha realmente *salvado* Alfie, tinha? Pelo menos, não aos olhos dos Anciãos, ou de Baz Charlton... ou da maior parte das pessoas na Soculosa, na verdade. Segundo Jupiter, todos estavam agindo como se Alfie tivesse morrido, quando ele só tinha se tornado um pouco mais... normal.

— Pelo menos ele está *vivo* — dizia Morrigan todas as vezes que o talento perdido de Alfie era mencionado.

Jupiter sempre concordava, mas ela sabia que, no fundo, ele estava pensando em como seria se ele deixasse de ser uma Testemunha.

Morrigan se perguntou como *ela* se sentiria se alguém lhe dissesse que ela não era mais uma Fabuladora. Considerando-se que toda a sua situação não tinha lhe causado nada além de desgosto, ela suspeitava que

talvez desse uma festa. Ainda assim, ela conseguia imaginar como seria para *Jupiter* ter seu talento retirado sem permissão. Aquilo que o tornava único e importante. Seria como uma pequena morte.

— Você acha que... talvez ele consiga recuperá-lo? — perguntou ela. — Se eles encontrarem quem fez isso, eu quero dizer.

— Não sabemos com certeza se alguém o *tirou* — observou Jupiter. — Eu não estou totalmente convencido de que isso é possível. Alfie não pode nos dizer muita coisa. Ele ainda está em choque e não se lembra de quase nada. Talvez, *assim espero*, seja só o trauma disso tudo e ele vá recuperar o talento com o tempo.

— E se não recuperar — disse Morrigan —, ele vai poder permanecer na Sociedade?

Jupiter ficou quieto por um momento, e ela se perguntou se ele iria mentir para tranquilizá-la. No fim, ele apenas deu de ombros de maneira brusca e perplexa.

— Sinceramente, eu não tenho certeza, Mog — respondeu ele. — Isso são os Anciãos que decidem.

Inevitavelmente o verão acabou e o professor Onstald chegou ao Deucalião para continuar suas entediantes aulas sobre os males de ser um Fabulador.

Os funcionários sabiam como Morrigan se sentia sobre as aulas do professor Onstald. (Eles tinham de saber; ela havia se queixado *muito* sobre elas.) Ainda assim, se esforçavam para fazer o professor se sentir bem-vindo ao hotel.

Ou, pelo menos, foi o que Morrigan pensou.

No começo.

— Receio que este seja o único espaço em que podemos acomodá-lo hoje — disse Kedgeree na primeira manhã enquanto acompanhava Onstald e Morrigan ao segundo maior salão de festas do Deucalião, no quinto andar. — Todos os outros lugares estão ocupados. Essa é uma época do ano muito movimentada para a indústria hoteleira, entende?

Movendo-se ao passo glacial de Onstald, eles tinham levado quase meia hora só para percorrer o corredor vindo do elevador, mas Kedgeree não

parecia se importar. Ele sustentou uma conversa alegre o caminho inteiro, aparentemente alheio aos pequenos bufos impacientes de Onstald em resposta. Agora, respirando de sua habitual forma estridente e examinando o salão, a faburuga parecia profundamente consternada.

— Você está... me dizendo... que eu tenho de dar aula... neste... neste...

— ... espaço muito elegante que no momento está sendo preparado para nosso Baile Anual do Outono, sim — interrompeu Kedgeree, dando de ombros como se pedisse desculpas. — Mas não se preocupe, Frank prometeu que não vai atrapalhar sua aula. Certo, Frank? — ele gritou para o anão vampiro, que se encontrava do outro lado do salão fazendo o teste de som com sua banda favorita de suingue, a Iguanarama.

— Vocês nem vão perceber que eu estou aqui — trovejou Frank no microfone.

Houve um guincho de eco do sistema de som. Onstald se encolheu.

— Opa, perdão — acrescentou Frank.

A coisa mais difícil para Morrigan foi tentar se concentrar na ladainha de Onstald sobre os delitos Fabulosos enquanto Frank desfilava uma variedade cada vez mais ridícula de distrações pelo salão de baile, acompanhada de seu contínuo refrão: "Me ignorem, me ignorem... eu não estou aqui!" Ela se manteve séria durante três ensaios seguidos do maior hit da Iguanarama: "Balance, balance as escamas de sua cauda." Ela até conseguiu ler um capítulo inteiro sobre o tirânico Fabulador Tyr Magnusson enquanto ignorava tranquilamente as gigantes bolhas de champanhe flutuantes que aos poucos iam enchendo o salão.

A última gota — para a cara de paisagem de Morrigan e para a paciência de Onstald — foi quando Frank trouxe um bando de gansos vestidos com paletós pretos e gravatas-borboleta grasnando.

— Qual... é o... SIGNIFICADO... DISTO? — perguntou, furiosa, a faburuga enquanto Morrigan caía na risada.

Frank virou-se para eles, a inocência em pessoa, e disse:

— Bem, me desculpe, professor, mas *alguém* precisa treinar os garçons terceirizados!

No dia seguinte, Kedgeree os levou para um estúdio de arte da ala leste. Ele tinha um cheiro intenso de tinta e terebintina, mas Kedge abriu bem as

janelas e tomou o cuidado de mostrar que pelo menos estava livre de aves aquáticas de paletó.

No entanto, o local também era próximo ao Salão de Música, e Dame Chanda começou a andar pelo corredor, praticando suas árias. Cada vez que sua voz angelical flutuava próxima ao estúdio, multidões de esquilos, pássaros, texugos, raposas e camundongos do campo entravam pela janela aberta, irresistivelmente atraídos pelo som. Onstald fez Morrigan fechar as janelas, mas o cheiro da tinta se tornou insuportável e as criaturas continuaram vindo, só que agora ficavam arranhando o vidro e choramingando para que as deixassem entrar.

Martha preparava o almoço para eles todos os dias e, após inúmeras queixas resmungadas do professor Onstald, Morrigan percebeu que a camareira estava deliberadamente sabotando suas refeições. Servia a sopa um pouco fria, o pão um pouco velho, o chá um pouco fraco. Enquanto isso, a refeição de Morrigan era sempre acompanhada por um pedaço de chocolate embrulhado em papel-alumínio ou um bolinho com cobertura, ao passo que Onstald nunca recebeu um único doce. Era um pequeno gesto de mesquinharia, mas, para a gentil e amável Martha, tratava-se de uma declaração aberta de guerra, e Morrigan a amou por isso.

Cada dia daquela semana trouxe a mudança para um novo cômodo com sua própria variação de aborrecimentos, e não demorou muito para que Morrigan percebesse exatamente o que os funcionários estavam fazendo. Isso a animou de uma forma que nenhuma festa na piscina ou passeio de balão conseguiria. Toda manhã ela pulava da cama empolgada para ver o que eles fariam naquele dia para infernizar Onstald.

A *pièce de résistance* do Hotel Deucalião veio — claro — de Fenestra. Na manhã de sexta-feira, quando Morrigan e Onstald tinham se instalado na mais recente sala de aula improvisada (uma quadra de badminton em desuso no sétimo andar) e começado a estudar, Fen entrou. Ela não disse uma palavra, mas se sentou atrás de Morrigan, encarando por cima de sua cabeça o professor Onstald e ronronando tão agressivamente que fez com que o chão vibrasse.

Morrigan sabia que, se qualquer outro tivesse interrompido sua aula, Onstald teria exigido que *saísse imediatamente*. No entanto, Fenestra não

era o tipo de gato que inspirava exigências.

Naquela tarde, um mensageiro chegou com um envelope marfim endereçado a Morrigan.

Senhorita Crow,

Escrevo para lhe informar que eu e meus colegas Anciãos reconsideramos seu exílio do campus da Sociedade Fabulosa. Depois de uma cuidadosa reavaliação — e de uma veemente recomendação por parte do professor Onstald, que nos garante que o comportamento que observou na senhorita esta semana foi satisfatoriamente seguro —, temos o prazer de convidá-la a retornar à Soculosa e à sua aula de Decodificando Nevermoor *com o Sr. Mildmay na segunda-feira.*

É desnecessário dizer que continuaremos a monitorar de perto a sua conduta.

Por favor, não nos decepcione.

Saudações cordiais,

Anciã Gregoria Quinn

CAPÍTULO DEZOITO

Enigmas e Ossos

Outono do Ano Dois

O *F* no centro do minúsculo círculo na porta de Morrigan que dava para a estação se acendeu. Ela ficou ali parada durante um minuto inteiro, ajustando a respiração à pulsação do brilho suave que emanava do círculo, antes de finalmente estar pronta para pressionar a marca no dedo contra a luz.

A porta se abriu, revelando um grupo de rostos que era exatamente como ela esperava. Cadence e Hawthorne, pelo menos, pareciam felizes em vê-la. Os outros estavam, na melhor das hipóteses, cautelosamente constrangidos e, na pior, abertamente hostis.

A julgar pela semana que tinham acabado de passar, Morrigan não poderia culpá-los.

Cadence e Hawthorne a haviam atualizado durante o fim de semana. Nos cinco dias que ela estivera ausente, eles tinham recebido *quatro* novas exigências, uma após a outra.

Primeiro, tinham mandado Mahir pintar palavrões em trinta e sete línguas diferentes por todo o Salão de Línguas. Depois Hawthorne teve de atear fogo a uma seção dos estábulos de dragões — embora, pelo modo como contou a história, ele tenha se divertido um bocado.

— E ninguém suspeita de nada! — concluiu ele. — Porque o *Queima com o Fogo de Mil Fogões a Lenha* dorme naquela seção, então eu simplesmente pus a culpa nele. O *Queima Com* tem um problema horrível de gases.

Anah estava profundamente abalada com seus feitos criminosos — ela tivera de roubar suprimentos médicos do hospital-escola (apenas alguns pares de luvas de borracha e um urinol, segundo Cadence, mas Anah

passara o restante da semana se lamentando sobre o que as freiras que a tinham criado diriam).

A pior exigência fora endereçada a Arch, que teve de roubar uma mecha de cabelo da sra. Dearborn. Morrigan imaginou que fosse tão seguro quanto roubar uma escama de um dragão.

— Pensei que ele fosse morrer de medo, mas ele conseguiu — contara Cadence, o rosto sombrio. — Só que depois ele se sentiu tão mal que a devolveu para ela, com um bilhete anônimo de desculpas, na escadaria da Casa do Orgulho. O idiota.

— Desde então ela tem estado com um humor do cão — murmurou Hawthorne.

Morrigan agora se dirigia aos rostos pétreos de sua unidade.

— Oi — disse ela com um aceno nervoso. — Hã... como vão as coisas?

— Ah, *maravilhosas* — disse Thaddea, fuzilando-a com os olhos. — Estamos todos aqui correndo riscos imensos para continuar protegendo seu segredo. E você? Uma bela semaninha no seu hotel elegante, não foi?

— Cala a boca, Thaddea — disse Hawthorne, mas sua voz foi abafada pelo *chugue-chugue-chugue* do Casatrem chegando. Morrigan suspirou enquanto observava Thaddea e os outros marcharem para o vagão sem lhe dirigir nem mesmo um segundo olhar.

Talvez tenha sido o episódio do roubo do cabelo que levou Dearborn a anunciar um período de provas surpresa, começando naquele mesmo dia.

Para Morrigan, comparada aos outros, foi fácil. Essa era uma vantagem, pelo menos, de ter somente duas disciplinas na agenda. A prova de Onstald foi tediosamente previsível — um caderno monstruoso de muitas páginas cheio de questões prolixas como "Cite os três piores Fabuladores da história, classificando seus cinco mais horríveis atos de maldade e/ou estupidez" e "Por que a Grande Guerra da Era dos Envenenadores foi inteiramente culpa dos Fabuladores? Liste 27 razões". Morrigan levou três dias para concluir.

A prova de *Decodificando Nevermoor* mais para o fim da semana foi bem mais complexa, mas também *muito* mais interessante.

— Muito bem, alunos da Nove-Um-Nove, ouçam!

A voz de Mildmay atravessou a tagarelice que reverberava pela Estação

do Orgulho. Ele levou um dedo aos lábios, e os alunos ficaram em silêncio.

— Eu sei que, para uma quinta-feira, todos nós já passamos MUITO da hora de dormir e provavelmente estamos começando a nos sentir um pouco cansados e bobos a essa hora, mas vamos tentar ficar bem, certo? Uma última vez, vamos repassar as regras...

Cadence gemeu.

— Nós já repassamos.

— Sejam bonzinhos, meus amigos — pediu Mildmay. — Todos juntos agora, a regra número um é...?

— Nada de Trilho dos Guarda-Chuvas, nem Fabulotrem, nem carruagens de aluguel, nem ônibus — repetiu a unidade em um monótono uníssono.

Ele ergueu dois dedos.

— Regra número dois?

— Nada de pedir informação, nem falar com estranhos.

— Três?

— Nada de mapas, nem de guias.

— Quatro?

— De volta antes do sol nascer, sãos, salvos e inteiros.

Ele ergueu a mão novamente, dessa vez com os cinco dedos abertos.

— E a quinta e última regra?

— O fracasso de um é o fracasso de todos.

— Isso mesmo — disse ele, assentindo. — Para passar neste teste, vocês e seus grupos devem estar de volta ao nascer do sol, isto é, daqui a três horas.

Ele olhou à sua volta, encarando um de cada vez.

— Vocês e o grupo INTEIRO — acrescentou. — Se quiserem ter sucesso, vão precisar trabalhar juntos nesse caso. Lembrem: se um dos três grupos reprovar, a unidade inteira reprova. Entendido?

A única resposta foi um vago resmungo.

Mildmay sorriu, aparentemente optando por ignorar a falta de entusiasmo.

— Ótimo! Agora, cada grupo vai embarcar em uma cápsula de transporte que os levará ao seu ponto de partida, uma estação do

Fabulotrem em algum lugar desta nossa cidade selvagem e maravilhosa. Vocês vão perceber que eles não têm janelas, portanto vocês não vão ter ideia do lugar aonde estão indo. Quando chegarem, encontrarão a primeira pista, que os levará à próxima, que os levará à seguinte e assim por diante... três pistas por grupo, e vocês precisam trazê-las todas de volta aqui no tempo estabelecido, se quiserem passar. Lembrem-se: estamos testando sua capacidade de se guiar em Nevermoor e TAMBÉM sua capacidade de trabalharem juntos. Nenhum aluno deve ficar para trás. Entendido? Muito bem... embarquem.

Cadence, Arch e Lambeth entraram em fila na primeira cápsula de metal esférica; Thaddea, Anah e Hawthorne pegaram a segunda. Mildmay acenou para todos eles e gritou "Boa sorte!" quando as portas se fechavam.

Morrigan tivera esperanças de que Mildmay a deixasse em um grupo com as duas únicas pessoas na unidade que gostavam dela, mas não teve essa sorte. Ela, Francis e Mahir entraram na terceira cápsula e viajaram em um desconfortável silêncio pétreo por quase quarenta e cinco minutos.

A certa altura, ela teve, como os outros dois também devem ter tido, a enervante percepção de que estavam realmente indo *muito* longe — talvez até a periferia de Nevermoor — e que o prazo de três horas que tinham para voltar estava agora minguando para pouco mais de duas horas.

Quando a cápsula finalmente parou, eles se viram em uma estação aberta do Fabulotrem, pouco mais do que uma plataforma de concreto ao lado dos trilhos. Os três alunos saltaram no ar fresco da noite. Estava escuro. A estação se encontrava oficialmente fechada — apenas cápsulas de transporte e trens particulares da Soculosa corriam a essa hora da noite (outra vantagem de ser membro da Sociedade). O céu acima estava sem nuvens e as estrelas cintilavam de uma maneira que não se via com frequência na área urbana de Nevermoor por causa da poluição luminosa. Morrigan respirou fundo; o ar parecia mais limpo e doce. Ela leu a placa da estação: COLINA POLARIS, o que confirmou suas suspeitas. Eles tinham ido até Betelgeuse, um dos distritos periféricos. Ela franziu a testa. Como voltariam de Betelgeuse para a Cidade Velha antes do amanhecer?

— Ali está a primeira pista! — disse Mahir, apontando um relógio na

parede da estação, no qual estava preso um pequeno envelope com o número 919.

Francis o pegou e rasgou o papel para ler o conteúdo em voz alta.

— Um jardim da noite — começou ele. — Do assassino, o deleite. Ali, a arma do covarde: flores matam sem alarde.

— O que isso quer dizer? — perguntou Mahir.

As engrenagens no cérebro de Morrigan estavam girando lentamente. *Um jardim da noite... Flores matam sem alarde.*

— Que tipo de flor pode matar alguém?

— Uma... venenosa? — perguntou Francis, inseguro.

— Não — disse Mahir, os olhos arregalados de empolgação. — Uma daquelas plantas carnívoras gigantescas com dentes para pegar moscas! Aquelas das florestas do sul que comem pessoas inteiras.

— Mas onde... — começou Morrigan. — Ah! Não, Francis está *certo*. *Ali, a arma do covarde*. Estão falando de veneno *mesmo*! Temos de ir a algum lugar onde flores venenosas cresçam. *Um jardim da noite*. Mas que jardim?

Morrigan começou a listar os espaços verdes de Nevermoor, contando nos dedos:

— Tem o Cinturão de Jardins na Cidade Velha. O Horto de St. Gertrude. Hum... os Campos de Oxborrow, que não são exatamente um jardim...

— Jardim da Morte Eldritch! — exclamou Francis, estalando os dedos. — Ali você encontra quase toda planta venenosa que se possa imaginar. Eu já comprei chapéus-da-morte lá. Eles têm uma lojinha.

Morrigan franziu o nariz.

— O que são chapéus-da-morte?

— Cogumelos venenosos. Na verdade, são bem gostosos... em doses muito pequenas.

— Você comprou cogumelos venenosos — interveio Mahir, piscando sem parar — de um lugar chamado Jardim da *Morte*?

Francis deu de ombros e repetiu:

— Eles têm uma lojinha.

Morrigan fez duas anotações mentais: primeiro, nunca tornar a comer

alguma coisa que Francis lhe oferecesse; e segundo, perguntar a Jupiter por que cargas d'água ele nunca disse a ela que havia um jardim de plantas venenosas em Nevermoor. Nossa, ele *sabia* que ela achava esse tipo de coisa interessante.

— *Um jardim da noite... Do assassino, o deleite*. Deve ser esse o lugar. Estamos em Betelgeuse, o que significa que Eldritch está a leste daqui, portanto...

Morrigan fez uma pausa, visualizando o Mapa Vivo em sua mente.

— Francis, qual a estação do Fabulotrem mais próxima do Jardim da Morte?

— A da Estrada Velha de Marlow.

— Se eu nos conduzir até lá, você consegue nos levar até o jardim?

Ele franziu a testa por um momento, então assentiu.

— Sim, acho que sim.

— Mahir, quanto tempo falta para o dia amanhecer?

Mahir consultou o relógio em seu pulso.

— Uma hora e meia. Nunca vamos conseguir.

— Não diga isso — retrucou Francis, torcendo a frente do casaco de nervosismo. — Tia Hester vai me matar se eu reprovar.

Morrigan não queria admitir, mas, na verdade, Mahir estava certo. Ela não via como eles conseguiriam voltar à Soculosa ao nascer do dia, quando o uso do transporte público era proibido e eles ainda tinham de pegar outras duas pistas em dois destinos misteriosos.

Que fosse. Não havia nenhuma possibilidade de Morrigan admitir derrota em uma de suas duas *únicas* provas. Dearborn ia pensar que estava mesmo certa — que a imprestável Morrigan Crow era um *experimento fracassado*, indigna de uma educação adequada.

— Nós VAMOS conseguir — disse ela, enrolando as mangas do casaco. — Mas espero que vocês dois estejam usando sapatos confortáveis.

Eles correram até os portões do Jardim da Morte Eldritch. Para isso, gastaram vinte minutos de seu precioso tempo restante, e as únicas coisas vivas por que passaram no caminho foi um casal de barulhentas raposas urbanas, vários sem-teto embolados em portas de lojas e um lixeiro que levou o maior susto da vida quando os três passaram a uma velocidade

vertiginosa.

Os portões pretos do jardim estavam trancados a essa hora, mas presos nos dentes de um crânio de prata fixado nos portões havia outro envelope etiquetado 919. Mahir o pegou e leu o bilhete ali dentro em voz alta:

— Nem bronze nem ouro, das casas antigas o tesouro. A riqueza é abundante; mas a moral, degradante.

— Outro enigma — disse Morrigan. — *Nem bronze nem ouro*. Bem, então tem de ser prata, não é?

— *Casas antigas*. Isso não é muito específico — observou Francis. — Existem muitas casas antigas em...

— Ah! — gritou Mahir. — As Grandiosas Casas Antigas!

— Grandiosas Casas Antigas? — perguntou Morrigan.

— As famílias antigas no Bairro da Prata — esclareceu Mahir. — É como são chamadas: a Grandiosa Casa Antiga dos St. James, a Grandiosa Casa Antiga dos Fairchild... todos aristocratas ricos e antipáticos. *A riqueza é abundante; mas a moral, degradante*. Faz sentido, não é? Mas eu não tenho ideia de como chegar lá.

— Nem eu — disse Francis. — Não sem o Fabulotrem.

Morrigan fechou os olhos, tentando visualizar o Mapa Vivo mais uma vez. Ela vira o Bairro da Prata antes. Em sua mente, ela visualizava água... canais. Barquinhos velejando em meio à névoa rodopiante...

— O Bairro da Prata fica em Ogden-no-Juro! — declarou ela, triunfante. — É aquele bairro que está afundando no rio Juro... Eu vi no Mapa Vivo.

— Fica a uma *vida* daqui.

Francis se deixou cair de encontro aos portões do Jardim da Morte, provocando um ruído estridente.

— Vamos levar uma hora, pelo menos, para correr até lá — insistiu Francis. — Não consigo correr durante uma hora!

— Eu avisei — respondeu Mahir, também se recostando nos portões e deslizando até o chão, aterrissando com um suave *ufa*. — Não tem como voltarmos para a Soculosa antes do amanhecer. Melhor desistirmos de uma vez.

— Deixem disso — disse Morrigan asperamente para ambos.

Ela acabava de se lembrar de mais uma coisa que vira no Mapa Vivo.

— Como foi que vocês dois conseguiram passar nos desafios do ano passado com esse tipo de atitude? Levantem-se e me sigam. Tive uma ótima ideia!

— Essa foi uma péssima ideia — gritou Francis acima do vento.

— É — concordou Morrigan.

— Mas você disse...

— Eu menti.

Mahir soltou um gemido.

— Estamos esperando há dez minutos. Ela não vai aparecer! Estou congelando aqui, vamos simplesmente...

— *Vai*, sim — disse Morrigan. — Ela vai aparecer. Elas passam de hora em hora. Só mais um minuto. Confie em mim.

Ela estava se esforçando ao máximo para canalizar a indomável força vital de um certo ruivo barbudo e louco que ela conhecia, mas era difícil reprimir a náusea que crescia dentro dela enquanto olhava — do ponto onde ela, Francis e Mahir se encontravam, precariamente equilibrados, nos trilhos da Ponte Centenária — para as águas escuras e insondáveis do rio Juro lá embaixo. Ela começou a quebrar a cabeça em busca de um plano alternativo, mas, nesse momento, sob a ponte, a proa de uma barcaça de lixo apareceu cortando a água bem rápido para uma embarcação do seu tamanho. Morrigan sentiu o alívio invadi-la.

— No três — gritou acima do barulho da correnteza do rio. — Prontos?

— Não — gritou Mahir.

— Não — ecoou Francis.

— Esse é o espírito. Um... dois... PULEM!

Francis e Mahir pularam, mas só — Morrigan tinha certeza — porque ela segurou o braço de ambos com tamanha força que eles tiveram pouca escolha.

Os três alunos berraram durante toda a descida até aterrissarem em uma pilha macia de lixo com cheiro pútrido.

— Arrggghh. Morrigan, eu NUNCA — Francis tentou ficar de pé, mas

tornou a cair, deslizando até a base da pilha de lixo e causando uma pequena avalanche que levou Morrigan e Mahir com ele —, JAMAIS VOU TE PERDOAR POR ISSO — concluiu Francis, fuzilando-a com o olhar.

— Você vai me perdoar quando passar na prova — murmurou Morrigan, lutando para ficar de pé.

Na realidade, ela estava um pouco chateada consigo mesma. Por que suas ideias excelentes nunca eram fáceis ou agradáveis?

No entanto, a barcaça os levou para Ogden-no-Juro mais rápido até do que o Fabulotrem os teria levado. E, embora em determinado ponto eles tivessem de pular na água e nadar até a margem, pelo menos as águas geladas do rio Juro lavaram a maior parte do cheiro nojento de lixo que ficara em suas roupas... mesmo que isso significasse que agora estavam molhados e congelando.

— *Um t-t-túnel v-verdejante* — leu Francis, os lábios azuis e o corpo tremendo enquanto decifrava o bilhete que haviam encontrado preso nos pomposos portões de prata do Bairro da Prata, que estava submergindo. — *D-digno de uma... r-regente. Uma r-r-rainha só, um mistério. Tantos o-o...*

— Ah, a-aqui, m-me deixa ler... — disse Morrigan entre os dentes que batiam, e tentou pegar o bilhete dele com os dedos congelados e desajeitados. — *Um túnel verdejante, digno de uma regente. Uma rainha só, um mistério. T-tantos ossos, um cemitério.*

— Av-avenida de á-árvores — disse Mahir imediatamente. — O Urzal da Rainha. Tem um caminho que atravessa o u-urzal ladeado por árvores cujas copas c-cobriram o caminho.

— Urzal da Rainha — ecoou Morrigan.

Ela bateu os pés no chão diversas vezes e esfregou as mãos, tentando fazer um pouco de calor voltar a elas.

— Essa era a área de c-caça da Rainha Setembrina, não? Seis ou sete m-monarcas atrás. Li sobre ela em *Uma história do b-barbarismo nevermooriano*.

— *Tantos osso, um cemitério!* — exclamou Mahir. — Você está certa. Dizem que ninguém mais teve permissão para entrar no Urzal enquanto Setembrina viveu: *uma rainha só*. Tudo se encaixa!

— Mas o Urzal da Rainha fica na Muralha — observou Francis, o rosto

sombrio. — Dois bairros ao norte. Não temos tempo suficiente, nem perto disso.

— Acho que conheço um caminho — disse Morrigan com urgência. — A Rua Spitznogle. Passamos por ela vindo para cá... São só dois quarteirões atrás. Está marcada no Mapa Vivo como uma Estrada Fraudulenta, eu tenho *certeza*.

Mahir pareceu surpreso.

— Como você sabe disso?

— Eu gravei as excentricidades geográficas.

Os olhos de Mahir se arregalaram, e Morrigan deu de ombros.

— Bem, nem todas. Ainda não. Mas a maioria das Vias Traiçoeiras e algumas das Estradas Fraudulentas... e vocês se lembram do que Mildmay falou sobre as Estradas Fraudulentas? Elas engolem você e cospem em outro lugar, às vezes a quilômetros de distância. Não *pode* ser coincidência que haja uma tão próxima da nossa terceira pista. Aposto o que vocês quiserem que é para atravessarmos a Spitznogle. Aposto que ela nos leva ao Urzal da Rainha... ou mais perto de lá, pelo menos.

— Mas Mildmay disse que não era para entrarmos em Vias Traiçoeiras — protestou Francis. — E ainda nem estudamos direito as Estradas Fraudulentas. Eles não colocariam na prova algo que pudesse ser perigoso.

Morrigan gemeu.

— Ah, *céus*, Francis, você até agora não entendeu a Sociedade? Eles não estão nem aí se é perigoso. *Não estão nem aí* se já estudamos ou não. Eles não estão pintando dentro da linha, e também não esperam que a gente faça isso.

— Pintando dentro... do que você está *falando*? — perguntou Mahir.

— Às vezes, você só precisa saber quais regras obedecer e quais quebrar — disse Morrigan, lembrando-se de algo que Jupiter dissera a ela uma vez. — Quando seguir o plano, e quando improvisar.

— Mas nós não *temos* um plano — insistiu Francis, sem forças.

— Exatamente — disse Morrigan. — É hora de improvisar.

A rua Spitznogle era longa, estreita e escura. Era impossível ver o que

havia no final. Morrigan estava parada na entrada, entre Francis e Mahir. Suas mãos tremiam e ela começava a se arrepender de suas ondas cerebrais, só um pouquinho.

— Certo — disse ela. — Então devíamos apenas...

— Você vai primeiro — decidiu Francis com um guincho de pavor.

— Certo — repetiu Morrigan. — É claro.

Ela deu um passo hesitante, adentrando a escuridão, depois mais um. Então, sacudindo a cabeça, decidiu que era tudo ou nada. Respirando fundo, disparou numa corrida, trovejando pelo beco escuro até ver uma luz — pequena, mas crescente — adiante. *Isso*, pensou ela enquanto ganhava velocidade, até que finalmente emergiu...

Não na outra extremidade da rua Spitznogle, no Bairro da Prata.

Não no Urzal da Rainha, na Muralha.

Em lugar nenhum, na verdade.

Ela se deteve bem a tempo, antes que seu nariz encontrasse a parede de tijolos, no fim do beco, que se erguia à sua frente, bloqueando o caminho. A parede foi crescendo bem diante de seus olhos — três metros de altura, depois cinco, depois dez...

Ela suspirou, fitando os tijolos, relutando em dar meia-volta e dizer a Mahir e a Francis que estava errada, quando de trás dela veio um ruído longo, intenso e estridente. Ela ouviu um *clique-claque, clique-claque* familiar, e então o barulho perturbador de alguma coisa que *rrrassspava* sendo arrastada pelas pedras do calçamento.

A garganta de Morrigan queimou. Suas narinas se encheram com o cheiro abominável de água suja do rio e carne em decomposição. Um frio insidioso e opressivo espalhou-se pelo seu peito. Ela virou-se lentamente e se viu cara a cara com algo que esperara nunca mais voltar a ver.

A Legião de Esqueletos. Os Homens-Ossos.

Dessa vez, eram mais numerosos. Uma horda deles se reunira — pelo menos duas dúzias, talvez mais — e se aglomerava na entrada do beco atrás dela. Eles avançavam, ombro a ombro, de uma parede à outra, formando fileiras de quatro homens. *Clique-claque, clique-claque, rrrassspando. Clique-claque, clique-claque, rrrassspando.*

Exatamente como ela lembrava — e como Mildmay descrevera —, eles

claramente haviam sido montados de modo aleatório a partir dos ossos que restaram de pessoas e nãonimais que morreram e foram jogados no leito do rio Juro ao longo dos séculos junto com — ao que parecia — o que mais estivesse por perto. Um deles tinha a armação de uma sombrinha velha e enferrujada em vez de um braço, e outro deslizava em um carrinho de compras comprido, corroído e cheio de algas que ocupava o lugar das pernas. Outro ainda era um esqueleto humano encimado com o minúsculo crânio do que parecia um gato. Quase poderia ter sido cômico, mas Morrigan nunca se sentira menos inclinada a rir.

O frio salgado queimou seu peito, e sua respiração começou a entrar em grandes e ruidosos arquejos. Ela fechou os olhos com força, sentindo uma fúria impotente diante da própria fraqueza. Ela era uma *Fabuladora*, não era? Por que não conseguia fazer o que um Fabulador sabia fazer? Por que não era capaz do que vira Ezra Squall fazer? Por que ninguém podia *ensinar a ela como*?

Esse era um pensamento perigoso, um que ela nunca expressara em voz alta. Mas, naquele momento, pela primeira vez, Morrigan queria muito ser uma verdadeira Fabuladora.

Como se convocado por esse pensamento, um relincho estrondoso soou em algum lugar atrás dos Homens-Ossos. O som de galope trovejou pelo beco vindo em direção a Morrigan, um cavaleiro de fumaça negra atravessando a horda de Homens-Ossos como se eles não estivessem ali.

A respiração de Morrigan ficou presa na garganta. Ela soube o que era imediatamente — os Caçadores de Fumaça e Sombra haviam retornado. Ela estremeceu, lembrando-se das últimas palavras que Ezra Squall dirigira a ela: *A segunda aula vai acontecer assim que você a requisitar*.

O caçador parou diante de Morrigan e pareceu crescer ainda mais, avultando-se como se... como se quisesse *protegê-la*, formar um escudo entre ela e os grotescos monstros de ossos.

O cavalo de fumaça negra empinou nas patas traseiras, um vapor ardente saindo de suas narinas, os ferozes olhos vermelhos ardendo. Quando seus cascos tocaram novamente as pedras do calçamento com um ruído ensurdecedor, o enorme caçador de fumaça em suas costas inclinou-se e estendeu a mão para Morrigan.

Os pulmões de Morrigan queimavam e, percebendo que havia parado de respirar, ela tragou um bocado de ar frio. Sua pulsação latejava no pescoço.

O caçador esperou, perfeitamente imóvel, a mão estendida.

Não era uma ameaça. Não era um comando.

Era um convite.

Morrigan deu um passo para atrás, encontrando a parede, sacudindo a cabeça.

— Eu... eu não vou a lugar nenhum com você.

O caçador não disse nada. Seus olhos, como os do cavalo, eram um redemoinho de vermelho e breu, como brasas líquidas incandescentes. Como lava. O cavalo bateu os cascos, impaciente.

— Eu não vou com você! — gritou Morrigan de novo.

O caçador mais uma vez não disse nada (ela não tinha certeza nem se ele tinha uma boca para falar), mas virou-se muito ligeiramente na direção da horda de Homens-Ossos e novamente para Morrigan com o que parecia uma inclinação zombeteira da cabeça preta de fumaça.

Bom argumento, pensou Morrigan, desesperada.

Não tinha escolha. Com o coração batendo forte, ela estendeu o braço para agarrar a mão de fumaça, experimentando a sensação mais estranha quando se encostaram, como se ela estivesse tocando ar sólido. Sem nenhum esforço, o caçador a puxou para a sela, e o cavalo partiu imediatamente, dispersando a horda de Homens-Ossos ao atravessá-la a galope.

CAPÍTULO DEZENOVE

Momentos Roubados

Dessa vez foi diferente. Os Caçadores de Fumaça e Sombra haviam roubado Morrigan uma vez antes — no último inverno, após seu desafio final na Sociedade Fabulosa. A sensação que tivera então fora a de ser jogada pelas ondas de um oceano de fumaça preta, ou levada por um furacão de sombras, ou lançada de um lado para o outro, sem parar, em um túnel interminável e vertiginoso, até que finalmente os Caçadores a largaram na plataforma da Linha Diáfana. Deixada aos pés do Fabulador como um rato morto trazido pelo cachorro ao dono.

Agora, porém, sentada na frente do imponente caçador de olhos de brasa, Morrigan sentia-se mais como uma flecha que havia sido disparada de um arco. O cavalo-sombra que os carregava movia-se a uma velocidade tão impossível que poderiam estar voando pelo Diáfano. As luzes da cidade iam ficando para trás e o vento rugia nos ouvidos de Morrigan, ensurdecendo-a.

Até que ele parou.

O silêncio era absoluto, exceto pelo som da respiração acelerada de Morrigan. Ela piscou, tentando clarear a visão. O caçador havia desaparecido e ela se viu sozinha, de pé, no interior de um salão cavernoso. Bolsões de luz se refletiam no piso de mármore, tremeluzindo, vindos de lampiões presos nas paredes.

Morrigan percorreu a extensão do salão, o coração batendo forte, seus passos ecoando. Havia ali muitos globos de neve. Não do tipo pequeno que se sacode nas mãos. Esses eram imensos, globos de neve em tamanho natural. Cada um carregava dentro de si um retrato de vida — esculturas de homens, mulheres, crianças, Fabulanimais e nãonimais, lindamente criados em cenas e poses fascinantes. Encerrados em vidro e envoltos em névoas turvas, que turbilhonavam e nunca cessavam nem se acomodavam.

Uma mulher nadando no oceano.

Um cão caçador de lobos enroscado perto de uma lareira.

Dois rapazes se abraçando sob um poste de luz.

Morrigan pressionou o nariz contra o vidro que embalava a mulher e o oceano. Ela era linda, o rosto oval perfeito emergindo de ondas azul-escuras, olhos voltados para o céu. A cena era tão realista que Morrigan sentiu que quase podia mergulhar no oceano e nadar ao lado dela. Pousou ambas as mãos no domo de vidro, sentindo uma estranha espécie de solidão, bem no peito.

— Você não deveria tocar as peças expostas — disse uma voz suave atrás dela.

Morrigan girou, arquejando.

Um rosto familiar, a poucos centímetros do seu. Pálido e comum, exceto pela pequena cicatriz branca que dividia uma das sobrancelhas ao meio.

Ezra Squall. O Fabulador.

(O outro *Fabulador*, corrigiu Morrigan em sua cabeça.)

Ela recuou, cambaleando e batendo no vidro do globo de neve, olhando para a esquerda e a direita, procurando uma rota de fuga. Cada centímetro do seu corpo estava retesado, pronto para correr, mas seu cérebro ainda não havia alcançado o corpo. Ela se sentia lenta e estúpida, e tudo em que conseguia pensar era no rosto à sua frente. O rosto do homem mais maléfico que já viveu.

Mas... Squall estava mesmo *ali*? Ele havia encontrado um caminho para voltar a Nevermoor depois de todos esses anos no exílio? Ou estaria recorrendo ao mesmo truque que usara no ano anterior, quando sua forma fantasmagórica visitara Nevermoor pela Linha Diáfana fingindo ser seu assistente, o gentil e sereno sr. Jones?

Infelizmente, só havia uma forma de descobrir.

Com a profunda relutância de alguém tentando acariciar um cão raivoso, Morrigan estendeu a mão hesitante e trêmula. Ela se preparou, meio que esperando encontrar o calor e a solidez de um corpo humano, e planejava correr se isso acontecesse... mas sua mão atravessou o ombro de Squall como se ele fosse feito de ar.

Linha Diáfana, pensou, fechando os olhos com alívio. O corpo

verdadeiro de Squall ainda estava em segurança na República do Mar Invernal, muito longe, trancado fora da cidade de Morrigan, onde ele não poderia fazer mal a ela ou a qualquer outra pessoa de Nevermoor. Ela percebeu que estava prendendo a respiração e ouviu a voz de Mildmay no fundo da mente. *Primeiro passo: MANTENHA A CALMA. Inspire. Expire.*

Squall abriu um sorriso pesaroso.

— Olá novamente, srta. Crow.

— Onde estou? — perguntou Morrigan em tom autoritário.

Ela ficou surpresa e aliviada ao ver que sua voz não estava trêmula, embora as mãos estivessem.

— Espero sinceramente que o caçador tenha sido educado.

Ele falava em um tom agradável, casual. Como se fossem desconhecidos comentando o tempo.

— *Onde estou?* — repetiu ela, e dessa vez em sua voz havia um *levíssimo* tremor.

Ela cerrou a mandíbula.

Squall estendeu os braços, indicando o salão.

— No Museu de Momentos Roubados. Já ouviu falar?

— Não.

— Não. É claro que não. Trata-se de um Espetáculo.

Ele fez uma pausa e deu de ombros, num gesto breve e descuidado.

— Ouvi dizer que você está recebendo uma educação bastante inferior. Pensei em lhe fazer um favor. Expandir um pouco seus horizontes.

Morrigan não disse nada. Ela se forçou a manter o rosto sem expressão, mas como é que ele *sabia* de sua educação na Soculosa? Será que ele estava indo até lá pela Linha Diáfana, observando-a em segredo? Ou será que tinha espiões para fazer isso por ele?

— Pessoalmente — continuou Squall, passando a mão espectral pelo oceano dentro do globo —, eu sempre achei que o Comitê para a Classificação dos Atos Fabulosos se equivocou neste caso. Um Espetáculo é algo que inspira assombro e prazer, algo que desconcerta o cérebro. O Museu de Momentos Roubados é *muito* mais do que isso. Deveria ter sido declarado um Fenômeno, ou pelo menos uma Singularidade.

Espetáculo, Fenômeno, Singularidade... Morrigan não fazia a menor ideia do que ele estava falando. Ela abriu a boca para perguntar, mas tornou a fechá-la. Não se deixaria atrair. Não seria seduzida a nenhum tipo de conversa com esse monstro. Seu olhar percorreu o salão, procurando o melhor meio de fuga. Ela deveria correr? Ou ele simplesmente chamaria os Caçadores de volta?

Squall ficou em silêncio por um momento, perdido em seus pensamentos.

— Ela era tão talentosa — murmurou, quase para si mesmo.

Foi a curiosa nota melancólica em sua voz que fez Morrigan ceder. Amaldiçoando-se internamente, ela fez a pergunta óbvia:

— Quem?

— Mathilde Lachance. A Fabuladora que criou tudo isso. É uma obra-prima, não acha? Deve ter exigido o uso de pelo menos cinco das Artes Deploráveis. Noturno, naturalmente, e Urdidura. Tempus, provavelmente Véu, talvez até...

Ele se interrompeu vendo a cara de Morrigan. Sua expressão deve ter traído a fome que ela sentiu ao ouvir aquelas palavras, o repentino *clique* em sua mente ao lembrar-se do que Murgatroyd tinha dito no Salão dos Anciãos: *alguém deveria ensinar à ferinha as Artes Deploráveis*. Ela finalmente lembrou onde tinha ouvido aquelas palavras antes. Do próprio Squall, no ano anterior, no Solar dos Corvos. Ele as chamara de "Artes Deploráveis do Fabulador Experiente" e se oferecera para ensiná-las a Morrigan. Ela recusara.

Squall sorriu.

— Ah. Mas não devo revelar tanto. Eles não gostariam disso, não é? A sua *Sociedade Fabulosa*.

Ele disse as duas últimas palavras com desdém palpável. Morrigan tentou esconder a decepção enquanto decorava aquelas quatro palavras preciosas que ele deixara escapar: *Noturno, Urdidura, Tempus, Véu. Noturno, Urdidura, Tempus, Véu*. O que *significavam*?

— O que você está achando da vida na Soculosa?

Sua voz soava casual. Ele começou a andar de um lado para o outro, as mãos cruzadas atrás das costas.

— É tudo que você sonhou e ainda mais? Ouvi dizer que seus colegas estão adquirindo conhecimentos e habilidades que nunca imaginaram. Antes que você perceba, todos serão especialistas em seus campos, famosos em todo o reino. O maior cavaleiro de dragões vivo. O principal linguista de Nevermoor. Uma hipnotizadora de talento inigualável.

Ele virou-se para Morrigan com olhos tristes e com um beicinho um tanto exagerado.

— E você, uma criança proibida de usar sua força ou de desenvolver seus dons. Contida e controlada pelas mesmas pessoas que mais a temem.

Morrigan sacudiu a cabeça.

— Isso não é... eles não me *temem*, eles só... é para a minha própria...

As palavras de Morrigan morreram quando ela viu os olhos do Fabulador se iluminarem com uma mistura de diversão e indignação.

— A sua própria *o quê*? Sua própria segurança? Seu próprio bem, sua própria proteção? Ah, puxa. Estou vendo que você aprendeu a mentir um pouco melhor. Pelo menos para si mesma.

Ela não respondeu. Ele estava certo, e ela não conseguia negar. Os Anciãos *tinham*, sim, medo dela.

Squall a observava com atenção. Ele sabia que tinha tocado um ponto sensível.

— E o que o seu professor corcunda está lhe ensinando, hein? Me conte o que você aprendeu sobre aqueles Fabuladores malvados e astutos de antigamente.

— Eu não vou contar nada a você, e ele não é *corcunda*, ele é uma faburuga — retrucou Morrigan rispidamente, e depois se amaldiçoou novamente por deixá-lo instigá-la a conversar.

Ela fechou as mãos. *Mantenha a calma*.

— Por que você me trouxe aqui?

— Para fazer exatamente o que um Fabulador faz.

Um canto da boca de Squall se contorceu em um quarto de sorriso. Ele parou de andar de um lado para o outro e se postou diante de um globo de neve que continha quatro alegres rapazes pendurados nas laterais de um automóvel, o vento soprando seus cabelos para trás.

— Para conceder o seu maior desejo. Para dar a você aquilo que deseja

mais do que qualquer outra coisa.

— E o que seria isso? — perguntou Morrigan entre dentes cerrados.

— Instrução.

Ele voltou a andar.

— Era isso que você estava desejando ainda há pouco no fundo daquele beco escuro e sem saída, não era? Então. Bem-vinda à sua segunda aula. Quer aprender a conjurar fabulânio?

Ela queria dizer não. Ela queria cuspir no rosto incorpóreo, fugir daquele museu e voltar para a Soculosa. O restante de sua unidade a essa altura certamente já teria voltado, e seriam reprovados se não estivessem todos presentes. Mais um motivo para ficarem bravos com ela. Morrigan se perguntou o que teria acontecido com Francis e Mahir, se eles a tinham esperado, se também haviam entrado no beco... *Não*, ela pensou. *Provavelmente não*.

Hawthorne, pelo menos, ficaria preocupado com ela. Talvez até Cadence. Ela precisava voltar e avisá-los de que estava bem.

No entanto, a tentação de ficar era irresistível. O Supremo Conselho de Anciãos estava empenhado em manter o poder de Morrigan trancado e controlado. Onstald se recusava a dar a ela qualquer informação útil, por mínima que fosse. Até Jupiter, que tinha jurado provar a ela que Fabuladores não eram todos terríveis, não apresentara nada.

E ali estava Ezra Squall, o maior inimigo de Nevermoor, oferecendo a chave a Morrigan.

Quer aprender a conjurar fabulânio?

Alguma coisa bem lá dentro de Morrigan despertou.

— Sim ou não, srta. Crow? — provocou Squall.

Sua expressão complacente mostrou a Morrigan que ele já sabia a resposta, mas queria ouvir dela.

Ela suspirou e disse em uma voz baixa e relutante:

— Sim.

— A primeira das Artes Deploráveis, então, e talvez a mais importante.

Ele bateu palmas uma vez e se postou no centro do salão, como se estivesse em um palco. Levantou a voz, deixando-a encher o museu cavernoso.

— A Arte Deplorável do Noturno. A conjuração de fabulânio. É preciso cantar.

Cantar? Aquilo parecia uma piada. Cantar era para pessoas como Dame Chanda. Para o Anjo Israfel. Certamente não era uma das Artes Deploráveis do Fabulador Experiente.

Squall ergueu uma das mãos, pedindo silêncio.

— *Corvinho, corvinho* — cantou suavemente —, *com olhos redondos e pretos*.

Um calafrio percorreu a nuca de Morrigan. Ela já o ouvira cantar essa música. No inverno anterior, na plataforma da Linha Diáfana. Momentos antes de levá-la, no ofuscante trem do Diáfano, de volta à República. De volta ao Solar dos Corvos, onde Squall havia ameaçado sua família. Morrigan respirou fundo e firmou os pés no chão, tentando lutar contra o repentino desejo de fugir.

— *Mergulha no ar pela campina, onde os coelhos vão se esconder*.

Squall movia os dedos levemente pelo ar. Seus olhos estavam fechados.

— *Coelhinho, coelhinho*...

Sua voz morreu e ele abriu os olhos, fitando a própria mão com interesse.

— É como treinar um cachorro, sabe? Só que o cachorro não é um cachorro. É um monstro. E um monstro que tem ideias próprias. Está vendo?

— Fabulânio é invisível — disse Morrigan com cautela.

— Invisível quando inativo, sim — admitiu ele. — Mas o *fabulânio conjurado se mostra ao conjurador e artífice*, diz o velho ditado. O que significa que, quando o fabulânio atende o chamado de um Fabulador, ele cria... uma espécie de acordo com o conjurador.

— Um acordo... para se mostrar?

— Precisamente — Ele assentiu, observando atentamente os movimentos da própria mão. — Embora o fabulânio seja inteligente, ele não discrimina. Depois de conjurado, qualquer Fabulador pode vê-lo. *Conjurador e artífice*, entende? Mas só se estiver prestando atenção. Só se souber o que procurar.

Morrigan arquejou. Ela *podia* ver — um minúsculo e tremeluzente fio

de luz branco-dourada que Squall tecia na mão, que se movia entre seus dedos como uma enguia. Ela observou, hipnotizada, quando ele ergueu a mão e soprou o fiozinho como sementinhas de dente-de-leão. A luz se espalhou no vento e desapareceu.

Ela já sabia como era o fabulânio, claro. Jupiter tinha lhe mostrado no ano passado, depois que ela voltara sã e salva do Solar dos Corvos. Ele tinha pressionado a testa na dela e, por um momento fulgurante, ela vira o mundo — e a si mesma — como seu patrono via. O fabulânio que se reunia em torno dela era ofuscante. Esse fiozinho único era diferente, mas não menos impressionante. Não menos bonito.

— Sua vez.

Squall apontou o centro do salão e recuou, entregando-lhe o palco.

— Cante.

Morrigan sacudiu a cabeça, horrorizada.

— Eu não sei *cantar*.

— O fabulânio não se importa. Ele não vai se ofender — Ele bufou. — Você não pode ser pior do que o velho Owain Binks. Toda vez que ele conjurava fabulânio, as pessoas vinham correndo porque pensavam que alguém estava sendo assassinado. Vamos lá, cante alguma coisa. Ande logo.

Ela hesitou e então começou, trêmula:

— *Corvinho...*

— NÃO!

Ele ergueu as duas mãos para detê-la, correndo até ela. Morrigan se encolheu e ele parou abruptamente.

— Não. Essa não. Cada Fabulador deve ter a sua própria maneira de conjurar fabulânio. Escolha outra música.

— Não conheço nenhuma outra música — protestou ela.

— Bobagem — replicou Squall, impaciente. — Todo mundo conhece pelo menos uma música. Será que a sua família inútil nunca cantou uma cantiga de ninar para você? Lembre-se de quando era uma criança chorona de rosto vermelho.

Morrigan estava prestes a revirar os olhos ao pensar em seu pai ou sua avó fazendo algo tão bobo quanto cantar uma cantiga de ninar para ela,

quando de repente lhe veio uma lembrança muito vívida.

Ela era pequena — tinha uns seis ou sete anos. Sua tutora na época era a sra. Duffy, a mais recente de uma série interminável de homens e mulheres desafortunados que seu pai levava para o Solar dos Corvos para ensinar Morrigan a ler, escrever e dominar a aritmética... ou, mais sinceramente, para mantê-la fora do caminho para que ele continuasse fingindo que ela não existia. A maioria dos tutores de Morrigan evitava o contato direto com ela e nunca fazia contato visual durante as aulas. Alguns foram mais longe para se proteger da maldição — a srta. Linford insistira em manter uma porta entre ela e Morrigan, por via das dúvidas.

No entanto, a sra. Duffy era diferente. Em vez de evitar Morrigan, parecia sentir que era seu dever lembrá-la constantemente do desperdício que ela era para a sociedade e para a família. Que peso terrível ela era, que perigo representava para todos ao seu redor — para todos no Reino Não Denominado — pelo simples fato de ter nascido.

A sra. Duffy havia ensinado uma música a Morrigan e, sempre que Morrigan se saía mal em um teste, se comportava mal ou falava fora de hora, ela a obrigava a cantá-la. Sem parar, até que a tutora a interrompesse.

Era uma música horrível e assustadora para Morrigan quando era muito pequena, mas era a única cuja letra ela conhecia integralmente. Aquelas palavras foram indelevelmente gravadas a fogo em seu cérebro.

Ela começou a cantar em voz baixa e hesitante.

— *Quem nasce no Alvorecer traz uma doce mensagem.*

Sua voz falhou. Ela pigarreou.

— *Quem nasce no Escurecer é perverso e selvagem.*

Squall inclinou a cabeça de lado, uma ruga profunda marcando sua testa.

— *Quem nasce no Alvorecer chega com a luz da aurora* — continuou Morrigan.

Ela era péssima cantora, mas sua voz se projetava no espaço amplo e foi se tornando mais forte a cada nota.

— *Quem nasce no Escurecer traz tempestade toda hora.*

Squall deu um passo em sua direção. Ele parecia estar se lembrando de

alguma coisa.

— *Aonde você vai, ó filho da manhã?* — cantou ele suavemente.

Quando cantava, a voz de Squall era suave e doce, de um modo perturbador. Muito mais agradável que a de Morrigan. Não deveria ser assim, pensou ela. Deveria ser feia e áspera. Como o coração dele.

Ela inspirou, trêmula e profundamente.

— *Lá no alto, com o sol, onde os ventos aquietam*.

Morrigan fez uma pausa, querendo parar, mas... ela teve uma súbita sensação, como se fosse eletricidade estática na ponta dos dedos. Um leve zumbido de resistência, como se estivesse andando contra um vento forte. Ela ergueu o olhar para Squall.

Ele assentiu, encorajando-a, os olhos brilhando, e cantou:

— *Aonde você vai, ó filha da noite?*

Morrigan moveu as mãos um pouco, para a frente e para trás, testando a sensação. Parecia que raios de luar estavam dançando entre seus dedos.

— *Lá embaixo, onde coisas pálidas usam o açoite*.

O fabulânio estava esperando por ela. Foi o que Jupiter disse.

Esperando que eu faça o quê?

Acho que vamos descobrir.

Era por isso que ele estivera esperando. Ela pensou que seria difícil conjurar fabulânio, mas era como se... ele *quisesse* ser conjurado. Rapidamente ele se reuniu — cem fios minúsculos feitos de um milhão de minúsculas partículas de luz cercando a cabeça e o corpo de Morrigan... nadando, deslizando levemente sobre ela. Era rápido e curioso. Dava a sensação de ser algo *vivo*.

— Concentre-se em suas mãos — disse Squall.

O fabulânio estava ansioso para agradar. Assim que ele pronunciou as palavras, assim que a ideia entrou na mente de Morrigan, os fios dourados flutuantes pareceram gravitar em direção às mãos estendidas e voltadas para cima, acumulando-se como raios de sol liquefeitos.

Então era essa a sensação que o fabulânio provocava. Era como ser aquecido pelo sol, como conter pura energia. Como *ser* pura energia. As mãos de Morrigan vibravam. Ela não podia mais enxergá-las, só conseguia ver o fabulânio engolindo-as como estranhas luvas amorfas. Duas nuvens

de luz. Que a faziam sentir-se estranha. Poderosa e, de alguma forma, ao mesmo tempo, sitiada.

Agora que o havia conjurado, ela não sabia o que fazer com ele.

— Como o faço parar?

Squall lhe dirigiu um olhar que era um misto de incredulidade e pena.

— Por que você ia querer fazer isso?

Morrigan sentiu o pânico tomar conta dela. Apenas um momento antes tudo parecia tão perfeito. Ela segurava o fabulânio na palma das mãos, como se tivesse nascido para fazer exatamente isso. No entanto, uma sensação diferente a estava dominando, a percepção de que ela não estava mais controlando o fabulânio. Que, na verdade, era ele que tinha controle sobre ela.

— Faça ir embora — disse ela, sua voz se elevando. — Faça isso parar.

Squall não fez nada. Ele ficou ali parado, encarando-a. Enquanto ela o olhava através da neblina dourada do fabulânio acumulado, seu pavor cresceu. Squall a enganara. Ele a queria morta. Ele ia deixar o fabulânio destruí-la.

— Faça alguma coisa! — exigiu ela. — Faça isso parar!

Ainda assim, Squall não fez nada.

Agindo por instinto, Morrigan sacudiu as mãos como se estivesse tirando lama delas.

— Não — gritou ela. — NÃO!

Ela não sabia com quem estava falando: se com ela mesma, com Squall ou com o próprio fabulânio.

Foi o fabulânio quem ouviu. Ela o sentiu escapar — não, *afastar-se* subitamente, como se ela o tivesse enviado em uma missão. Em um instante cataclísmico, o globo mais próximo de Morrigan estilhaçou-se, despejando sua água salpicada de neve em uma grande onda. A escultura ali dentro foi arrancada de seu pacífico lar de vidro e se espalhou pelo piso de mármore em um emaranhado de membros e cabelos molhados.

Morrigan olhou para a cena respirando com dificuldade, seu cérebro ainda tentando entender o que acabara de acontecer.

Um emaranhado de membros e cabelos molhados. Era a escultura da mulher nadando, seu corpo não mais flutuando com os olhos abertos

voltados para o céu, mas enroscada em si mesma, vestida com um maiô azul molhado e... e *respirando*. Ou tentando respirar. Arquejando numa longa, estridente e aquosa tentativa de inspirar oxigênio que fazia parecer que seus pulmões já estavam cheios com metade da água do mar. Até parar.

Aquilo não era uma escultura de modo algum.

Morrigan correu para a mulher e a sacudiu, virando-a e batendo em suas costas.

— Respire! — gritou ela, sabendo que tinha de haver algo que pudesse fazer, que, se Jupiter estivesse ali, ele saberia exatamente o quê, mas Morrigan não conseguia fazer nada, exceto entrar em pânico, sua mente disparando à frente e correndo quilômetros atrás. — RESPIRE!

— Você está muito atrasada.

A voz de Squall mal podia ser ouvida acima das batidas do coração de Morrigan. Lágrimas queimavam os olhos dela e embaçavam sua visão. Ela não *compreendia*. A mulher estava flácida e pesada em seus braços e ela... ela não compreendia.

— Anos e anos e anos atrasada — acrescentou.

— O que é este lugar?

Morrigan olhava horrorizada os globos que se alinhavam ao longo das paredes, cheios não de esculturas, ela agora sabia, mas de pessoas. Pessoas reais e vivas.

— Isto aqui é um Espetáculo — anunciou Squall, como se recitasse um texto decorado. — O Museu de Momentos Roubados. Criado pela Fabuladora Mathilde Lachance. Patrocinado pelo Ilustre E.M. Saunders. Um presente para o povo de Nevermoor. Inverno do Ano Um, Era dos Ladrões.

— Um presente para o povo de Nevermoor? — sussurrou Morrigan, fitando os olhos vazios e sem vida da mulher afogada.

— Eles acreditavam que sim — disse Squall com indiferença. — Suponho que seja esse o motivo de ter sido classificado como Espetáculo, e não Fenômeno. Os queridos nevermoorianos acreditavam que tinham sido presenteados com uma exposição de arte. Obras realistas do gênio artístico de Mathilde Lachance. Mas o gênio da querida Mathilde não estava

criando mentiras... estava capturando a realidade. Preservando-a.

Ele atravessou o chão molhado em passos lentos e deliberados e parou acima de Morrigan, olhando para o rosto vazio da mulher, o seu próprio rosto um gêmeo sinistro e vivo do dela: superficial e insensível.

— Mathilde não era cruel. Na verdade, era misericordiosa. Ela só pegava seus objetos no momento da morte. Não sei se era a própria morte que a fascinava, ou a ideia da imortalidade. O que quer que fosse, essas almas afortunadas jamais morrerão.

Ele percorreu o olhar pelo salão, então deu de ombros.

— Ou morrerão para sempre, todos os momentos de todos os dias — concluiu. — Depende do seu ponto de vista.

Morrigan cerrou os dentes, tentando parar de tremer. Ambos estavam errados, ela pensou — Squall e o Comitê para a Classificação dos Atos Fabulosos. Ela não tinha ideia do que era um Espetáculo, mas não era isso. Isso era uma Monstruosidade.

Ela deitou a mulher delicadamente no chão e levantou-se com dificuldade por causa das pernas trêmulas.

— Pronta para tentar de novo? — perguntou Squall, que a observava com expectativa.

Morrigan olhou um a um os globos de neve, vendo por fim o que não havia percebido antes. Os rapazes no automóvel não estavam inclinados para fora; estavam sendo *lançados para fora* do carro pela força de alguma colisão invisível, os rostos congelados não de alegria, mas de terror. Entre os dois homens se abraçando sob a luz do poste, um brilho prateado mostrava que um deles tinha uma faca pressionada contra a barriga do outro. Agora Morrigan podia ver o fino fio vermelho escorrendo, saindo de baixo do casaco do segundo homem.

Até o cão caçador de lobos desgrenhado ao lado da lareira estava perto da morte, sua idade avançada traída por um olhar mais atento aos olhos leitosos e pelos embolados. Morrigan se perguntou quanto de vida restava ao velho cão antes de ser sepultado nessa prisão de vidro.

A ilusão havia se partido. De repente, Morrigan se viu dominada pelo pavor e a repulsa que deveria estar sentindo o tempo todo.

O que ela estava *fazendo* ali? Encontrava-se sozinha com um monstro.

Outra vez. Em um museu de horrores, cercada por obras vivas expostas — pessoas reais, preservadas para sempre no momento de sua morte. Como legumes em conserva.

Aquilo não era um museu de jeito nenhum. Era um mausoléu.

Morrigan passou tropeçando por Squall, a repulsa subindo como bile até sua garganta. Ela se sentia enojada. Precisava sair dali. Tinha de voltar para a Soculosa, para a segurança e a normalidade.

— Aonde você pensa que está indo? — perguntou ele calmamente atrás dela.

Morrigan o ignorou, concentrando-se em pôr um pé atrás do outro. *Saia. Saia daqui.*

— Então é isso, é? Você está simplesmente desistindo?

Saia saia saia não ouça não responda apenas SAIA.

— Do que você tem tanto medo? Que um dia venha a ser tão poderosa quanto eles suspeitam? Você tem medo do seu próprio potencial de grandeza, Corvinho? Você é *mesmo* assim tão covarde?

— Eu NÃO sou covarde! — gritou Morrigan, girando de volta para encará-lo. — E também não sou como você. Ou Mathilde Lachance. Eu não sou um *monstro*.

— Você é as duas coisas.

Ele falava com sua habitual voz suave e controlada, mas algo fervia sob a superfície.

— Você é a criança mais covarde, monstruosa e bestialmente *errada* que eu já tive o prazer e o azar de conhecer. E eu *conheço* você, sim, srta. Crow, não se engane.

Seus olhos escuros brilhavam à luz dos lampiões enquanto ele caminhava em sua direção.

— Eu sei que você é vingativa e voluntariosa, e apenas um *tantinho* esperta demais. Sei que você não pode ser submetida às mesmas regras que as outras crianças, porque você *não* é como as outras crianças. Você é uma Fabuladora, srta. Crow. Nós somos diferentes. Somos melhores e piores do que todos eles juntos. Você não compreende seu lugar na Sociedade ainda? Não percebe que poderia fazer todos eles se ajoelharem se *quisesse*?

Morrigan sacudiu a cabeça. Ela não queria ouvir. Não queria ouvir que

era *diferente*. Ela ouvira isso a vida inteira, e sabia exatamente o que significava. Diferente era perigoso. Diferente era um fardo.

— Pare. Você não sabe nada sobre mim.

— Que tal um pouco de *motivação*? — rugiu Squall, que parecia desesperado agora, até mesmo enfurecido. — Você recebeu um *dom*, um dom pelo qual as pessoas matariam, um dom pelo qual pessoas *morreram*, e você o está DESPERDIÇANDO.

Suas palavras ricocheteavam no teto, ecoando em um coro interminável e raivoso.

Morrigan se encolheu. Ela reuniu toda a sua coragem e cuspiu de volta para ele:

— Se pessoas morreram por isso, é porque VOCÊ as matou.

— Talvez eu devesse ter matado você também, sua infeliz decepção — rosnou ele, e por um instante seu rosto se tornou a máscara horrenda de um homem possuído, o Fabulador de olhos e boca pretos da lenda emergindo em um momento de fúria descontrolada.

Então passou. O homem moderado e perfeitamente contido estava de volta.

Simples assim.

Morrigan sentiu frio nos ossos, como se tivesse engolido um litro de água gelada.

Tremendo e apavorada, ela fugiu do Museu de Momentos Roubados sem olhar para trás... passou pelas portas e desceu correndo as escadas, sendo recebida no abraço frio de uma cidade caprichosa e desconhecida.

CAPÍTULO VINTE

Noturno

Uma semana depois, Morrigan Crow não existia mais. No que dizia respeito a Francis, Mahir e o restante da unidade, ela era uma completa nulidade. Eles tinham deixado de falar com ela, deixado de olhar para ela, deixado de reconhecer que ela um dia fora um membro da Unidade 919.

Bem... nem todos, obviamente. Hawthorne ainda era o amigo mais leal de Morrigan. E — o que era bizarro — Cadence parecia gostar dela ainda *mais* desde que, por sua causa, toda a unidade fora reprovada na avaliação.

Na verdade, Hawthorne ficara tão decepcionado quanto os outros quando o inexplicável desvio de Morrigan lhes custara uma aprovação. Na Soculosa não se atribuíam notas às provas — eram classificadas estritamente como aprovação/reprovação. Uma aprovação significava que o aluno atendera às expectativas do curso. Uma reprovação, por outro lado, significava, para cada um dos alunos, reuniões muito sérias com o respectivo patrono, o professor e o condutor. (A reunião muito séria de Morrigan havia sido adiada indefinidamente, visto que Jupiter ainda estava ausente.) Significava também a vergonha de todas as outras unidades da escola saberem que eles haviam sido reprovados e zombarem deles por isso. O pior de tudo: significava um longo, looooongo sermão da sra. Dearborn sobre a chocante falta de comprometimento da Unidade 919 com os estudos e como todos teriam que se esforçar muito mais antes que ela decidisse que seus esforços já eram suficientes.

Como o restante da Unidade 919, Hawthorne tinha todo o direito de ficar aborrecido com ela. No entanto, assim que Morrigan contou a ele sobre Squall e os Homens-Ossos, sua frustração se transformou em um medo pálido.

— Então... Squall *salvou você* dos Homens-Ossos?

Morrigan fez uma careta.

— Suponho que sim. É.

— O Fabulador salvou você... do Mercado Macabro.

— Isso.

— Que... estranho.

Diante da oposição do restante da 919, Hawthorne começou a agir de forma ainda mais agressivamente leal à melhor amiga. Ele passou a atirar bolinhas de papel na cara de qualquer um que pulasse Morrigan quando estavam passando de mão em mão o pote de biscoitos em formato de urso polar ou que fizesse comentários desdenhosos e passivo-agressivos na presença dela sobre *pessoas que não merecem estar na Sociedade*.

Ela deixara o Museu de Momentos Roubados naquela noite pouco antes do amanhecer, mas, no momento em que descobrira em que área de Nevermoor se encontrava (de volta a Eldritch, na verdade — muito, muito ao sul da Cidade Velha), percebeu que chegar à Soculosa antes de o sol nascer seria impossível.

Mesmo assim, ela havia *tentado*. Não desistira. Correu e correu até seus pulmões e os músculos das pernas queimarem. Todo o caminho até o bairro de Pavio, quando finalmente percebeu que não havia mais sentido em correr. O sol estava no céu. As ruas já estavam movimentadas com as pessoas a caminho do trabalho e os jornaleiros. Com o fardo do fracasso pesando em seu coração, Morrigan havia finalmente aceitado a derrota, pulado em um trem da Linha Correria e voltado, abatida, para o campus, onde Mildmay e o restante da Unidade 919 se encontravam à sua espera, expressões indo da decepção à lividez e à clara conspiração de assassinato.

Todos foram reprovados por causa dela. Bem, *não* por causa dela, obviamente — por causa dos Homens-Ossos e de Ezra Squall —, mas Morrigan não podia dizer isso a eles. “Desculpem o atraso. Eu estava com Ezra Squall, vocês sabem, o maléfico Fabulador.”

Morrigan decidiu contar a eles parte da verdade — que ela havia sido encurralada pelos Homens-Ossos —, mas não conseguiu descrever exatamente como conseguiu fugir da Legião de Esqueletos, quando o corpulento Alfie Swann e o lendário Paximus Luck tinham sido ambos

capturados. A conclusão geral a que chegara sua unidade, portanto, foi a de que Morrigan estava mentindo sobre os Homens-Ossos para se livrar da encrenca.

Não era justo que a reprovação de um significasse a reprovação de todos, mas de fato... *nada* na Sociedade Fabulosa era justo.

Ela pediu desculpas profusamente, é claro, por dias a fio — mas nenhuma desculpa poderia mudar o fato de que eles tinham de lidar com oito patronos *muito* decepcionados, uma condutora ansiosa e duas Mentoras Acadêmicas enfurecidas. Ela realmente não podia culpar os outros alunos por desprezá-la.

Morrigan deveria ter se importado com tudo isso, ela sabia, mas, na verdade, se sentia apenas um pouco... desanimada. Estava cansada de querer desesperadamente a amizade e a aprovação de seus supostos irmãos e irmãs. (*Como* essas palavras a faziam se encolher agora. Quando pensava na pessoa que era um ano atrás, aquela *idiota* que acreditava que teria oito irmãos já prontos, se pudesse passar nos desafios... como *se* fosse assim tão simples.)

Não. Nada disso tinha importância de fato agora.

Morrigan tinha um problema maior com que se preocupar.

Ela havia conjurado fabulânio.

— *Quem nasce no Alvorecer traz uma doce mensagem* — cantou Morrigan para si mesma bem baixinho numa manhã, quando seguia um caminho sinuoso pelo Bosque Queixoso, o único lugar em que ela podia ter certeza de total privacidade (havia as árvores, é claro, mas Morrigan podia ignorar a maior parte de seus resmungos ranzinzas, e elas não pareciam nem um pouco interessadas no que ela estava fazendo, ocupadas demais se lamentando sobre a podridão da madeira e a enlouquecedora e excessiva confiança dos esquilos). — *Quem nasce no Escurecer é perverso e selvagem*.

Morrigan cantarolava, agitando os dedos suavemente ao lado do corpo. *Vamos,* instava, enquanto outra parte dela dizia: *Não, não faça isso*.

Essa segunda e sensata voz dentro da cabeça de Morrigan costumava ser

muito mais alta. Agora, a cada dia ia ficando mais distante.

Levara alguns dias até ela reunir coragem para tentar conjurar fabulânio novamente e, quando finalmente tentou, não foi nada fácil. Não logo de cara, não como no museu.

Morrigan se perguntou se isso se deveria ao fato de ela se sentir culpada até mesmo por *tentar*. Quem sabe o fabulânio podia pressentir seus sentimentos e estava se mantendo longe...

No entanto, na semana desde que sua prova fora frustrada por Squall, desde que ela cantara aquelas palavras e conjurara fabulânio, os sentimentos de Morrigan sobre o que tinha aprendido naquela noite haviam... mudado.

Ela deixara o Museu de Momentos Roubados em um estado em que se misturavam fúria e medo, recém-dominada pelo horror ao ser lembrada de que era membro do clube mais exclusivo e mais odiado do Estado Livre. Eles formavam sua própria microssociedade, constituída de dois únicos membros: ela e Squall. A Sociedade Deplorável.

De certa forma, a Unidade 919 lhe fizera um favor ao rejeitá-la, pois havia algo ligeiramente contraditório em sua natureza. Eles estavam tão convencidos de sua culpa que ela deixou de se sentir culpada, pelo menos pela reprovação. Que eles ficassem com raiva dela, se era o que queriam. Que se afastassem dela. Ela podia se afastar ainda mais, e mais rápido.

Agora Morrigan tinha um refúgio. Tinha algo que era seu. Um segredo.

— *Quem nasce no Alvorecer chega com a luz da aurora.*

Ali estava. O agora conhecido formigamento na ponta de seus dedos. A fervilhante e abundante sensação de satisfação. Um toque de inquietação, como se estivesse pressionando levemente um ferimento superficial.

Morrigan sorriu para si mesma.

Oi, oi.

Ele respondia todas as vezes agora. Tão fácil, tão *rápido* — agora ela entendia a que Jupiter havia se referido no ano passado. O fabulânio estava realmente *esperando por ela* — agrupando-se à sua volta constantemente, esperando, paciente, que ela aprendesse a comandá-lo. Squall podia ser maligno, podia ser seu inimigo, mas mesmo assim... ele havia lhe ensinado algo de valor inestimável, que ela jamais teria

aprendido sem ele. Ninguém na Soculosa queria que ela aprendesse — nem os Anciãos, nem as Mentoras Acadêmicas, nem o professor Onstald. Eles queriam controlar não apenas o seu poder, mas a própria Morrigan.

Ela estava sendo cautelosa, é claro. Conjurava apenas minúsculas porções de fabulânio e as deixava dissipar sem que acumulassem. Esse era o truque, ela havia descoberto na semana anterior. Se ela tomasse cuidado, podia sustentar aquela sensação de poder sem perder o controle. Morrigan sabia agora fazer uma pausa entre os versos e deixá-lo se dispersar. Aprendera a não cantar um segundo verso.

— *Quem nasce no Escurecer traz tempestade toda hora.*

Era *maravilhosa*. Essa pequena e secreta atitude de desafio. Depois de meses sentindo-se como se estivesse no limbo, que estava na Sociedade mas, de alguma forma, ainda não fazia parte dela, isso era algo que finalmente lhe parecia *justo*. Morrigan agora sabia como Hawthorne devia se sentir montado em um dragão. Fazendo a coisa para a qual nasceu. Ou Cadence — a adrenalina do poder que devia sentir a cada ato impecável de persuasão que praticava.

No entanto... lá estava aquela voz no fundo de sua cabeça. Distante, mas ainda assim presente. Ela a ouvia todas as vezes que se afastava furtivamente para praticar seu novo truque, todas as vezes que deixava a música sair de sua boca e sentia o fabulânio responder a ela.

Isso é perigoso. Você não deveria estar fazendo isso. Está errado.

Mas como — *como* poderia estar errado? Ela nascera uma Fabuladora, não era algo que pudesse modificar. Jupiter tinha dito no ano passado que era esse o seu dom. O seu chamado.

E é você quem decide o que isso significa, dissera ele. *Ninguém mais.*

— *Aonde você vai, ó filho da manhã?*

O fato de alguns Fabuladores no passado terem usado seu talento para o mal não significava que Morrigan faria o mesmo. *Você não é Mathilde Lachance,* dizia ela a si mesma repetidamente. *Você não é Ezra Squall.*

— *Lá no alto, com o sol, onde os ventos aquietam.*

Morrigan também era uma Fabuladora. Ela decidiria o que isso significava. Ninguém mais.

— *Aonde você vai, ó filha da noite?*

Um fio de luz dançou entre seus dedos. Ela sorriu.

— *Lá embaixo, onde coisas pálidas usam o açoite.*

Morrigan deixou o Bosque Queixoso em direção à Casa do Orgulho a uma velocidade que fazia o professor Onstald parecer um guepardo. Ela sentia uma profunda relutância em deixar a solidão de sua prática do Noturno e, principalmente, em passar outra aula de *Decodificando Nevermoor* na companhia de pessoas que, em sua maioria, tinham rancor dela.

Morrigan nunca havia faltado uma aula antes, mas, naquele momento, parada nos degraus da Casa do Orgulho, tudo que ela queria fazer era dar meia-volta e fugir. Correr pelo caminho ladeado pelas árvores de fogo mortas, passar pelos portões e continuar correndo até chegar em casa, até o Deucalião.

Nesse cenário imaginário, ninguém questionaria sua chegada prematura. Martha estaria esperando com uma bandeja das guloseimas favoritas de Morrigan para o chá. O Salão da Fumaça exalaria das paredes seu novo aroma sazonal favorito (suéter aconchegante e limpo: para o máximo conforto e bem-estar outonal). O mais importante: Jupiter estaria lá, de volta de sua última expedição, após duas semanas fora. Ele ouviria pacientemente as notícias de Squall e do museu, o domínio de Morrigan do Noturno e sua reprovação, e não ficaria nem um pouco zangado, preocupado ou decepcionado, e tudo ficaria bem.

Mas tudo isso era imaginário.

Sua aula na Sala dos Mapas era real, e ela estava atrasada. Soltando um suspiro e endireitando os ombros, Morrigan lançou um último olhar pelo caminho que levava aos portões do campus, à fuga...

... e então ela o viu.

Jupiter North, subindo o caminho correndo, como se ela o tivesse conjurado por magia. Cabelos ruivos voando, um sorriso iluminando todo o seu rosto. Ele parou e se inclinou para a frente para recuperar o fôlego, segurando o guarda-chuva e agitando-o na direção dela. Ela abriu um sorriso radiante e acenou de volta.

— Mog! — berrou ele ainda distante. — Eu vim te buscar!

Morrigan viu seu sorriso largo transformar-se em uma expressão de confusão quando baixou o olhar para a outra mão dela, onde ela distraída — e habilmente — laçava um fio dourado de fabulânio entre os dedos.

CAPÍTULO VINTE E UM

Uma Coisa Maravilhosa

Jupiter não fez uma única pergunta. Não precisou. Morrigan despejou toda a história aos borbotões, em fragmentos, antes que ele pudesse dizer sequer uma palavra. Ela contou tudo sobre a gangue de Homens-Ossos e o caçador a cavalo, o Museu de Momentos Roubados e a visita surpresa de Squall. Sobre sua nova habilidade secreta, a mulher afogada e os globos de neve da morte. (Ela até conseguiu mencionar — muito brevemente — a parte em que todos eles foram reprovados em *Decodificando Nevermoor*, mas, como era de se esperar, não foi o que chamou a atenção de Jupiter.)

— Squall? — disse Jupiter com a voz estrangulada. — Você... ele... ele estava *aqui*, em Nevermoor? *De novo?* Por que você não contou...

— Você não estava aqui para eu contar! — interrompeu Morrigan, e não foi fácil evitar o tom de acusação na voz.

Jupiter se encolheu.

— Mas você deveria ter contado a *alguém*.

Ele a conduziu pelo caminho ladeado de árvores em direção aos portões.

— Você vem conjurando fabulânio há uma semana inteira porque *Ezra Squall* te ensinou? Você não pode guardar um segredo assim, Mog. É perigoso.

— Shhh — sibilou ela, olhando ao redor para se certificar de que ninguém poderia ouvi-los. — A quem mais eu *poderia* ter contado? Não posso contar aos Anciãos, nem à srta. Cheery ou a qualquer um aqui. Se eles soubessem que Squall veio me ver, que falou comigo... imagine só o que...

— Fenestra! — interrompeu-a Jupiter. — Você poderia ter contado a Fen. Ou a Jack!

Morrigan abriu a boca para retrucar, mas tornou a fechá-la.

— Eu... hã, sim. Bem, não pensei nisso.

— E onde *era* esse... esse museu de... do que era mesmo?

— Momentos Roubados. Em algum lugar perto de Eldritch, eu acho. Eu corri uma vida antes de saber onde estava. Mas, de qualquer forma, você não está satisfeito? Eu sei *conjurar fabulânio* — disse Morrigan, sorrindo, os olhos arregalados numa alegria incrédula. — Sei mesmo! E, Jupiter, eu sou *boa nisso*.

— Não tenho a menor dúvida disso.

Um sorriso se insinuou no canto de sua boca, como se contrariando toda e qualquer prudência. Ele olhou para ela de soslaio.

— Eu disse, não disse? — insistiu ele. — Fabuladores *podem* ser uma força do bem. Eu sei que você será uma ótima Fabuladora. Onstald está completamente enganado.

A felicidade de Morrigan perdeu um pouco do brilho.

— Não. Onstald está certo — disse ela quando passavam pelos portões e se dirigiam à parada do Trilho dos Guarda-Chuvas.

Jupiter acenou alegremente para o segurança, que olhava de cara fechada para Morrigan. Os alunos do primeiro ano não tinham permissão para sair do campus durante o horário escolar, mas não havia muito o que dizer quando ela estava acompanhada por Jupiter.

— Você não ouviu o que eu contei sobre Mathilde Lachance? O Museu de Momentos Roubados...

— ... é apenas um Ato Fabuloso.

Ele ergueu a sombrinha, pronto para pular quando o trilho passasse zumbindo, e indicou que Morrigan fizesse o mesmo.

— E Mathilde Lachance era apenas uma de muitos Fabuladores — continuou.

— E o que me diz de Squall? — disse ela, pegando sua sombrinha de lona preta encerada e polindo rapidamente com a capa o cabo de filigrana de prata. — E de todos os outros no livro de Onstald? Tyr Magnusson e Odbuoy Jemmity e...

— Ah! — gritou Jupiter, triunfante, quando o trilho se aproximava. — Que bom que você o mencionou. Foi justamente por isso que eu vim. Agora, se prepare... PULE!

Era praticamente impossível conversar zunindo pelo ar em alta velocidade. Quando Morrigan alcançou a alavanca para liberar a sombrinha da alça de aço na parada habitual, Jupiter afastou sua mão antes que ela pudesse puxá-la.

— Espere o meu sinal — gritou ele acima do ruído do vento que zumbia pelos ouvidos de Morrigan.

Ao que tudo indicava, eles não iam para casa ainda. Seguiram por algum tempo e os braços de Morrigan estavam começando a doer, tamanha era a força com que agarravam a sombrinha. Quando seus músculos pareciam estar pegando fogo e ela achou que talvez tivesse de soltar e torcer para que tudo desse certo, Jupiter a cutucou e apontou para um trecho macio no chão, no canto de um parque.

— Ali!

Saltando do trilho no momento em que ele passava acima do espaço verde, Morrigan aterrissou um pouco desajeitada, mas em pé. Jupiter tropeçou e deslizou pela grama de joelhos.

— Belo pouso — veio uma voz divertida de trás deles. — Nota dez.

Morrigan virou-se, surpresa.

— O que *você* está fazendo aqui?

— Ah, olá, Jack — disse Jack, surgindo da sombra de uma árvore. — Não nos vemos desde as férias de verão... como está a vida? Excelente, obrigado por perguntar, Morrigan, muito gentil da sua parte. Espero que você também esteja bem.

— Olá, Jack — disse ela, revirando os olhos. — Como está a vida?

— Ah, não precisa fazer esse estardalhaço. Vai me deixar envergonhado.

Ele sorriu, debochado, e inclinou-se para trás apoiando-se nos calcanhares, as mãos nos bolsos.

Era um gesto muito jupiteriano, pensou Morrigan.

— O que *está* fazendo aqui? — perguntou ela.

— Eu pedi que ele viesse ao nosso encontro — explicou Jupiter. — Esse garoto esperto está me ajudando. Temos uma coisa para mostrar a você.

Ele limpou a terra dos joelhos, caminhando pelo parque. Morrigan e Jack o seguiram.

— Que tipo de coisa?

— Uma coisa muito importante — gritou Jupiter lá da frente.

Como sempre, quando Jupiter tinha em mente uma missão, ela precisava correr para acompanhar o ritmo das longas pernas dele.

— Uma coisa que prometi a você meses atrás. Uma coisa *maravilhosa*.

Morrigan virou-se para Jack, que ergueu as sobrancelhas. Ele estava decididamente transbordando de orgulho de si mesmo.

O parque era... bem, não dava de fato para chamar aquele lugar de parque. Era denso, mais parecido com uma selva, e a grama parecia não ter sido cortada havia pelo menos um ano, mas Morrigan viu o encosto de um banco espreitando sob a vegetação. Provavelmente, *um dia* devia ter sido um parque decente, pensou Morrigan, mas depois, como ninguém estivesse cuidando dele, a natureza decidiu retomar o controle e administrar o local.

Jupiter abriu caminho até um denso bosque de árvores, afastando emaranhados de trepadeiras e galhos e tentando abrir uma trilha para Morrigan e Jack atrás dele.

— Jack e eu andamos conversando sobre o que você nos contou, Mog. Sobre o livro de Onstald e as coisas que ele escreveu sobre os Fabuladores. Eu prometi a você que encontraria provas, não foi? Bem, estamos procurando há meses, e finalmente encontramos. Bem aqui.

Ele se virou para lhe dirigir um sorriso.

— No Parque Jemmity — concluiu.

As árvores se abriram e eles se viram diante de um muro alto de pedras coberto com uma densa camada de hera. Jupiter apontou para cima. Erguendo-se acima deles, Morrigan avistou o mastro de um navio pirata, o topo de uma roda-gigante e uma enorme montanha-russa cheia de voltas.

— Ah! Espera, não... *este* é o Parque Jemmity? Sério?

Ela correu o olhar ao longo do aparentemente impenetrável muro de pedra e sentiu uma decepção desoladora.

— Então está... está mesmo trancado? — perguntou.

— Sim — disse Jupiter. — Brilhante, não é?

Morrigan olhou para ele, sem expressão.

— Na verdade, não.

— Não, *é* brilhante, sim — entusiasmou-se Jack. — Nós deciframos o

mistério.

Para quem estava trancado do lado de fora de um fantástico parque secreto no qual jamais poderia entrar, ele certamente parecia ter tirado a sorte grande.

— Conte novamente o que o livro disse sobre este lugar — pediu ele. — Você consegue lembrar?

Morrigan suspirou. É claro que conseguia lembrar. Onstald a fizera escrever uma redação de três mil palavras sobre o assunto, *e então* construir uma maquete — a representação de uma cena, incluindo minúsculas crianças com expressões devastadas diante dos portões trancados. Ela levara *três dias* para fazer aquela coisa, e agora que a própria Morrigan estava diante dos muros do Parque Jemmity, podia entender completamente a decepção daquelas crianças.

— Um empresário local pediu a Odbuoy Jemmity que construísse um parque de diversões mágico com carrossel, montanha-russa, toboáguas e tudo mais. Então ele fez. No dia da inauguração, pessoas vieram de toda Nevermoor para vê-lo, mas o próprio Jemmity não apareceu. Quando o homem que havia encomendado o parque tentou abri-lo, não conseguiu. O parque não deixava ninguém entrar: ninguém podia passar por cima nem por baixo dos portões nem atravessá-los. Assim, todas as crianças e seus pais voltaram tristes para casa, e o Parque Jemmity permanece intocado até hoje. Então plantaram todas essas árvores e cercas vivas ao redor dele para que as pessoas não tivessem de olhar para ele e ficar aborrecidas e... Jupiter, o que você está fazendo? Não acho que você deva fazer isso.

Jupiter estava lutando contra a cerca viva e as trepadeiras, arrancando punhados de folhas e jogando-as por cima dos ombros, tentando tirar a vegetação para mostrar algo a ela — o que era difícil, pois a folhagem voltava a crescer quase tão rápido quanto ele a arrancava.

— Provavelmente você tem razão — disse ele.

— Mas você continua fazendo.

— Tem razão de novo! Tá, rápido — ofegou Jupiter, segurando uma trepadeira particularmente sôfrega que ficava tentando subir em seu braço numa espiral. — Olhe.

Ali estava um pequeno pódio de pedra, encimado por uma placa roxa

em formato de diamante que dizia:

Aqui se encontra um Espetáculo.
Criado pelo Fabulador Odbuoy Jemmity
Patrocinado por Hadrian Canter, CEO da Financeira Canter
Um presente para as crianças de Gresham
Inverno do Ano Sete, Era dos Ventos Leste

— Um presente para as crianças de...

— Gresham, sim — completou Jack, empolgado, afastando com um tapa uma videira que fazia cócegas em seu rosto. — É o nome deste bairro. Lugar estranho para um parque de diversões, não é?

— Por quê?

— Olhe ao redor! É o bairro mais pobre de Nevermoor, sempre foi. Quero dizer, não há praticamente nada aqui. O Fabulotrem nem chega aqui. No entanto, por algum motivo, há um enorme parque secreto e trancado, escondido no meio do *único* espaço verde do bairro...

— É meio estranho — admitiu Morrigan. — Mas...

— Shhh. *Ouçam* — disse Jupiter, levando um dedo aos lábios.

Morrigan e Jack ficaram em silêncio. A princípio, tudo o que Morrigan conseguia ouvir era o canto dos pássaros e o leve farfalhar do vento nas árvores, mas então...

— Tem alguém lá dentro!

Havia vozes. Vozes de crianças. Um grito, seguido de gargalhadas. E...

— Isso é música?

— Música de carrossel, eu acho — disse Jupiter.

Morrigan estava confusa.

— Então... *não* está trancado?

— Não exatamente — disse Jack. — Não para todos.

— Como você descobriu?

— Meu amigo Sam, da Escola Graysmark, me contou. Ele cresceu em Gresham e disse que havia um parque incrível onde ele costumava brincar quando criança, mas agora ele é velho demais e não tem mais permissão para entrar... o parque simplesmente não o deixa entrar. Nenhum dos

outros garotos acreditou nele, mas eu me lembrei do que Jupiter disse, o que você contou a ele sobre o Parque Jemmity, e fiz Sam me trazer aqui. É tudo verdade. O parque só permite que você entre se você tiver doze anos ou menos...

Morrigan arquejou, empertigando-se.

— Isso significa que eu posso...

— ... e só se for morador de Gresham.

— Ah.

Os ombros dela se curvaram novamente. Que decepção.

— Então o que viemos fazer aqui?

— Você não entendeu? — perguntou Jack, exasperado. — Diga a ela, Tio Jove.

Jupiter bateu a mão enfaticamente na placa roxa.

— Onstald estava *errado*, Morrigan. Ele estava errado em relação ao Parque Jemmity. Odbuoy não era um vigarista cruel construindo uma terra de maravilhas para não deixar ninguém entrar. Ele não criou um *Fiasco*. Ele criou uma coisa *maravilhosa*... para um pequeno e merecedor grupo de pessoas. Para as crianças de Gresham, que nunca tinham tido nada assim antes. Bem aqui, no meio do bairro mais pobre de Nevermoor. Ele deu a elas algo que era *apenas delas e de mais ninguém*.

"E eu venho revirando os registros do conselho de Gresham. Sabe esta terra em que estamos? Originalmente, era uma quadra de apartamentos. Até que Hadrian Canter, um homem extremamente rico, comprou a propriedade na Era dos Ventos Leste. Ele expulsou centenas de pessoas de suas casas e demoliu as construções para poder erguer um parque de diversões, cujo ingresso planejava cobrar os olhos da cara. Isso significa que ninguém que morava aqui poderia desfrutar dele. Acho que Odbuoy Jemmity não achou muito justo. Então, ele construiu o parque conforme solicitado, mas... adicionou algumas regras.

Jupiter riu.

— Que, com certeza, deixaram Hadrian Canter muito feliz — concluiu.

— Tenho certeza que sim — concordou Morrigan, sorrindo.

Os três ficaram em silêncio, ouvindo os sons de música e risos a distância. Nunca Morrigan se sentiu tão feliz de ser excluída.

A tarde se transformou-se em um crepúsculo frio e cinzento, e um vento gelado queimava o rosto de Morrigan. Ela, porém, não se importou nem um pouco. Com os cabelos pretos voando, os olhos lacrimejando e uma leveza interior que não sentia desde a sua cerimônia inaugural, ela atravessava com Jupiter e Jack, no Trilho dos Guarda-Chuvas, o DFS (Distrito Financeiro Sério) de Nevermoor esperando o sinal para pular.

— Onstald estava errado — gritou ela acima do vento.

O simples fato de dizer aquelas palavras a deixava eufórica.

— E, se ele estava errado sobre Odbuoy Jemmity, então talvez...

Ela não tinha muita certeza de como concluir aquela frase. Se ele estava errado sobre Odbuoy Jemmity, então talvez o quê? Talvez ele estivesse errado sobre os Fabuladores? Ou pelo menos sobre *alguns* Fabuladores?

Morrigan apertou ainda mais o cabo da sombrinha.

Talvez ele esteja errado a meu respeito.

— Ainda não terminamos, Mog — gritou Jupiter de volta, apontando um trecho vazio de calçada. — Ali! Perto do escritório de advogados.

Eles aterrissaram triunfantes em frente a um edifício comercial identificado com a placa MAHONEY, MORTON & MCCULLOUGH — ADVOGADOS DE FAMÍLIA. Jupiter os conduziu um pouco mais adiante até uma rua lateral sem nome, no final da qual havia um portão que dava para uma passagem subterrânea escura e estreita, após a qual eles saíram em um pequeno pátio com calçamento de pedras, depois outra pequena passagem subterrânea, outro portão, mais dois pátios, um beco sujo que cheirava a cachorro molhado e então uma diminuta passagem com uma placa na parede que dizia:

PASSAGEM WAVERLEY
CUIDADO!
POR ORDEM DO ESQUADRÃO DE
EXCENTRICIDADES GEOGRÁFICAS
E DO CONSELHO DE NEVERMOOR,
ESTA RUA FOI DECLARADA UMA
VIA TRAIÇOEIRA DE ALERTA VERMELHO
(TRUQUE DE ALTO RISCO E PROBABILIDADE

DE DANO À PESSOA AO ENTRAR)

ENTRE POR SUA CONTA E RISCO

Morrigan estava surpresa.

— Jupiter, você proibiu as Vias Traiçoeiras.

— Regras foram feitas para serem quebradas, Mog.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Mas *só* desta vez, entendeu? — acrescentou. — Apenas porque você está comigo e *apenas* porque eu sei exatamente o que esta Via Traiçoeira esconde.

— Uma coisa maravilhosa? — perguntou Morrigan, sorrindo.

— Uma coisa *inacreditável* — disse Jack.

O truque da Passagem Waverley era do tipo desagradável. Ela ia ficando cada vez mais estreita à medida que avançavam, até Morrigan descobrir que estava sendo comprimida entre duas paredes de tijolo ("Continuem em frente, vocês dois!", guinchou Jupiter à frente, parecendo tão desconfortável que Morrigan achou que a cabeça dele poderia estourar como um balão cheio de água), e então, de repente...

— Torres de Cascatas! — gritou Jupiter acima do rugido estrondoso de uma cachoeira quando eles se lançaram de entre as paredes do beco, arquejando em busca de ar.

No entanto, não se tratava de uma simples cachoeira — ali havia uma dúzia de cachoeiras, talvez mais. Algumas eram imensas e impenetráveis cortinas de água que despencavam espetacularmente no chão; outras eram delicadas e cristalinas, produzindo um som semelhante ao de sinos de vidro tilintando. Era uma sinfonia de água, caindo do nada e desaparecendo no nada, concebida na forma tridimensional de um glorioso e cintilante arranha-céu.

Os ombros de Morrigan curvaram-se e ela oscilou um pouco onde estava. A criação de Decima Kokoro não era exatamente o que ela havia imaginado. Estava totalmente chocada. Uma rua atrás, ela jamais saberia que nada disso estava aqui. Não havia nenhum som de água, nenhuma mudança no ar sugerindo que, por trás desses prédios sombrios, pudesse haver uma estrutura de uma beleza tão esmagadora e magnífica.

E era realmente *lindo*.

Ela sacudiu a cabeça, incrédula.

— Ele se referiu a isso como um *Fiasco* — gritou ela acima da água corrente.

De repente, ela superou o choque e passou rapidamente à raiva.

— Onstald disse que isso era um *Fiasco* beirando uma *Monstruosidade* — continuou. — Mas é... é...

— Sim — berrou Jupiter. — É... isso mesmo. Exato.

Ele e Jack olhavam para cima, admirando as Torres de Cascatas com uma expressão atordoada e idiota de assombro que Morrigan sentia espelhada em seu próprio rosto.

— Vamos entrar? — perguntou Jupiter.

Ele abriu o guarda-chuva e Jack e Morrigan fizeram o mesmo. Juntos, passaram pela seção mais branda da cachoeira que encontraram. Foi simples assim. O livro de Onstald descrevia uma grande dificuldade em tentar entrar no edifício de Decima Kokoro sem ficar encharcado até os ossos, sem ser levado ou *afogado,* mas os três emergiram do outro lado da parede de água e sacudiram a água dos guarda-chuvas, perfeitamente secos. O barulho ensurdecedor desapareceu.

Morrigan havia esperado encontrar um ambiente escuro, úmido e semelhante a uma caverna dentro das Torres de Cascatas, mas, em vez disso, encontrou um espaço agradável e iluminado. Uma luz verde fria atravessava as camadas de água e lançava desenhos ondulantes pelo chão. O prédio era imenso e vazio. Silencioso. Como uma catedral feita de vidro curtido no mar.

— Por que ninguém usa este lugar? Eles não sabem que fica aqui? — perguntou ela em voz baixa.

A sensação era de que haviam entrado em um lugar sagrado e mágico, e ela não queria quebrar o encanto.

— Eu não sei. Não sei quem é o dono. Ainda estou tentando descobrir.

Ele correu a ponta dos dedos ao longo de uma parede de água serena e vítrea.

— Como você o encontrou?

— Bem, demorei um pouco — contou ele. — Mas, felizmente, conheço

muitas pessoas que sabem muitas coisas. E sou intrometido por natureza, não sou?

Eles cruzaram o amplo piso até onde Jack se encontrava, parado diante de outro pódio, com outra placa roxa no formato de diamante.

Aqui se encontra uma Singularidade
Criada pela Fabuladora Decima Kokoro
Patrocinada pelo Senador Helmut R. Jameson
Um presente para o povo de Nevermoor
Primavera do Ano Sete, Era dos Ventos Leste

— Uma Singularidade — repetiu Morrigan.

Essa palavra lhe trouxe rapidamente a lembrança de seu encontro com Ezra Squall.

— Foi assim que Squall chamou o Museu de Momentos Roubados. Ele disse que o Comitê para a Classificação dos Atos Fabulosos o havia declarado um Espetáculo. Mas Squall pensava que estavam errados, porque não entenderam o que de fato era.

Jack olhou de Morrigan para Jupiter e de novo para Morrigan, seu único olho visível estreitado.

— O museu de quê? Quando foi que você viu Squall?

— Mas eu não entendo — continuou Morrigan, ignorando-o. — Segundo o livro de Onstald, o Espectro dos Atos Fabulosos possui apenas cinco classificações: Deslizes, Despropósitos, Fiascos, Monstruosidades e Devastações. Ele não diz nada sobre Espetáculos ou Singularidades. Que obviamente existem, porque... bem, porque estamos dentro de um deles.

Ela jogou os braços para o alto.

— Então, por que Onstald não sabe sobre eles? — continuou. — Ele escreveu um livro inteiro sobre Atos Fabulosos! Por que acha que este lugar foi classificado como um Fiasco?

— Que história é essa de Squall? — repetiu Jack numa voz ligeiramente mais aguda.

Ele ergueu o tapa-olho como se quisesse entender melhor a situação.

— Boa pergunta, Mog. Infelizmente, não sei a resposta — disse Jupiter,

coçando a barba. — Mas sugiro que você comece perguntando ao próprio professor Onstald.

— Ah, eu vou perguntar — disse Morrigan.

De repente, ela se sentiu preenchida de uma determinação nova e feroz. Como Onstald podia ter escrito um livro inteiro sobre Fabuladores e Atos Fabulosos quando era obviamente tão mal informado? Será que um dia ele se deu ao trabalho de *procurar* as Torres de Cascatas ou o Parque Jemmity, ou algum dos outros Atos Fabulosos que incluiu no livro?

— Vai ser a primeira coisa que vou perguntar a ele amanhã.

— Mas vá devagar, sim? — disse Jupiter. — Ninguém gosta que lhe digam que errou. Especialmente se a pessoa escreveu um livro inteiro a respeito.

— Não prometo nada — disse ela em tom sombrio.

Alguns momentos de silêncio transcorreram enquanto Morrigan refletia e Jupiter apreciava, calado, as Torres de Cascatas, até que Jack finalmente explodiu:

— *Alguém vai me contar sobre Squall?!*

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O Traiçoeiro Guardião do Tempo

— Você já escolheu sua fantasia?

— Fantasia?

— Para o Natalloween — disse Hawthorne. — É amanhã.

— Hã.

Morrigan piscou, lutando para fazer parte da conversa. Ela mal conseguira dormir na noite anterior e sua mente estava decididamente em outro lugar enquanto eles subiam o caminho que atravessava o Bosque Queixoso e levava à Casa do Orgulho.

— Não. Eu realmente não tinha pensado nisso.

— Sabe como eu acho que você deveria ir?

Hawthorne olhou cautelosamente ao redor e então sussurrou:

— Fantasiada de *Fabuladora*!

Morrigan fez uma careta.

— Essa é a ideia mais ridícula que você já teve.

— Não, escute... ninguém sabe que você é uma Fabuladora *de verdade*, exceto...

— Exceto — interrompeu Morrigan, contando nos dedos — você, Jupiter, Jack, Fenestra, a srta. Cheery, o professor Onstald, os Anciãos, as Mentoras Acadêmicas, todo mundo na nossa unidade e todos os seus patronos.

— É, mais ninguém.

— Ah! Não vamos esquecer nossos misteriosos chantagistas, quem quer que sejam. E Ezra Squall e...

— *Seja como for* — insistiu ele, determinado —, é isso que faz com que a ideia seja tão boa! É, hã... Qual é a palavra? Homer a usou no outro dia. É... *irônico*.

— O que isso significa?

— Significa... Eu não sei, mas quem liga? Imagina só a cara das pessoas quando você aparecer na festa vestida de Fabuladora! Boca preta, garras, uma capa velha... a fantasia mais assustadora no salão. BUM. Sucesso imediato.

— BUM. Expulsão imediata.

Morrigan revirou os olhos. Essa nem era a aparência de Squall.

— Que *festa*, aliás?

— Qualquer uma que a gente escolher!

Hawthorne pulou para tocar um galho que pendia acima do caminho, empolgando-se.

— A Unidade 918 vai fazer uma festa na casa do Freddie Roach. Freddie está na minha aula de *Cuidados com Répteis*, ele é legal. Os amigos de Homer também vão dar uma festa. Aposto que ele nos levaria se prometêssemos manter uma distância de pelo menos três metros dele o tempo todo e usar máscaras que cubram totalmente o rosto.

— Mas vamos marchar no Desfile Negro, lembra? — disse Morrigan, estremecendo. — Não precisamos usar fantasias para isso, só uniformes pretos de gala.

Ela apertou mais o casaco em torno do corpo e o abotoou até o queixo. O outono havia de fato começado. Além dos muros da Soculosa, isso significava ar fresco e pilhas de folhas secas para pisar e prazerosamente triturar com os pés. Dentro da Soculosa, o vento era cortante, havia um aroma onipresente de fumaça de madeira e o cheiro adocicado de maçãs apodrecendo, e o Bosque Queixoso tinha se tornado um vibrante dossel em tons de vermelho, dourado e laranja entrelaçados (aparentemente não deixava nenhuma das árvores lamurientas particularmente feliz, mas quando é que elas ficavam felizes?).

— Isso é só à meia-noite! Ei, aposto que Jack conhece alguém que está dando uma festa, talvez ele possa...

— Jack vai ficar no Deucalião — disse Morrigan. — Na verdade, acho que eu também deveria ficar, qualquer que seja a bobagem de Natalloween que Frank tenha inventado.

— Uuh, eu posso ir?

— Claro.

— Legal. Eu vou de pirata, acho. Ou de morto-vivo. Ou de dinossauro. Ainda não tenho certeza. Ou quem sabe vampiro...

Hawthorne manteve um fluxo contínuo de sugestões de fantasias durante toda a caminhada até a Casa do Orgulho. Ele não parecia precisar de nenhuma contribuição de Morrigan, o que estava ótimo para ela, pois significava que não precisava ouvir.

Ela ficara acordada metade da noite, refletindo sobre como deveria abordar o assunto com Onstald. Jupiter estava certo, é claro. Ninguém gosta de ouvir que está errado. Mas, por acaso, isso significava que ninguém *deveria* ouvir que estava errado?

Afinal de contas, Onstald passara o ano inteiro ensinando a Morrigan coisas que eram abominavelmente falsas. Ele havia se declarado especialista em um tema sobre o qual obviamente não sabia nada e fizera Morrigan acreditar que estava condenada a repetir as falhas de todo Fabulador mau, idiota ou simplesmente inútil que a precedeu.

Quanto mais ela pensava no assunto, mais irritada ficava. Sua fúria foi crescendo durante toda a manhã enquanto ela pensava nas Torres de Cascatas, no Parque Jemmity e nos incontáveis outros Atos Fabulosos que ainda poderiam estar por aí, espalhados por Nevermoor, prontos para serem descobertos se alguém ao menos se desse ao trabalho de procurá-los.

Quando Morrigan entrou intempestivamente na sala de aula do professor Onstald, com os ombros para trás e a cabeça erguida, ela estava pronta para ter uma conversa muito séria com o professor faburuga.

— O que... significa... todo... esse... alvoroço? — perguntou o professor Onstald quando Morrigan abriu bruscamente a porta e entrou pisando duro, jogando a mochila em cima de uma das mesas.

— O senhor está errado — disse ela, surpreendendo-se um pouco.

Com fúria ou não, ela não tivera a intenção de dizer isso de forma assim tão crua.

— Como...

— … assim, né? — completou Morrigan, impaciente demais para esperar que ele concluísse.

Os olhos de conta de Onstald se arregalaram um pouco mais, sua boca se abrindo levemente de surpresa com a grosseria da aluna. Ela não ligava.

Não ia ser dissuadida.

— O senhor está errado sobre o Espectro dos Atos Fabulosos. Seu livro diz que existem apenas Atos Fabulosos ruins, apenas Deslizes, Despropósitos, Monstruosidades e... e tudo mais.

O professor Onstald a encarou.

— *Existem* apenas...

— Isso não é verdade — disse Morrigan. — E as Singularidades? E os Espetáculos?

Ela fez uma pausa, esperando a resposta de Onstald. Seu rosto enrugado e coriáceo não tinha expressão.

— As Torres de Cascatas não são um Fiasco coisa nenhuma — continuou ela sem hesitar. — Eu sei, porque eu vi.

A boca do professor se escancarou.

— Você... viu...

— Vi, e elas são *maravilhosas*. Há uma placa lá, uma placa roxa em formato de diamante que diz: "Aqui se encontra uma *Singularidade*." Não um Fiasco, uma *Singularidade*. Um presente para o povo de Nevermoor. E o Parque Jemmity *não* está fechado para todo mundo. Ele permite a entrada de crianças pobres que merecem ter o parque todo só para elas. O Comitê para a Classificação dos Atos Fabulosos o declarou um *Espetáculo,* e um presente para as crianças de Gresham. A placa roxa lá diz isso.

Morrigan viu que o professor Onstald estava ficando cada vez mais agitado, porém ela não podia parar. Ela mal conseguia fazer uma pausa para respirar, tão desesperada estava para fazê-lo entender.

— O senhor não vê o que isso *significa*? O senhor se enganou, professor. Seu livro diz que todos os Fabuladores ao longo da história foram estúpidos, perversos, cruéis ou inúteis. No entanto, Decima Kokoro não era inútil... ela era um gênio. Odbuoy Jemmity não era cruel... era generoso e amável.

— Fale... baixo.

O professor Onstald olhou nervoso para a porta aberta. Algumas pessoas que passavam no corredor espiavam, curiosas, imaginando qual seria a razão do barulho.

— Alguém... vai...

— Não me *importo* se alguém ouvir — disse Morrigan, irritada.

Ela sentia lágrimas de raiva queimando e amaldiçoou infinitamente seus olhos traiçoeiros. Por que ficar com raiva a fazia ter vontade de chorar? Não era essa a mensagem que ela queria passar, *de jeito nenhum*. Morrigan fechou as mãos, apertando-as.

— Não vou ficar quieta até o senhor me ouvir. O senhor não vê...? Se estava errado em relação a Kokoro e Jemmity, talvez esteja errado sobre outros Fabuladores também. Não vale a pena tentar descobrir a verdade? Se houver mais Atos Fabulosos por aí que sejam *bons*, o senhor não quer...

Morrigan deixou a voz morrer, subitamente consciente de que o professor Onstald não havia expressado a menor surpresa. Ele não a chamara de mentirosa, nem perguntara como ela sabia dessas coisas, nem parecera confuso quando ela mencionara "Espetáculos" e "Singularidades". Ele só estava preocupado que alguém pudesse ouvir o que ela estava dizendo e continuava a lançar olhares para a porta.

Um longo e pesado silêncio caiu entre eles.

Morrigan olhou para o enorme livro na mesa do professor, pousando a mão na capa desbotada. *Deslizes, Despropósitos, Fiascos, Monstruosidades e Devastações: Uma história abreviada do espectro dos atos fabulosos*. Desta vez, quando ela falou, sua voz era quase inaudível acima do tique-taque do relógio na parede:

— Uma história *resumida*. Editada. Abreviada. Encurtada.

Ela olhou para Onstald, lembrando-se das palavras dele na primeira aula.

— O senhor já sabia de tudo isso, não é? O senhor deixou informações de fora de propósito. O senhor *mentiu*.

Com um suspiro longo e chiado, Onstald abriu a boca para responder, um fio de saliva se esticando entre os lábios enrugados.

— Eu... atualizei.

— O senhor MENTIU!

Morrigan agora estava gritando. Ela não podia evitar.

— O senhor vem mentindo esse tempo todo. Tentou me fazer acreditar que todos os Fabuladores são maus. Mas o senhor sabia que isso não é verdade, não sabia?

— Todos os Fabuladores... são... ma...

Incapaz de ouvir novamente essas palavras, incapaz de suportá-las, Morrigan abriu o livro e passou as páginas bruscamente até chegar ao capítulo sobre Odbuoy Jemmity.

Então ela o arrancou. O capítulo inteiro. Rangendo os dentes, ela rasgou as páginas em pedacinhos e os deixou cair no chão como confete.

— PARE. DE. MENTIR.

O professor Onstald tinha acabado de abrir a boca para responder a esse lamentável ato de vandalismo quando Henry Mildmay entrou bruscamente na sala, parecendo preocupado e um pouco afobado. Ele carregava desajeitadamente um bocado de livros e mapas nos braços, e sua franja caía nos olhos.

— Ah! Me desculpe, professor Onstald, eu estava passando e pensei ter ouvido gritos.

Ele olhou de Morrigan para a idosa faburuga e para o monte de papel rasgado no chão, uma profunda ruga de confusão marcando sua testa.

— Está tudo bem?

Ele olhou para Morrigan ao fazer a pergunta, mas foi o professor Onstald quem respondeu:

— Está... tudo... bem... rapaz.

Morrigan notou que ele se dirigia a Mildmay como se este fosse um aluno, e não um colega. Por alguma razão, isso a irritou ainda mais. Como ele se *atrevia* a ser tão rude com Mildmay, especialmente quando o professor mais jovem era tão bondoso e gentil, e o professor Onstald era um velho mentiroso e horrível? Aquilo não estava certo.

— Vá... cuidar... dos seus... assuntos.

Mildmay, porém, ainda fitava Morrigan com um olhar de curiosa preocupação.

— Srta. Crow, está...

— Ela... está *bem* — afirmou o professor Onstald. — Sua... permanência... aqui... é muito inoportuna, garoto.

Um leve rubor surgiu nas bochechas de Mildmay.

— É claro, professor Onstald — disse ele. — Minhas desculpas.

Com um último olhar inquiridor para Morrigan, abaixou a cabeça e se

virou para sair, mas acabou batendo o joelho na borda da mesa de Onstald. Ele gritou de dor e deixou cair seus livros e mapas, que se esparramaram em cima da mesa. Mildmay se apressou em recolhê-los, o rosto ainda mais vermelho, e, em seu constrangimento, tropeçou, lançando seus pertences no ar mais uma vez.

Naquele momento, em meio ao barulho e à confusão, algo muito estranho aconteceu.

Morrigan teve a súbita sensação de que o mundo e tudo nele estavam reduzindo a velocidade até parar. O ar ao seu redor parecia espesso como melaço. Era como se o tempo tivesse desacelerado até chegar a uma velocidade insuportável — ou como se o tempo tivesse se tornado sólido e, de alguma forma, a estivesse prendendo no lugar. Sua mente funcionava no ritmo de sempre, mas até mesmo seus *globos oculares* estavam se movendo como uma lesma, recusando-se a olhar para onde ela queria desesperadamente que olhassem. Em sua visão periférica, ela notou que, do outro lado da sala, Mildmay também parecia quase imóvel, seus pertences flutuando no ar — flutuando no *tempo* — à sua volta.

Parecia que uma eternidade havia se passado. Justamente quando Morrigan se perguntava se ela havia, de alguma forma, causado isso, se seus talentos mal desenvolvidos como Fabuladora a estavam traindo mais uma vez, ela percebeu quem era de fato o responsável.

Movendo-se em sua linha de visão, no ritmo habitual de tartaruga (que agora era, é claro, muitas, *muitas* vezes mais veloz que a velocidade quase congelada da própria Morrigan), o professor Onstald cruzou a sala em passos curtos e arrastados, pegou o *Uma História Abreviada* nos braços e foi embora.

Era Onstald. Ele tinha feito isso acontecer. Ele *desacelerara o tempo*.

Momentos depois, o mundo voltou, aos trancos, à vida. Os livros e mapas de Mildmay desabaram no chão e ele bateu o joelho no canto da mesa novamente, gritando de dor.

Morrigan arquejou, buscando o ar, e correu para a porta. Tarde demais. O professor tinha desaparecido.

— Como foi que ele fez aquilo?!

Mildmay respirava como se tivesse acabado de correr uma maratona e

pressionava o peito com uma das mãos.

— Minha nossa. Eu não fazia ideia... Sempre supus que o professor Onstald fosse um Mundano. Não sabia que ele era um *Guardião do Tempo*. Não sabia que ainda *restavam* Guardiões do Tempo no Reino Não Denominado.

— O que é um Guardião do Tempo?

— Um talento muito raro — disse Mildmay, que ainda fitava a porta pela qual Onstald havia saído, sacudindo a cabeça, os olhos arregalados. — Existem diferentes vertentes do talento de Guardião do Tempo, diferentes maneiras de usar e manipular o tempo: preservação, encolhimento, retorno, distensão. Parece que o velho Onstald é um *distensor do tempo*. Eu mal posso acreditar.

Morrigan bufou, irritada e sarcástica.

— Parece bem apropriado. Ele também é um distensor de verdades. E ele levou o livro!

Ela bateu o punho na mesa. Queria ter pegado o livro de Onstald, a prova de sua fraude. Levá-lo para casa e examinar suas páginas com Jupiter, ver que outros Despropósitos e Monstruosidades poderiam, na verdade, ter sido *presentes para o povo de Nevermoor*.

— Puxa. O que, hã... Que livro era aquele? — perguntou Mildmay, distraído, recolhendo suas coisas do chão.

Morrigan se abaixou para ajudar.

— *Uma história abreviada do...*

Ela se deteve a tempo, apertando os lábios ao entregar a ele um mapa enrolado. Seria impossível dizer a Mildmay o título do livro sem potencialmente entregar que era uma Fabuladora.

— Eu sempre esqueço. Um livro estúpido de história.

— Ah, sim... Certamente ele o trará de volta.

Mildmay se dirigiu para a porta, ainda parecendo perturbado e em choque, como se não tivesse se recuperado dos efeitos do bizarro talento de Onstald. Morrigan podia entender. Sua cabeça ainda estava um pouco confusa.

— Preciso ir. Tenho aulas para planejar. Até mais, srta. Crow — despediu-se Mildmay.

— Um *Guardião do Tempo*? Caramba. Tem certeza?

— Bem, foi o que Mildmay disse. E ele distendeu *mesmo* o tempo... ou pelo menos foi a sensação que tivemos.

Morrigan respirou fundo, inalando nuvens de fumaça de camomila à medida que eram expelidas das paredes. Ela voltara para casa de péssimo humor, atravessara em disparada o corredor até o escritório de Jupiter gritando o nome dele, pronta para contar todo aquele terrível episódio. Seu patrono tinha, sabiamente, sugerido que conversassem no Salão da Fumaça, que estava vazio, e pediu a Kedgeree que pusesse um aroma calmante. Morrigan contou todo o ocorrido em detalhes acalorados, e relatou com mais gosto ainda quando chegou ao ponto em que percebeu que Onstald sabia da verdade o tempo todo, e Jupiter literalmente se levantou de um pulo. Foi preciso um bocado de camomila até ele finalmente parar de andar de um lado para o outro e voltar a se sentar.

— Mas *por que* ele esteve mentindo? — perguntou Morrigan.

Era a milésima vez que ela fazia essa pergunta naquela tarde e Jupiter não conhecia a resposta.

— Vou ter de falar com os Anciãos — disse ele por fim. — Mais do que qualquer um, eles precisam saber a verdade.

— Amanhã? — perguntou Morrigan, esperançosa.

— Amanhã — concordou ele. — Vou falar com eles quando os vir antes do Desfile Negro. Depois da festa de Frank. Prometo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Natalloween

O Deucalião brilhava com uma maligna luz laranja-dourado na noite de Natalloween. Todas as luzes do hotel haviam sido apagadas, deixando o edifício escuro como o caldeirão de uma bruxa, exceto por vários quartos criteriosamente selecionados nos quais centenas de velas queimavam resplandecentes. Da rua, as janelas iluminadas pela luz das velas criavam a precisa formação de uma boca escancarada mostrando os dentes e um par de olhos diabólicos, fazendo com que a fachada do Deucalião parecesse uma gigantesca abóbora esculpida. O efeito era arrepiante.

— Eu sei que digo isso todo ano — observou Jupiter do pátio, erguendo os olhos para o seu hotel com orgulho escancarado —, mas você se superou, Frank.

— Muito sinistro — disse Morrigan.

Jack, ao seu lado, murmurou em concordância e Marta deu gritinhos, aplaudindo com entusiasmo.

Charlie deu um tapa nas costas de Frank e disse:

— Acho que o Natalloween está no papo este ano, Frank. Aqueles lá do Hotel Aurianna não vão nem saber o que passou por cima deles.

Jack olhou de esguelha para Morrigan, e ambos prenderam a respiração. A última coisa que qualquer um deles precisava era que Frank começasse outra ladainha sobre seus principais rivais.

No entanto, o rosto pálido de Frank se abriu em um sorriso confiante, seus olhos e seus caninos brilhando à luz das velas do Deucalião.

— O Natalloween é todo meu, meus amigos. Ninguém equilibra horror exótico e encanto macabro melhor do que Frank. Ninguém.

Morrigan lançou um olhar divertido aos outros. Martha sorriu e mordeu o lábio, enquanto Jupiter tentou encobrir sua gargalhada com um falso acesso de tosse.

— Qual a programação desta noite, Frank? — perguntou Jack enquanto todos voltavam para o saguão iluminado por velas, onde os convidados fantasiados já se reuniam, antecipando a noite de horrores à frente.

A equipe de garçons distribuía copos de ponche preto como a noite e bandejas de minúsculos canapés que se assemelhavam a aranhas peludas e dedos humanos. Jack tinha chegado da escola naquela tarde, então, diferentemente de Morrigan, Jupiter e dos funcionários do Deucalião, ele não fora submetido na última semana ao obsessivo reajuste de Frank do programa para o Natalloween.

— Que bom que perguntou, meu jovem Jack — respondeu Frank, e pigarreou dando-se ares de importância. — Das seis em diante: os membros mais novos da equipe do Deucalião recebem as hordas de pequenos monstros em busca de gostosuras ou travessuras.

— Quais são as gostosuras? — perguntou Jupiter.

— Ah, as de sempre — respondeu Frank. — Esqueletos de geleia. Salgadinhos de larvas. Globos oculares de chocolate.

— E as travessuras?

— Pensei que podíamos agarrá-los e raspar as sobrancelhas deles.

Jupiter suspirou.

— Não, Frank.

— Passar piche e colar penas?

— Definitivamente não.

— Tatuar as testas?

Jupiter soltou o ar pesadamente, inflando as bochechas.

— Podemos tentar pensar em algo que não renda um processo?

A expressão de Frank azedou um pouco e ele deu de ombros, emburrado.

— Às sete: a Orquestra de Câmara de Nevermoor apresentará cantos fúnebres no Salão de Música. Às oito: uma apresentação lindamente sangrenta de *Morte à primeira mordida*, com a famosa companhia de teatro cem por cento vampiresca, os Dramáticos Sedentos. Eu tive de evocar uma dúzia de favores para conseguir esse número. Eles são muito reservados, vocês sabem, e *nunca* se apresentam para pessoas normais — revelou ele, parecendo justamente convencido. — Às nove: um assustador

concurso de fantasias em estilo boate no segundo salão de baile. É sempre bom atender aos *jovens*, na minha opinião.

— Hawthorne vai ficar feliz. Ele adora dançar — disse Morrigan, que, apesar de *jovem*, não tinha a menor intenção de ir a uma boate.

Ela olhou o relógio atrás do balcão da recepção, perguntando-se onde Hawthorne *estava*. Ele deveria ter chegado antes do pôr do sol, mas já havia anoitecido. Eles haviam planejado ir atrás dos doces de Natalloween juntos. Jupiter inicialmente havia negado, mas cedeu depois de muitos pedidos, e mesmo assim só porque Jack, ainda que relutante, prometeu acompanhá-los. Martha inventara de última hora uma fantasia de monstro não identificável para Morrigan utilizando muitos limpadores de cachimbo roxos e tule verde, e ela já estava se coçando como louca.

— Por volta das onze — continuou Frank —, a maioria dos nossos convidados vai para o centro da cidade para conseguir, antes da meia-noite, um lugar que dê uma boa visão do Desfile Negro. Enquanto isso, aqui no Deucalião, vou perder o desfile deste ano para sediar meu próprio evento, *altamente exclusivo, altamente secreto, apenas para convidados,* à meia-noite.

Frank fez uma pausa dramática. Morrigan ergueu uma sobrancelha, olhando para Jack, que deu um sorriso malicioso.

— Eu contratei os serviços do Maravilhoso Malau — concluiu.

— Aah — disse Martha, os olhos se iluminando. — Eu o vi no jornal!

Morrigan nunca tinha ouvido falar do Maravilhoso Malau.

— Quem é ele?

— É só *o maior clarividente vivo* do Estado Livre — afirmou Frank.

— Segundo seus próprios anúncios — murmurou Jack.

Frank o ignorou.

— Malau irá conduzir uma sessão bem aqui no terraço do Deucalião. Ele diz que estar do lado de fora, sob a lua cheia, facilita a sintonia com os espíritos.

— Uma arrepiante sessão das antigas, ei — disse Jupiter, parecendo impressionado. — Tendência bem atual, Frank. A comunhão com os mortos está bem na moda agora. Tudo bobagem, é claro, uma vez que nenhum fantasma de respeito apareceria para um clarividente que anuncia

no *Espelho* e se autodenomina "maravilhoso". Mas, ainda assim, *muito estiloso*.

— Espere só para ver, Jove — gritou o anão vampiro enquanto se afastava para cumprimentar seus convidados. — Malau é legítimo. As colunas sociais vão falar disso por dias.

Naquele momento, o barulho de pneus cantando ao frear chegou a eles vindo do pátio externo, seguido pelo ruído de passos subindo os degraus da frente e uma tropa de meia dúzia de oficiais da Furtiva, de casaco preto e botas pesadas, entrando correndo no Deucalião. À frente deles estava uma mulher de aparência severa, de cabelos grisalhos cortados rente e dragonas douradas nos ombros.

— Boa noite, inspetora Rivers — cumprimentou Jupiter.

Ele tinha a expressão acolhedora, porém exausta. Morrigan pensou que, se a mulher estava trazendo más notícias, tanto Jupiter quanto Jack, que havia cautelosamente levantado o tapa-olho no momento em que a Furtiva entrava, já tinham uma suspeita.

— Capitão North — disse a inspetora, gesticulando para que seus policiais a aguardassem.

Alguns dos convidados fantasiados pareceram perturbados pela súbita intromissão, mas outros ficaram encantados, como se estivessem certos de que isso fazia parte da diversão do Natalloween. Ela puxou Jupiter de lado e falou baixinho, mas é claro que Morrigan, Jack, Charlie e Martha se aproximaram para ouvir.

— Lamento interromper. O quartel-general queria enviar um mensageiro, mas achei que devia falar com o senhor pessoalmente. São más notícias. Tivemos mais três. Todos levados hoje.

Morrigan sentiu um aperto no peito. *Levados*. Quem fora levado?

Os olhos de Jupiter se estreitaram. Ele passou a mão pela barba ruiva.

— Mais três *desaparecimentos*?

A inspetora Rivers assentiu.

— Recebemos um alerta anônimo.

Ela baixou a voz. Morrigan, Jack, Charlie e Martha, todos se inclinaram para ouvir.

— Está de volta, capitão, e é *esta noite*.

Morrigan olhou para Jupiter; a cor havia sumido de seu rosto. Eles estavam falando do Mercado Macabro. Morrigan tinha certeza.

— Entendo — disse ele lentamente. — E esse... alerta anônimo indicou um local para o evento, ou isso é muito otimismo da minha parte?

A inspetora Rivers sacudiu a cabeça com uma expressão sombria.

— Enviamos todos os policiais disponíveis para vasculhar os locais prováveis, mas, como o senhor sabe, nosso contingente é pequeno.

— E é improvável que estejam nos locais prováveis — acrescentou Jupiter.

— Muito. Então, estamos trabalhando com o Fedor... — Ela se conteve e tossiu ligeiramente. — Desculpe, com a Força Policial da Cidade de Nevermoor, e até recrutamos alguns membros do corpo docente da Soculosa para ajudar na busca.

— O *corpo docente*? — espantou-se Jupiter. — Acha isso uma boa ideia?

— Eles insistiram, capitão — disse ela. — E entendo bem o porquê. Um dos seus está entre os desaparecidos. Levado de dentro dos muros da própria Soculosa, dá para acreditar? De seus próprios aposentos. Sinais de luta. Água para todos os lados... e ossos.

— Ossos — repetiu Jupiter.

— Um fêmur — informou Rivers com um olhar grave. — Alguns dedos.

Um músculo na mandíbula de Jupiter se contraiu, e Morrigan sabia por quê. A Legião de Esqueletos. Os *Homens-Ossos*. Isso confirmava: os Homens-Ossos tinham levado mais três pessoas para o Mercado Macabro. Na sua mente, Morrigan viu a pequena trilha de ossos e estremeceu.

Havia ainda outra coisa, ela pensou, um pequeno senão na história...

— A senhora disse... que havia *água*? — perguntou Morrigan à inspetora, sem conseguir se conter.

Rivers lhe dirigiu um olhar de soslaio, depois voltou-se novamente para Jupiter e disse:

— Do lago em seu quarto. Achamos que devem tê-lo arrastado para fora dele.

Morrigan franziu o cenho ao ligar os pontos.

— Vocês estão falando do professor Onstald, não é? Da faburuga?

A inspetora Rivers apertou os lábios, recusando-se a olhar para Morrigan, que tomou isso como uma confirmação silenciosa.

Ela não pôde evitar pensar que talvez Onstald não tivesse sido sequestrado de fato. Talvez, na verdade, ele tivesse *fugido* porque tinha medo de ser exposto por Morrigan como uma fraude. O sentimento de satisfação indignada que ela experimentou com esse pensamento foi imediatamente afugentado pela vergonha.

E algo mais.

Um outro medo incomodava no fundo do cérebro de Morrigan, mas era tão sutil que ela ainda não sabia identificá-lo.

— Quem são os outros dois? — perguntou ela a Rivers.

A mulher fez uma careta exasperada para Jupiter.

— Quieta, Mog — disse ele. — Inspetora, estou às suas ordens. Vou pegar meu casaco.

— Na verdade — disse Rivers, erguendo a mão para detê-lo —, o que eu gostaria é que o senhor ficasse de prontidão. É melhor que fique aqui, pronto para partir assim que reduzirmos as possibilidades. Neste momento, estamos procurando uma agulha no palheiro. Mandarei um mensageiro buscá-lo assim que tivermos uma pista decente.

Jupiter concordou com um gesto de cabeça.

— Enquanto isso, estamos insistindo para que todos os membros da Sociedade Fabulosa permaneçam em suas casas — continuou a inspetora. — Foi instituído um toque de recolher rigoroso. Existe uma ameaça muito real para todos os membros da Sociedade Fabulosa em Nevermoor esta noite.

— Mas e o Desfile Negro? — perguntou Morrigan, subitamente abalada.

Seria a primeira vez que ela e Hawthorne marchariam! Eles vinham esperando ansiosamente por isso desde o desfile do ano passado, quando assistiram às solenes fileiras de unidades da Soculosa, todos de uniforme preto e carregando velas, marchando em silenciosa procissão pelas ruas de Nevermoor. (Onde Hawthorne *estava*? O pequeno medo, antes só um incômodo, começou a ganhar corpo.)

— O Desfile Negro foi cancelado — informou a inspetora Rivers.

Morrigan sentiu que a má notícia a atingia como uma bala no peito. Cancelado. Seu primeiro Desfile Negro. *Cancelado*. Quem quer que estivesse por trás desses desaparecimentos — quem quer que estivesse mirando os membros da Sociedade Fabulosa — agora controlava a todos, fazendo as pessoas temerem até mesmo sair de casa. Morrigan sentiu a raiva crescer dentro dela, acompanhada pelo agora estranhamente conhecido gosto de cinzas no fundo da garganta.

— E, Capitão North — prosseguiu Rivers —, estamos pedindo a todos os membros da Sociedade Fabulosa que cancelem quaisquer reuniões ou festividades que possam ter planejado. Esta não é uma noite para o nosso pessoal estar nas ruas. Esperamos que, como alguém que tem o respeito de todos, o senhor dê um bom exemplo.

Jupiter pareceu querer argumentar contra essa ideia, mas pensou melhor.

— Claro — disse ele. — Vou avisar a minha equipe imediatamente. Vamos espalhar a notícia. E ficarei aqui a noite toda, inspetora, aguardando sua convocação.

A inspetora Rivers assentiu brevemente, girou nos calcanhares e se foi, seus homens a seguindo obedientemente e saindo pela porta.

Jupiter olhou para o outro lado do saguão, onde Frank estava entretendo um grupo de convidados encantados fazendo suas presas se estenderem e se retraírem.

— Acho que é melhor eu dar a má notícia a ele.

O coração de Morrigan se apertou.

Nada de Desfile Negro. Nada de doces ou travessuras. Mais desaparecimentos.

E outra preocupação, muito mais insistente, que ela não podia ignorar.

Onde estava Hawthorne?

— Desculpem o atraso! — soou uma voz escandalosa que vinha da entrada ao mesmo tempo em que surgia a criatura mais estranha que Morrigan já tinha visto.

Sua pele cinzenta e decomposta estava coberta de sangue. Ele tinha garras escamosas de um verde brilhante e uma cauda pontuda combinando. Suas pernas eram retângulos de prata cobertos com botões,

parafusos e tampas de garrafa. E, completando o estranho conjunto, havia um chapéu de pirata, um casaco de brocado vermelho, uma gravata branca com babados e um tapa-olho preto.

Morrigan soltou o ar. Ela piscou repetidamente, sentindo um alívio agudo com a chegada de seu melhor amigo e também um susto com... *o que quer que fosse aquela coisa para a qual ela estava olhando*.

— Eu não conseguia me decidir de que viria vestido, então mamãe fez essa fantasia de pirata-zumbi-robô-dinossauro e...

Hawthorne parou de repente quando viu a cara de Morrigan. Ele baixou os olhos para o próprio traje.

— O que foi? Achou exagero?

Morrigan nunca vira o Deucalião com uma atmosfera tão sombria. Depois que a Furtiva saiu e ela atualizara Hawthorne sobre os últimos acontecimentos, a primeira coisa que os dois amigos fizeram foi correr para a porta da estação no quarto dela na esperança de poder verificar o restante da Unidade 919 e se certificar de que todos ficassem em casa nessa noite. No entanto, o símbolo *F* estava apagado e a porta não se movia por mais força que usassem para pressioná-la. Frustrados e preocupados, tudo que podiam fazer era voltar para o saguão e esperar. Pelo menos Morrigan se sentia aliviada por tirar a fantasia, que a estava pinicando. (Hawthorne também havia tirado as garras, a cauda e as pernas prateadas de robô, apesar de ter se mostrado mais relutante.)

Jupiter andava de um lado para o outro no piso xadrez preto e branco — de casaco, botas, guarda-chuva na mão, pronto para sair imediatamente quando a Furtiva o chamasse. Morrigan sabia que ele odiava ficar parado esperando notícias tanto quanto ela, mas que ele estava tentando se manter calmo e animado pelo bem de todos.

Frank, por outro lado, estava *furioso*. Levaram uma hora só para convencê-lo de que aquilo tudo não era coisa do Hotel Aurianna tentando sabotá-lo. Uma vez que ele aceitou que de fato era a Sociedade Fabulosa, foi quase tão ruim quanto.

— Outro exemplo FLAGRANTE de privilégio dos membros da

Sociedade do pior tipo — rugiu ele, acrescentando como um aparte para Jupiter e Morrigan: — Sem ofensas.

Ele andava, irritado, de um lado para o outro do saguão agora vazio. A multidão fantasiada já fora mandada para casa, decepcionada, e os que estavam hospedados no Deucalião tinham ido todos para o bar Lanterna Dourada para uma *happy hour* que duraria a noite toda a fim de compensar as festividades canceladas.

— Claro, sem ofensas, Frank — disse Jupiter. — Eu concordo totalmente, Frank.

Ele deu uma piscadela para Morrigan.

— Os Dramáticos Sedentos foram embora — disse Frank, desalentado. — Provavelmente rindo de mim. Ontem eles disseram que eu poderia ter um papel na produção de inverno que fariam de *Criaturas da noite*, mas isso não vai mais acontecer, não é? E o Maravilhoso Malau está desesperado. Inconsolável! Ele disse que podia sentir a decepção dos espíritos através do Diáfano, então agora eu tenho um monte de gente morta com raiva de mim também. Ele subiu para o Lanterna Dourada a fim de afogar suas tristezas.

O anão vampiro começou a chorar e Martha o levou até o sofá, passando um braço consolador pelo seu ombro. Ele chorou ao seu lado tão alto, de modo tão comovente e por taaaaanto tempo que Jupiter finalmente lhe disse que ele ainda podia fazer a sessão da meia-noite no terraço com os hóspedes do hotel, desde que ele se recompusesse e parasse de chorar.

— A Furtiva está mobilizada, fazendo tudo o que pode — disse Jupiter. — Não há nada que possamos fazer agora, exceto esperar notícias. É melhor aproveitarmos o que resta do Natalloween e depois procurar ter uma boa noite de sono. Com sorte, a essa hora amanhã, tudo já estará bem.

Frank foi imediatamente buscar Malau, e Martha e Charlie se dirigiram ao terraço para verificar se estava tudo arrumado e pronto para começarem.

— Vou ficar aqui na recepção, senhor — disse Kedgeree. — Mando avisá-lo assim que recebermos notícias da Furtiva.

— Ótimo.

Jupiter virou-se para Morrigan, Hawthorne e Jack.

— Venham, vocês três. É a véspera do Dia de Todos os Santos. Vamos bater um papo com os fantasmas.

Depois de passar a maior parte da noite desfrutando da hospitalidade dos talentosos barmen do Lanterna Dourada, o Maravilhoso Malau já estava um tanto alterado quando começou a sessão espírita.

— Os espíritos estão... *hic*... conosco, caros amigos — anunciou o clarividente, sentado em uma almofada no terraço, no centro de um grande círculo de convidados. — Estão ao nosso redor, nesta noite da véspera do Dia de Todos os Santos, quando os muros entre os vivos e os mortos estão af-afund… *afundando*.

Ele fez uma pausa para revirar a mente em busca de outra palavra.

— Afunilando?

Frank havia preparado um cenário *perfeito* para a sessão. O terraço estava iluminado por centenas de velas pretas, longas e cônicas que tremeluziam mas não se apagavam, apesar da brisa fria. Todos estavam sentados em elegantes almofadas de veludo preto e uma névoa branca artificial — porém lindamente misteriosa — pairava em torno do círculo.

Uma pena que o efeito tenha sido desperdiçado com um grupo de convidados ansiosos para voltar aos seus intermináveis coquetéis gratuitos no sexto andar.

— Estou recebendo uma mensagem de um cavalheiro mais velho... para alguém... aqui.

Ele acenou vagamente para metade das pessoas no círculo.

— Um cavalheiro cujo nome começa com D. Pai ou tio de alguém? Um av... *hic*... avô, talvez? Darren? David? Dominic? Doo... Doody? Drogley? Hã... Derek? — prosseguiu Malau, mantendo-se heroicamente fiel à sua história. — Digby? Dwayne?

— Aah! — gritou uma jovem usando uma tiara de plástico e uma faixa rosa brilhante de "Futura Noiva".

Ela estava no Deucalião com um grupo de jovens barulhentas que não

tinham muito interesse em comemorar o Natalloween. Frank as convidara para a sessão para ter quórum, e elas já haviam sido advertidas duas vezes por gritar palavras rudes enquanto o Maravilhoso Malau estava em comunhão com os mortos.

— Seria Wayne? — sugeriu ela. — O nome do meu sogro é Wayne. É ele?

Malau pareceu considerar por um momento.

— Isso, é ele mesmo. Ele tem uma mensagem para você. Ele diz... para, por favor, cuidar bem de seu filho. Para vocês se amarem.

O grupo de amigas entoou um "óóóóó" em uníssono, e a Futura Noiva pareceu um pouco chorosa.

— Eu achava que ele não queria que eu e Benji nos casássemos!

— Ah, ele quer — continuou Malau. — Ele diz que nada o faria mais feliz e que estará cuidando de vocês do Melhor Lugar.

A noiva franziu o rosto.

— Do Melhor Lugar? O que você quer dizer? Wayne não está morto.

Isso foi demais para Morrigan e Hawthorne, que tentaram valentemente disfarçar suas risadas abafadas. Até que Hawthorne não se segurou, e Morrigan, em cujo rosto lágrimas de riso já corriam, pôs tudo a perder.

Do outro lado do círculo, Jupiter ergueu as sobrancelhas para ambos e olhou significativamente na direção da porta. Ainda rindo, Morrigan agarrou o braço de Hawthorne. Eles se levantaram e estavam prestes a fugir da sessão espírita quando O Maravilhoso Malau também se levantou, apontou diretamente para Morrigan e declarou, com uma voz aguda e ressonante...

— Você cuspiu fogo.

A risada morreu na garganta de Morrigan. Ela hesitou, ansiosa para sair, mas aparentemente enraizada no chão.

Malau inclinou a cabeça para o lado, uma curiosa expressão franzindo o espaço entre seus olhos.

— Você cuspiu *fogo*.

Subitamente sua voz soava autoritária e clara. Não havia consoantes arrastadas nem palavras misturadas.

— Como um dragão. Você gostou?

Morrigan piscou. Ela olhou pelo canto do olho para Hawthorne e depois para Jupiter, que pareciam ambos igualmente chocados. O círculo da sessão espírita havia agora se voltado na direção deles e todos observavam Morrigan com grande interesse.

Ela sentiu o rosto esquentar. Não podia, naturalmente, admitir uma coisa dessas.

— Não. Não, eu nunca fiz isso.

— Sim — disse Malau, categoricamente. — Fez sim.

Como ele *sabia*? Talvez o homem não fosse tão charlatão assim, afinal.

— Não sei do que você está falando — insistiu Morrigan, na voz mais dura que foi capaz.

Jupiter levantou-se de repente, seus movimentos elegantes e precisos. Ele inclinou a cabeça e deu um passo em sua direção, o olhar fixo no rosto dela.

— Acho que você sabe exatamente do que estou falando — disse ele.

Morrigan olhou para ele.

— Jupiter, o que você está...

— Inferno — disse a Futura Noiva, que também se levantou e caminhou na direção de Morrigan com uma graça felina. — A Arte Deplorável do Inferno.

Morrigan engoliu em seco, repetindo as palavras na mente. *A Arte Deplorável do Inferno*.

— O que... o que é isto?

Ela olhou da noiva para Jupiter, para Malau e de volta para a noiva.

— Jupiter, o que está acontecendo?

As outras pessoas no terraço levantaram-se como se fossem um corpo único e começaram a se juntar ao redor dela em um nó — inclusive Hawthorne. Formavam um círculo apertado e contínuo, ombro a ombro, seus movimentos suaves e exatos demais para serem naturais.

Como se fossem um só, abriram a boca e falaram:

— A Arte Deplorável do Inferno. — Suas vozes elevavam-se em perfeito e sinistro uníssono; cada palavra destacada, cada consoante nítida. — Uma primeira manifestação improvável em um jovem Fabulador, embora não seja inédita. Inferno é uma ferramenta formidável nas mãos de um artífice

desenvolvido — eles se inclinaram ligeiramente para trás, examinando-a com frieza sobre o nariz —, mas, naturalmente, *você* está longe de estar desenvolvida.

Morrigan lembrou-se claramente do último Natalloween, quando as Bruxas da Confraria Treze fizeram esse mesmo truque, falando juntas com uma precisão assustadora. Isso fora parte dos desafios dela e de Hawthorne para a Sociedade Fabulosa, e as bruxas estavam agindo sob as ordens dos Anciãos.

Seria apenas mais um truque da Sociedade Fabulosa? Outro teste? Certamente não nesta noite, ela pensou... *Certamente* não com metade da Sociedade lá fora procurando seus membros desaparecidos e o restante em um confinamento imposto. Essa não era a noite para truques.

— Quem é você? — perguntou ela outra vez. — O que você quer?

Como uma unidade, eles inclinaram a cabeça levemente para o lado. O canto de cada boca se retorcia em um sorriso familiar. Aquela visão fez a respiração de Morrigan ficar presa na garganta. Um medo frio e nauseante empoçou em seu estômago.

— Você — sussurrou ela.

O ar havia se imobilizado. Sem o menor sinal de brisa, sem a mínima ajuda, todas as velas no terraço se apagaram subitamente. Espirais de fumaça subiam dos pavios mortos. O luar prateado se refletia nos olhos arregalados que cercavam Morrigan, todos fixos diretamente nos dela.

— Eu não tenho medo de você — disse ela, a voz trêmula.

Hawthorne deu um passo à frente, destacando-se do grupo, e pousou a mão em seu ombro.

— Eu já disse isso antes — falou com uma frieza e convicção que não eram próprias dele. — Você precisa aprender a enganar melhor, srta. Crow.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

A Arte Deplorável do Inferno

As entranhas de Morrigan se encresparam quando as palavras de Ezra Squall saíram da boca de seu melhor amigo.

— Pare — sussurrou ela. — Deixe-o em paz.

Os cantos da boca de Hawthorne se retraíram em um sorriso sinistro que não combinava com seu rosto.

— Não.

Ele ergueu a mão direita e bateu em seu próprio rosto com força. Morrigan gritou e, quando ele ergueu a mão esquerda para repetir o gesto, avançou e a agarrou, afastando-a.

— PARE! Por favor, pare... O que você está FAZENDO?!

As mãos de Hawthorne caíram ao lado do corpo e ele ficou imóvel, o rosto sem expressão. Ele deu um passo atrás calmamente, a cabeça pendendo de encontro ao peito. Era como se alguém houvesse acionado um interruptor, desligando-o.

O restante dos convidados da sessão fizeram o mesmo, seus movimentos perfeitamente sincronizados. O grupo se dividiu ao meio, dando a Morrigan uma visão clara da extremidade oposta do terraço.

Ali, casualmente apoiado no parapeito em um terno cinza impecável, estava Ezra Squall. Ele sorriu e observou Morrigan durante vários instantes. Ela se manteve totalmente imóvel. Seu instinto mais básico era fugir dali correndo, mas não podia deixar Hawthorne, Jupiter e os outros.

— O que você fez com eles? — gritou ela, tentando ignorar o tremor em sua voz.

— É só um truquezinho de salão.

Squall estendeu as mãos — as palmas voltadas para baixo, dobradas como garras — e fez os dedos dançarem como um titereiro manipulando as cordas.

— Quer que eu te ensine?

Morrigan não respondeu. Seu coração estava disparado. Se ela estreitasse os olhos, podia ver o contorno fraco e tremeluzente do Diáfano em torno dele. Um halo sutil, quase invisível, de luz dourada.

Então ele ainda não estava aqui em Nevermoor. Não fisicamente. Era um alívio, mas não fazia nenhum sentido. Morrigan cruzou o terraço, parando a alguns metros de onde ele estava, tomando o cuidado de manter alguma distância entre eles.

— Como foi que você fez isso? — exigiu ela. — Você não pode fazer nada através do Diáfano, você mesmo me disse.

Squall juntou as mãos, como se fizesse uma prece, e levou-as à boca.

— Ah, mas veja só... esta é a grande maravilha cósmica da coisa. Não sou eu que estou fazendo. É *você*.

Morrigan tornou a olhar para o grupo atrás deles, imóvel e silencioso como esculturas. Ela sacudiu a cabeça; não havia a menor possibilidade de ela ter feito aquilo. Como poderia? Por que faria isso? Por onde sequer *começaria*?

Squall pareceu entender seu ceticismo.

— Não diretamente, claro. Mas *você* permitiu que o fabulânio se juntasse, juntasse e juntasse à sua volta, sem controle e sem uso. Essa energia precisa ir para algum lugar. Em vez de reunir e esgotar o fabulânio da maneira que um Fabulador deveria fazer, pelo uso regular e a prática das Artes Deploráveis, a energia que vem fluindo para você há muitos anos agora se juntou e provocou... bem, isso — disse ele, gesticulando para Morrigan com um sorriso perplexo. — Essa massa agitada, escaldante e insuportável. O fabulânio se cansou de esperar. Enquanto você não tem coragem para usá-lo, está permitindo que ele use você.

O rosto dele se abriu em um sorriso e ele inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos, como se para saborear o prazer de suas próximas palavras.

— Melhor ainda... você está *me* permitindo usar o fabulânio *através* de você.

A boca de Morrigan ficara seca.

— Não!

As palavras dele lhe pareciam uma acusação, e ela queria lançá-las para longe imediatamente. Como se fossem lama.

— Não, não estou. Isso é impossível.

— Sim, eu sei que é — disse Squall, os olhos acesos.

Sua risada suave e divertida rolou na noite tranquila, provocando um calafrio que desceu pelas costas de Morrigan.

— Isso não é *empolgante*? Aqui está você, iluminada como um farol, tão brilhante e descontrolada que basta um empurrãozinho pelo supostamente impenetrável Diáfano.

Ele fechou os olhos e se inclinou ligeiramente para a frente, pressionando as mãos estendidas contra o ar, e Morrigan pôde ver o levíssimo brilho de luz dourada que vazava do espaço entre os dedos dele. Mais do que isso, ela podia *sentir* o brilho. À medida que Squall empurrava o Diáfano, uma onda de pura energia, quente como o sol e com um leve zumbido, a atravessava em ondas.

— Desculpe — disse ele, sorrindo e estendendo as mãos —, você não acreditou *de verdade* que tinha a habilidade para fazer aquela arremessadorazinha de estrelas e os amigos dela virarem as armas contra si mesmos, não é? Ou para transformar o pequenino Magnifilhote em uma fera furiosa?

Ele deu uma gargalhada.

— E quando eu... quando cuspi fogo — disse Morrigan, engolindo em seco quando o gosto de fumaça e cinzas voltou à sua memória. — Foi você também? Você quem fez aquilo?

Uma sombra de incerteza cruzou o rosto de Squall.

— Não — disse ele. — Aquela centelha de fúria era toda sua. Mas foi o fabulânio que a desencadeou.

Ele fez uma pausa, refletindo por um momento.

— Fabulânio é ao mesmo tempo inteligente e impulsivo. Ele quer ser usado e dirigido pelas únicas pessoas nascidas com a habilidade de usá-lo e dirigi-lo, mas, se não tomarmos cuidado, se permitirmos que ele se expresse livremente, *ele nos usa*, e não o contrário.

Morrigan sacudiu a cabeça.

— Não entendo. O que você está dizendo?

— Estou dizendo que você cuspiu fogo porque o fabulânio *quis* que você cuspisse fogo.

Squall tinha uma expressão desconcertante e fanática nos olhos. Uma estranha sensação correu pela nuca de Morrigan. Ela estava sendo contagiada pelo entusiasmo dele pelo fabulânio, e isso a deixou um pouco enjoada.

— Estou dizendo que, por um momento brilhante e triunfante, você se tornou um dragão — prosseguiu Squall — porque o fabulânio se cansou de você ser um rato.

Morrigan soltou o ar bruscamente pelo nariz. Ela não gostava da ideia de que seu livre-arbítrio pudesse ser tirado dela por alguma força invisível e desconhecida que ela achava que jamais compreenderia completamente.

— Nunca se esqueça, srta. Crow: o fabulânio é um parasita — continuou Squall, sua voz suave flutuando pelo terraço. — O fabulânio é seu inimigo. Um vilão que nunca dorme e nunca descansa. Nunca esquece nem desiste. Ele sobrevive em um estado perpetuamente vigilante. Está sempre esperando que você baixe a guarda. Porque o Fabulador é sua única corda de ligação com o mundo real. Somos os canais através dos quais o fabulânio pode se fazer *real*, *vivo*.

Ele foi ficando alterado, andando de um lado para o outro — empolgado, agitado e um pouco ensandecido, pensou Morrigan.

— Imagine que você é um fantasma! — exclamou ele.

Sua voz elevada ecoou, ricocheteando no escuro. As palavras irradiaram pelos telhados vizinhos como seixos quicando na água.

— Vagando pelo mundo em que viveu, incapaz de falar com alguém, incapaz de tocar qualquer coisa. As pessoas olham através de você, passam através de você. Como se sentiria assim?

Morrigan sentiu uma ferroada no coração. Ela não precisava imaginar nada disso. Já havia experimentado isso no Natal passado, quando viajou até sua antiga casa, o Solar dos Corvos, pela Linha Diáfana. Uma casa cheia de gente, e ninguém, além de sua avó, podia vê-la ou ouvi-la. Seu próprio pai *havia* de fato passado através dela.

— Sozinha — disse ela baixinho. — Como... Como um nada.

— Precisamente. Como se estivesse observando o mundo por trás de um

painel de vidro. Até que um dia, do nada, você é *alguma coisa*. Você é alguma coisa porque alguém pode ouvi-lo. Alguém pode *ver*. Um amigo, finalmente! Um espírito afim! Alguém com quem se comunicar. *Amor verdadeiro*. Essa é a história do fabulânio e do Fabulador.

— Você acabou de dizer que o fabulânio é um inimigo — observou Morrigan, confusa.

— O que vem a dar no mesmo — disse ele, um toque gelado de impaciência transparecendo em seu verniz de calma. — O fabulânio é... obsessiva e perigosamente apaixonado pelo Fabulador. Essa energia tem que ir para algum lugar. Você se dá conta, srta. Crow, do quanto chegou perto da autocombustão este ano? Percebe que as coisas que eu fiz *salvaram a sua vida*? — Riu. — Para não mencionar os outros favores que lhe concedi.

— Favores?

Morrigan mal podia acreditar no que estava ouvindo.

— Sim, *favores* — retrucou ele. — Quem foi que ensinou à arremessadora de estrelas e seu namoradinho valentão uma lição que eles jamais esquecerão? Quem foi que tirou a tartaruga inútil e mentirosa do seu caminho? A propósito, de nada.

A sensação era de que alguma coisa pesada e terrível havia caído sobre o peito de Morrigan.

— O Mercado Macabro — disse ela em voz baixa. — Era você, então.

Ele inclinou a cabeça, fazendo uma pequena mesura.

— Ta-dã.

— Alfie e o professor Onstald... *Você* os levou. Para serem vendidos como nãonimais.

Ele revirou os olhos, voltando-os para cima.

— Céus, não. Isso seria um trabalho árduo demais. Tudo o que fiz foi mexer alguns pauzinhos.

Ele movimentou os dedos novamente.

— Você ficaria chocada com a facilidade com que as pessoas podem ser manipuladas. Mesmo dentro dos impenetráveis muros de sua preciosa Sociedade, consegui encontrar um par de mãos solícitas. Mas eu sempre tive um talento para encontrar o elo mais fraco da cadeia.

Morrigan franziu a testa.

— Alguém na Sociedade está *ajudando* você? Quem? — quis saber.

Squall permaneceu calado, deslizando os dedos sobre os lábios como se estivesse fechando um zíper.

Era uma ideia repugnante. Nem Baz Charlton se rebaixaria tanto. *Com certeza*.

Ela sacudiu a cabeça. *Recusava*-se a acreditar.

— Ah, não fique tão indignada — disse Squall, recostando-se novamente no parapeito, uma ruga marcando sua testa. — E não aja como se não estivesse satisfeita. Afinal de contas, eu fiz isso por *você*. Confesso que achei que você ficaria um pouco mais agradecida.

— Agradecida pelo quê? — disparou Morrigan. — Machucar pessoas não me *ajuda* em nada.

Um canto da boca de Squall se repuxou para cima.

— A Sociedade está numa posição confortável demais há um tempo longo demais. Eu queria que eles sentissem seus alicerces se abalarem um pouco. Admita, srta. Crow, não foi bom vê-los *tremer*?

Ele se inclinou para a frente, baixando a voz.

— Quando você cuspiu fogo, não houve uma parte minúscula e sombria de você que viu o medo nos olhos deles e gostou?

Morrigan não disse nada. Ela estava se lembrando daquele dia na Estação do Orgulho. Lembrando o monstro que havia crescido dentro dela. A fúria justa que percorrera suas veias como eletricidade e a transformara — por um único momento — na pessoa mais poderosa da Soculosa.

Ela ainda podia ver os rostos assustados na plataforma. Será que tinha *gostado* daquilo?, ela se perguntou. Será que uma pequena parte dela tinha *prazer* com a ideia de incutir o medo no coração de alguém... ao invés de ser aquela que estava sempre com medo?

Ela desviou o olhar, recusando-se a responder à pergunta de Squall.

— Sim. Foi o que pensei.

Seu sorriso era o de um chacal, faminto e perigoso.

— Fico feliz de ter lhe dado aquele vislumbre do seu *verdadeiro* eu. Embora eu deva admitir que estou surpreso em vê-la aqui conversando

comigo — continuou ele, olhando a silhueta de Nevermoor banhada pela luar. — Pensei que você sairia para fazer algum ato heroico. Pensei que se considerasse o tipo que "não deixa nenhum amigo na mão". Fico muitíssimo feliz por descobrir que eu estava errado.

Morrigan ergueu uma sobrancelha.

— O professor Onstald não é exatamente um *amigo* — disse ela. — De qualquer forma, a Furtiva está procurando por ele. Eles não precisam da minha ajuda.

— Eu não estava falando daquela coisa com carapaça.

O vento carregava a voz suave e divertida direto para os ouvidos de Morrigan.

— Eu estava me referindo aos outros abduzidos. A hipnotizadora e o oráculo.

— Cadence e Lambeth — sussurrou ela.

Morrigan sentiu um aperto no estômago.

— Você sequestrou Cadence e Lambeth — disse ela, um pouco mais alto. — Elas são minhas amigas. Como acha que isso vai me *ajudar*?

Squall deu uma risada sem humor.

— Não fui eu quem fez isso. Receio que minha marionetezinha na Sociedade, meu *par de mãos solícitas*, possa ter ficado um pouco gananciosa. Há pessoas poderosas, dentro e fora do Estado Livre, que pagariam praticamente qualquer preço para pôr as mãos em alguns dos talentos que são desperdiçados na Sociedade. Esses são dois dons muito úteis. E, se os rumores forem verdadeiros — prosseguiu ele, balançando-se nos calcanhares —, há um quarto item no leilão desta noite. Altamente cobiçado.

Havia uma sugestão de risada em sua voz.

— Talvez eu mesmo faça uma oferta — continuou. — Sempre quis um anjo para pôr no topo da minha árvore de Natal.

— Cassiel — disse ela baixinho, mas Squall não pareceu ouvir.

As mãos de Morrigan se fecharam inutilmente. Ela sabia que não podia lutar com ele. Não podia fazer nada contra ele. Ele sequer estava *aqui*.

— Você sabe onde fica o mercado — disse ela, lutando para manter a voz firme. — Sabe onde estão as minhas amigas. *Me fale*.

Squall inclinou a cabeça para o lado.

— Bem, sim. Esse é precisamente o motivo por que vim. Mas nada é de graça. Vamos fazer uma troca.

— O que você quer? — perguntou ela entre dentes.

Ele deu de ombros.

— O mesmo de sempre. Ensinar.

— Eu já disse. Eu *nunca* vou me unir a você. Você é um monstro e um assassino.

— Existem monstros — seus olhos faíscaram — e perigos bem maiores. Srta. Crow, temos um inimigo em comum que você sequer imagina. Se a Sociedade Fabulosa não tirá-la da coleira, se não lhe der a liberdade de crescer, de se tornar a Fabuladora que *preciso que você seja*... então coisas terríveis nos aguardam no futuro. A nós dois.

Morrigan olhou para ele, perplexa. *Inimigo em comum?* Ele era seu único inimigo.

— Então esta é a hora da sua terceira aula — continuou ele. — A Arte Deplorável do Inferno.

Ela sacudiu a cabeça, exasperada. Sentia uma fúria frenética e familiar crescendo dentro dela.

— Minhas amigas precisam de ajuda *agora*. Não tenho tempo para aprender truques!

Ela precisava descer desse terraço. Precisava encontrar Cadence e Lambeth antes que algo terrível acontecesse.

— Não — disse Squall numa voz baixa e feroz, afastando-se do parapeito e dando dois passos calculados adiante.

Morrigan ouviu o círculo da sessão espírita se mover, mas não se virou. Não queria desviar os olhos dele nem por um segundo.

— Eu concordo. Seu tempo está se esgotando. O fabulânio que está se reunindo à sua volta está ficando desesperado. Ele alcançou a massa crítica e, a menos que você possa canalizá-lo, dar-lhe um propósito, ele vai *queimá-la de dentro para fora* — continuou e olhou furioso para Morrigan, seus olhos negros um reflexo dos dela. — Mas, se a ameaça à sua vida não é suficiente, fico feliz em fornecer uma motivação extra.

Ele fez um gesto sutil e, sob seu comando, o grupo reunido atrás dela

avançou em sincronia — passando por Morrigan, passando pelo próprio Squall e parando junto ao parapeito, um ao lado do outro, olhando para a escuridão.

Morrigan lembrou-se da primeira vez que viera ao Hotel Deucalião, no Amanhecer, o primeiro dia da Era Nova. Aquela fora uma ocasião festiva e terminara — para seu assombro — com todos os convidados subindo no parapeito, as sombrinhas erguidas acima da cabeça, e dando um salto de fé no terraço. Dando um passo com coragem! Cada um deles havia flutuado, descendo, descendo e descendo, por treze andares até aterrissar no chão sãos e salvos.

Como se ele pudesse ver a imagem que ela tinha na mente, Squall levantou ambas as mãos em um movimento rápido e súbito. Morrigan arquejou quando, em um movimento brusco, o grupo inteiro saltou e apoiou os dois pés no parapeito.

Squall virou-se e sorriu para ela.

— Você acha que eles trouxeram as sombrinhas?

— Pare... Não! Hawthorne, desça daí. *Desça*. Jupiter!

Ela correu e puxou Hawthorne pela mão, depois puxou Jupiter, tentando trazê-los de volta ao terraço, mas eles não se mexiam. Ela girou para encarar Squall, frustrada e furiosa.

— Por que está fazendo isto?!

— Eu já disse — falou ele, tão baixo que ela teve de se aproximar para ouvi-lo acima do ruído do sangue correndo em seus ouvidos. — É *você* que está fazendo. Se você fosse metade da Fabuladora que deveria ser a essa altura, eu não poderia explorar seu poder assim. Você precisa entender: sua falta de controle este ano me foi muito útil como uma janela para Nevermoor e, ao *ensinar* você como controlá-lo, ao ensinar qualquer coisa a você, eu provavelmente estou fechando essa janela para sempre. Mas a diversão acabou. Meus planos de longo prazo são muito mais importantes, e *preciso de você viva*.

— Deixe que voltem ao normal — disse Morrigan, moendo as palavras entre os dentes, tentando fazer seu pânico soar como ira, fechando as mãos e apertando com força.

— Com prazer — disse Squall em voz baixa e calma. — Também vou

mostrar onde suas amigas estão, como prometido. Mas, primeiro, você deve canalizar parte desse fabulânio excedente para o aprendizado da Arte Deplorável do Inferno. Caso contrário, você, eles — apontou a fila de sonâmbulos involuntários no parapeito —, o oráculo, a hipnotizadora, o anjo e o professor podem todos ter um fim espetacularmente desagradável hoje à noite. A escolha é sua, srta. Crow.

Morrigan não disse nada. Ela não conseguia falar. Algo dentro dela parecia pesado e quente. Ela levou a mão ao peito, sua respiração saindo em rajadas irregulares.

— PRONTO! — gritou Squall, apontando para ela, seus olhos subitamente delirantes. — Pronto. Essa sensação. Esse fogo em seu coração, essa centelha de raiva e medo. Concentre-se nela. Sinta-a. A raiva trêmula e ardente dentro de você... ISSO é Inferno.

"Agora feche os olhos e imagine que sua mão entra no próprio peito. Imagine que você fecha a mão em torno dessa chama e a segura entre os dedos como uma gaiola. Feche os olhos. AGORA."

Com relutância, Morrigan fechou os olhos com força. Podia vê-la em sua mente: era mais do que uma faísca, era uma fogueira. Inflamando-a de dentro para fora, introduzindo-se em seus pulmões e queimando no fundo da garganta. O gosto de cinzas. Ela sacudiu a cabeça, cerrando os punhos.

— Eu não consigo.

— Você consegue — insistiu Squall. — Você é uma Fabuladora. Você controla esse fogo. Ele encolhe e cresce sob *seu* comando. Você só precisa decidir se ele vai acender uma vela ou queimar uma cidade.

Morrigan continuava a ver mentalmente: um farol de resplandecentes chamas douradas queimando atrás de sua caixa torácica. Ela imaginou-se fechando os dedos em torno dele exatamente como Squall disse — controlando-o, extinguindo-o delicadamente. O fogo sibilou, e Morrigan imaginou faíscas cintilantes de fabulânio disparando do espaço entre seus dedos como pequenos fogos de artifício. Ela se encolheu.

— Se você sente medo dele, então não o tem sob o seu *controle* — gritou Squall. — Você não é um *rato*, Morrigan Crow. Você é um *dragão*. Agora abra os olhos. Concentre-se. E *respire*.

Morrigan obedeceu. Subindo de seus pulmões, ardendo, veio um sopro

semelhante a um vento no deserto. Não era a bola de fogo selvagem e incontrolável que quase consumiu Heloise aquele dia na Soculosa. Finalmente era algo que Morrigan podia controlar.

Naquele instante, ela soube o que fazer. Ela sabia que o fabulânio a obedeceria.

Com o olhar fixo em uma única vela cônica preta, Morrigan soprou um fino fio de fogo, calculado e preciso. Encontrou o alvo. O pavio se inflamou, ganhando vida — e, como se estivessem esperando um sinal, aguardando a permissão de Morrigan, as centenas de velas apagadas que cobriam o terraço acenderam-se novamente, em perfeita harmonia. O terraço se encheu de um brilho quente e trêmulo.

Uma risada surpresa escapou da boca de Morrigan.

Ela havia feito isso. Não ele.

Ela virou-se para Squall. A luz do fogo se refletia nos olhos escuros do Fabulador e, embora ele não sorrisse, a expressão de sombria satisfação era inconfundível.

Ele começou a cantarolar. Apenas algumas poucas e doces notas, que mal podiam ser reconhecidas como uma canção, mas suficientes para provocar um formigamento na nuca de Morrigan. O som foi respondido por um uivo longo e apavorante em algum lugar na escuridão.

— Fiz o que você queria — disse Morrigan olhando-o com cautela. — Nós fizemos um trato. Você disse que me diria onde minhas amigas estão.

— Na verdade, não — replicou Squall. — Eu disse que *mostraria* onde suas amigas estão, e pretendo cumprir essa promessa.

Com outro movimento rápido e cuidadoso de Squall, as pessoas no parapeito saltaram para trás de volta ao terraço. Elas retornaram, sem expressão, às suas posições originais no círculo da sessão. Outro uivo atravessou o ar. Morrigan pensou que parecia vir de algum lugar bem abaixo deles, lá na rua.

— Vamos?

Ele inclinou a cabeça na direção da borda do terraço, como se pretendesse que os dois pulassem e voassem até o Mercado Macabro.

Morrigan soltou uma meia-risada incrédula.

— Você é maluco? Eu não vou a *lugar nenhum* com você. Você vai me

dizer onde estão Cadence e Lambeth.

Ele sacudiu a cabeça brevemente.

— Acho que não.

Outro uivo vindo lá de baixo — mais perto desta vez. Parecia vir do pátio do hotel. E havia mais alguma coisa. O relincho de um cavalo e cascos batendo na pedra.

— Eu *não* vou com você — repetiu ela. — Você acha que sou idiota?

— Sim. Acho que você é precisamente o tipo de idiota que faria algo estúpido para salvar os amigos.

O sorriso de Squall era de pena.

— E vou provar.

Ele fez um pequeno gesto casual com a mão esquerda e então...

Tudo aconteceu rápido demais para Morrigan sequer pensar.

Hawthorne de repente saiu correndo do lugar que ocupava no círculo paralisado, indo para a borda do terraço à toda velocidade.

— Hawthorne, *não*! — gritou ela.

Dominada pelo instinto e pelo terror, Morrigan disparou atrás dele sem nem sequer tomar a decisão consciente de fazê-lo. Ela estendeu a mão para alcançar Hawthorne no momento exato em que ele pulou bruscamente no parapeito e, agarrando a parte de trás do casaco do amigo, foi puxada para a frente com ele. Juntos, despencaram do terraço e começaram a cair, cair, cair, os gritos de Morrigan abafados por almofadas do frio ar outonal.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Traidor

Era como se o solo estivesse se elevando, vindo ao encontro deles.

Morrigan fechou os olhos enquanto eles caíam à toda velocidade e, ainda segurando o casaco de Hawthorne, como se isso pudesse de alguma forma salvar os dois, ela esperou o momento do impacto. Esperou quebrar todos os ossos do corpo quando atingisse o pátio do hotel.

Esse momento não chegou.

Um coro de uivos irrompeu da escuridão abaixo. Relinchos estridentes, um estrépito de cascos. Os olhos de Morrigan se abriram repentinamente, bem a tempo de ver cem olhos ardentes a encarando, e as figuras sombrias de cavalos, cães e caçadores emergindo de uma nuvem turbulenta de fumaça.

Morrigan e Hawthorne não colidiram com o solo. Não pousaram, não perderam nem um segundo de impulso. Caíram na nuvem escura e amorfa formada pelos Caçadores de Fumaça e Sombra, e nunca tocaram o chão. Morrigan se viu mais uma vez montada em um cavalo-sombra, galopando pelas ruas quase desertas de Nevermoor a uma velocidade tamanha que era impossível registrar para onde estavam indo. Ela olhou para o lado e viu Hawthorne no cavalo perto do dela. Morrigan se perguntou se alguma parte dele entendia o que estava acontecendo, se, em seu estado de marionete, ele podia sentir o mesmo terror que ela.

Quando finalmente pararam, abalados porém inteiros, eles deslizaram de suas montarias, sentindo por fim o chão sólido sob os pés. A névoa escura que os cercava e protegia se dissipou, revelando um imponente edifício de pedra. Gravadas na pedra, acima do grande arco de entrada, havia cinco palavras que fizeram o coração de Morrigan se afligir.

O MUSEU DE MOMENTOS ROUBADOS

Ela se inclinou para pegar Hawthorne no momento em que ele desabava no chão, tentando apoiá-lo e mantê-lo na posição vertical.

— Você está bem?

— Eu... acho que sim. Sim.

Ele estava tonto, mas pelo menos parecia ser ele mesmo novamente.

— O que... o que aconteceu? Onde estamos?

Os Caçadores de Fumaça e Sombra recuaram, mas não foram embora. Seus olhos vermelhos incandescentes espiavam da escuridão enquanto eles se escondiam nos arredores, semiocultos e vigilantes. Morrigan olhou ao redor, procurando algum sinal de Squall, mas eles pareciam estar sozinhos.

Ela ergueu os olhos para o museu. A porta estava aberta e o barulho chegava até eles vindo do interior do prédio. Risos e conversas. O tilintar de taças de champanhe.

— Foi aqui que Ezra Squall me trouxe antes. Acho que descobrimos onde o Mercado Macabro está sendo realizado esta noite.

Hawthorne emitiu um estranho som, como se estivesse engasgando.

— *Como?*

— Squall — sussurrou ela. — Ele estava no terraço durante a sessão espírita... Você se lembra de alguma coisa?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não sei. Lembro que nos levantamos para sair. A gente estava rindo. E depois... é como se de repente eu tivesse começado a sonhar. Havia alguma coisa na minha cabeça, como uma voz estranha, mas eu estava calmo. Eu só queria ir dormir.

— Era ele. A voz em sua cabeça era Squall.

Hawthorne adquiriu uma palidez fantasmagórica ao ouvir isso, mas Morrigan continuou.

— Ele fez você pular do terraço, e eu tentei segurá-lo, mas nós dois caímos, e os Caçadores de Fumaça e Sombra nos pegaram e nos trouxeram até aqui. Hawthorne, o Mercado Macabro está acontecendo *dentro deste prédio*, e eles estão com Cadence, Lambeth e o professor Onstald... É tudo obra de Squall e...

— Vão embora daqui! — soou um sussurro rouco que fez os dois pularem. — Xô!

Uma figura solitária emergiu do museu e vinha correndo, descendo os degraus na direção deles. Morrigan preparou-se para fugir, agarrando o braço de Hawthorne, mas ele a deteve.

— Acho que é Mildmay — sussurrou ele, e depois um pouco mais alto: — Mildmay! A Furtiva já está aqui? Eles encontraram...

— Vocês têm de fugir — disse Mildmay em voz baixa ao se aproximar.

Ele pegou os dois pelos braços e começou a levá-los dali, olhando por cima do ombro para a porta aberta do museu. Morrigan sentiu uma onda de alívio, mesmo estando confusa. Eles não teriam de lidar com isso sozinhos. Se alguém da Sociedade estava ali, a ajuda já devia estar a caminho. Mildmay parou quando alcançaram as sombras.

— Deem o fora daqui, *agora*.

— A Furtiva está lá dentro? — insistiu Morrigan, tentando ver por cima do ombro dele. — Estão encerrando? Eles disseram que mandariam um mensageiro buscar Jupiter quando...

— Por favor, srta. Crow, vocês têm de ir embora *agora*. A senhorita não faz ideia do perigo que está correndo. Se alguém a vir... se ele souber que você está aqui...

— Se quem souber?

— O Fabulador — sibilou Mildmay. — Você não percebe? Ele está tentando atraí-la para cá, ele queria que eu mesmo a trouxesse, mas eu... eu não pude. Eu não faria mais isso.

A cabeça de Morrigan estava girando.

— Squall queria que *você* me trouxesse aqui? Por que ele... O que quer dizer com você não faria mais...

Ah.

O queixo de Morrigan caiu e a boca ficou escancarada.

Minha marionetezinha na Sociedade, dissera Squall. *Meu par de mãos solícitas*.

— Você! É você quem vem ajudando Squall esse tempo todo.

Hawthorne ofegou, emitindo um leve ruído. Mildmay parecia estar passando mal. Suando e levemente esverdeado, ele tremia. Mas não negou.

— Srta. Crow... por favor.

Ele reprimiu um choramingo.

— Precisa acreditar em mim, eu sinto muito pelo que eu... pela minha participação em...

Ele torcia as mãos, a testa enrugada como um cachorrinho. Morrigan achou que ele parecia genuinamente transtornado. Mas será que estava transtornado com o que tinha feito, perguntou-se ela, ou apenas com o fato de ter sido descoberto?

— Eu nunca... nada disso foi ideia minha! Squall, ele me forçou.

Ele correu a mão pelos cabelos, o queixo tremendo e os olhos lacrimosos de uma forma que fez Morrigan sentir repulsa em vez de pena.

— Eu fui fraco — continuou ele. — Admito. Eu estava dominado pela amargura e pelo ciúme. Todos sabem que sou o mais fraco da minha unidade. O chato. *Garoto do mapa*, é como sempre me chamaram.

O rosto dele se distorceu, transformando-se em algo feio.

— Eu queria ser importante. Então, quando o Fabulador me procurou, quando pediu a minha ajuda... a *minha*, de todas as pessoas!... pensei ter encontrado uma forma de me vingar deles. Squall é o homem mais poderoso da República do Mar Invernal! Ele me prometeu um lugar em seu império, uma posição no seu lado direito... como eu poderia recusar? — Ele fez uma pausa. — No começo, tudo que eu precisava fazer era passar pequenas informações. Eu não sabia que alguém ia se machucar. Você tem de acreditar em mim.

— Que tipo de informação?

— Talentos raros. Quem os tinha. Onde moravam, sua rotina diária, esse tipo de coisa. Quando eles... — Suas próximas palavras foram quase inaudíveis. — ... quando provavelmente estariam sozinhos.

— Em outras palavras, quem sequestrar e como sequestrá-los — disse Morrigan, e sua voz estava trêmula de raiva.

Mildmay esfregou a parte posterior do pescoço, sem conseguir ainda olhar para ela.

Hawthorne produziu um estranho ruído abafado. Sua mandíbula estava se movendo, tensionando e relaxando, e Morrigan pôde ver que ele estava tentando conter sua fúria. Hawthorne era a pessoa mais leal que ela conhecia.

— Você providenciou para que eles fossem capturados pelos Homens-

Ossos e postos à venda — sibilou ele para Mildmay. — Você me dá nojo.

Mildmay parecia angustiado.

— *Por favor*... vocês não veem que estou tentando ajudá-los? Morrigan, o Fabulador queria que eu pegasse você também. Mas eu recusei. Eu não podia fazer isso com você, não com a minha melhor aluna. E me recusei a continuar trabalhando para ele. É por isso que estou aqui! Eu sabia que ele tentaria atraí-la ao Mercado Macabro esta noite, então estava esperando aqui do lado de fora, esperando para detê-la. Eu não podia deixá-los vender você também, eu só...

— Mas ia deixar que vendessem Cadence! E Lambeth! — gritou Morrigan, depois baixou a voz para um sussurro áspero. — Como você *pôde*, Mildmay?

O jovem professor soluçou e seus olhos eram suplicantes.

— Eu sinto muito. Não sei explicar. Eu só estava... Estava cansado de ficar de fora, srta. Crow. Você conhece esse sentimento, não é? De ser diferente. Nós somos iguais, você e eu, nós...

— Morrigan não tem nada igual a você! — disse Hawthorne furioso para Mildmay, que se encolheu. — Ela jamais trairia os amigos.

O professor caiu de joelhos tremendo, e cobriu o rosto com as mãos. Vários momentos se passaram em quase silêncio, os soluços abafados que sacudiam o seu corpo o único som além de um distante zumbido de conversa civilizada vindo do interior do museu.

E então... o som de palmas.

— Bravo, Henry — soou uma voz suave na escuridão. — Bela performance.

Mildmay levantou-se tresloucado, girando o corpo para ver quem havia falado. Seus olhos se arregalaram quando Ezra Squall entrou na área iluminada, um sorriso sinistro curvando um canto da boca. Suas palmas ecoavam na rua. Morrigan sentiu que Hawthorne se aproximava dela e enfiava as unhas em seu braço, e ouviu sua respiração se acelerar. Como ele não se lembrava de nada do que tinha se passado no terraço, essa era, ela percebeu, a primeira vez que seu amigo ficava de fato cara a cara com o Fabulador.

— Ele veio aqui pela Linha Diáfana — sussurrou ela para Hawthorne,

estreitando os olhos para ver o revelador halo de luz tremeluzente que circundava Squall e tentando demonstrar mais coragem do que sentia. — Ele não pode nos tocar.

— Tá, mas os Caçadores dele podem — observou Hawthorne, mal movendo a boca.

Como se seguisse uma deixa, um rosnado baixo veio das sombras que os cercavam. Morrigan estremeceu.

Squall assoviou baixinho, e os lobos apareceram. Eles rodearam Mildmay, o pelo preto como piche e os olhos parecendo brasas ardentes, e o professor se acovardou, afastando-se deles, um homem encolhido.

Squall lhe dirigiu um olhar debochado.

— Henry adoraria que você acreditasse que ele estava tentando salvá-la do leilão, srta. Crow, mas ele sabe que eu não a trouxe aqui para ser vendida. Ele sabe que eu montei todo esse acontecimento para que *você* pudesse ser a heroína que o encerrou. Para que possa finalmente se tornar a Fabuladora que todos temem que você se torne. Você precisa ter permissão para começar a usar os poderes com que foi dotada — disse Squall, levantando a voz ainda mais —, antes que o fabulânio que você vem acumulando fique tão entediado quanto eu e SUFOQUE VOCÊ ATÉ A MORTE.

Morrigan deu um pulo ao ouvir essas palavras estridentes. Seu coração batia em algum lugar na região da garganta.

— Por favor, Morrigan — implorou Mildmay, seus olhos vermelhos e inchados. — Não dê ouvidos a ele. Corra. Apenas *fuja*.

— Ah, muito bem, sr. Mildmay, muitíssimo bem.

Squall soltou uma gargalhada estridente que mais parecia a de um louco.

— Nosso *Henry* aqui decidiu que é contra seus interesses permitir que você encerre as funções do Mercado Macabro, srta. Crow. Tornou-se uma bela fonte de renda para você, não é, meu garoto? Você está construindo uma reputação e tanto entre os mais ricos e mais nefastos de Nevermoor. Não gostaria de decepcioná-los, não é? — Squall fez uma pausa, virou-se para olhar diretamente para Morrigan e falou devagar. — Compreende o que estou dizendo, srta. Crow? Ele. Está. Tentando. Impedir. Vocês. De.

Entrarem. Ele pretende mantê-los aqui até o leilão terminar e a venda de seus amigos lhe render uma bela remuneração. Ele fica com uma porcentagem de cada venda.

Morrigan observou Mildmay atentamente. À medida que Squall falava, uma estranha transformação ocorria. O rosto infantil e manchado de lágrimas do professor — perturbado pela angústia e vermelho de tanto chorar — começou a relaxar. Ele enxugou os olhos com as mangas da camisa. Com uma grande e dramática fungada, seu rosto se abriu em um sorriso familiar, levemente encabulado.

Era Mildmay que estava ali, pensou Morrigan, um calafrio descendo por seu pescoço. No entanto, de alguma forma, não era Mildmay. De alguma forma, era como olhar para um completo estranho.

Ele deu uma risadinha. Consultou o relógio em seu pulso. *Deu de ombros*.

— Bem, isso já deve ter sido suficiente — falou, a habitual energia retornando à sua voz. — A essa altura, acho que eles já devem ter sido vendidos. Obrigado pelo seu tempo, srta. Crow. Você sempre foi minha aluna mais solícita.

Ele fez uma reverência profunda, ainda rindo.

Morrigan sentiu lágrimas quentes e furiosas surgirem em seus olhos. Ela não conseguia falar; mal conseguia pensar. Ela arreganhou os dentes e, com um rosnado como o de um animal enfurecido, lançou-se sobre Mildmay, derrubando-o.

— Traidor! — gritou ela e se lançou sobre ele novamente, não se importando mais que alguém ouvisse.

Ela podia quase sentir a raiva fervendo em suas veias.

Hawthorne se pôs entre eles, tentando afastá-la.

— Devo lembrá-la de que esta não é uma das provas bobinhas da Sociedade, srta. Crow — disse Squall, que se mantinha afastado deles, atendo-se às sombras. — Esta é a vida real. Se você fracassar, haverá consequências reais. Tique-taque.

Respirando fundo várias vezes, Morrigan olhou de Mildmay, esparramado no chão, para Hawthorne, de olhos arregalados, e para o Museu de Momentos Roubados. O som de murmúrios vindo do interior

do prédio havia se aquietado um pouco. Seria tarde demais?

— Hawthorne. Vamos.

— Mildmay vai fugir — disse ele. — Temos que buscar a Furtiva e...

— Temos que pegar Cadence, Lambeth e os outros.

Ela olhou para Mildmay, que de repente parecia em pânico.

Um rosnado profundo e reverberante encheu o ar. Os Caçadores de Fumaça e Sombra estavam emergindo da escuridão.

Os dois amigos correram. Somente quando chegaram aos degraus do museu Morrigan olhou para trás, virando-se ao ouvir o som de um uivo repentino e sobrenatural. Em meio à escuridão, ela viu cem olhos vermelhos, queimando como fogo.

— Vou cuidar do nosso querido amigo Henry — ecoou a voz fria de Squall vinda das sombras. —Não se preocupe.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O Leilão

Eles subiram correndo a escada até o saguão na entrada do museu. Estava vazio de pessoas e mobiliário, exceto por uma mesa de máscaras, como no último mercado. Morrigan pegou a primeira que viu — um demônio gritando — e rapidamente a passou pela cabeça.

— Aqui — sussurrou ela, entregando uma cintilante máscara de bobo da corte a Hawthorne. — Ponha isto, rápido.

— O que você acha que vai acontecer com ele?

O sorridente rosto de borracha não conseguia disfarçar a tensão em sua voz.

— Quem? Mildmay? — replicou Morrigan, tentando ao máximo parecer indiferente ao destino daquele que antes era seu professor favorito, e olhando de relance para a porta aberta. — Nada de bom.

Eles seguiram o som de vozes até uma antecâmara que levava ao salão principal. Morrigan estava desesperada, querendo atravessar correndo a sala até a próxima, onde achava que o leilão estava acontecendo, mas sabia que era melhor não chamar atenção. Havia convidados mascarados espalhados por todos os cantos, bebendo, rindo e parando de vez em quando para admirar um globo como se fosse arte.

Era surpreendentemente fácil de se misturar, apesar de Morrigan ser pelo menos uma cabeça mais baixa do que todos ali presentes. Felizmente, Hawthorne havia crescido como capim no último verão, e seus ombros estavam mais largos do que ela lembrava, provavelmente por causa das muitas horas de treinamento montando dragões. Isso o deixava quase da mesma altura de alguns dos adultos, para alívio de Morrigan.

— Que *loucura* — sussurrou Hawthorne por trás da máscara enquanto atravessavam a sala o mais lenta e calmamente que conseguiam. — Quero dizer, esses globos... Quando você sabe o que são... Eles só...

Morrigan sentia-se enjoada demais para responder. Como não vira a verdade sobre este lugar imediatamente, ela se perguntou? Algumas das cenas dentro do vidro eram tranquilas e sutis, fáceis de interpretar equivocadamente, mas havia também cenas de morte e destruição inconfundíveis. Uma debandada de elefantes levantando poeira enquanto se lançavam em direção a um poço natural cheio de animais selvagens. Uma onda gigante se erguendo, prestes a dizimar um vilarejo inteiro. Um campo de batalha lamacento e coberto de sangue com balas de canhão em pleno ar. Morrigan sacudiu a cabeça.

— Maravilhoso — disse, pensativo, um homem corpulento de smoking examinando um globo próximo. Ele usava uma máscara branca inexpressiva que o fazia parecer a própria morte. — Tudo real, sabe. São pessoas de verdade aí dentro.

Ele bateu no vidro, espiando o interior como se fosse uma jaula no zoológico.

— Capturadas no momento imediatamente anterior à sua morte. O leiloeiro me disse. Coisa extraordinária.

— Ah. Curioso — reagiu a mulher que o acompanhava, apenas levemente interessada. — Você acha que eles podem nos ouvir?

— Boa pergunta.

Ele bateu no vidro novamente. Um grupo havia se reunido ao redor dele agora, assistindo.

— Ei, você aí dentro, camarada morto, está me ouvindo? Pisque uma vez para sim, duas vezes para não.

O grupo gargalhou como se ele tivesse feito uma piada tremendamente engraçada.

— Camarada que está morrendo, você quer dizer — disse a mulher com uma risadinha obscena. — Não totalmente morto ainda, com certeza. Essa é a graça!

Morrigan sentiu o estômago revirar. Com Hawthorne puxando-a insistentemente pelo cotovelo, ela continuou andando, fitando resolutamente o espaço à frente, determinada a não olhar a cena dentro do globo. No entanto, quando chegaram à porta que levava ao salão principal, ela não se conteve e olhou para trás.

Era um adolescente, de dezesseis ou dezessete anos, vestindo jaqueta de brocado e botas pretas de cano alto. Ele andava a cavalo por uma rua calçada de pedras, e talvez sua montaria tivesse se assustado ou algo assim, pois estava empinando, o branco dos olhos aparecendo. O garoto parecia igualmente aterrorizado. Ele fora jogado da sela e estava prestes a aterrissar nas pedras em um ângulo tão estranho e com tamanha violência que qualquer um podia ver...

Morrigan engoliu em seco, piscando para reprimir as lágrimas.

Ela não podia suportar. O nojo, a injustiça de tudo aquilo — do Museu de Momentos Roubados, da traição de Mildmay, do próprio Mercado Macabro. Morrigan tinha a sensação de que havia uma criatura selvagem dentro dela cravando as garras em sua carne, querendo sair. As palavras de Squall ecoaram em seus ouvidos.

Você não é um rato, Morrigan Crow. Você é um dragão.

Ela queria ajudar aquelas pessoas aprisionadas na morte. Queria que Mildmay fosse levado à justiça. Queria se libertar, queria acabar com o horror deste lugar, queria fazer aqueles idiotas mascarados *pararem de rir* — mas tinha de engolir o impulso, fechar sua raiva com uma tampa bem apertada.

— Cadence e Lambeth — sussurrou para si mesma. — Você está aqui pelas suas amigas. Não se distraia.

Morrigan fechou os olhos e imaginou enfiar a mão no próprio peito e aprisionar o fogo que vivia ali, reduzindo gentilmente seu calor. Só um pouco.

As almas perdidas do museu teriam de esperar.

Hawthorne deixou escapar um arquejo audível quando entraram em um segundo salão muito maior. Ele tentou disfarçá-lo como tosse enquanto apontava sutilmente para o teto. Morrigan olhou para o alto, cheia de pavor.

O salão fora organizado para destacar os itens à venda, elevados em plataformas altas de modo que pudessem ser vistos por toda a multidão — e para que não pudessem escapar. A única maneira de descer as

plataformas que Morrigan percebia era por meio de um sistema de correntes pesadas e polias, cada uma delas assistida por um par de seguranças brutamontes com máscaras de caveira.

Assim como Alfie em seu aquário gigante, cada um deles fora transformado na peça central de uma exposição grotesca, uma zombaria de seus talentos raros. O professor Onstald, na extremidade mais distante, encontrava-se acorrentado ao ponteiro dos minutos de um relógio gigante, no momento posicionado no que seria a casa dos cinquenta e cinco minutos, de modo que, pelo menos por enquanto, ele estava numa posição quase vertical. Morrigan se perguntou por quantas horas ele estaria lá e quantas rotações do mostrador do relógio ele já havia completado, o sangue correndo desconfortavelmente para a cabeça e descendo o tempo todo. Por quanto tempo ele aguentaria?

Cadence, em uma plataforma encostada na parede à direita, havia sido vestida com sedas esvoaçantes de um púrpura radiante e muitas joias de ouro pesadas. Ao lado dela, havia uma enorme lâmpada dourada, e Morrigan piscou, tentando entender o que estava vendo.

— Argh. Eles a vestiram como um *gênio* — disse Hawthorne, indignado. — É isso que eles acham que é um hipnotizador? Alguém que sai por aí concedendo desejos, obedecendo ordens? Eles obviamente não conhecem Cadence.

Morrigan de repente se deu conta de que em algum momento Hawthorne começara a se lembrar de Cadence. Ela se perguntou o que havia mudado. Seriam as aulas de *Reconhecendo o Hipnotismo*, que por fim estavam tendo resultado? Ou porque ele e Cadence finalmente se tornaram — pode-se dizer — amigos?

Hawthorne esticou o pescoço para correr o olhar pelo salão.

— Ah! Olhe... Lá em cima. É ele? Aquele que Jupiter está procurando?

Ele estava olhando quase diretamente acima deles, onde um anjo (*ser celestial*, corrigiu-se silenciosamente Morrigan) parecia estar pairando em pleno ar. Um olhar mais atento, porém, revelava que ele estava preso com uma corda pesada na junção das asas. Ele pendia do teto, a envergadura das asas exposta à força em toda a sua plenitude, as mãos amarradas às costas. Pendendo de fios de arame à sua volta e girando, havia nuvens

falsas feitas de compensado recortado coberto de bolas de algodão, como o cenário de uma peça de quinta categoria.

Morrigan piscou. Não era Cassiel. Morrigan não tinha ideia de como era Cassiel, mas sabia que não era ele.

Porque quem estava ali era Israfel.

Ela sacudiu a cabeça. Não havia tempo para pensar sobre isso agora.

— Eles amarraram as mãos de Cadence — observou Hawthorne, franzindo a testa. — E selaram sua boca com fita. Estão tentando impedi-la de hipnotizá-los?

Morrigan viu que ele tinha razão — e que a boca de Israfel também estava vedada com fita para impedi-lo de escapar por meio da música.

No outro extremo do salão, a multidão estava migrando da área sob a plataforma de Onstald para a de Lambeth, que se encontrava sentada em um trono no centro de sua plataforma usando uma elaborada coroa de ouro grande demais para sua cabeça. Seus olhos fitavam arregalados os participantes do leilão lá embaixo, e ela agarrava os braços do trono como se fossem a única coisa que a mantinham flutuando em um oceano cheio de tubarões. Ela sussurrava alguma coisa sem parar.

Morrigan estreitou os olhos, tentando distinguir o que ela estava dizendo. Seria uma oração? Um pedido de ajuda? Algo apertou o coração de Morrigan. *Pobrezinha da Lambeth, tão apavorada*.

— Aproximem-se, senhoras e senhores, reúnam-se aqui — gritou o leiloeiro.

A voz que atravessava a sala era alegre como a de um avô, mas, apropriadamente, ele usava a máscara de um lobo.

A voz de Lambeth foi ficando mais alta, o pânico mais evidente, enquanto ela repetia sua fala sem sentido. Morrigan *agora* conseguia entender as palavras.

— Conjurando. Morrendo. Congelando. Queimando. Voando — dizia ela, repetindo sem parar, tremendo em seu trono. — Conjurando. Morrendo. Congelando. Queimando. Voando.

Hawthorne franziu a testa.

— O que isso quer dizer?

— Antes de abrir os lances para nosso último item, devo, mais uma vez,

agradecer a vocês por terem vindo ao nosso humilde leilão. Vocês são as pessoas mais ricas e mais maléficas que poderíamos pensar em convidar, e por esses dois motivos é maravilhoso recebê-los aqui.

Ouviram-se risadas e uma longa salva de palmas por essa piada horrível. Morrigan sentiu Hawthorne apertar seu braço, e se perguntou se ele estava lhe dizendo para não reagir, ou tentando se controlar para ele mesmo não reagir.

— Último item — sussurrou ela para ele, sentindo um aperto no peito. — Então eles já venderam os outros.

De fato, os seguranças da plataforma de Cadence começavam a baixá-la, puxando a enorme corrente de metal.

O pânico agarrou Morrigan como uma mão imensa e gelada. O que eles deveriam fazer? O que *poderiam* fazer? Se corressem para ajudar Cadence, eles se denunciariam e deixariam Lambeth jogada à própria sorte. Se fossem ajudar Lambeth… bem, ainda que pudessem dar um jeito de alcançá-la, Cadence teria sido levada antes que eles pudessem chegar até *ela*. E quanto a Onstald? E Israfel?

Ela nunca tinha se sentido tão impotente. Squall havia tramado tudo isso, ele a colocara nessa posição terrível, porque esperava que ela fizesse uso de seu conhecimento das Artes Deploráveis. Mas de que serviam seus talentos insignificantes aqui? Ela podia conjurar fabulânio. Ela podia *acender algumas velas*... Mas fora Squall quem enfrentara o ataque do Quinteto Charlton; fora Squall quem transformara o Magnifilhote. O que Morrigan poderia fazer?

Você pode conjurar fabulânio, disse a si mesma. *Você pode fazer isso. Comece por aí.*

— *Quem nasce no Alvorecer traz uma doce mensagem* — começou a cantar baixinho, a voz falhando.

Hawthorne virou-se para olhá-la, alarmado.

— *Quem nasce no Escurecer é perverso e selvagem...*

— Morrigan...?

— *Shhh*.

Morrigan fechou os olhos. O fabulânio não estava respondendo. Ela não conseguia senti-lo. Por que não estava *funcionando*?

— *Quem nasce no Alvorecer chega com a luz da aurora.*

O leiloeiro com a máscara de lobo entretia a multidão.

— Vocês aguardaram pacientemente por este item, eu sei, e sua considerável e revoltante riqueza sem dúvida está clamando em seus bolsos para ser usada...

— *Quem nasce no Escurecer traz tempestade toda hora...*

— ... então, vamos começar. Permitam-me apresentar nosso item mais esperado na história do Mercado Macabro: Sua Alteza Real, a Princesa Lamya Bethari Amati Ra.

Morrigan parou de cantar. Hawthorne ficou completamente imóvel.

Princesa quem?

— Membro da Casa Real de Rá, de Sang Oriental, a Princesa Lamya é a quarta na linha de sucessão ao trono da avó, a rainha. Quando a Casa Real de Rá soube que um de seus membros era um oráculo de curto alcance, a mandaram para ser educada por nossos extravagantes amigos da Sociedade Fabulosa.

Ouviram-se vaias vindas da multidão.

— Ao fazer isso, cometeram alta traição contra o Partido do Mar Invernal, que está no poder e que, segundo fontes minhas na República, parece acreditar que a pequena Princesa Lamya está acamada em razão da saúde frágil. A engenhosa Rainha Ama contratou uma menina pobre da aldeia para ficar descansando no palácio por alguns anos fingindo ser sua neta!

Morrigan não podia acreditar no que estava ouvindo. Lambeth não era do Estado Livre. Era de um dos quatro estados da República do Mar Invernal, exatamente como ela, Morrigan. Ela não deveria estar aqui! E ela era uma *princesa*!

— Eu achava mesmo que ela parecia um pouco esnobe — sussurrou Hawthorne.

— Shhh.

O pai de Morrigan trabalhava para o Partido do Mar Invernal, assim ela sabia um pouco como eles eram. Se isso fosse verdade — se Lambeth *fazia parte* de fato da família real no Sang Oriental, e se eles realmente a haviam trazido ilegalmente da República, contra a lei do Partido do Mar

Invernal —, o perigo que ela corria era ainda maior do que imaginavam. As pessoas na República não podiam sequer saber da existência do Estado Livre.

— *Aonde você vai, ó filho da manhã?* — entoou, recomeçando a cantar.

Ela mal conseguia pronunciar as palavras, de tanto que tremia.

O leiloeiro confirmou suas suspeitas.

— Vai ser um grande problema para toda a Casa de Rá, se o Partido do Mar Invernal descobrir.

Ele imitou o gesto de ser degolado e a plateia gargalhou, divertida.

— A traição obviamente pode ser punida com execução na República do Mar Invernal. Isso torna o prêmio ainda mais valioso... As possibilidades são infinitas, pessoal.

— Temos de fazer alguma coisa — sibilou Hawthorne. — Temos que provocar uma distração ou... ou alguma coisa! Morrigan, *ajuda*.

Morrigan, porém, não estava ouvindo.

— *Lá no alto, com o sol, onde os ventos aquietam*.

Com os olhos fechados, ela tentava bloquear o leiloeiro, Hawthorne e a multidão detestável e prestar atenção no ar ao seu redor.

— *Aonde você vai, ó filha da...*

Ela parou. Estava funcionando. Estava aqui.

Sutil a princípio — uma simples ondulação no ar. Um formigamento na ponta dos dedos.

Então ela abriu os olhos e o mundo havia ficado tão brilhante e dourado que era como se ela estivesse no sol.

— Assim que adquirirem o talento extremamente raro e útil da Princesa Lamya — dizia o leiloeiro, sorrindo maliciosamente —, vocês talvez queiram pedir um resgate para devolvê-la à família ou mantê-la para fins de chantagem, ou ainda vendê-la ao Partido do Mar Invernal e assistir à derrocada da Casa de Rá! Façam o que quiserem, senhoras e senhores, mas estamos fixando um preço alto. Vamos começar com quinze mil kreds. Eu ouvi quinze mil?

Era um sentimento diferente do de antes. Quando Morrigan conjurou fabulânio pela primeira vez nesse salão, a sensação de segurar o poder bruto em suas mãos havia rapidamente dado lugar a uma total falta de

controle. Ela não soubera o que fazer com o fabulânio depois de conjurá-lo, e ele *sabia* disso. De alguma forma, ele sabia, e tinha se insurgido.

Dessa vez, não era assim. Era perfeito.

O fabulânio que a cercava agora estava perfeitamente alinhado à sua intenção. Sua raiva justificada por tudo que havia acontecido esta noite — tudo que havia acontecido este *ano* — tinha finalmente dado a ele o propósito por que ansiava. Morrigan pensou na ganância e na traição de Mildmay. Pensou na crueldade de Mathilde Lachance, aprisionando pessoas dentro de sua própria morte. Pensou em Ezra Squall, que a vinha manipulando como uma marionete todo esse tempo, que concebera esse pesadelo apenas para que Morrigan fosse aquela a pôr um ponto final nele. Ela pensou na maldade casual — o *mal* — de qualquer um que pensasse que tinha o direito de comprar e vender um talento, de comprar e vender uma *vida*.

O globo mais próximo espatifou-se e seu conteúdo explodiu espetacularmente pelo salão.

Eram os jovens no automóvel gritando de pavor enquanto giravam fora de controle e se chocavam contra outro globo.

O leiloeiro e os participantes do leilão mal tiveram um momento para registrar o que havia acontecido antes que o segundo globo despejasse sua tragédia pelo chão: um barco no mar em plena tempestade, fustigado por raios, a tripulação subjugada. O navio parou com uma violenta colisão, derrubando outro globo com ele: uma mulher envolta por um enxame de abelhas. Depois mais outro: uma avalanche de pedras desabando sobre o teto de uma cabana. Depois mais outro e outro.

Morrigan havia desencadeado um efeito dominó. Ela rapidamente percebeu que essas cenas de destruição eram maiores que os globos que as continham. Elas cresciam à medida que ganhavam a liberdade, fundindo-se e criando um caos que agora rapidamente enchia o salão. Os elefantes em debandada dividiram a multidão em duas. Um grande tubarão-branco saltou de sua prisão de vidro estilhaçado em meio a uma cacofonia de gritos.

Os convidados do leilão tentavam desesperadamente alcançar um lugar seguro, mas o tumulto não dava trégua. Globos se espatifavam um após o

outro — uma turba enfurecida, um duelo mortal, um campo de batalha alucinado.

Morrigan assistiu a esse horror se desenrolar em questão de momentos.

O que ela *fizera*?

Ela só pretendera causar uma distração. Pensou que poderia salvar seus amigos *e* libertar as pessoas dentro dos globos, deixá-las finalmente descansar em paz. No entanto, isso não era apenas uma distração — era *loucura*. Como ela poderia ajudar Lambeth e Cadence agora? Não conseguia chegar nem perto delas. Não seria capaz de salvar nem mesmo a *si própria*.

— MORRIGAN!

Hawthorne aproximava-se dela aos trancos, alcançando-a no momento em que um globo ali perto se rompia e lançava uma onda maior e mais aterrorizante do que qualquer coisa que Morrigan já vira na vida. Os dois amigos se agarraram um ao outro, incapazes de fazer qualquer coisa senão olhar a parede de água que se erguia acima deles, esperando que ela descesse. Não havia possibilidade de sobreviverem a isso.

Então tudo simplesmente... parou.

O barulho ensurdecedor de gritos, berros de nãonimais e o estrondo violento da água, tudo ficou súbita e mortalmente silencioso. O tsunami acima de suas cabeças desacelerou a uma velocidade imperceptível, quase tremendo de tensão. Tudo que Morrigan podia ouvir era o som de seu próprio coração batendo e a rápida respiração de Hawthorne.

O silêncio foi quebrado por uma voz fraca e ofegante vinda do outro lado do salão.

— Depressa! Não posso... segurar... por muito... tempo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Ninguém Canta Tão Extravagantemente Bem

O professor Onstald olhava diretamente para Morrigan de onde estava amarrado ao mostrador do relógio, e deu uma piscada lenta e deliberada de seus olhos brilhantes.

Ele fizera de novo. Desacelerara a velocidade do mundo até quase um rastejar. Era como se um gigante cósmico houvesse pousado um dedo sobre o planeta, impedindo-o de seguir a velocidade normal de sua órbita.

Era a segunda vez em menos de dois dias que Morrigan testemunhava o extraordinário talento de Onstald. Dessa vez, porém... Dessa vez era *tão* mais estranho.

Da primeira vez, havia livros e papéis e um relógio marcando o tempo na parede, e Mildmay e a própria Morrigan praticamente paralisados no tempo.

Agora, Morrigan de alguma forma permanecia intocada pelo fenômeno — assim como Hawthorne, ainda agarrado a ela —, ao passo que o pandemônio à volta deles estava perfeitamente imóvel. A onda colossal curvava-se acima de suas cabeças. Havia um relâmpago, incandescente e ofuscante, preso no momento de partir ao meio uma árvore gigante. Havia pessoas com máscaras e roupas elegantes para todos os lados que ela olhava, incapazes de se mover, presas em cenas de destruição das quais não podiam escapar. Havia um *iceberg* — quase tão alto quanto o teto — ameaçando esmagar tudo em seu caminho. Todos aqueles momentos roubados tinham se tornado um enorme painel paralisado, o caos dentro de um globo de neve gigantesco.

— O que está ACONTECENDO? — gritou Hawthorne, sua voz ecoando no amplo e silencioso salão, sua respiração tão aguda e violenta que Morrigan pensou que ele poderia hiperventilar. — Você fez isso? Você fez tudo parar?

— Não.

De repente, ela percebeu que, na correria do Natalloween, havia se esquecido de contar a Hawthorne os detalhes do episódio do dia anterior com a faburuga.

— Foi o professor Onstald. Esse é o talento dele.

Hawthorne pareceu não se abalar com a revelação.

— Como vamos libertá-los? — perguntou ele, entrando em ação.

Ele puxou Morrigan do espaço debaixo da onda, abrindo caminho por entre uma multidão de convidados mascarados que haviam sido paralisados na tentativa de fuga.

— Eu posso tentar escalar aquela corrente até Lambeth enquanto você ajuda Cadence, e então...

— Não — interrompeu Morrigan. — Não... espere um segundo.

As palavras de Lambeth estavam se repetindo em sua cabeça.

Conjurando. Morrendo. Congelando. Queimando. Voando.

Aquelas não eram apenas palavras sem sentido que ela falava por medo. Morrigan deveria ter entendido. O radar na mente de Lambeth havia sintonizado alguma coisa. Ela estava descrevendo a estranheza que via no horizonte da única forma que conseguia entender.

Conjurando. Morrigan havia conjurado o fabulânio.

Morrendo. Todo mundo aqui estava morrendo, uma centena de vezes e de cem formas diferentes.

Congelando. Onstald havia congelado o tempo.

Assim, restavam...

— Queimando — sussurrou ela. — Voando.

Ao enunciar aquelas duas palavras em voz alta, Morrigan foi arrebatada por um momento de pura clareza. Ela soube exatamente o que fazer, pois seus próximos passos haviam sido formulados para ela por Lambeth, o oráculo.

— Hawthorne — disse ela. — Vá. Ajude Cadence. A plataforma dela está quase no chão. Suba e a desamarre, e então você vai precisar carregá-la para fora daqui. Volte por onde entramos, saia do museu. Vá para o mais longe que puder.

Hawthorne sacudiu a cabeça.

— Mas... você vem também, não vem?

— Preciso ajudar Israfel antes. Não tenho tempo para explicar.

Ela viu a expressão obstinada no rosto dele e disse mais energicamente:

— Hawthorne, vá! Ajude Cadence. Onstald não vai poder segurar para sempre.

— Mas e quanto a Lambeth? E Onstald?

— Vou cuidar deles. Agora *vá*.

Apesar de suas óbvias dúvidas, Hawthorne virou-se e correu o mais rápido que pôde em meio ao pântano de catástrofes, indo até Cadence.

Morrigan olhou para onde Israfel estava suspenso pela corda amarrada na junção de suas asas, entre as omoplatas.

Quarto passo. *Queimando*.

Ela era capaz. Antes da visita de Squall ao terraço naquela noite, Morrigan nunca teria acreditado nisso, mas agora ela sabia — o fabulânio estava com ela. Ele *queria* ajudá-la.

Ela fechou os olhos, imaginando aquela centelha de energia dentro dela, a chama aprisionada em seu peito. Não havia tempo para pensar demais sobre isso, nem para se preocupar se funcionaria. Ela não podia se dar ao luxo de se preocupar. A chama tremeluzente ficou mais intensa com a certeza de Morrigan e, abrindo os olhos, ela exalou fogo.

A *precisão* de seu ato foi emocionante — a sensação de alinhamento perfeito com a fonte de seu poder. A corda em torno das asas de Israfel queimou no local exato que ela pretendera, mas ele não despencou. Israfel permaneceu no ar apenas porque o talento do professor Onstald o mantinha lá. Com seu primeiro êxito correndo eufórico em sua corrente sanguínea, tonta de autoconfiança, Morrigan tentou novamente com a corda que amarrava seus pulsos e, de alguma forma — como se por milagre —, funcionou exatamente como ela esperava. Ela nem sequer chamuscou a pele dele.

Eles não tinham muito tempo. Morrigan podia sentir uma tremulação no ar, como se o tempo estivesse estremecendo. Onstald não conseguiria controlá-lo por muito mais tempo.

— Israfel — chamou ela, com uma voz clara e forte.

Sabia que o anjo podia ouvir e ver o que estava acontecendo ao seu

redor, porque ela tivera essa experiência na sala de aula de Onstald. O mundo havia parado, seu corpo tinha se imobilizado, mas a mente não fora afetada.

— Escute o que vou dizer. Você vai descongelar em alguns momentos. Preciso que você voe até Lambeth... até a Princesa Lamya. Pegue-a e saia daqui.

Ela apontou a plataforma de Lambeth. Israfel não disse nada, é claro, mas Morrigan tinha certeza de que ele havia entendido. Seus profundos olhos castanhos estavam fixos nos dela.

Ela ouviu um grunhido ofegante atrás dela. Hawthorne tinha voltado meio arrastando, meio carregando Cadence, que parecia uma estátua.

— Pensei ter dito para você ir direto...

Sua voz foi abafada pelo horrível rangido do iceberg se deslocando, um estrondo que fazia parecer que o mundo estava prestes a acabar. O tempo estava voltando a se acelerar. Dolorosamente lento de início, mas ganhando velocidade.

— VÁ! — gritou Morrigan para Hawthorne.

— Não! — teimou ele. — Não vamos sair sem você, idiota.

Cadence estava lentamente voltando a si. Ela oscilou, quase derrubando Hawthorne, mas ele a segurou a tempo e a sustentou.

De repente, ouviram o som de asas batendo vindo do alto. Israfel também havia descongelado e se lançado, magnífico, no ar, indo diretamente para a plataforma de Lambeth, como fora instruído.

— Hawthorne, *vá* — insistiu Morrigan. — Cadence, leve-o daqui. Eu sei o que estou fazendo. Irei logo depois de vocês. Prometo.

Ele a encarou por um momento, com os lábios apertados e o rosto branco, depois assentiu, relutante, e correu com Cadence para a antecâmara.

Era mentira, é claro. Morrigan *não* sabia o que estava fazendo.

Precisava tentar mesmo assim. Porque o velho professor Onstald, por mais que *desprezasse* Morrigan, havia usado o que restava de suas forças no intuito de *parar o tempo de verdade* para salvá-la e seus amigos. Como ela poderia deixá-lo ali sozinho?

— Estou indo ajudá-lo — gritou para ele, tentando enxergar um

caminho através da loucura que estava ganhando ímpeto novamente.

Se ela pudesse alcançar a corrente que controlava a plataforma de Onstald... bem, o que faria então? Ela não sabia.

Morrigan gritou quando a árvore atingida pelo raio desabou no chão à sua frente, quase caindo em sua cabeça e bloqueando o lado do salão em que Onstald se encontrava.

A faburuga mal conseguia erguer a cabeça. Olhou para ela e a boca enrugada e coriácea formou uma única palavra.

— CORRA.

Morrigan sacudiu a cabeça, a mente zumbindo — tinha de haver um jeito de salvá-lo, *tinha*!

Onstald fez um fraco aceno com a cabeça, sua energia se esgotando a cada segundo.

— Vá! — ordenou ele. — Corra!

O coração de Morrigan se apertou, lágrimas de frustração queimavam seus olhos. Não havia como chegar até ele. Esse era o fim de Onstald. Ele sabia disso e não ia arrastá-la com ele. O professor estava salvando a vida dela.

Um olhar de entendimento foi trocado entre eles, então Morrigan virou-se e correu. Atravessou a épica turbulência do salão principal, abaixando-se e esquivando-se como um rato no covil dos monstros. Passou pela antecâmara e pela entrada do saguão e saiu na noite fria e escura. Ela não parou de correr até alcançar Hawthorne e Cadence, encolhidos a um quarteirão dali, tentando recuperar o fôlego. Um punhado de convidados do leilão também conseguira escapar e se dissolvia na escuridão das ruas vizinhas.

Morrigan olhou para trás, para o museu. Apesar de todo o perigo e desastre que ela sabia estar contido naquele prédio, estranhamente nenhum deles escapara dali. Ela se perguntou quanto tempo levaria até que o caos se extinguisse e as pessoas que ela libertara dos globos finalmente descansassem.

O silêncio perplexo foi quebrado pelo bater das asas quando Israfel desceu. Ele pousou suavemente ao lado dela, com Lambeth em seus braços, abalada, mas segura.

— Obrigada — disse Morrigan, ainda sem fôlego. — Precisamos... ir buscar a Furtiva. Você pode ajudar?

— Vocês precisam sair daqui — disse Israfel.

Hawthorne e Cadence se sobressaltaram, surpresos. Sua voz era como Morrigan recordava: como a lembrança de algo perdido. As veias douradas nas asas pretas capturavam lampejos da luz vinda do museu, de modo que ele parecia reluzir. Israfel estava exausto. Morrigan lembrou-se do que Jupiter dissera a ela sobre Israfel naquela noite na Velha Dephia. *Pessoas como Israfel absorvem as emoções das outras pessoas*.

— Fiquem juntos. Voltem para o Hotel Deucalião. E ouçam, isso é importante: vocês *precisam* tapar os ouvidos enquanto correm. Pressionem as mãos sobre as orelhas o mais forte que puderem e não as tirem até estarem a pelo menos três quarteirões daqui. Compreenderam?

Os outros pareceram confusos, mas assentiram.

Eles se viraram para correr. Enquanto Morrigan via os outros três dispararem à sua frente, algo a fez parar.

Eles poderiam mesmo simplesmente ir embora? O Museu de Momentos Roubados estava implodindo, uma centena de diferentes cenas de morte tombando como dominós, todas contidas na magia de suas paredes. Os convidados do leilão lá dentro... eles eram o *pior* tipo de gente, ela sabia, mas ainda assim... mereciam de fato acabar dessa maneira? Presos no turbilhão caótico dos desastres de outras pessoas? Ela não deveria *fazer* alguma coisa?

E quanto ao professor Onstald? A faburuga tinha passado os últimos meses criticando-a severamente, dizendo-lhe como os Fabuladores eram maus... e, no entanto, havia se sacrificado por ela e seus amigos. Escolhera salvar a vida de uma Fabuladora em vez da própria.

— Morrigan Crow.

Ela se virou e viu Israfel pairando atrás dela, suspenso acima do chão pelas asas que batiam lenta e ritmicamente. Seu olhar era duro, mas, quando baixou os olhos para ela, havia neles bondade... e algo mais. Uma perplexidade crua com a qual Morrigan, que se sentia perplexa com o mundo quase diariamente, se identificava profundamente.

— Você salvou a minha vida esta noite. Estou em dívida com você.

Ele a observou por um momento, os lábios apertados formando uma linha. Morrigan podia ver que ele queria dizer mais, mas não tinha certeza se deveria... ou talvez não conseguisse encontrar as palavras certas. Israfel suspirou profundamente.

— Seria bom não mencionar isso para o pessoal na Soculosa. Eu não deveria estar em dívida com você.

Morrigan não sabia o que dizer.

— Isso complica as coisas, entende? — insistiu ele, lançando-lhe um olhar expressivo. — Para nós dois.

Ela não entendia, mas Israfel já estava subindo no ar, voltando para o museu onde lampejos iluminavam as janelas. Houve um som de vidro espatifando — mais um globo havia se rompido —, seguido por uma brilhante bola de fogo laranja, rapidamente apagada por uma onda que se quebrou. Plumas de fumaça escapavam das janelas, ondulantes como demônios. Um leve choro a distância fez os cabelos da nuca de Morrigan se arrepiarem.

— O que você está fazendo? — gritou Morrigan para ele.

Lágrimas queimavam seus olhos e ela sentia a voz espessa na garganta. Ele ia tentar voltar para o interior do prédio? Ele também ficaria preso no turbilhão?

— Você vai tentar salvá-los?

— Não — respondeu ele. — Eles estão além da salvação.

Sua voz baixa e pesarosa foi carregada pelo vento até Morrigan e perfurou um pedacinho de seu coração que ela não sabia que existia.

— Então o que você vai...

— Vá para casa — ordenou ele.

Morrigan ouviu Hawthorne, Cadence e Lambeth no final da rua chamando seu nome. Ela cobriu os ouvidos e se virou para correr, mas algo a deteve de novo.

Ela olhou para trás e viu o Anjo Israfel iluminado nos degraus do museu, uma silhueta escura e distante recortada contra a porta iluminada por um raio. Ele ficou ali parado, imóvel, por vários segundos. Morrigan se perguntou o que ele poderia estar fazendo, e então... ela lembrou.

Ninguém canta tão extravagantemente bem.

Lembrou do que Jupiter lhe dissera naquela noite na Sala de Música da Velha Delphia.

Uma paz perfeita e ininterrupta, ele dissera. *A solidão e a tristeza serão uma lembrança distante. Seu coração ficará pleno e você vai sentir que o mundo jamais poderá decepcioná-la outra vez.*

Israfel não podia salvá-los.

A única coisa que podia fazer era cantar para eles.

Jupiter a advertira em relação a ouvir Israfel. Ela sabia que não deveria.

Mas quando ela teria essa chance outra vez?

Morrigan deixou as mãos se afastarem da cabeça. Acima dos gritos dos amigos chamando seu nome, acima do rugido das ondas e do estrondo dos canhões, acima até de um som novo — o de sirenes distantes se aproximando —, ela ouviu a voz doce e celestial de Israfel pela primeira vez.

Só por um segundo. Uma única nota.

Ao tentar recordar — dias, semanas e anos depois — o som daquela única nota, da *sensação* que ela causava, Morrigan se lembraria de se sentir aquecida pelo sol no inverno e abraçada por uma mãe que nunca conheceu. Ela se lembraria de uma alegre e profunda certeza de que nunca machucara outro ser vivo. Que ninguém jamais a machucara de verdade, e ninguém jamais poderia. Ela se lembraria do cheiro da terra depois da chuva.

Também se lembraria do que veio a seguir. O ruído de passos nas pedras do calçamento e a sensação de mãos fortes cobrindo rapidamente seus ouvidos, bloqueando todo e qualquer som. De olhar para cima e ver um par de olhos azuis arregalados e selvagens em uma floresta de cabelos ruivos. A sensação agridoce de voltar à terra, sabendo que pousaria em um lugar seguro.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Fechando uma Janela

— Cinco prisões. Alguns ricos entediados e um político desonesto — suspirou Jupiter. — Mais pessoas escaparam; infelizmente, conseguiram fugir pelas fendas em meio ao caos. Como baratas, que é o que são. Todos os que foram questionados alegam que estavam lá apenas pela emoção da coisa, é claro. Nenhum deles vai confessar ter feito um lance.

Jupiter se jogou em um dos sofás-cama no Salão da Fumaça. As paredes expeliam uma fumaça suave com aroma de limão meio amanteigado ("para aumentar a acuidade mental e o entusiasmo pela vida", segundo a tabela de horários na porta) que estava lentamente ajudando a curar a névoa no cérebro de Morrigan. Na sequência da devastação da noite anterior, seu entusiasmo pela vida provavelmente precisava de um empurrãozinho. No momento, o único entusiasmo que ela tinha era para olhar para paredes e comer tigelas de canja.

Jupiter inspirou profundamente a fumaça de limão, esfregando os olhos cansado. Depois de levar pessoalmente Lambeth, Cadence e Hawthorne para suas respectivas casas e Morrigan de volta ao Deucalião, ele saíra novamente para ajudar na investigação da Furtiva. Já havia passado da hora do almoço, e ele ainda não tinha dormido nada.

Ao emergir do estado de transe no terraço do Deucalião, atordoado e confuso, e descobrir que Morrigan e Hawthorne haviam desaparecido, Jupiter imediatamente teve a certeza de que o desaparecimento dos dois tinha a ver com o Mercado Macabro. Ele então reunira todos aqueles em quem conseguira pensar — os colegas da Liga dos Exploradores, membros de sua unidade, além de Fenestra, Frank, Kedgeree, Dame Chanda, Martha, Charlie e Jack — para ajudar o Fedor e a Furtiva a esquadrinhar os lugares mais escuros, mais secretos e mais perigosos que lhes

ocorressem. Tudo em vão... até que a Furtiva recebeu outra dica misteriosa e anônima com a localização do Museu de Momentos Roubados, escondido atrás de um emaranhado de ruas secundárias em uma parte decadente e deserta da cidade.

Ninguém sabia quem lhes passara a informação, e Morrigan não ia dizer a eles que provavelmente fora Squall.

Ela se levantou para servir um pouco de chá a Jupiter.

— Mas os que foram apanhados vão para a prisão, não é? — perguntou ela.

Jupiter aceitou agradecido a xícara que Morrigan lhe entregou. Ela se enroscou na poltrona de frente ao sofá-cama dele, abraçando uma almofada junto ao peito.

— Não há nenhuma acusação contra eles, Mog. Nenhuma prova de qualquer delito. Nenhum registro de dinheiro mudando de mãos. Operações no mercado clandestino são ilegais, mas não há evidência de nenhuma operação comercial *de fato*... não agora que o museu foi destruído. Todos alegam que pensavam que se tratava de uma festa.

Jupiter deixou escapar um som semelhante a um rosnado raivoso vindo do fundo da garganta:

— Escória.

— E Mildmay?

— Humm, falando em escória — disse com uma careta. — Sumiu. Desapareceu no ar, até onde sabemos.

— Os Caçadores de Fumaça e Sombra — disse Morrigan simplesmente.

Ela já havia recontado sua versão dos acontecimentos da noite, embora não tivesse certeza do quanto Jupiter decidira compartilhar com a Furtiva.

— Você acha que eles...

Ela não conseguiu se forçar a terminar a frase. Nem sabia direito como *pretendia* terminá-la. Acabaram com ele? O expulsaram de Nevermoor?

— Talvez — disse Jupiter, ignorando a ambiguidade. — Embora não tenhamos encontrado nenhuma prova de...

Ele também não completou a frase e disfarçou com um gole de chá.

— Então, quem sabe? Talvez ele tenha fugido. Se é esperto, e acho que podemos concordar que deve ser razoavelmente astuto, tendo enganado

tantas pessoas, a essa altura já terá fugido para bem longe, e vai continuar fugindo. Mas não se preocupe, Mog. A Furtiva não desistiu. Ele acabará sendo encontrado e levado à justiça.

Morrigan ficou em silêncio por algum tempo.

— Eu gostava dele. Antes... sabe.

— Eu sei.

— Ele era meu professor preferido.

— Entre dois apenas — observou Jupiter. — Mas sim. Eu sei.

Ele bebeu o chá, quase esvaziando a xícara, enquanto Morrigan tentava pôr algum tipo de ordem em seus pensamentos.

— Ele era legal comigo — disse ela por fim. — Mildmay. Ele era engraçado, suas aulas eram divertidas, e eu sentia que era boa em alguma coisa. Já o professor Onstald... ele me odiava. Ele foi horrível o ano todo e fez com que *eu* me sentisse uma coisa horrível.

Ela engoliu em seco tentando desfazer o nó que estava se formando em sua garganta.

— Mas Mildmay organizou o Mercado Macabro. Ele traiu todos nós. E Onstald salvou a minha vida.

Jupiter permaneceu calado.

— Eu não... Eu não consigo encontrar uma conexão entre essas coisas — continuou ela.

Morrigan olhou para ele, a testa franzida. Ela não sabia muito bem como dizer o que estava sentindo, mas ele assentiu, encorajando-a a tentar.

— A segunda coisa não muda a primeira coisa. Nem para Mildmay, nem para Onstald.

— Não sei o que te dizer, Mog — suspirou Jupiter. — Algumas pessoas são malvadões corajosos. Outras são covardes amigáveis.

— Mas no fim ele não foi tão amigável, não é mesmo? — replicou Morrigan, pensando na indiferença de Mildmay quando foi descoberto.

Aquele sorrisinho tímido. *Você sempre foi minha aluna mais solícita*.

— Escória — acrescentou.

Jupiter levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Ele apertava o osso do nariz.

— O que não entendo é como Squall pôde orquestrar tudo isso quando

não consegue nem entrar em Nevermoor. Tem certeza de que ele estava viajando no Diáfano?

— Tenho — disse Morrigan. — Eu já falei: Mildmay estava ajudando Squall.

— Com o Mercado Macabro, sim, mas... Mildmay não podia fazer as coisas que você descreveu. Aquela história das marionetes no terraço. Você disse que ele nem estava lá.

— E não estava.

Morrigan sentiu um aperto dentro do peito ao se lembrar do que Squall lhe dissera. Ela engoliu em seco.

— Jupiter, fui eu. Squall disse que eu tinha... dado a ele uma janela.

Jupiter parou de andar.

— Uma janela?

— Uma janela para Nevermoor — explicou. — Ele disse que, por eu não saber como usar as Artes Deploráveis, todo o fabulânio que se acumulava à minha volta não tinha para onde ir. Estava brilhando tão forte que bastava um empurrãozinho através do Diáfano. Era assim que ele podia usar o fabulânio através de mim. Isso explica o episódio do Magnifilhote no primeiro Mercado Macabro. Fui eu. Bem... Era ele *através* de mim. E a manipulação no terraço e...

Morrigan fez uma pausa. Ela nunca tinha contado a Jupiter sobre Heloise e suas estrelas de arremesso. Antes que ela pudesse concluir, ele deu um gemido, infeliz.

— Idiota.

Jupiter tornou a afundar no sofá-cama. Sua voz soou abafada enquanto ele esfregava o rosto nas mãos.

— Idiota, idiota estúpido.

— Quem? Squall?

— Não, *eu*. Eu podia ver.

Adquirindo um profundo tom vermelho-arroxeado, ele apontou para Morrigan vagamente.

— Você. Fabulânio. Massa crítica. Eu a vi crescendo e crescendo ao seu redor... ficava tão brilhante que às vezes eu tinha de filtrá-la para não ficar cego só de olhar para você.

Os olhos de Morrigan dobraram de tamanho.

— Você consegue fazer *isso*?

A profundidade e a amplitude do talento de Jupiter como Testemunha ainda eram mistérios para ela.

— Consigo, sim. E ignorei, em vez de fazer alguma coisa a respeito. — Ele suspirou, olhando diretamente para ela, a testa enrugada. — Pensei que devia ser normal para uma Fabuladora jovem! Mog, por favor, acredite em mim... eu não fazia a menor ideia de que isso aconteceria. Eu não sabia que Squall podia...

— Eu sei que não! — interrompeu-o Morrigan. — Não seja ridículo. Não é culpa sua.

— É, *sim*... Em parte, pelo menos. Eu devia ter percebido o perigo que você corria. Devia saber que Squall se aproveitaria, se pudesse. Vivo preocupado há meses... tão concentrado em Cassiel, Paximus Luck e Alfie Swann, quando deveria me dedicar ao que estava acontecendo bem na minha frente.

— Cassiel! — exclamou Morrigan, sentando-se ereta. — Eu me esqueci completamente dele! O que aconteceu com ele? E com Paximus Luck?

— Sobre Paximus, a Furtiva tem uma pista que está seguindo além da fronteira com a República... Isso é *estritamente* confidencial. Quanto a Cassiel, porém — Jupiter encolheu os ombros, parecendo confuso —, sinceramente, não faço ideia. Gastei mais recursos na Liga dos Exploradores do que posso justificar, procurando por ele dentro e fora do país. Agora entregamos o caso ao Grupo de Observação Celestial. Eles não têm o nosso alcance, mas podem observar o céu. Vão me manter informado.

— Então você não acha que tem a ver com Squall ou o Mercado Macabro?

Ele não respondeu imediatamente. Olhando para o chão, ele se sentou e inspirou a fumaça de limão.

— Não — disse, por fim. — Não, acho que este caso não tem ligação.

— Israfel está abalado? — perguntou Morrigan. — Eles eram amigos?

— Cassiel não é amigo de verdade de ninguém.

Jupiter respirou fundo e pareceu voltar a si, sentando-se e retornando à

conversa anterior.

— Eu não entendo. Por que Squall mostrou tanto *comedimento*? Se você realmente dava a ele uma janela para Nevermoor, uma forma de usar seus poderes através de você, então ele certamente poderia ter usado você para fazer praticamente qualquer coisa! Cometer crimes terríveis ou... ou *sair de Nevermoor*! — Se deu conta, arregalando os olhos. — Onde ele está *agora*? Por que ele simplesmente deixou você ir embora?

Morrigan tinha pensado sobre isso a manhã inteira.

— Ele disse uma coisa engraçada.

— Engraçada de rir, ou...

— Engraçada de esquisita. Ele disse que ele e eu temos um inimigo em comum.

Ela franziu a testa, tentando se lembrar das palavras exatas de Squall.

— Disse que eu tinha de ter liberdade para me tornar a Fabuladora que ele precisa que eu seja. Porque... coisas terríveis estão por vir. Embora, ao me ensinar a usar meus poderes, ele estivesse fechando a janela, seus planos a longo prazo eram mais importantes. Ele disse que precisava de mim viva.

— Mog — disse Jupiter com a voz tensa —, ele está fazendo um jogo psicológico com você. Tentando fazer você acreditar que há um inimigo terrível à espreita por aí, e que ele pode te ajudar a derrotá-lo. Ele quer assustá-la para que ele possa usar seu medo para te controlar.

— Eu sei — disse Morrigan, soando muito mais segura do que se sentia, e girou na poltrona, pendurando os pés sobre um dos braços da cadeira. — Mas será que ele tem razão em relação à janela através do Diáfano? Talvez eu devesse aprender a usar as Artes Deploráveis adequadamente para que ele não possa mais usá-las por meu intermédio.

Jupiter ficou em silêncio, mas Morrigan pôde ver que de repente ele se sentia energizado, os olhos brilhando com novo fôlego.

— Jupiter? — chamou.

Ele se pôs de pé com um pulo.

— Pegue sua sombrinha.

Quando chegaram à Casa do Orgulho e Jupiter já havia posto Morrigan a par do plano, ela estava tomada pelo mesmo tipo de pavor capaz de embrulhar o estômago que associava ao Desafio do Espetáculo do ano passado ou à espera pela sua morte no Escurecer ou ao ato de enfiar a mão em um balde cheio de cobras venenosas.

Jupiter bateu com determinação na porta do escritório das Mentoras Acadêmicas. Ele nem esperou a resposta, abriu a porta e foi direto para onde a sra. Dearborn se encontrava, sentada atrás da única mesa da sala. Cautelosa, Morrigan seguia alguns passos atrás tentando desesperadamente evitar o contato visual com a Mentora Acadêmica.

— Gostaria de falar com a sra. Murgatroyd, por favor.

Dearborn olhou para ele, piscando.

— Como disse?

— Murgatroyd. Preciso falar com ela. Agora.

Morrigan podia ver os músculos do maxilar de Jupiter tensionando. Começaram a aparecer rachaduras em sua máscara de educação.

— É uma questão urgente — insistiu.

— Bem. Como você, sem dúvida, pode ver — retrucou Dearborn friamente —, ela não está aqui.

— MURGATROYD — repetiu Jupiter, olhando-a bem dentro dos olhos, e bateu palmas. — Ei! Murgatroyd. Sei que está aí em algum lugar. Saia. Preciso falar com você.

Morrigan encolheu-se. O que ele estava *fazendo*? Tentando se matar?

— Capitão North, como se atreve? — retrucou Dearborn, recuando. — Se acha que ela ou eu responderemos a...

— Vou lhe dizer exatamente o que acho.

A voz elevada de Jupiter estava atraindo olhares curiosos de alguns membros da Sociedade que passavam pela porta do escritório.

— Você vem fazendo joguinhos de poder com a educação da minha aluna o ano todo. Seus medos infundados causaram mais danos a Morrigan... colocaram tanto ela quanto o restante da Sociedade Fabulosa em um perigo maior do que você é capaz de entender, e você quebrou a confiança que deveria existir entre o patrono e a Mentora Acadêmica. A partir de agora, vou supervisionar muito mais de perto a instrução de

Morrigan. Murgatroyd, SAIA DAÍ.

— Pare com isso... Maris, *não*...

O rosto de Dearborn se contorceu, transformando-se em algo horrível. Ela ondulou o pescoço desconfortavelmente, os dedos curvando-se e os músculos tremendo. Morrigan ouviu aquele som estranho, agora familiar, de ossos estalando e sendo moídos, e a temível Murgatroyd de repente estava diante deles. Seus lábios rachados e arroxeados se dividiram no que poderia igualmente ser um sorriso ou uma ameaça. Ela estreitou os olhos cinzentos e fundos, olhando para Jupiter.

— Que grosseria.

A Mentora Acadêmica Arcana falava em um grunhido gutural.

— O que você quer?

Jupiter não hesitou.

— Você disse que Morrigan deveria estar na sua escola. No Salão dos Anciãos naquele dia, você disse que todos nós falhamos com ela.

Murgatroyd esticou o lábio inferior, parecendo incerta.

— Eu disse?

— *Sim* — afirmou Jupiter. — Você disse que alguém tinha de ensinar a ela as Artes Deploráveis. E você estava certa. Alguém aqui, na Sociedade Fabulosa, precisa ensinar a Morrigan as Artes Deploráveis antes que ela as aprenda de *uma fonte mais perigosa*.

Jupiter dirigiu-lhe um olhar cheio de significado.

— Você entende o que estou...

— Ele voltou, então — interrompeu Murgatroyd, dirigindo a pergunta a Morrigan. — Squall. Vem visitando, não é?

Morrigan piscou, instintivamente desviando-se da intensidade do olhar vazio, cinzento e turvo de Murgatroyd. Ela olhou para Jupiter, que assentiu.

— Hã... É.

— Ensinou alguns truques, não é?

— I-isso.

Murgatroyd não pareceu surpresa nem assustada com a notícia. Ela inspirou através de seus dentes afiados e escuros.

— Foi o que pensei. Soube que você desbaratou o Mercado Macabro.

Pensei que provavelmente devia ter aprendido algo desagradável no caminho.

Morrigan se encolheu com o que lhe pareceu uma acusação, mas a Mentora Acadêmica dirigiu-lhe um gesto de cabeça positivo.

— Bom para você.

— Ah. Hum... Obrigada.

Murgatroyd suspirou, lançando um olhar irônico para as portas da Casa do Orgulho.

— Eu os avisei, não foi? Trio de velhos tolos. Desde o começo, eu disse: estão procurando problemas, tentando reprimir algo assim. É como colocar uma tampa em uma panela cheia de fogos de artifício. Perigoso.

— Você a aceita, então? — pressionou Jupiter. — Sabe que o lugar dela não é na escola de Dearborn. O lugar dela é conosco, na Escola de Artes Arcanas.

Morrigan sentiu um sobressalto de pavor. Ela sabia que Jupiter queria o melhor para ela, mas ele *realmente* achava que essa era uma boa ideia? Já era bem ruim ter Dearborn como sua Mentora Acadêmica, mas era um fato aceito por unanimidade que Murgatroyd era *muito* pior.

No entanto, seu pavor estava fazendo companhia a outro sentimento, muito mais sutil. Um levíssimo zumbido de fundo, de validação. Afinal, o que *havia* de tão mundano em ser uma Fabuladora?

A Mentora Acadêmica parecia estar refletindo sobre a questão.

— Bem... ela não é *exatamente* arcana, é?

— Também não é mundana — disse Jupiter, categórico.

— Não.

Murgatroyd fungou, observando Morrigan com um olhar avaliador. Ela inclinou-se, chegando um pouco mais perto — mais do que Morrigan gostaria — e falou com a voz áspera e perturbadora:

— Gregoria Quinn pensou que poderia esconder você dentro desses salões sagrados, onde você não se tornaria um problema para o resto do Estado Livre. Não se tornaria outra sujeira para a Sociedade Fabulosa limpar. Eu disse a ela, à tola, que o lugar mais seguro para fogos de artifício é ao ar livre.

Outra sujeira para a Sociedade Fabulosa limpar. Mais uma vez,

Morrigan se ressentiu da implicação dessas palavras. Ela não disse nada, mas encarou a Mentora Acadêmica sem piscar.

— Humm — respondeu Murgatroyd, e fez um único e decisivo aceno com a cabeça. — Vamos nessa, então. Eu aceito a ferinha.

Morrigan não tinha certeza de como se sentia sobre isso, mas o corpo inteiro de Jupiter relaxou ao mesmo tempo em que ele soltava um grande suspiro de alívio.

— Obrigado, Mentora Acadêmica — disse ele.

Ela os dispensou com um movimento displicente da mão enrugada. Enquanto saíam pelo corredor, Morrigan pôde ouvir Murgatroyd rindo consigo mesma como uma bruxa.

— Ah-ha, Dulcie vai cuspir marimbondo!

CAPÍTULO VINTE E NOVE

A Última Exigência

Na manhã seguinte, todos na Soculosa foram convocados aos jardins bem-cuidados que ficavam atrás da Casa do Orgulho. A Anciã Quinn, o Ancião Wong e o Ancião Saga, com as expressões sérias, estavam reunidos na varanda.

— A essa altura todos vocês já foram informados do trágico falecimento do professor Hemingway Q. Onstald, o mais velho de nossa equipe docente e membro distinto da Sociedade — falou a Anciã Quinn ao microfone, a voz ressoando nitidamente por toda a área. — Temos todos uma grande dívida de gratidão para com o professor Onstald, que morreu em um tremendo ato de bravura e sacrifício. Neste momento, acredito que não haja uma só alma entre vocês que não tenha conhecimento da existência do Mercado Macabro, da história de sua destruição e do fato hediondo de que o sequestro de membros da Sociedade para o mercado foi perpetrado por um dos nossos.

O jardim se encheu de murmúrios baixos e raivosos.

Era seguro dizer que ninguém ali jamais perdoaria Mildmay por seus crimes. Muito menos Morrigan e seus amigos. Ele provavelmente estaria mais seguro na companhia dos Caçadores de Fumaça e Sombra.

Os alunos da Unidade 919 tinham vindo direto do Casatrem e estavam reunidos em um grupo bem compacto. Morrigan e Hawthorne, a pedidos, tinham contado suas histórias da noite de Natalloween pelo menos uma dúzia de vezes, e ainda ocasionalmente tinham de recontar certos trechos. Naturalmente, Morrigan deixara de fora a parte sobre Ezra Squall, levando-os a supor que Mildmay havia arranjado tudo sozinho.

A srta. Cheery estava muito atenta a eles. Não parou de verificar que estava tudo bem com Cadence e Lambeth, assim como com Morrigan e Hawthorne. Cadence fingia estar irritada com isso, mas Morrigan podia

ver que, no fundo, estava encantada. A condutora, nesse momento, postava-se atrás deles, de braços cruzados, protegendo sua unidade como uma mãe ursa.

Enquanto isso, Lambeth não tinha falado uma única palavra com ninguém, e parecia ainda mais distante do que o normal. Morrigan se perguntou o que estaria passando por sua cabeça. Ela esperava que a "Princesa Lamya" soubesse que seu segredo estava seguro com eles — ela, Hawthorne e Cadence. Lembraria-se de lhe dizer isso, assim que se vissem sozinhas.

A Anciã Quinn prosseguiu.

— O que direi é o seguinte: já se passaram muitos e muitos anos desde que um dos nossos envergonhou tão profundamente a Sociedade Fabulosa. Juro a vocês que o traidor, cujo nome desprezível nunca mais passará pelos meus lábios, será encontrado e levado à justiça. Vocês têm a minha palavra.

"Amanhã à tarde nos despediremos do nosso bravo amigo e colega, professor Onstald, em uma cerimônia fúnebre no Salão dos Anciãos. Todos os que desejarem prestar uma homenagem estão convidados a participar. Além disso, é preciso também mencionar que dois dos nossos alunos da turma mais jovem..."

Nesse momento, a atenção de Morrigan foi desviada quando sentiu alguém enfiar um pedaço de papel em sua mão. Ela se virou para ver quem tinha feito isso, mas a multidão era densa e compacta, e tudo o que conseguiu ver foi o movimento de uma capa desaparecendo em algum lugar bem atrás dela.

Era um bilhete dobrado, com seu nome escrito em um dos lados.

— ... mostrando precisamente a coragem e a engenhosidade que lhes granjearam seu lugar entre nós, e...

— Somos nós — sussurrou Hawthorne em seu ouvido. — Corajosos e engenhosos. Ela se esqueceu de dizer hilários e bonitos.

Morrigan, porém, tinha parado de prestar atenção à Anciã Quinn. Com mãos trêmulas, ela desdobrou o bilhete e leu duas vezes.

Morrigan Odelle Crow

Mantivemos o segredo da Unidade 919.
Mas você tem o seu próprio segredo perigoso.

Apresente-se como Fabuladora para todos os presentes,
antes que o relógio bata a próxima hora.
Caso contrário, vamos revelar a verdade sobre a desertora da República
Princesa Lamya Bethari Amati Rá

À Sociedade Fabulosa
E ao mundo.

Seu coração disparou, a mente demorando um pouco para acompanhá-lo.

No fim das contas, a chantagem não fora em relação a ela! O segredo que vinham ameaçando revelar não era o seu. Era o de Lambeth.

Uma sensação pesada e nauseante se apoderou do estômago de Morrigan. A Unidade 919 a havia protegido contra os chantagistas, cada um cumprindo fielmente a sua tarefa, mesmo quando não queriam *mesmo*.

Agora era a vez dela. Ela fechou os olhos, engolindo a raiva e o pavor, mais determinada do que nunca a descobrir quem estava por trás disso. Eles não escapariam impunes.

— Ande, Morrigan.

Ela sentiu a srta. Cheery apertar seu ombro, incentivando-a, e lhe dar um leve empurrão para a frente.

— O q-quê?

— A Anciã Quinn acabou de chamar seu nome. Você e Hawthorne.

Morrigan ergueu os olhos para o sorriso grande e caloroso de sua condutora, mas não conseguiu sorrir em retribuição.

— Ande, sonhadora, vá lá em cima.

Ela sentiu algo se retorcer e escurecer dentro dela enquanto seguia Hawthorne em meio à multidão, subindo os degraus de mármore branco até onde os Anciãos se encontravam, sorrindo radiantes para eles. Parecia uma marcha da morte. O sangue fluía para o rosto dela e latejava em seus ouvidos.

Quando alcançaram os Anciãos, o sino na torre do relógio da Casa do Orgulho começou a tocar a hora. Nove horas. Nove badaladas. A mente de Morrigan disparou.

Uma.

A multidão de capa preta aplaudiu, longa e ruidosamente, erguendo as mãos no ar. Hawthorne virou-se e sorriu para Morrigan enquanto acenava para eles, suas bochechas ganhando um profundo tom de rosa. Ele a cutucou levemente, incentivando-a a avançar, confundindo relutância com timidez.

— Ande — disse ele. — Você mereceu.

Duas.

Com que rapidez o humor sombrio havia se transformado em celebração. Era *ela* que estavam celebrando — ela e Hawthorne. Ela avistou o rosto orgulhoso e quase lacrimoso de Jupiter na multidão e sua boca ficou seca. Como poderia estragar isso?

Não apenas estragar o clima, pensou Morrigan — estragar *tudo*. Estragar qualquer chance de ter uma vida boa na Soculosa. Para si mesma e para toda a sua unidade.

Três.

As palavras da Anciã Quinn no início do ano ainda estavam gravadas em sua memória:

Se qualquer um de vocês trair nossa confiança... todos os nove serão expulsos da Soculosa. Definitivamente.

Ela estava prestes a estragar a própria vida e a de mais oito outras.

Quatro.

Sua unidade jamais a perdoaria e, quando todos os outros membros da Sociedade descobrissem o que ela realmente era, eles a odiariam. Ela teria sorte se não a pusessem para correr do campus com tochas e forcados.

Cinco.

Mas... Lambeth. Uma imagem surgiu na mente de Morrigan, da pequena e assustada Princesa Lamya, sentada em seu trono no leilão. Do terror em seu rosto quando o leiloeiro falou da traição de sua família, e do que o Partido do Mar Invernal faria com eles — com *toda a família* — se descobrissem a verdade.

Seis.

Em sua mente, ela podia ver o leiloeiro com a máscara de lobo, podia ouvir sua voz alegre como a de um avô. *A traição obviamente pode ser punida com execução na República do Mar Invernal*. O estômago de Morrigan se revirou.

Sete.

Todos aqui deveriam fazer parte de uma só família. Fiéis por toda a vida; essa era a promessa da Sociedade Fabulosa. Mildmay havia quebrado essa promessa. A confortável ilusão da Soculosa — a ideia de que esse era um refúgio seguro onde todos se protegiam e nada de ruim acontecia — havia muito fora destruída para Morrigan. Lambeth não estava segura aqui. Não se o segredo dela fosse revelado. Morrigan pensou no professor Onstald, que usara seu último fragmento de força para salvá-los.

Como ela poderia encarar a si mesma se protegesse seu próprio segredo em vez de proteger sua amiga?

Não havia outra coisa a fazer.

Ela apertou o bilhete com força na mão trêmula.

Oito. A Anciã Quinn aproximou-se novamente do microfone à medida que os aplausos foram cessando.

— Estas duas crianças — começou ela — fizeram algo extraordinário, que personifica totalmente os valores que nutrimos...

— Eu sou uma Fabuladora — disse Morrigan, interrompendo-a.

Nove.

O relógio bateu a hora.

Ela ouviu uma exclamação de surpresa suave e estrangulada partindo de Hawthorne. Então, para que todos os presentes pudessem ouvir, para que os chantagistas não tivessem dúvidas, ela gritou:

— Eu sou uma Fabuladora!

A manhã pareceu prender a respiração.

Houve uma risadinha repentina e hesitante em algum ponto da multidão. Então outra. Depois, como se todos tivessem permissão para achar sua declaração engraçada, mas ainda não soubessem exatamente o porquê, um suave ribombo de risadas correu pelo jardim. Murmúrios irromperam aqui e ali antes de desaparecerem rapidamente.

Então o silêncio caiu sobre todos novamente quando perceberam que era verdade.

Morrigan não disse que era pegadinha. Nem os Anciãos.

— Impossível! — soou um grito mais trás na multidão.

Outros se juntaram à medida que crescia o entendimento de que não se tratava de uma piada, que os Anciãos haviam de fato convidado essa entidade perigosa para o espaço deles. Ninguém queria acreditar.

— Ela está mentindo!

Morrigan olhou para sua própria unidade, seus rostos alternando entre o vazio do choque e o vermelho da raiva. No silêncio quase absoluto, ela viu uma figura solitária abrindo caminho no meio da multidão em direção à varanda. Jupiter parecia assustado, mas determinado, como se estivesse um passo à frente e soubesse que algo ruim estava prestes a acontecer, e isso deixou Morrigan ainda mais assustada.

No entanto, a Anciã Quinn ergueu a mão para detê-lo. Jupiter parou no pé da escada. Ele observou os Anciãos com cautela por um momento e depois pareceu compreender alguma coisa. O medo em seus olhos se dissipou e foi substituído por algo que Morrigan não conseguiu decifrar.

— Bem — crepitou a voz do Anciã Quinn no sistema de som. — Senhoras e senhores. Parece que esta manhã temos outro motivo para comemorar.

Morrigan sentiu o cérebro tropeçar nessas palavras. Ela abriu a boca, depois tornou a fechá-la, piscando para a figura frágil da mulher. *Outro motivo para comemorar?* A Anciã Quinn tinha ouvido o que ela anunciara?

— A Unidade 919 acabou de passar pelo seu quinto e último desafio — anunciou ela com um sorrisinho de satisfação. — Vocês todos lembram com bastante clareza, tenho certeza, como foi passar pelo seu Teste de Lealdade quando eram alunos do primeiro ano. A natureza do desafio é diferente para cada unidade, é claro, mas o objeto permanece o mesmo: um teste de seu comprometimento com o juramento feito.

A compreensão revelou-se em alguns dos rostos lá embaixo. Morrigan observou à medida que os membros da 919 assimilavam o que o Anciã Quinn estava lhes dizendo. Ela se virou para Hawthorne, ao lado dela, que

estava boquiaberto.

— Este momento marca a conclusão do teste final da Unidade 919 e, por isso, nós lhes damos as boas-vindas, pela segunda vez e com orgulho ainda maior, à Sociedade Fabulosa propriamente dita. Unidade 919, a lealdade que vocês demonstraram este ano em face de vários perigos e dificuldades lhes servirá pelo resto de seus dias. Vocês são irmãs e irmãos para toda a vida. Não porque fizeram um juramento, mas porque provaram essa lealdade.

A multidão parecia perplexa, ainda sem saber se o bizarro anúncio de Morrigan fora uma piada, parte do teste ou se realmente estavam olhando para o primeiro Fabulador a ingressar na Sociedade Fabulosa em mais de cem anos. O primeiro desde Ezra Squall. Morrigan viu a confusão deles se transformar em alarme, ceticismo, riso, raiva. Estava claro que ninguém sabia exatamente o que pensar.

— O Ancião Saga, o Ancião Wong e eu gostaríamos de lhes lembrar que, embora a Sociedade tenha uma rica história de cultivo de talentos diversos, às vezes perigosos, nunca convidaríamos deliberadamente uma força corrupta para nossas fileiras. Na verdade, ao destruir o Mercado Macabro e salvar duas vidas da Sociedade Fabulosa, a srta. Crow provou ser uma força do bem, uma pessoa útil, interessante e boa, a quem temos o prazer de chamar de uma das nossas. Ela pode ser uma Fabuladora, mas verdadeiramente, a partir de hoje, é a *nossa* Fabuladora.

As garantias da Anciã Quinn foram recebidas com um silêncio pétreo e preocupante.

— Lembro a todos vocês — continuou ela, e em sua voz percebia-se um leve toque de irritação — que o juramento se estende não apenas aos membros de sua própria unidade, mas a todas as pessoas Fabulosas que fazem parte da nossa Sociedade, da mais velha à mais jovem. A verdade sobre Morrigan Crow permanecerá dentro da Soculosa, e espero que cada um de vocês cumpra seu juramento e proteja esse segredo de pessoas de fora. Lembrem-se: irmãs e irmãos, fiéis por toda a vida.

A multidão respondeu em uníssono.

— *Para sempre unidos, na chegada e na partida.*

A Anciã Quinn assentiu, parecendo satisfeita.

— Muito bem.

Ela fez um sinal, chamando o restante da Unidade 919 até a varanda.

— Por favor, nossos alunos mais jovens, apresentem-se... Por aqui, venham rápido... e convido todos os outros a se juntarem a mim para felicitar a Unidade 919 pela conquista deste marco importantíssimo.

O clima no jardim não parecia particularmente festivo. Entretanto, ao comando da Anciã — e sob seu olhar severo —, os convidados reunidos conseguiram dar uma salva de palmas esparsas e sem muita convicção antes de serem dispensados.

À medida que a multidão se dispersava, todos os olhares estavam voltados para Morrigan.

Morrigan sentia-se entorpecida com o que acabara de acontecer. Hawthorne também não parecia ter digerido, e ficava fazendo barulhinhos estranhos com a boca, expressando ora indignação, ora divertimento.

Todos já tinham ido embora, exceto os alunos da Unidade 919. Quando a cerimônia chegou ao fim, a srta. Cheery subiu as escadas correndo e abraçou cada um deles antes de voltar apressada para o Casatrem. Aqueles cujos patronos estavam presentes receberam calorosos apertos de mão e felicitações. Jupiter tinha tentado parecer contente, mas a Morrigan não escapou o olhar intenso que ele lançara aos Anciãos ao partir.

Agora, os alunos se amontoavam constrangidos na varanda, ninguém ainda pronto para seguir para as aulas, todos sem saber direito o que falar.

— Eu não entendo — disse Thaddea por fim. — Por que nos chantagearam para manter o segredo de Morrigan quando iam simplesmente obrigá-la a contar a todos? Que truque sujo.

— Era esse o *teste*, Thaddea — replicou Mahir.

— Eu sei que era esse o *teste*, Mahir — retrucou Thaddea, imitando a voz dele. — Eu só acho que... é tão...

— Cruel? — completou Cadence.

— Isso! — gritou Thaddea. — É muito *cruel*. Para todos nós, mas especialmente para Morrigan.

Todos olharam para ela surpresos com suas palavras, inclusive a própria

Morrigan, que praticamente se engasgou com a própria língua. Hawthorne engasgou *de fato*, mas conseguiu disfarçar como uma tosse.

— O que diz, Morrigan? — Arch indicou com a cabeça o bilhete na mão de Morrigan com uma careta curiosa. — Para fazer você se entregar assim?

Ela fechou a mão, ocultando protetoramente o pedaço de papel.

— E-eu não posso dizer.

Mahir riu.

— O quê? O que quer dizer com...

— Não posso, simplesmente.

— Não seja ridíc...

— É sobre mim, não é?

A voz serena de Lambeth veio de trás do grupo, e ela deu um passo à frente, parecendo infeliz, mas determinada. Todos ficaram em silêncio.

— A Anciã Quinn disse que toda a nossa unidade passou no Teste de Lealdade, mas ela estava errada. Eu não passei.

"Vocês todos escolheram priorizar seus irmãos e irmãs, mas eu escolhi ser desonesta. Deixei vocês acreditarem que só poderia ser o segredo de Morrigan que vocês estavam protegendo. Eu disse a mim mesma que era essa a verdade, mas... no fundo, eu me perguntava... se não seria o *meu* segredo."

— Que segredo, Lambeth? — perguntou Arch, gentilmente.

Ela respirou fundo, tentando se controlar.

— Meu nome não é Lambeth Amara. É... Princesa Lamya Bethari Amati Rá. Sou membro da Casa Real de Rá, das Terras da Seda, em Sang Oriental.

Ela fez uma pausa, olhando cada um dos rostos perplexos.

— Lam. Podem me chamar só de Lam.

Era estranho, pensou Morrigan enquanto via a confissão equilibrada e graciosa. Lam era a menor dentre eles, mas naquele momento ela parecia ter três metros de altura. Ela era realmente *majestosa*.

— Sang Oriental — disse Thaddea, cujo rosto ganhou algumas manchas vermelhas. — Você é da *República*?

— Sou.

— Você é uma espiã? — perguntou Francis.

Hawthorne fez cara de deboche e revirou os olhos.

— Francis, ela não é espiã, é uma *princesa*.

— Ela pode ser os dois! Minha tia diz que há muitos espiões da República do Mar Invernal em Nevermoor. Por que mais ela estaria *aqui*?

— Ah, se toca!

— Eu não sou uma espiã — disse Lam. — Minha família me enviou aqui para aprender a usar meu talento. Ele costumava me dar dores de cabeça horríveis que me deixavam doente. Desde que vim para a Soculosa, aprendi a lidar melhor com minhas visões. Mas... eles nunca deveriam ter me mandado para cá.

Os olhos de Lam ficaram vermelhos e sua voz tremeu um pouco.

— É ilegal pessoas da República atravessarem a fronteira para o Estado Livre. Não devemos nem saber que existe um Estado Livre. Se o Partido do Mar Invernal descobrisse, eles jogariam minha família inteira na prisão ou... ou até pior. Muito pior.

Ela estava tremendo.

— Minha avó me disse que eu tinha de guardar esse segredo ou todos nós estaríamos correndo um perigo terrível. Mas sou uma péssima mentirosa, então decidi que o melhor era nem falar com vocês. Me desculpem.

— Não podemos contar a ninguém — disse Morrigan, olhando um por um todos os membros da sua unidade. — Isso fica entre nós. Combinado? Irmãs e irmãos, sim?

— Fiéis por toda a vida — responderam em um firme uníssono.

Lam fungou, parecendo aliviada e ligeiramente abalada. Ela abriu a boca e ia dizer algo, quando...

— COM LICENÇA — soou uma voz fria que vinha do jardim.

Dearborn os olhava lá de baixo.

— Creio que todos vocês, seus preguiçosos problemáticos, têm aulas para assistir, não é?

Os nove alunos correram para dentro da Casa do Orgulho, atravessando todo o corredor até o conjunto de cápsulas de transporte à espera para levá-los para as aulas.

Morrigan demorou um momento alisando e endireitando o uniforme impecável.

Hawthorne ergueu as sobrancelhas.

— Certo. Boa sorte, então.

— Obrigada.

Ela ajustou os punhos da nova camisa branca e sentiu um leve traço de nervosismo e empolgação.

— Vejo você no almoço?

— Claro — respondeu ele, embarcando em uma cápsula com destino ao departamento de Extremos. — Lembre-se: faça *muitas* anotações. Quero saber exatamente todas as esquisitices. E veja se você consegue que Murgatroyd faça aquela coisa do gelo de novo! Aquilo foi de dar calafrio.

Ele sorriu quando as portas deslizaram se fechando, e levantou o rosto para gritar através da fenda:

— Entendeu? Cala*frio*.

Morrigan bufou e voltou para onde Lam e Cadence esperavam por ela, segurando a porta da cápsula.

— Você vem ou não? — perguntou Cadence, e Morrigan embarcou com um pulo no momento em que a amiga puxava uma alavanca com a etiqueta SUB-SEIS: A ESCOLA DE ARTES ARCANAS.

Agradecimentos

Obrigada, obrigada, obrigada aos melhores editores do ramo — Hachette Children's Group, Hachette Australia e New Zealand, e Little, Brown Books for Young Readers — pela criatividade, pelo trabalho árduo, pela atenção e pela alegria que vocês trouxeram para minha vida. Eu não poderia ter esperado uma família editorial melhor.

Sou especialmente grata pelo talento e orientação da equipe editorial: Helen Thomas, Alvina Ling, Suzanne O'Sullivan, Samantha Swinnerton e Kacen Callender.

Obrigada à melhor equipe internacional de relações públicas que uma autora poderia desejar: Ashleigh Barton, Dom Kingston, Tania Mackenzie-Cooke, Katharine McAnarney e Amy Dobson. Vocês transformaram toda essa bobagem de extroversão em um prazer inesperado.

Muito obrigada a Louise Sherwin-Stark, Hilary Murray Hill, Megan Tingley, Mel Winder, Ruth Alltimes, Fiona Hazard, Katy Cattell, Lucy Upton, Nicola Goode, Fiona Evans, Alison Padley, Helen Hughes, Katherine Fox, Rachel Graves, Andrew Sinclair, Andrew Cattanach, Andrew Cohen, Caitlin Murphy, Chris Sims, Daniel Pilkington, Hayley New, Isabel Staas, Jeanmarie Morosin, Justin Ractliffe, Kate Flood, Keira Lykourentzos, Penny Evershed, Sarah Holmes, Sean Cotcher, Sophie Mayfield, Emilie Polster, Jennifer McClelland-Smith, Valerie Wong, Victoria Stapleton, Michelle Campbell, Jen Graham, Virginia Lawther, Sasha Illingworth, Ruqayyah Daud, Alison Shucksmith, Ashleigh Richards, Sacha Beguely e Suzy Maddox-Kane.

Obrigada a Beatriz Castro e James Madsen pela incrível arte da capa.

Muitíssimo obrigada a Molly Ker Hawn, Jenny Bent, Victoria Cappello, Amelia Hodgson e todos da Bent Agency. Agradeço também ao esplêndido pessoal do Team Cooper — o apoio mútuo, a torcida e a admiração dentro

dessa equipe me deixam mais feliz do que sou capaz de expressar.

Um milhão de agradecimentos a todos os leitores, livreiros, bibliotecários, professores e blogueiros que amaram e apoiaram *Nevermoor*. Se você acolheu Morrigan em seu coração e a passou para outra pessoa, muito obrigada. Sua gentileza e entusiasmo têm sido impressionantes e sou muito grata por todas as recomendações, resenhas, cartas, tags e tweets.

Obrigada à minha afilhada Ella por me deixar usar o nome Paximus Luck. (Ela o criou espontaneamente quando tinha apenas três anos, portanto acho que nós mortais deveríamos simplesmente desistir agora.) Agradeço também a Aurianna, uma menina muito engraçada que conheci em Naperville, cujo nome peguei e usei neste livro. Ela me fez rir; eu a transformei em um hotel.

Autores aspirantes! Contratem um agente com o coração, o humor, o entusiasmo e a audácia de Gemma Cooper. Uma Pollyanna nota 10 e de primeira classe, que está sempre do meu lado, é 100% confiável e está sempre pronta para me pescar das águas rasas em que imagino estar me afogando, sem sequer suar a camisa. Pontos extras se enviar fotos inspiradoras de líderes de torcida japonesas idosas para dar força às duas da manhã. Obrigada, GC.

Finalmente, infinitos agradecimentos e amor à minha família e aos meus amigos, especialmente Dean e Julie, a melhor equipe de torcida do mundo. Sal, obrigada, como sempre, por ser a minha primeira leitora e ouvinte, pelas divertidas frases motivacionais e pelos óleos essenciais estranhamente específicos.

E mãe, obrigada por literalmente todas as outras coisas. A mãe mais Fabulosa de todos os tempos, nota 11 de 10.

Título original
NEVERMOOR
WUNDERSMITH
The Calling of Morrigan Crow

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2018 por
Hodder and Stoughton

Copyright texto © Jessica Townsend, 2018
Copyright ilustrações © Beatriz Castro, 2018

O direito moral da autora foi assegurado.

‘None sing so wildly well’ extraído do poema *Israfel* by Edgard Allan Poe

Todos os personagens e acontecimentos neste livro, exceto os que estão claramente em domínio público, são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, ou sob qualquer outra forma sem a prévia autorização do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

preparação de originais
SOFIA SOTER

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: outubro, 2020.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T674f
Townsend, Jessica, 1985-
Fabulador [recurso eletrônico] : o chamado de Morrigan Crow / Jessica Townsend ; tradução Raquel Zampil. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2020.
recurso digital (Nevermoor ; 2)

Tradução de: Wundersmith : the calling of Morrigan Crow
ISBN 978-65-5667-019-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil australiana. 3. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título. III. Série.

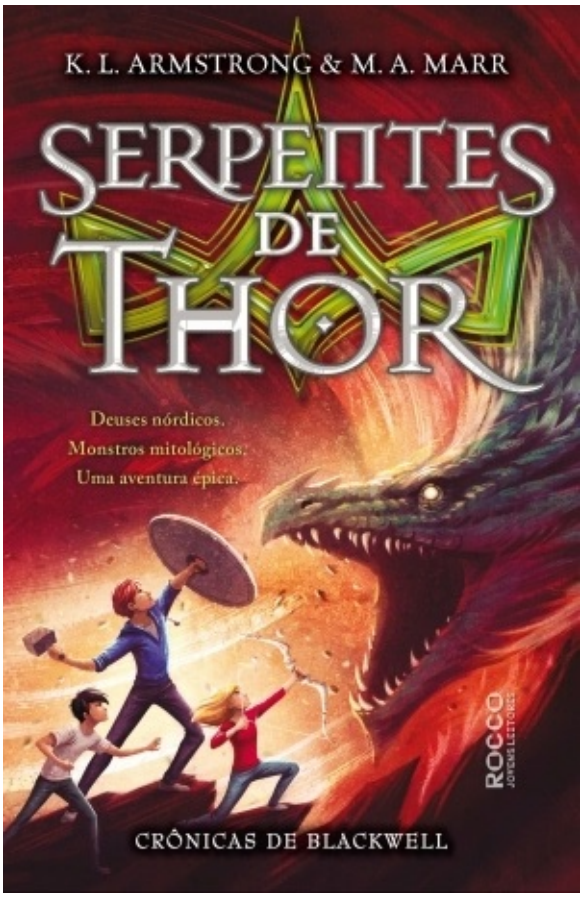
20-65107

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(94)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora

Jessica Townsend vive na Sunshine Coast, na Austrália, mas de vez em quando passa uma temporada em Londres. Foi redatora durante oito anos e, em uma função anterior, foi editora de uma revista destinada a crianças sobre vida selvagem, uma publicação do Australia Zoo, de Steve Irwin. O primeiro livro da série Nevermoor, *Nevermoor: Os desafios de Morrigan Crow*, foi o seu primeiro romance.



As serpentes de Thor

Armstrong, K. L.
9788579803765
304 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Coleção Aventuras Extraordinárias Lendas nórdicas estão entre nós… Os jovens de treze anos Matt, Laurie e Fen conseguiram superar desafios quase impossíveis para reunir os descendentes e Campeões dos Deuses Nórdicos, ficando cara a cara com trolls, com monstros que cospem fogo e até com a morte. Agora, os três devem completar a

missão mais difícil de todas: evitar o fim do mundo. Eles precisarão de toda sua força e coragem – e uns dos outros – para derrotar os monstros perigosos e os obstáculos pelo caminho. No entanto, quando descobrem que Matt deve ir para a batalha final sozinho e Fen e Laurie são jogados em outras direções, os amigos têm que aceitar que não poderão seguir juntos nessa jornada. Matt, Laurie e Fen terão que lutar para serem fiéis a eles mesmos, uns aos outros, e para sobreviver. Com o futuro da humanidade por um fio, não há muito espaço para erros – e para salvar o mundo, cada um deles terá que aprender o que realmente significa ser um Campeão. As apostas não poderiam ser mais altas nesse desfecho eletrizante da trilogia Crônicas de Blackwell!

Compre agora e leia



99 dias

Cotugno, Katie
9788579803642
384 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Coleção La Vie En Rose No ano passado, Molly Barlow fez algo TERRÍVEL. E aí a mãe dela escreveu um livro best-seller sobre isso. Então todo mundo na cidade ficou sabendo que Molly TRAIU SEU NAMORADO, o amor de sua vida, seu melhor amigo, com o IRMÃO DELE. Agora ela tem que enfrentar NOVENTA E NOVE DIAS terríveis

antes de poder escapar para a faculdade. 99 DIAS SENDOA A PESSOA MAIS ODIADA NA CIDADE. 99 DIAS PARA CONSERTAR O ESTRAGO QUE FEZ. 99 DIAS PARA DESCOBRIR QUEM REALMENTE AMA... DIA 1: Julia Donnelly joga ovos na minha casa na primeira noite em que estou de volta a Star Lake, e é assim que sei que todos ainda se lembram de tudo, de como destruí meu relacionamento com Patrick na noite em que tudo aconteceu com o irmão dele, Gabe. Como acabei com a família deles. Agora vivo meu verão como uma sentença de prisão: só 99 dias até poder ir embora para a faculdade e deixar isso para trás. DIA 4: Um bilhete maldoso no para-brisa do carro deixa claro que Julia ainda não está satisfeita. Estou contando com uma briga quando alguém bate no meu ombro, mas é só o Gabe, que voltou da faculdade e está feliz por me ver. "Para sua informação, Molly Barlow", diz ele, "estou realmente feliz por você ter voltado." DIA 12: Gabe me convenceu a vir à festa, e estou me divertindo. Acho que ele está quase me beijando, e é então que vejo Patrick. Meu Patrick, que devia estar do outro lado do país. Meu Patrick, que nunca vai me perdoar.

Compre agora e leia



A magia da raposa

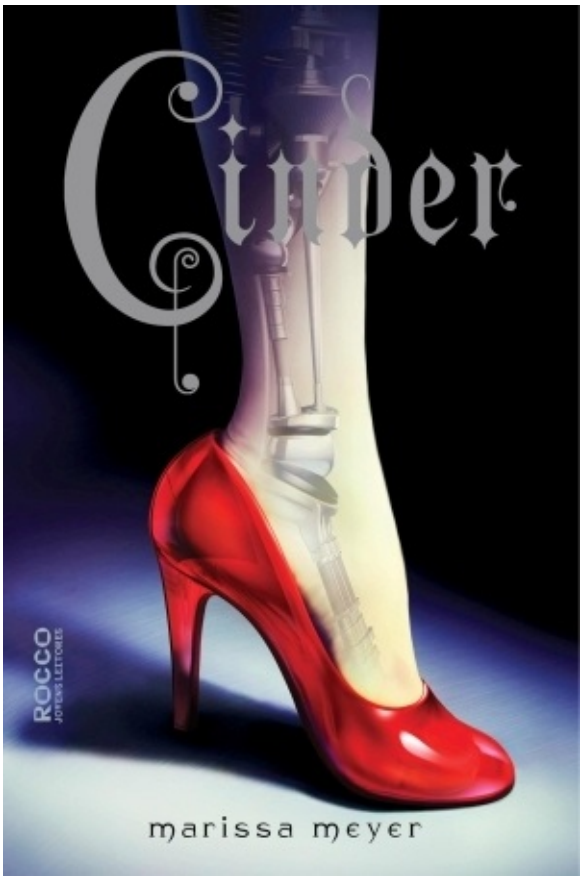
Iserles, Inbali
9788579803215
272 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Coleção Aventuras Encantadas Escondidas nas profundezas da floresta vivem raposas selvagens e indomáveis. Elas protegem seu segredo e sua antiga magia - a Foxcraft. Mas um perigo sombrio ameaça seu mundo! A filhote Isla não sabe de nada, vive em paz e em segurança. Até que um dia descobre que sua família sumiu. Ela agora está sozinha

e precisará de muita coragem e astúcia para sobreviver na terra dos sem-pelo. Mas em quem Isla pode confiar? Quem é seu amigo e quem é seu inimigo na busca pela sua família? EU SOU DESTEMIDA EU SOU SOLITÁRIA EU SOU RAPOSA Isla e seu irmão, Pirie, são duas raposas filhotes que vivem nos limites das terras dos sem-pelo – os humanos. A vida de uma raposa é cheia de perigos, mas Isla começa a aprender habilidades misteriosas para sobreviver. Então, o impensável acontece. Um dia, ao retornar para sua toca, Isla a encontra em chamas e cercada por raposas estranhas. E sua família não está em lugar nenhum. Forçada a fugir, ela escapa para o frio e cinza mundo dos sem-pelo. Agora, Isla terá que se guiar nesse lugar desorientador e mortal, ao mesmo tempo em que é caçada por um inimigo cruel. Para sobreviver, ela precisará dominar a antiga arte das raposas – poderes mágicos conhecidos apenas por elas. Para achar sua família, Isla terá que desvendar os segredos da Foxcraft. A magia da raposa é o primeiro título da série Foxcraft.

Compre agora e leia



Cinder

Meyer, Marissa
9788581222073
448 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Enquanto a suas irmãs foram dados lindos vestidos e sandálias finas, Cinderella tinha apenas um avental sujo e sapatos de madeira. Contos de fadas revisitados Cinder tem dezesseis anos e é considerada uma abominação tecnológica pela maior parte da sociedade e um fardo por sua madrasta. Por outro lado, ser ciborgue tem suas vantagens: a

interface de seu cérebro lhe deu a capacidade sobre-humana de consertar tudo — robôs, aerodeslizadores, os próprios membros cibernéticos quebrados—, tornando-a a melhor mecânica de Nova Pequim. Sua reputação faz com que o herdeiro do império, o príncipe Kai em pessoa, apareça em seu estande na feira, solicitando o conserto de um androide antes do baile anual. Embora esteja ansiosa para agradar o príncipe, Cinder é impedida de trabalhar no androide quando Peony, sua meia-irmã e única amiga, é infectada por uma peste fatal que tem assolado a Terra por anos. Culpando-a pelo destino da filha, a madrasta de Cinder a entrega como voluntária para as pesquisas da doença, uma "honra" a qual ninguém sobreviveu até então. Logo, porém, os pesquisadores descobrem algo de incomum na cobaia recém-adquirida. Algo pelo qual há quem esteja disposto a matar.

Compre agora e leia



Sem coração

Meyer, Marissa
9788579804014
416 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Muito antes de Alice cair no buraco do coelho… E antes das rosas serem pintadas de vermelho… A Rainha de Copas era só uma garota vivendo seu primeiro amor. Contos de fadas revisitados Catherine era uma das garotas mais desejadas do País das Maravilhas e a favorita do

ainda solteiro Rei de Copas, mas seus interesses eram outros. Por seu talento na cozinha, ela só queria abrir uma confeitaria em sociedade com sua melhor amiga e oferecer ao Reino de Copas os mais deliciosos doces e bolos. Porém, de acordo com sua mãe, era uma ideia inaceitável para a jovem que poderia ser a próxima rainha. Em um baile real em que o rei pretende pedi-la em casamento, Cath conhece Jest, o belo e misterioso bobo da corte. Pela primeira vez, sente a força da pura atração. Mesmo correndo risco de ofender o rei e contrariar os pais, ela e Jest iniciam um relacionamento intenso e secreto. Cath está determinada a escolher o próprio destino e se apaixonar nos seus próprios termos. Mas em uma terra repleta de magia, loucura e monstros, o destino tem outros planos... A aclamada autora das Crônicas Lunares oferece uma visão do País das Maravilhas diferente de qualquer outra já vista e conta a história de uma garota que viria a ser um dia a famosa Rainha de Copas.

Compre agora e leia